

ESPOSAS DAS TERRAS ALTAS

A ESPOSA DO MACKINNON



TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO "NEW YORK TIMES"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A ESPOSA DO MACKINNON

TANYA ANNE CROSBY
ELAINE MOREIRA



A ESPOSA DO MACKINNON

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Sobre a Autora](#)

Todos os direitos reservados.

"A Esposa do MacKinnon"

Escrito por Tanya Anne Crosby

Copyright © 2015 Tanya Anne Crosby

Todos os direitos reservados

Traduzido por Elaine Moreira

Design da capa © 2015 Ravven

Nenhuma parte desta publicação pode ser usada ou reproduzida ou transmitida de qualquer maneira, por via eletrônica, por via impressa, ou de qualquer outra forma, sem a permissão prévia e por escrito de Oliver-Heber Books e de Tanya Anne Crosby, exceto no caso de breves citações, comentários e críticas.

NOTA DO EDITOR: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

"MEB"

 Created with **Vellum**

*Para minha linda mãe, Isabel, que me presenteou com o amor pela
contação de histórias.*

PRÓLOGO

Chreagach Mhor, Escócia – 1118

Iain, senhor dos MacKinnon, descendente dos poderosos filhos de MacAlpin, marchava no confinamento do salão que ficava abaixo de seus aposentos feito um garoto aflito.

Muitas esperanças estavam depositadas naquele nascimento.

Agora, finalmente, trinta anos de hostilidades com os MacLean chegariam ao fim. Sim, pois como o velho MacLean poderia olhar para seu neto e não desejar a paz? Depois de um ano cheio de inimizade com sua bela esposa MacLean – um ano de esforços para agradá-la só para receber em troca desaprovação e muitas acusações silenciosas –, até Iain sentia uma crescente esperança. Como ela poderia olhar para o bebê, a vida que tinham criado juntos, e não sentir uma dose – mesmo que pequena – de afeição?

Apesar das antigas hostilidades entre os dois clãs, seu próprio ressentimento havia se dissipado diante dessa ocasião grandiosa. E mesmo que antes não pudesse dizer que aprenderia a amá-la, ele agora acreditava que isso seria possível, pois ela estava lá em cima, lutando – e era uma luta atroz – para dar ao bebê deles seu primeiro e espantoso sopro de vida.

Ela estava tendo seu filho.

Ah, como estava orgulhoso dela.

Por mais difícil que estivesse sendo o parto, ela aguentava a dor sem um mísero grito, sem uma única blasfêmia, mesmo que ele jamais fosse elogiá-la por isso. Na verdade, os berros dela teriam sido bem mais fáceis de suportar. Aquele silêncio estava sendo um tormento. Ele não conseguia deixar de ficar nervoso ao pensar na jovem esposa em trabalho de parto, pois sua própria mãe tinha morrido assim – dando-lhe a vida. A culpa por isso ainda o atormentava.

Iain aumentou o passo.

E se o parto a matasse?

E se ele a matasse?

Era um temor que ele carregava desde o primeiro dia em que colocou as mãos nela em prazer carnal, um temor que não seria aliviado enquanto não visse o rosto dela novamente. Bom Deus! Ele ficaria satisfeito até com suas olhadas mal-humoradas naquele momento. Ele as suportaria pelo resto dos seus dias se ela sobrevivesse a esse parto tão sofrido! Na verdade, ele jurava que se seu toque fosse mesmo insuportável para ela, nunca mais a tocaria. Concederia qualquer coisa que ela desejasse – qualquer coisa –, e se ela não o desejasse, assim seria.

Se ela morresse... Então onde eles encontrariam a paz?

Maldito MacLean, ele teria muito gosto de...

O som glorioso do lamento de um bebê recém-nascido ressoou lá de cima, um canto arrebatador que congelou Iain no meio de um passo.

Ele não conseguia se mexer, só olhar para os degraus de pedra que levavam aos seus aposentos, imobilizado por uma mistura de alegria e medo.

Pareceu se passar uma eternidade até que ele ouvisse a porta pesada ser aberta lá em cima, e depois os passos apressados.

Maggie, a criada de sua esposa, apareceu na escada.

— Um filho, senhor! — exclamou ela, gritando com alegria. — Você tem um filho!

Aquelas belas palavras libertaram Iain de seu estupor. Dando um grito eufórico, ele disparou pela escada, subindo os degraus de dois em dois na pressa de ver a esposa e ter a primeira e gloriosa visão de seu filho recém-nascido.

— Um filho! — disse ele, maravilhado, passando por Maggie, que descia para espalhar a notícia. Ela assentiu, e a alegria o invadiu. Queria beijá-la bem forte – sim! Queria até beijar Maggie!

Nem mesmo a parteira na porta, barrando sua entrada, diminuiu sua animação.

A mulher que há tantos anos atrás tinha ajudado a colocá-lo no mundo abriu os braços para impedi-lo de entrar no quarto.

— Ela não quer vê-lo, Iain. — A expressão de lástima no rosto dela fez com que ele ficasse arrepiado. — Não ainda, ela ainda não quer.

Iain se preparou para ouvir o pior.

— Ela está...

— Tão bem como se podia esperar. O bebê não queria vir, só isso. — Ela baixou os olhos, desviando o olhar.

O bebê não estava mais chorando.

— O que foi, Glenna? — O medo tomou conta dele. Incapaz de se conter, ele a pegou pelos braços e lutou contra a vontade de empurrá-la para longe, de ir ver por si mesmo. — O que é do bebê?

Ela ergueu a cabeça com um olhar de simpatia.

— Não ouviu ele chorando, garoto? Seu filho é um belo pequerrucho! Ouça melhor.

Iain prestou mais atenção e conseguiu ouvir os trêmulos arrulhos do bebê.

O olhar dele foi atraído para dentro do quarto escuro.

A parteira parecia sentir sua tensão, sua indecisão, sua euforia, sua confusão, pois permaneceu firme no lugar quando ele tentou afastá-la.

— Iain... não — rogou —, ela ainda não quer vê-lo... Ela precisa de um tempo.

Iain a soltou e se afastou, entorpecido pela tristeza.

— Ela ainda me odeia?

— O parto foi longo e difícil — explicou Glenna. — Vai passar. Agora vai, espere lá embaixo. Já vou lá chamá-lo... prometo. — Ele hesitou, então Glenna acrescentou com mais firmeza: — Faça essa gentileza por ela, Iain MacKinnon, porque ela está um pouco fora de si agora.

Iain ficou dividido entre conceder esse favor à esposa, por mais que lhe doesse saber que ela não queria vê-lo, e a vontade de segurar o filho. A vontade era quase tangível.

— Ela não quer mesmo... — A voz dele ficou entrecortada. — Me ver?

A parteira sacudiu a cabeça.

— Eu... tive esperança... — Ele trincou o queixo.

— Ah, mas não pode querer que ela mude depressa assim, Iain! Dê um tempo a ela. Dê um tempo!

— Pois bem. — Ele trincou o queixo. — Mas não esperarei muito — garantiu ele. — Quero ver meu filho, Glenna! Ela não pode escondê-lo de mim para sempre!

A parteira baixou os olhos, compreensiva.

— É tudo o que ela pede, senhor.

Iain não conseguiu falar, nem para permitir nem para recusar.

Virou-se e foi para o andar de baixo, amaldiçoando fosse lá qual a atitude arrogante que incendiou o maldito desentendimento entre os pais dos dois tantos anos atrás. Ele nem sabia qual era, e ninguém parecia recordar, o crime atroz que havia produzido tamanha animosidade. Era provável que não fosse nada mais simples do que o fato de o cachorro do seu pai ter mijado nas botas do velho MacLean. Aqueles velhos tolos e teimosos!

Ele não teve que esperar muito. Ficou agradecido por isso. Glenna só precisou acalmá-lo mais uma vez e lá estava ele na porta, chocado por encontrar a esposa de pé no meio do quarto com o bebê aninhado nos braços, o rosto pálido, o cabelo desmazelado. Ela pareceu tremer um pouco no passo, mas se aproximou, com o rosto destituído de expressão, para colocar a criança nos braços dele. O gesto o comoveu tanto que qualquer protesto que pudesse ter feito por ela estar fora da cama desapareceu quando ele segurou seu filho.

Olhou com curiosidade para o rostinho enrugado da criança.

Será que havia esperança afinal?

— Isso é tudo, Glenna — disse Mairi.

Iain mal ouviu a curta ordem da esposa, nem Glenna fechando a porta, pois estava muito impressionado com o presente incrível que a esposa lhe dera.

A garganta apertou enquanto ele examinava o filho... tão pequenino... tão inacreditavelmente bonito... Ele começou a contar os dedos dos pés, das mãos, depois criou coragem para tocar o narizinho, os lábios... A pele era muito macia.

— Um filho! — sussurrou com admiração, erguendo rapidamente o olhar e percebendo a esposa na janela. — Mairi, saia daí — pediu baixinho, a voz embargada de emoção — antes que pegue um

resfriado. — O coração dele bateu de alegria quando voltou a admirar o bebê.

— Queria lhe mostrar uma coisa, Iain.

A voz dela estava desprovida de emoção, cansada. Iain ergueu a cabeça e a viu olhando para fora, a brisa soprando gentilmente em seus belos cabelos bagunçados. Um lindo halo a envolvia, pensou Iain, olhando a mãe de seu filho.

— Devia descansar — aconselhou ele. — Mostre-me depois, Mairi. Volte para a cama agora. — Ela se virou para encará-lo, e havia algo indiscernível em sua expressão.

Os pelos na nuca dele se arrepiaram.

Ela ergueu a cabeça e deu um pequeno sorriso.

— Queria que você visse que, no fim das contas, gerar seu filho não me matou. Aqui estou eu, está vendo? — Ela cambaleou feito uma bêbada; a culpa o corroeou por dentro. — Me custou dois dias, mas aqui estou eu! — Ela riu baixinho, engasgando a própria emoção.

— Graças a Deus! — disse ele, falando a verdade. Iain examinou o filho, incapaz de continuar encarando aquele olhar acusador. Por dentro, sentia desgosto consigo mesmo. — Obrigado — murmurou, sem saber o que deveria dizer. — Eu a compensarei por tudo, Mairi. Eu juro!

— Só quero uma coisa de você — cuspiu ela.

— Qualquer coisa... — Ele não conseguiu falar mais, mas jurou que lhe daria o que desejasse. *Qualquer coisa*. Ela só precisava pedir.

— Só queria que me visse com seus próprios olhos... que soubesse que a ideia de gerar outro... suportar seu toque! — Ela estremeceu e virou-se de costas de repente, curvando-se na janela

da torre. — Meu Deus! — soluçou ela. — Jamais farei isso de novo! Jamais!

Iain sentiu os braços dormentes com o peso do filho. Estava com um mau pressentimento. Ela se debruçou ainda mais na janela; ele foi tomado por um tremor.

— Mairi, saia daí agora!

— Eu quero que você saiba!

Ele começou a suar frio.

— Agora! — gritou ele. — Afaste-se daí, Mairi! Glenna! — chamou ele, seguindo na direção da esposa com o bebê nos braços, sem saber onde deitar a criança.

— A ideia de você me tocar de novo fez isso! Você me matou, Iain!

— Mairi, não!

Ela se jogou da janela antes que ele conseguisse alcançá-la.

Iain caiu de joelhos, apertando o bebê contra o coração disparado.

O bebê.

Seu filho.

Ele poderia ter segurado Mairi se não estivesse com o filho no colo.

Assustado com o grito, o bebê começou a berrar, mas Iain só conseguia olhar, estupidamente, para a janela aberta onde um instante antes sua esposa estava de pé.

Nortúmbria – 1124

Alguém estava olhando; ela podia sentir.

Page congelou em meio ao ato de colocar o vestido.

Um graveto estalou, abafado pelas ramagens no chão da floresta. Ela agarrou a barra do vestido, os olhos focados nas sombras que se distorciam em meio às árvores não muito distantes.

Ela não conseguia ver nada na escuridão da meia-noite, e nada mais do que o silêncio chegava até ela – um silêncio que se assentava como a névoa noturna, sem forma e sobrenatural. Os dentes começaram a bater e, por um longe instante, Page permaneceu ali, paralisada e receosa, sem ouvir nada além dos ruídos familiares da noite: o coaxar dos sapos, o cricrilar dos grilos, o uivo distante de um lobo.

Um tremor desceu pela espinha quando ela ouviu algo. Não tinha certeza do que tinha ouvido.

Concluiu que seria conveniente retornar à segurança da fortaleza – e talvez repensar a prudência de sair sozinha à noite. Tantos meses de escapadas sem incidente fizeram com que ela relaxasse a guarda.

Feito uma centena de noites anteriores, Page tinha saído para nadar, sem se incomodar de informar ninguém sobre seu destino – não que alguém fosse se importar, garantiu a si mesma rapidamente. Na verdade, a única benção de ser a filha de um homem que só queria filhos era ter a liberdade de fazer o que queria. O que na verdade significava que ninguém ligava para saber onde ela ia, o que fazia ou o que lhe acontecia. E Page não se preocupou achando que esta noite seria diferente.

Por outro lado, ela se importava sim! Importava-se muito, e não pretendia se tornar a presa de alguém – ou de alguma coisa!

Ela sentou depressa no rochedo ao lado de onde tinha deixado as roupas, abaixando para pegar os sapatos surrados no chão úmido. Calçou um deles depressa, abafando as pragas quando o pé úmido atrapalhou a tarefa. Acabou desistindo de ficar ali apenas por tempo suficiente de se vestir.

A névoa rodeava seus pés, dedos nebulosos que envolviam seus tornozelos, deixando-a perturbada. Page não se considerava uma pessoa muito fantasiosa, mas naquele instante bem que podia ser uma tímida camponesa de tão rápido que seu coração batia. Examinando a fenda de lua que pairava lá em cima, ela ficou de pé, agachando-se depressa para recuperar o que restava das roupas.

Seus olhos buscaram o brilho metálico da adaga debaixo da pilha de roupa, e os pelos se arrepiaram na nuca quando ela não a encontrou.

Pelo amor de Deus! Onde será que ela estava?

De que lhe adiantavam as roupas se morresse? Largando a trouxa de roupas, ergueu o outro sapato para espiar dentro dele, imaginando que talvez tivesse colocado a pequena adaga ali dentro, mas ela não estava lá. Conteve uma praga, temendo que Deus fosse

bani-la para o purgatório por toda a eternidade por causa de seu desrespeito. Maldição! Ela não conseguia evitar.

Onde poderia estar a adaga?

Outro graveto estalou, desta vez mais perto, e Page concluiu que no fim das contas não precisava da adaga. Mal havia tomado a decisão quando ouviu um berro abominável. No instante seguinte, eles apareceram: três figuras pouco discerníveis saindo da floresta.

Ela não ficou ali para descobrir a intenção deles.

Gritando de medo, Page saiu correndo, atirando o sapato para trás. Recebeu um xingamento em resposta, mas não se deu ao trabalho de virar para ver o dano que teria provocado – mínimo, disso ela tinha certeza, porque a sola estava macia e gasta pelo tempo. Uma pena! Quem dera tivesse arrancado um olho com ele!

Cuspindo pragas que ela não gostava de admitir que conhecia, correu com toda a energia na direção do castelo, gritando por ajuda, esperando que Edwin, o porteiro, não estivesse embriagado a ponto de imaginar que seu apelo fosse apenas uma ilusão de seus sonhos tolos. Maldito beberrão! Se ao menos estivesse em seu posto, talvez ela não estivesse em apuros: não teria deixado o castelo com tanta facilidade. Ainda assim, ela sabia que a culpa não era dele, mas sua. Já devia ter aprendido – quanta falta de sorte!

Seu coração batia mais rápido a cada passo que ela dava.

Feito um presságio de morte, o som dos passos deles se tornava mais rápido.

Mais próximo.

Ela acelerou o passo, seguindo em frente com uma explosão de energia nascida do terror. Ignorando a dor que incomodava seu flanco, Page se mantinha perto do riacho para não colidir com o carvalho gigantesco que guardava o caminho para o castelo. Que

Deus a perdoasse, mas ela esperava que eles não o vissem e que quebrassem o pescoço na perseguição!

Seu peito arfava. A dor no flanco ficou ainda mais aguda quando ela passou correndo pelo velho carvalho. Mas eles continuavam atrás dela, os passos alcançando suas passadas curtas sem muito esforço.

Ela não ia conseguir! Ela não ia conseguir mesmo!

Page queria chorar de medo e desespero.

À sua frente, o castelo de Aldergh era uma distante silhueta contra o céu de ébano.

Distante e inalcançável.

Como seu pai.

O coração dela acelerou.

Ela não ia conseguir!

Mas continuou correndo, quase caindo de ponta-cabeça na água quando a trilha fez uma curva muito fechada.

As vozes a perseguiram, indistintas e estranhas, como morcegos na escuridão de uma caverna, voando para cima dela de todas as direções.

Minha nossa, onde eles estavam agora?

Na sua frente? Atrás? Onde?

Ela não ia conseguir!

O riacho virava à sua frente, encoberto pela névoa. Uma ponta de esperança surgiu. Será que eles sabiam nadar? Ela não conhecia muitas pessoas que soubessem! Talvez conseguisse despistá-los em meio à névoa!

Uma mão se esticou, roçando sua perna e quase agarrando seu vestido, acompanhada por uma profusão de pragas indecifráveis quando o perseguidor percebeu que errou o alvo. Mas o choque do toque tomou a decisão no lugar de Page. Ela não tinha tempo para considerar as consequências. Agitando os braços, ela se atirou no

riacho. As pernas a acompanharam feito peso morto. Ela aterrissou de barriga, sendo atingida em cheio pela água gélida. O impacto reverberou por seu corpo, adormecendo seus sentidos, mas Page recuperou as faculdades depressa. Ignorando o ardor na pele, nadou com toda a força em direção à margem oposta, ainda escutando os sons de perseguição atrás de si. Foi tomada de alívio quando não ouviu mais nada.

Graças a Deus! Obrigada, Deus!

Mesmo depois de alcançar a margem, ainda não havia sinal dos perseguidores, só gritos e pragas que ela não conseguia decifrar vindo da margem oposta. Mas ela não ousou se sentir triunfante. Se eles tivessem o mais vago conhecimento daquelas terras, saberiam que, apenas alguns metros adiante, o riacho terminava e eles se encontrariam novamente na rota para o castelo. Page não queria correr esse risco. Erguendo-se da água, ensopada até os ossos, decidiu buscar o abrigo da floresta. Deviam esperar que ela fosse correr para o castelo, como o instinto lhe berrava para fazer. A lógica dizia que ela teria mais chances se fizesse o inesperado.

Se ela alcançasse a segurança da floresta – e talvez conseguir subir numa árvore –, poderia esperar que eles se cansassem de procurá-la e fossem embora. Era provável que fossem salteadores, e ela a presa sem sorte. Estava certa de que, dada a escolha de procurar a noite inteira por uma mulher sem identidade com quem se divertir ou buscar vítimas mais proveitosas, eles logo se cansariam e a deixariam em paz.

Encorajada, ela correu, ofegando, o coração em disparada. O vestido molhado se grudava nas pernas. Correndo, Page tentava não tropeçar enquanto olhava para trás para ter certeza de que não estava sendo seguida. Sentiu alívio mais uma vez, pois não havia sinal de seus atacantes.

Ela foi tomada pela euforia.

Ela ia conseguir!

Isso, lamentavelmente, foi seu último pensamento coerente antes de se virar e colidir com uma árvore.

Pelo menos Page pensou que fosse uma árvore.

O impacto a atirou de costas no chão e a deixou tonta. Ela ficou ali, espantada, encarando um verdadeiro gigante.

Nossa, como ele era alto!

Num instante, ela estava cercada pelo resto dos homens. Em seu estado entorpecido, Page via que aqueles rostos borrados pareciam olhá-la com malícia, os dentes desencarnados reluzindo sob o luar.

— Ah, homem, você a deixou abobalhada! — Page entendeu alguém dizer.

— Ah, ela vai se recuperar — garantiu outro.

Escoceses.

Malditos escoceses.

Ela pôde distinguir o sotaque, mas foi o último pensamento que teve antes de ser engolida pelas trevas.

O cheiro de grãos a rodeava... campos dourados e floridos... Page estava correndo por eles... correndo... correndo...

Por um instante de perplexidade, ela pensou que havia morrido e adentrado o santificado portão do Paraíso.

Será que já tinha sido morta?

Não... ela achava que não.

Um gemido ressoou em seus ouvidos, e Page acreditou que o som fora emitido por ela mesma. Seu corpo parecia estar... de alguma forma... esmagado, quebrado, ausente.

Ela pelo menos conseguia sentir!

Corra, ordenou a si mesma: corra!

O corpo deu um solavanco quando Page se deu conta de que estava sendo empurrada para dentro de um saco de farinha – um saco de farinha, Deus do céu! Alguns grãosinhos remanescentes grudaram no seu rosto.

Ela se perguntou histericamente se eles a matariam agora, ensacada do jeito que estava, tal qual um gato inoportuno que seria afogado no rio!

Pelo menos o saco não estava cheio de pedras, refletiu ela.

Mas parecia que eles estavam se afastando da margem... adentrando a floresta... Ela percebeu a escuridão se fechar e lutou em vão, gritando até a garganta arder. Malditos fossem! Seus raptos pareciam impenetráveis aos seus esforços.

Uma risada histérica borbulhou do fundo de seu ser.

A profecia de seu pai estava para se realizar. Jesus! Ele sempre dizia que ela cavaria a própria ruína um dia. O dia era agora.

Nunca deveria ter saído à noite para nadar sozinha. Deveria ter levado Cora consigo; agora morreria por causa da própria imprudência.

Mas como era desmiolada!

— Soltem-me! — berrou ela, arranhando o saco com determinação renovada. — Soltem-me de uma vez!

Com coração acelerado, Page se contorcia e lutava feito um selvagem, chutando e pinoteando na tentativa de se livrar do saco.

— Soltem-me agora, seus pagãos miseráveis – me larguem!

Eles caíram na gargalhada, mas não se deram ao trabalho de obedecer!

Pois bem! Ela não facilitaria as coisas para eles! Contorcendo-se e dobrando-se, ela jurou que, quando finalmente a soltassem, arrancaria os olhos deles fora!

Se ao menos estivesse com a adaga!

Mas ela estava perdida em algum lugar da margem do rio com... Santa Mãe do céu!

Sua luta cessou no momento em que percebeu que estava praticamente nua! Uma histeria pura se avolumou dentro dela. Mais fácil do que isso para ser violentada e morta só se fizesse um convite a todos eles!

E ninguém daria pela falta dela.

Seu estômago de revirou.

Sim, ela teria sorte se o pai percebesse sua ausência depois de uma semana inteira. Ele dava mais atenção ao convidado escocês do que jamais sequer considerou dar a ela. Bom, pensou Page, desesperada, talvez ele percebesse logo, já que ela parecia ter o infeliz dom de cair nas más graças do pai com seu gênio para se meter em problemas! Nascera malfadada, com certeza! Ele sem dúvida daria pela falta de suas trapalhadas.

Abastecida pela nova onda de desespero, Page recomeçou a lutar, mas seus esforços foram recompensados com uma joelhada.

Aqueles malditos pagãos!

Podiam machucá-la até cada centímetro de seu corpo ficar roxo, mas não ficaria ali quietinha deixando que eles a violentassem e matassem!

O som de vozes novas interrompeu sua luta abruptamente.

De repente, sem aviso, o saco foi virado e ela foi jogada sem qualquer cerimônia no chão.

Page berrou ultrajada.

Atordoada, ela se colocou de pé, mas cambaleou para trás e caiu de traseiro no chão antes de olhar, emudecida, para o par de pernas mais despido no qual já pusera os olhos.

Fortes pernas masculinas.

Maldita sorte.

Outro gigante.

Seu olhar subiu e se deparou com olhos que brilhavam de divertimento às suas custas, olhos que estavam cheios de arrogância e gélido desdém. Bom Deus! Ela já havia se deparado inúmeras vezes com aquele olhar para se enganar! Assim como todos, o homem a encarou do alto e não a considerou desejável.

Pois bem! Ela não ligava para o que aquele escocês imundo pensava dela! Principalmente porque era provável que ele estivesse

planejando sua morte agora que tinha mudado de ideia quanto à violação.

Ela não parecia ser a filha de um conde. Estava mais para uma pobre afogada, pensou Iain – exceto pelos olhos. Iain enxergou dentro deles toda a arrogância de sua condição.

Mulherzinha insolente.

Feito uma lebre ensandecida e acuada, parecia pronta para atacá-lo. Ainda assim, por um instante dos mais breves, quando ela o encarou pela primeira vez, um lampejo de dor ofuscou os emotivos olhos escuros. Um truque do luar, sem dúvida, pois com a mesma rapidez com que apareceu, aquela expressão sumiu, substituída pelo olhar feroz de desafio que ela exibia agora.

Havia algo mais que ele não deixou de notar.

Sentiu um tremor passar pelo corpo, pois a ousada apreciação de suas pernas não passou despercebida. Se ela estivesse um pouquinho mais perto e tivesse a chance de espiar por baixo da túnica, talvez tivesse se refestelado. Apesar da aparência desgrenhada, Iain estava completamente excitado com a visão dela. Senhor! Aquele corpo... Mesmo que encobertas por névoa e sombras, as curvas graciosas eram mais do que discerníveis. Através das sombras sedosas, os seios perfeitos elevavam-se para tentá-lo, os mamilos escuros bastante visíveis, provocados pelo ar da noite fria.

Ele franziu as sobrancelhas enquanto avaliava o estado de nudez da mulher. Vestida em pouco mais do que uma camisola ensopada, parecia completamente alheia, em sua raiva, à visão com que presenteava seus homens.

Sacudindo a cabeça por causa da tolice da mulher, fez um esforço para dispersar as imagens que o saudaram: longas pernas

sensuais envolvendo-lhe a cintura... seios cheios e fartos arqueados em paixão, chamando seus lábios... Sabia que o sabor deles seria como o maná dos céus.

Por todos os santos, ele era apenas um homem!

Que tipo de pai deixava a única filha vagar por aí livremente? E de noite, ainda por cima?

— Ela estava exatamente onde disseram que estaria — revelou seu primo.

— Estava mesmo? — A voz de Iain soava rouca com o desejo que ele não conseguia evitar muito bem.

Não a queria, disse a si mesmo, colocando os devaneios de lado. Querer uma mulher tão impertinente não resultaria em nada de bom.

Ele cruzou os braços e fechou a cara.

— É hábito seu se banhar perante Deus e os homens? — Ele não sabia ao certo por que tinha feito a pergunta; sabia que devia ser o costume dela. Foi por isso que tinham conseguido encontrá-la, mas mesmo assim sentia-se muito irritado com a ideia.

Ela ergueu o queixo, negando-lhe uma resposta, os olhos escuros cintilando de raiva indisfarçada, e Iain tentou não rir de tanta determinação. Ali estava ela, não mais do que uma simples mulher, desafiando-o diante de seus homens, quando nem mesmo seus inimigos ousavam encará-lo de maneira tão direta.

Um bando de tolos, pois pretendia descobrir o nome do Judas que ousou entregar seu filho ao maldito inglês para uma permuta. Queria arrancar a língua daquela cobra e enfiá-la no traseiro do próprio desgraçado!

O amargo lembrete de seu assunto com a filha de FitzSimon transformou seu vago bom humor em raiva novamente. O queixo ficou tenso, e ele perguntou enfaticamente:

— Não tem língua, moça?

Feito a lendária fênix se erguendo das próprias cinzas, ela se pôs de pé para encará-lo, as mãos apertando a cintura.

— E você não tem educação? — retrucou de maneira ofensiva. — Escocês! — Ela cuspiu o epíteto com um imperioso erguer das sobrancelhas e, apesar da raiva, Iain conteve-se para não rir daquela inesperada insolência. — De que lhe interessa o lugar onde eu me banho?

Iain não acreditava naquela audácia, naquela ousadia. Se ele fosse qualquer outro homem... Senhor! Será que ela não percebia a própria estupidez? O olhar dele a sondou desde a cabeça molhada e arrepiada, descendo pelas pernas graciosas, inteiramente expostas pelo vestido molhado, até os pés descalços antes de retornar ao rosto, tendo o cuidado de evitar aqueles seios deliciosamente tentadores, ao que acrescentou:

— Você tem uma língua insolente, moça. Preciso lembrar que...

— E você ficará sem língua nenhuma quando meu pai souber disso! — retrucou ela com coragem.

Mesmo tendo que superar a vontade de dar um passo cauteloso para trás, Page manteve-se firme e aprumou o corpo da melhor forma. O homem pareceu ficar perplexo com a resposta dela por um momento, mas depois ergueu uma sobrancelha.

Estava sendo desafiada?

— Verdade? — perguntou ele, o sorriso subitamente frio.

Page estremeceu diante da maneira ousada com que ele a examinou novamente. Nenhum homem tivera a ousadia de olhá-la daquela maneira, com desejo tão indisfarçável. Aquilo lhe disparou um aviso de alerta. E, para seu desalento, uma pontinha de excitação.

Sentiu novo estremeamento.

Será que tinha perdido o juízo quando colidiu com aquele outro grandalhão?

Deu uma olhada nos outros e percebeu que todos estavam de olhos arregalados, boquiabertos. Page esperava que a idiotice deles não fosse contagiosa! Eram todos uns estúpidos! Cada um deles!

— Estão caçando vaga-lumes, por acaso? — perguntou ela.

Formavam uma visão ridícula; todos franziram a testa ao mesmo tempo em que trocavam olhares espantados, antes de fecharem a boca.

— Pelos ossos de todos os santos, mulher! Agora sei por que seu pai a deixa andar por aí no meio da noite — disse o líder. — Deve estar na esperança de que perca o caminho de casa no escuro.

O coração de Page se apertou com o comentário ferino. Doía tanto quanto um rude tapa na cara. Ela engoliu o orgulho e piscou para conter as lágrimas de raiva, determinada a não trair as emoções diante daqueles bárbaros insensíveis. Ele nem imaginava o quanto chegou perto da verdade, ou o quanto a verdade machucava.

E nem se importaria com isso, com certeza.

Os olhos dela ardiam.

— Meu pai decapitará todos vocês por me insultarem dessa maneira! — jurou, sem deixar de notar que o olhar dele vagava novamente por seu corpo, só que dessa vez com mais lentidão e um erguer de lábios que ao mesmo tempo a enfurecia e alarmava.

Que a confundia.

Page sentiu outro tremor correr a espinha.

Ah, mas aquele homem tinha a boca mais magnífica que qualquer homem tinha o direito de possuir! Ela piscou, espantada.

O que estava acontecendo com ela? Como podia estar ali admirando lábios sabendo que sua própria vida poderia muito estar em risco? Sua honra estava, no mínimo!

Então por que não se sentia temerosa?

Deveria, sem dúvida. Tudo naquele homem evidenciava perigo: tudo, desde as pernas despidas até a expressão feroz, proclamava que ele era um escocês selvagem. E se ela tinha achado aquele primeiro bruto alto, esse diante dela era imenso, dominava todos os outros.

Ainda assim... havia nele algo de inofensivo... e vagamente familiar.

Page estreitou os olhos, examinando os contornos obscurecidos daquele rosto. Ela não o conhecia. Conhecia?

Estava escuro. Talvez estivesse sendo enganada pela própria mente. Talvez estivesse confusa depois de bater a cabeça. Claro que estava louca por sequer se perguntar se aqueles lábios seriam tão bonitos quando expostos à luz do dia.

— Quem é você? — exigiu saber, cruzando os braços sobre os seios, sentindo-os completamente expostos de repente, apesar da camisola que vestia e do véu de escuridão que os rodeava.

Ele não disse nada, só ficou ali de pé, encarando-a com aquele enfurecedor trejeito nos lábios, então Page insistiu:

— Não tem língua, escocês?

Por um instante, ele pareceu espantado com a pergunta, perplexo até, e depois a surpreendeu com o rico timbre de sua risada.

Os homens dele não pareciam estar achando muita graça. E pelo que havia de mais sagrado, Page também não entendia por que o homem estava rindo. Seu pai já teria lhe dado um tapa no rosto. Não deveria ter sido tão insolente!

— É com o MacKinnon que você está falando — rosnou um dos patifes. — Cuide de sua língua, moça, se não quiser ficar sem ela!

— MacKinnon!

Espantada, Page deu um passo para trás – mais devido ao choque do que ao aviso. O medo foi imediatamente esquecido diante da indignação.

Quem estava diante dela não era um selvagem escocês qualquer, mas *o* selvagem escocês!

Foi ao filho dele que seu pai ofereceu porto seguro como favor a David da Escócia. O menino se tornaria um protegido da corte inglesa. Page havia passado bastante tempo com o menino para saber o quanto fora maltratado. Aquele monstro tratava o filho com tanta crueldade que seu próprio rei se viu forçado a intervir em defesa do menino! Pobre criança! Não era espanto o covarde ser tão familiar! Pai e filho compartilhavam a mesma aparência, apesar da diferença de idade.

O rosto diante dela era rígido e impiedoso, apesar da gargalhada que suavizava os lábios magníficos. E impiedoso era exatamente o que ele era! Diziam até que ele havia matado a jovem esposa logo depois de dar à luz ao filho.

— Seu patife! — exclamou. — Como ousa dar as caras aqui?

Ele ergueu a sobrancelha.

— Vim buscar meu filho, moça. Achou que eu não viria?

Buscar o filho, pois sim!

Page estava tão furiosa que quis esmurrar as orelhas dele. Não se importava nem um pouco com as consequências de tão zangada que estava.

— Pois bem, você vai embora sem ele! — retrucou ela. — Meu pai jamais o entregará! — Podia ser qualquer outra coisa, mas o pai dela não era imbecil. Podia não ter nenhum carinho pelo menino,

mas jamais se arriscaria à ira de Henrique devolvendo a pobre criança ao pai desprezível. — Já não fez o bastante para machucá-lo?

O MacKinnon ficou rígido diante da acusação.

Ótimo! Que se sentisse culpado! Isso se tivesse um coração dentro daquele peito gigante!

— Sim, pode esquecer a ideia de que ele retornará à Escócia, pois seu filho será protegido pelo próprio rei Henrique! — insistiu ela, vendo o temor trair o olhar dele. — Amanhã ele estará longe do seu alcance e a salvo para sempre!

Os músculos da mandíbula dele tensionaram, e o homem parecia momentaneamente incapaz de falar.

Page esperava que ele estivesse se sentindo arrependido. O pobre menino chegou até eles abatido e mudo, temeroso até mesmo de erguer os olhos para ela. Por mais que ela tentasse fazê-lo falar, ele mantinha o silêncio.

— O que você fez com aquela pobre criança para que tenha medo até de falar? Deveria se envergonhar muito de si mesmo, senhor!

Ele encontrou a língua de repente, e Page estremeceu com o estrondo de seu tom.

— Como assim o Malcom não fala? — Ele avançou na direção dela, o olhar escurecendo, os braços pendendo ao lado do corpo, as mãos cerradas.

Page cambaleou para trás diante da expressão assassina e da óbvia ameaça na postura dele.

— V-você de-deveria saber — gaguejou. Ela teve a prudência de dar outro passo para trás.

Ele continuou a se aproximar dela, exigindo saber:

— O que fez com meu filho?

Page ofegou e deu outro pulo para trás, a mão indo depressa ao peito.

— Eu? Você! O que fez com ele? — Que atrevimento atirar a culpa pela aflição do filho nas costas dela! — Ele chegou até nós assim!

— Em nome de Deus, o que foi que você fez com o meu filho? — insistiu ele.

O MacKinnon estava junto dela, encarando-a com ferocidade, e Page pensou que talvez não conseguisse mais respirar. O coração estava fechando sua garganta, estrangulando-a.

Ele estava perto demais!

Page estremeceu, notando a expressão angustiada, e já não sabia mais se as histórias contadas sobre ele eram verdadeiras – pelo menos aquelas que o acusavam de maltratar o filho, pois ele parecia pronto para rasgá-la em pedaços ao saber que o filho podia estar machucado.

As outras histórias eram bem fáceis de acreditar, pois o homem parado diante dela parecia mais do que capaz de arrancar o coração de qualquer homem – ou mulher – com pouco esforço.

Bom Deus! Agora ela estava com medo!

O coração batia loucamente no peito, fazendo-a pensar que aquela tensão a mataria.

Ele cuspiu um monte de pragas indecifráveis, depois ordenou aos homens:

— Levem-na! Amarrem-na na maior árvore que encontrarem! Quero ter certeza de que ainda estará aqui quando chegar a luz do dia!

Eles a tomaram pelos braços.

— Não! Meu pai esfolará você vivo, MacKinnon!

Ela berrou ultrajada quando ele ousou lhe dar as costas e ir embora, deixando-a à mercê de seus homens.

— Bruto! Estúpido! Ele arrancará seus olhos!

Ele parou de repente e se virou para encará-la novamente, dessa vez sem qualquer tentativa de civilidade.

— Então ele tem estima por você?

Aquilo era um desafio? Page pensou que o coração explodiria de dor com aquela pergunta. Por um instante nem conseguiu falar.

— É claro que sim! — Ela sentiu o ardor das lágrimas nos olhos, mas se recusou a derramá-las. As lágrimas eram para os fracos, e ela não era fraca. Sim, o pai lhe ensinara muito bem. Ela ergueu o queixo, desafiando-o a refutá-la. — Sou a filha dele, não sou?

Ele não respondeu.

Jesus! Será que ele sabia? Poderia saber de alguma forma? Será que estava rindo por trás daquele olhar turbulento?

Canalha nojento! Sabia que sim.

— Ótimo — disse ele, continuando a observá-la com os olhos apertados. — Você disse que o rei Henrique vem amanhã buscar meu filho? Para onde pretende levá-lo?

Page aprumou a postura, os lábios curvados com uma presunção que ela não sentia exatamente.

— Sim, ele vem, patife! E quando ele chegar, vai...

— O quê?

O coração dela apertou. Sim, de fato, o que ele faria? Nada, concluiu, pois nem conhecia Henrique e duvidava que ele fosse se incomodar com ela caso seu pai não a estimasse. E seu pai não a estimava. Page engoliu o nó que se formou na garganta e tentou se livrar dos captores. Sem qualquer serventia.

— Para onde ele pretende levar meu filho, mulher?

— Meu pai arrancará o coração de todos vocês, e eu ficarei de perto vendo e gargalhando!

Sem dar ouvidos, ele avançou na direção dela, querendo saber:

— Onde?

Page detestou se acovardar naquele instante.

— E-Eu não sei!

O olhar dele a examinou nas sombras da noite. Reconhecendo a mentira?

— Verdade?

A voz soou fraca demais aos seus próprios ouvidos.

— Sim.

— Não importa — capitulou ele. — Henrique jamais colocará os olhos no meu menino. Agora cale essa mulher, Lagan! Não quero ouvir mais nenhuma maldita palavra que seja saindo da boca dessa inglesa!

Nunca na vida Iain conheceu uma mulher tão incômoda – ou mais impertinente! Estava muito contente por saber que o pai negociaria com ele logo pela manhã, pois mal podia esperar para se livrar dela!

Quanto antes, melhor.

Contudo, por mais que desejasse arrancar FitzSimon da cama agora, para resgatar o filho naquele instante, se a mulher estivesse falando a verdade, e o rei Henrique chegasse pela manhã, ele teria então mais uma vantagem que poderia ser usada em caso de necessidade.

Ele nunca desperdiçava uma oportunidade. Diziam que, abrindo mão do conforto em favor da rapidez, o rei inglês costumava viajar com uma comitiva mínima. Iain contava com isso. Tinha quase quarenta homens ao seu comando – muito mais do que a maioria dos viajantes costuma empregar, pelo menos –, o que era mais do que suficiente para fazer FitzSimon hesitar.

O amanhã logo chegaria.

Enquanto isso, precisaria manter a mulher tagarela amarrada e amordaçada, senão ela poderia fazer com que seus homens

cometessem assassinato.

Ou ele mesmo.

Mulherzinha atrevida, imprudente... corajosa.

Havia até mesmo defendido seu filho! E dele mesmo! Aquilo era ridículo, mas mesmo assim...

Ela disse que Malcom não falava.

Iain tentou considerar a notícia com racionalidade – pelo próprio bem de Malcom. Não adiantaria de nada perder o juízo quando mais precisava.

O fato de a filha rabugenta de FitzSimon o considerar responsável pelo sofrimento de Malcom o levava a acreditar que ela, na verdade, não tinha participação na aflição dele.

A não ser que estivesse protegendo o pai...

Mas pelo jeito como falava dele, Iain duvidava que ela acreditasse que o pai precisaria de proteção. Fez o desgraçado parecer um venerável campeão! Ouvindo-a falar, era como se não temesse a represália de Iain contra seu pai. Pelo contrário, esperava que o pai o esfolasse vivo. Ele sacudiu a cabeça, incrédulo com a imaturidade dela.

Era provável que o simples fato de estar assustado impedisse Malcom de falar. O filho gostava de se imaginar um homem, mas ainda era uma criança, com coração de criança.

Senhor! Quando descobrisse o traidor...

Iain trincou o queixo.

Tinha que ser alguém de dentro do clã, pois o miserável não deixou testemunhas nem evidências que o traíssem. Ele simplesmente entrou, feito um ladrão à noite, roubou Malcom e depois fugiu, sem que ninguém soubesse.

Ela havia defendido seu filho.

Iain sacudiu a cabeça com espanto. Não sabia se a beijava pela defesa apaixonada de Malcom ou se a estrangulava ali mesmo onde estava.

Por Deus! Era uma mulher de língua afiada com uma boca que ele jamais tinha visto igual na vida. Sorriu, apesar de tudo, pois não podia acreditar no descaramento dela.

Caçando vaga-lumes, pois sim!

Ele deu uma risadinha. A expressão no rosto dos seus homens teria valido o resgate de um rei.

Concluiu que teria que ficar perto da mulher, mas precisava tomar certas providências primeiro. No momento pretendia recuperar as roupas dela na beira do rio, onde provavelmente foram deixadas – ele queria acreditar que ela estava usando mais roupas do que aquelas que vestia agora. A última coisa que precisava era de distrações.

Por Deus! Não conseguia pensar direito olhando para aqueles seios sedutores. Ora, quem poderia deixar de olhar se ela estava praticamente nua ali diante dele?!

O que o levava novamente à pergunta: que tipo de homem deixava a única filha andar livremente pelo mato tão nua quanto Eva?

Ah, mas existiam filhas que eram governáveis e outras que não, refletiu ele.

Se ela fosse sua filha desobediente, Iain a teria deixado bem trancada dentro de uma torre até o dia em que fizesse seus votos!

Mulher impertinente, desbocada!

Enquanto aquele bando nojento estava deitado roncando, Page estava sentada, tremendo, com as costas apoiadas na árvore, braços

torcidos e presos às costas e um trapo de gosto azedo enfiado na boca.

Escoceses abomináveis!

Não que fosse dormir mesmo, mas estava se sentindo muito infeliz de tanta preocupação e arrependimento. Por Deus! Nunca deveria ter saído sozinha. Por que não podia se contentar em simplesmente ficar sentada no solar e costurar como as outras damas?

Por que não podia ser o que o pai desejava?

Por outro lado, refletiu, com um tanto de amargura, que a resposta para essa pergunta seria mais compreensível se ela ao menos soubesse o que o pai queria dela.

A verdade era que Page não conseguia agradá-lo, nunca foi capaz de agradá-lo. E o que era pior: ela não sabia mais se desejava tentar.

Talvez nem precisasse depois daquela noite.

Tal pensamento lhe provocou um estremeamento.

O que fariam com ela depois que descobrissem que seu pai não a queria? A verdade era que a chance de seu pai desistir do menino era a mesma de cuspir no olho do rei. Por ela? Jamais.

Bom, disse a si mesma, não se importava.

Não mesmo.

Mas seus olhos ardiam com lágrimas quentes de raiva.

Pois bem, ela logo descobriria o que fariam... se ela não conseguisse escapar... então concentrou seus pensamentos nesse propósito. Tentando não deliberar sobre as medonhas possibilidades caso falhasse, avaliou seus captores.

Para seu desalento, os quatro originais não estavam sozinhos como ela imaginava a princípio. Pior, ela não sabia ao certo quantos

eram, pois seus membros e corpos se fundiam na escuridão – feito cadáveres amontoados numa cova comum.

Eram muitos, concluiu ela.

Eles a arrastaram berrando feito uma vendedora de peixe pelo acampamento, e os olhares libidinosos que recebeu do grupo a fizeram decidir que jamais olharia diretamente para o rosto de um homem novamente.

Grosseirões arrogantes!

Principalmente o MacKinnon!

Page estremeceu, lembrando da maneira como ele a olhou, o ar deliberado de seus olhos.

Sem qualquer razão, percebeu-se imaginando qual seria a cor deles. Azuis? Verdes? Não conseguiu distingui-los no escuro, mas tinha certeza de que não seriam tão comuns quanto os dela. Ah, não havia nada de ordinário naquele homem irritante.

Ele não retornara ainda.

Não que ela se importasse de ver aquele rosto tão atraente de novo, garantiu a si mesma, mas... bom, ora, talvez quisesse sim. Page franziu o cenho com a admissão, franzindo a testa ao contemplar o fato. Era natural, concluiu, não querer ficar sozinha com os homens dele. Não devia confiar neles.

Mas uma vozinha a importunava: será que havia mais algum motivo para confiar em MacKinnon?

Não era que confiasse nele, precisamente. Só que não desconfiava tanto assim – mesmo que nem chegasse a compreender por que se sentia assim em relação a ele. Provavelmente não era melhor do que o resto.

Logo depois de ser amarrada à árvore, ele e o homem chamado Lagan deixaram o acampamento. Supôs que estavam verificando as defesas de Aldergh, por precaução.

Ela se sentia aflita de admitir, mas seria bem feito para eles, pois seu pai os mandaria para o inferno. Não importava o que dizia para si mesma, ou o que esperava secretamente. Page não se iludiria pensando o contrário. Sem saber, aqueles homens estavam de mãos atadas.

Isso se não morresse congelada primeiro.

Ou se não conseguisse escapar.

Ouviu as vozes muito antes de vê-los e sentiu o estômago pular quando os homens saíram da floresta. O MacKinnon e aquele chamado Lagan – o grosseirão que enfiara aquele trapo desprezível na sua boca. Ficaram parados conversando baixo ao lado da fogueira. Mais uma coisa pela qual poderia agradecer: ser colocada tão longe do calor do fogo, molhada como estava, e ficar congelando sob o ar frio da noite! Aqueles desgraçados bárbaros, desatenciosos e irritantes!

A luz do fogo tremulou, lançando sua tinta acobreada sobre seus corpos e rostos, distorcendo as imagens. Preso entre o brilho estranho da chama e a obscuridade da sombra, o MacKinnon exibiu uma silhueta intimidante, sem dúvida. Vestido numa túnica de lã preta e envolto no tartã preso pelo cinto, parecia ser pelo menos quinze centímetros mais alto do que seu pai usando botas de couro. Numa leonina demonstração de masculinidade, a juba escura e ondulada estava solta e caía sobre os ombros. Sua postura era a de alguém cheio de confiança. Era um homem nascido para liderar, isso ela não podia deixar de reconhecer.

Será que ele era um assassino também?

Tal possibilidade fez a garganta dela fechar de medo renovado.

O coração dela teve um sobressalto. O que ele faria quando descobrisse que o pai não negociaria com ele?

Page não conseguia compreender o que eles diziam, mas aquele chamado Lagan deixou o MacKinnon para acordar outro homem com um empurrão.

Sussurrou algo ao ouvido do homem, que se levantou imediatamente, tentando se livrar do sono. Os dois conversaram com o MacKinnon e depois tomaram o caminho do reino sombrio por trás do brilho do fogo.

Apenas Page e o MacKinnon permaneciam acordados.

Espantada ao se dar conta disso, Page virou-se para procurá-lo e viu que ele estava parado lá, observando-a, a luz do fogo brincando em seu rosto, fazendo as feições hostis parecerem ainda mais implacáveis sob o contraste das sombras. Ela rezou para não ser vista, sentada ali tão longe da luz, e ficou aliviada quando ele se virou e abaixou para pegar algo que estava perto do fogo. Mas seu alívio foi curto, pois ele levantou de repente e tomou a direção dela, fazendo com que um choque de pura histeria sacudisse seu corpo.

Reagindo por instinto, Page encostou a cabeça no tronco da árvore e praguejou em silêncio, fechando os olhos, fingindo dormir. Quanta tolice! Ela sabia disso, mas não conseguia evitar. Não podia encará-lo agora. Não sabia o motivo, mas simplesmente não podia. Lágrimas escorreram por seus olhos.

Ele tem estima por você? O fantasma da voz dele sussurrava em seu ouvido; a pergunta a atormentava. Teve que lembrar a si mesma que ele não havia dito isso em voz alta. Era apenas zombaria de sua imaginação, fazendo-a de boba.

Seus passos eram leves, mas Page conseguiu identificar o som suave do musgo capitulando sob a sola de couro e soube o momento em que o MacKinnon parou diante dela.

De pernas despidas.

Aquele pensamento veio do nada, e o coração dela deu um pequeno salto, batendo rápido quando ele se agachou ao lado dela – pelo menos Page imaginou que ele estivesse agachado. Podia jurar que sim, pois acreditava ter sentido o calor do hálito dele junto da bochecha.

Um suspiro soprado diante de seu rosto.

Ou teria sido imaginação sua?

Bom Deus! Será que estava sendo observada?

Não... ah, não...

O coração dela começou a disparar. Page tentou não entrar em pânico, tentou fingir que ele não estava tão perto, observando cada respiração, mas fracassou completamente. Sabia que ele estava ali e ficou grata ao véu da escuridão por escondê-la quando sentiu o rubor caluniador subir por seios, garganta e rosto, aquecendo-a.

E de repente o coração dela parou de imediato, pois ele a tocou – e a tocou de tal maneira...

Page sentiu o ar faltar e o corpo estremecer quando as mãos tomaram seu rosto, um gesto que era quase uma carícia gentil. Ela encostou o rosto com ânsia no calor daquela palma, mas ao perceber o que tinha acabado de fazer, os olhos se arregalaram. Ela conteve o fôlego, ergueu o rosto para o dele.

Seus olhares se encontraram, firmaram, prenderam.

Ele não afastou a mão, e Page, embora espantada com o abraço, não poderia nem protestar com aquele trapo ainda enfiado na boca. Não podia nem respirar. Não podia nem pensar.

Com uma gentileza que contrariava sua força e tamanho, o MacKinnon deslizou o polegar pelo vão acima da bochecha. Page fechou os olhos e sentiu novamente o ardor das lágrimas.

Seria inconcebível demais aquele homem, um estranho, seu captor, ser o primeiro a tocá-la de maneira tão gentil?

— Não fique chorando — sussurrou ele.

Estava chorando? Page quase engasgou com as palavras. Nem tinha percebido.

Ele tirou a mordação da boca de Page e a levou às narinas. Elas tremeram com o fedor. Ele fechou a cara enquanto a atirava longe. Page engoliu com dificuldade.

— Maldito Lagan — resmungou ele, sacudindo a cabeça com desgosto.

Page não encontrava voz para falar, mas isso não importaria, pois ela não saberia o que dizer.

Assim de perto, o rosto dele não perdia nada da beleza masculina.

Ele a mantinha enfeitiçada.

Parecia ser jovem demais para liderar, pensou ela, ainda que o cabelo proclamasse o contrário: escuro daquela maneira, o choque de grisalho nas têmporas destacava-se de maneira distinta contra o cabelo negro. Estava trançado, notou ela pela primeira vez – o prateado das têmporas. Quanto anos teria? O rosto bonito declarava 26, não mais, mas o cabelo falava de mais de quarenta. Os malditos eram altos, o nariz perfeitamente aquilino, e os lábios... os lábios eram do tipo que uma mulher deseja beijar. E os olhos... ela ainda não conseguia discernir a cor no escuro, mesmo tentando.

Seu coração batia num ritmo constante nos ouvidos.

— Mesmo assim... tem a minha palavra... não será ferida. A voz dele soou baixa e os olhos ficaram estreitos ao dizer: — Não fique assim tão infeliz.

Acariciou-lhe a bochecha, inundando-a de confusão. Por que ele estava sendo tão gentil? Jesus, ela não sabia lidar com isso!

Page afastou o rosto daquele toque.

— E-Eu não estava!

Iain ergueu a sobrancelha.

— Chorando?

Ele ergueu a mão de repente. Page se encolheu, pensando que o MacKinnon queria surrá-la para que negasse, mas ele levou o polegar aos lábios em vez disso, apertando-o com os dentes. Observando-a, ele chupou o sal das lágrimas em sua pele.

— Não estava mesmo, moça?

Um tremor percorreu o corpo dela diante daquele gesto – a maneira como a chamava, a maneira como continuava a olhar. Page tentou ignorar o calor com que aquele exame a sufocava, buscando refúgio na raiva.

— E-Eu não estava!

— Não — concordou ele, ainda sugando o polegar. — Claro que não. Você é muito... destemida. Não é?

Ele chupou o polegar por mais um tempo ainda, depois retirou-o da boca e Page lambeu os lábios subitamente secos. Ela engoliu com dificuldade.

— Mesmo assim... tem a minha palavra... não será ferida.

Page fechou os olhos, tentando ocultar da mente a imagem do homem ajoelhado diante dela.

— Quanta generosidade — falou com voz arrastada, escondendo o próprio tremor. Abriu os olhos novamente, estreitou-os, e a voz saiu com mais firmeza devido à raiva: — Enquanto isso, minhas mãos ficam doendo nas minhas costas!

Os lábios dele improvisaram um sorriso – o patife! –, um sorriso que roubou seu fôlego e fez seu coração bater loucamente. O certo era querer esbofeteá-lo! Amaldiçoado fosse! E ela também, por se permitir perder a compostura por causa de um rosto atraente!

Não estava bem do juízo, com certeza!

— Algumas coisas são necessárias — disse ele, sem o menor sinal de remorso. — Mas muito bem, eu lhe concederei uns instantes de descanso.

Iain se deixou cair sobre o traseiro e esticou-se por trás dela para lhe soltar as mãos.

— Quanta generosidade... para um escocês pagão!

O MacKinnon apenas riu, o que multiplicou ainda mais a confusão dela. O que havia de errado com o idiota? Não percebia que devia estar zangado com seu sarcasmo? Page não sabia o que fazer – menos ainda naquele instante.

Ele soltou as mãos dela, depois deslizou os dedos por sua lombar. Ela deu um gritinho de susto, curvando-se para longe daquele toque.

— Ora! — guinchou — O que pensa que está fazendo?

Ele não se deu ao incômodo de pedir desculpas, nem afastou a mão, que lhe queimava a pele mesmo através da camisola.

— Você está molhada — afirmou ele.

— Verdade? — Ela recuperou a compostura e o fuzilou com olhar de vingança. — Que estranho! Será porque você me raptou quando eu estava nadando... não me deu oportunidade de me secar... e depois me atirou num canto úmido longe do calor do fogo?

Ela tentou se esquivar daquele toque, sem sucesso.

— Tire sua mão de minha pessoa nesse instante!

O MacKinnon franziu a testa, mas os olhos cintilaram com indisfarçável divertimento.

— Você é uma mulher insolente — disse ele com certa frieza, mas obedeceu imediatamente. — Você já levou umas palmadas?

Mais uma vez, Page se viu aflita com a pergunta.

— Não! — retrucou, mas engoliu a dor que subiu feito um ovo em sua garganta. Na verdade, seu pai não lhe dava importância nem

para isso. Ela virou o rosto novamente. — Como ousa falar assim dele? — conseguiu dizer. — Meu pai... ele nunca... — Ela esfregou os punhos, tentando aliviar a dor que fluiu por eles.

Nada podia aliviar a dor em seu coração.

— Ah, pois deveria ter levado...

Page o encarou.

— Deixe-me ver suas mãos.

Era uma ordem, mesmo que falada com delicadeza, por isso Page se irritou.

— Posso cuidar delas sozinha, obrigada!

Ele suspirou.

— Se é o que quer.

— Sim, é o que quero!

— Você é uma garota muito irritante e teimosa — afirmou ele.

— E você...

Pelo canto do olho, Page viu quando ele ergueu as mãos na direção dela e se encolheu de novo. Ahá! Era agora!

O MacKinnon se afastou depressa e ela ficou chocada ao perceber que ele apenas havia colocado um vestido seco sobre sua cabeça. Seu próprio vestido, pois o tecido era familiar, macio e gasto pelo tempo. O perfume era seu também.

E estava bem quentinho.

Ele havia saído para buscá-lo —, mas não se limitou a recuperá-lo, chegou ao ponto de secá-lo junto ao fogo.

Ela foi tomada pelo choque. Impressionada, deixou que ele puxasse o vestido por sua cabeça, puxasse e, feito um fantoche, ela esticou os braços para enfiá-los nas mangas.

A garganta ficou tão apertada que ela nem conseguiu falar. Ninguém jamais despertou tantas emoções nela quanto aquele estranho. Ninguém jamais cuidou dela assim. Ninguém jamais se

preocupou em saber se estava confortável, ou se sentia fome, ou solidão...

O coração apertou e, mais uma vez, o desespero ameaçou estrangulá-la.

Não conseguia acreditar que aquele estranho estava tratando-a com tanta... gentileza.

Ele a olhava de maneira estranha... como se pudesse ler seus pensamentos. E de repente ele fechou a cara e enrugou a testa, ao mesmo tempo em que ordenava:

— Coloque as mãos nas costas.

Page mudou de opinião quanto a ele na mesma hora e o encarou de uma maneira que ele dificilmente esqueceria.

O MacKinnon inclinou a cabeça e pediu:

— Não me obrigue a forçá-la, moça...

Ele poderia, percebeu ela, que rangeu os dentes. Mesmo assim, não podia obedecê-lo tão fácil.

— Você é um canalha, sabia?

Ele deu uma risadinha, parecendo indiferente à sua ira. O homem usava seu bom humor como quem traja uma maldita armadura!

— Já me disseram — confessou ele sem fazer justificativas. Agora coloque suas mãos nas costas para que eu possa amarrá-las.

— Por que não pode deixá-las soltas? — protestou ela, obedecendo mesmo assim. Melhor aguardar um momento propício e escolher as batalhas com sabedoria.

Podia ser útil saber quantos homens precisaria enfrentar, então se perguntou se ele lhe contaria.

— O que tem a temer de mim? — perguntou, tentando parecer casual. — Você tem mais de cinquenta homens...

— Tenho? — respondeu ele evasivamente, espiando-a, os lábios ligeiramente tortos.

O canalha! Sabia muito bem o que ela estava perguntando e nem lhe fazia uma mísera concessão.

— Quanto às suas mãos, moça, simplesmente não sou bobo de deixar você solta. Preciso dormir um pouco esta noite e não quero bancar a ama de uma garota tola que não sabe manter a língua quieta.

Ele esticou as mãos para amarrar os punhos dela atrás da árvore, mas não tão apertado dessa vez.

— Sinto muito por Lagan ter sido tão rude com você — disse ele, testando a corda. Page o amaldiçoou pelo pequeno gesto. Só servia para agitá-la ainda mais.

Ela decidiu ignorar o pedido de desculpas – e o gesto também.

— Claro que não espera que eu vá dormir assim!

— Como eu disse, moça... — O olhar dele encontrou o dela. — Certas coisas não podem ser evitadas. — Daí passou a arrumar o vestido de modo que as pernas ficassem cobertas. Page ficou irritada com aquele cuidado. Não queria ser compreensiva, não queria ficar em débito com aquele homem de maneira nenhuma!

Será que ele tratava o filho com tanta paciência? Tanta consideração? Ela não podia deixar de sentir uma pontinha de inveja com a ideia.

Porém, as ações dele também só serviam para salientar que seu próprio pai havia mentido novamente. Aquele homem batia no filho tanto quanto seu pai batia nela. Tal conclusão a deixou aliviada e aflita ao mesmo tempo.

Só então ela percebeu que estava sendo observada.

— O que você está olhando? — perguntou com raiva.

Os lábios dele se curvaram num sorriso.

— Achei que era evidente.

Page ergueu as sobrancelhas.

— Está imaginando se eu seria uma refeição saborosa? — aventurou-se a perguntar, irônica. — Não se dê ao trabalho, descobriria que sou amarga, garanto.

Ele entortou um pouco mais os lábios.

— Ideia tentadora... mas não. — A expressão dele ficou séria. Ele estendeu a mão de repente para afastar uma mecha de cabelo do rosto de Page, que considerou a ideia de lhe morder os dedos de tanta fúria que sentia. O MacKinnon simplesmente a manteve ali diante do rosto dela, separando as mechas molhadas entre os dedos. — Só estava imaginando o que você estava pensando, moça.

Moça.

A maneira como ele falava aquela única palavra... como se estivesse carregada de afeição, fazia com que ela estremecesse até a alma.

— Nada — mentiu, quase engasgando com a raiva e a tristeza. — Só que meu pai... — Ele prendeu uma mecha de cabelo atrás de sua orelha, e seus pensamentos perderam-se ao vento.

— Eu sei... ele vai arrancar meus olhos fora. — O MacKinnon concluiu a frase por ela, suspirando, enquanto soltava a manta quadriculada do cinto. Puxou-a das costas e a cobriu com sua formidável extensão.

Para a consternação de Page, estava aquecida pelo calor do corpo dele e lançava um perfume provocante para atormentá-la: luz do sol, cavalo e masculinidade. Sem qualquer razão, ela se viu perguntando se a pele dele seria queimada de sol ou pálida – de alguma forma, apesar do fato de não poder vê-lo claramente nas sombras, sabia que ele seria moreno devido aos afazeres sob o sol.

Imaginou-o com peito despido, trabalhando... e daí percebeu que ele não usava calção, então eliminou a imagem da mente imediatamente, chocada com a constatação. Sentiu-se ficar quente ao pensar nele com as pernas desnudas. Mas viu seus protestos serem silenciados pela batida feroz do coração traidor.

Até o MacKinnon se esticar diante dela e repousar a cabeça em seu colo. Ela encontrou a voz imediatamente.

— O que, em nome de Deus, você pensa que está fazendo, senhor?

Ele sorriu para ela e teve a audácia de piscar também.

— Vou dormir, claro. — O cabelo escuro estava espalhado sobre o colo dela, escuro feito seda negra.

Jesus! Ele estava completamente nu por baixo da túnica!

— Em cima de mim é que não!

— Ah, mas você está com o meu tartã, moça — apontou ele com bastante lógica, a voz sedosa. — Onde mais posso dormir senão aqui?

— Numa árvore, no que me diz respeito! — sibilou ela, fechando os olhos com força. Sem serventia, a imagem a assolou por trás das pálpebras fechadas com grandes detalhes. — E pare de me chamar de moça — rosnou, arregalando os olhos.

Os dele brilhavam sob a luz da lua.

— Está bem, moça — aceitou ele. — Mas como eu a chamaria então se não de moça?

Estava zombando dela. Page percebeu e ficou muda de raiva e decepção. Preferia ficar pendurada de ponta-cabeça a revelar seu nome para ele!

— Estúpido! Leve seu maldito tartã! Não permito que durma comigo! Saia de cima de mim!

Os lábios dele se curvaram com astúcia.

— Ah, mas não estou dormindo com você, moça. Estou dormindo sobre você — apontou, sem o menor escrúpulo. — E não, não saio. Que melhor maneira de manter você aquecida e livre de qualquer mal?

— Que maneira melhor de me vigiar enquanto dorme, é isso o que você quer dizer!

O sorriso dele se alargou.

— Isso também.

— Canalha arrogante! Eu poderia cuspir em você, sabia? E talvez eu cuspa! Espere para ver!

— Sim... você poderia — concordou ele. — Mas aí eu ficaria muito irritado e mandaria Lagan vigiá-la no meu lugar, e aposto que o grosseiro do meu primo adoraria fazer uma viçosa moça inglesa de travesseiro.

O MacKinnon se aninhou mais para provar sua afirmação, enterrando o rosto no colo dela, esfregando-o entre as coxas. O peito expandiu quando ele respirou fundo, suspirando audivelmente, parecendo tão satisfeito quanto uma criança que tem a chance de encher a barriga de doces.

O estômago de Page congelou. Algo bem lá no fundo de seu âmago feminino se agitou com o ousado gesto masculino, um calor se espalhou por sua região inferior.

— Ah, mas se você não se incomoda com a galanteria do Lagan...

Ele começou a se levantar, mas Page gritou:

— Não!

O MacKinnon deu uma risadinha e se deitou na mesma hora.

— Achei que você não apreciaria a ideia. Então boa noite, moça.
— Ele aninhou a cabeça mais uma vez, feito um menino inocente com sua amada mãe.

Mas ele não nenhum inocente.

Tampouco ela era amada.

E ele estava deitado no colo dela!

De pernas despidas.

E ela também, a propósito.

— Seu bruto arrogante! — exclamou ela, encarando-o com ferocidade. — Deus sabe que o único mal que eu tenho a temer é o que vem de você mesmo!

— Então você não tem nada a temer — contrapôs ele, virando-se de lado com indolência e esticando o braço enorme sobre a perna dela, acomodando-se.

O braço dele era da largura da coxa dela!

— De qualquer forma, só terá que suportar uma noite — garantiu ele. — Amanhã estará segura novamente com o seu pai.

Page queria dar um tapa naquele rosto arrogante, queria cravar os dentes na carne dele! Quanto atrevimento!

— Saia de cima de mim — gritou ela, tentando libertar as mãos. Ela murmurou uma praga horrenda por não conseguir soltá-las.

— Ah, mulher, seu pai sabe dessa sua língua suja?

— Não é da sua conta! Monstro! Fique aí à vontade, não faça cerimônia! — Ela lutou contra a vontade de berrar, sabendo que a última coisa que precisava agora era acordar seus homens.

— Acho que não vou me fazer de rogado — murmurou ele.

E teve a petulância de fechar os olhos, ignorando-a por completo, fazendo Page querer socar seus ouvidos. Ela tentou mover as pernas, mas ele a mantinha inegavelmente presa com seu peso. Page deixou de lutar para conjurar cada blasfêmia que já ouvira na vida.

— Estúpido! — sibilou. — Porco! Patife! Escocês!

Os lábios dele se curvaram num sorriso.

Ela enrugou a testa. Tentou pensar em coisa pior.

— Monstro! Demônio! Belze...

— Devo elogiá-la pela maestria com as palavras. — Foi tudo o que ele disse.

— E você nunca vai recuperar seu filho — jurou ela com raiva.

A expressão dele ficou séria na mesma hora, mas o MacKinnon não abriu os olhos.

— Para o seu bem, moça, é melhor rezar pedindo que sim.

Page sentiu a desesperança invadir sua própria alma. Não sabia o que dizer. Não lhe sobrara mais nada para dizer! Não tinha mentido. O MacKinnon não receberia o filho de volta. Seu pai não negociaria com ele, e ela estava condenada. Condenada!

— Se eu soubesse que me responderia a verdade — disse ele, depois de um longo instante —, eu perguntaria como está o meu filho.

Os olhos permaneceram fechados, mas Page viu que o queixo dele continuava tenso. A preocupação permeava suas feições.

Maldito! Por mais que o desprezasse, ela não conseguiria negar a resposta que ele procurava. Isso era uma coisa que jamais poderia esconder de um pai ansioso.

Ela deu um suspiro irascível.

— E se eu estivesse disposta a responder, diria que ele está muito bem. Não foi maltratado, se é o que teme – não por nós! Ele só não fala, é isso.

Ela viu a tensão se aliviar um pouco do rosto dele. Page se viu sentindo inveja do menino por ter um pai que se preocupava tanto com ele. Mas... os pais sempre prezavam os filhos homens, não é?

O coração dela apertou de dor.

— Obrigado — murmurou ele, e não se dignou a falar com ela novamente.

Page virou o rosto, tentando ignorar o estranho deitado de maneira tão íntima no seu colo.

Foi um gesto inútil. Nunca na vida se sentiu tão ciente de outro ser humano.

Segura novamente com o pai, pois sim!

Era uma ideia ridícula. Segurança era mais do que estar simplesmente à salvo do mal. Sabia disso por instinto... mas mesmo assim... jamais conheceu tal sensação. A segurança era um conceito estranho, pois falava de calor e carinho... um abraço de acolhimento... coisas que ela jamais conheceu. Page bufou e se recusou a olhar para o MacKinnon até ouvi-lo roncar. Ele dormiu rápido, e com facilidade! Devia mesmo cuspir nele. Seria bem feito! Devia babar em cima dele também!

Ela remexeu o corpo, tentando deslocá-lo das pernas, mas não adiantou. O peso, como ele pretendia, tornava isso impossível. Homem insuportável, desprezível!

Devia gritar no ouvido dele –, mas isso, alertou a si mesma, só serviria para acordar o resto do bando também. Tampouco queria que ele realizasse a ameaça e mandasse Lagan vigiá-la em seu lugar. Confiava menos ainda naquele homem.

O que a levava a um pensamento inteiramente diverso... Era lamentável que o homem que, pela lógica, deveria ser o mais cruel fosse o mais gentil.

Isso não fazia muito sentido.

Logo após essa conclusão, ela percebeu algo ainda mais sem sentido. Ocorreu-lhe que, enquanto admirava o semblante por demais atraente de seu raptor, que ainda não havia determinado a cor dos olhos dele.

O que ele faria quando seu pai recusasse uma negociação?

Um tremor perpassou-lhe a espinha; medo?

Page se recusava a admitir o medo.

O último pensamento coerente antes de cochilar não foi diferente daquele de um cãozinho perdido, refletiu ela com certo lamento... pois lhe ocorreu imaginar então se o MacKinnon ficaria com ela.

Que Deus a perdoasse, mas essa ideia tola incendiou uma pequenina chama de... alguma coisa... Alguma coisa tão absurdamente irracional que ela se recusava a nomeá-la.

Mesmo tendo forçado o corpo a descansar, a mente de Iain trabalhou sem cessar durante a noite.

Em seu estado de semiconsciência, estava completamente ciente de onde estava deitado. Pôde ouvir a respiração regular e constante da moça quando finalmente caiu no sono, e o descanso cortado pelos sonhos que a perturbavam.

Compreendia muito bem o que aqueles gemidos falavam porque suas próprias noites costumavam ser atormentadas por demônios também – e pioraram desde o rapto de Malcom.

Ela estava com medo, percebeu Iain, sentindo uma ponta de culpa. Apesar de ter muito orgulho para não se acovardar diante dele quando acordada, não havia como escapar do medo nos sonhos.

Mesmo sendo carne e sangue do inimigo, Iain não podia deixar de admirá-la. Ela mascarava o medo muito bem, enfrentou-o feito uma loba feroz. Até mesmo em defesa de seu filho! Só queria não ter recorrido a algo que lhe causava tanta aflição, mas não pôde evitar.

Faria qualquer coisa para assegurar o retorno de Malcom.

Estava completamente desperto quando a manhã nasceu, mas não queria se mexer para não acordar. Deixou-se ficar por um longo tempo, deitado ali, ouvindo o ritmo tranquilo da respiração e saboreando o perfume delicado da mulher sobre a qual estava tão intimamente aninhado. Sorriu, lembrando do tom de voz indignado quando ele ousou se insinuar para ela.

Não pretendia ser tão ousado – a ideia era dormir ao lado, não em cima dela –, mas o perfume e a visão sedutora haviam apelado para seus instintos básicos. E daí, ao se ajoelhar ao lado dela, importuná-la, ouvi-la insistir que sabia cuidar de si mesma, que não precisava da ajuda dele, vendo-a esfregar os punhos doloridos pela falta de circulação, foi tomado por um estranho carinho. Ela não era tão forte quanto aparentava, percebeu ele, e estava inteiramente disposto a apressar as negociações para que ela retornasse em segurança para o pai.

Na verdade, se fosse qualquer outra mulher, em qualquer outra circunstância, gostaria de conhecê-la melhor.

As narinas alargaram quando Iain inalou o cheiro dela para dentro dos pulmões. O corpo reagiu ao perfume de sereia feito um homem faminto sentido o cheiro do maná do céu.

Ele abriu os olhos e espiou o rosto dela, tentando ignorar o ardor insistente na virilha.

Ela ainda dormia, a cabeça pendendo para a frente. Tocada pela fraca luz da manhã, as feições dela eram suaves e delicadas, calejadas apenas pela lembrança de seu temperamento teimoso. Os lábios de Iain se curvaram de leve ao visualizá-la diante de si, os punhos cerrados na lateral do corpo.

O pai arrancaria os olhos dele fora, não é?

Megera.

O cabelo era da cor de vermelho-vivo. Firmemente trançado às costas, era de comprimento indeterminado, mas os cachos que caíam sobre o rosto eram longos o bastante para varrer sua testa. A sensação dos cabelos sobre sua pele o enrijeceu completamente, e Iain teve que se conter para não puxar uma mecha para a boca e saborear. Em vez disso, esticou a mão, testando a suavidade do cacho entre a ponta dos dedos.

Notou que os cílios dela eram longos e escuros, mais escuros do que o esperado para alguém com a pele tão clara.

E os lábios... eles eram o melhor traço, concluiu ele, cheios e sedutores... feitos para serem sugados.

O olhar buscou os seios. Subindo e descendo com o sono, eram o segundo melhor atributo, concluiu ele. Altos, redondos e cheios, foram feitos para nutrir a criança de um homem... estimular o apetite de um homem... para serem sugados e amados.

Minha nossa.

Iain fechou os olhos, controlando os pensamentos, e estremeceu. Erguendo a cabeça, rolou para longe dela, dizendo a si mesmo que não precisava ficar se ocupando com o busto de uma mulher – ou a boca!

Não agora.

Muito menos com os dela!

Tendo o cuidado de não acordar, ajoelhou-se, envolvendo o corpo dela de modo que pudesse segurá-la, e então estendeu as mãos por trás da árvore para soltar seus punhos. Uma vez solta, ela tombou para o lado. Iain a segurou e a deitou no chão para verificar se os punhos estavam feridos. Franziu a testa ao examiná-los. Mesmo tomando o cuidado de não apertar muito, estavam bem marcados. Deviam ter incomodado muito, mas ela não disse uma palavra em protesto. Gentilmente, Iain começou a massagear os

punhos e as mãos dela, os dedos, e ficou surpreso ao descobrir o quanto eram ásperos ao toque. Não eram macios como ele tinha imaginado. Franziu o cenho ao virá-los, imaginando por que estavam tão calejados.

O olhar buscou o rosto e descobriu que ela estava acordada e observando, uma expressão estranha aninhada dentro dos olhos emotivos... olhos de um castanho tão profundo que lembravam uma caverna escura e fria. Atraíam-no do mesmo jeito que seu santuário de infância – o grande monte de pedra que o atraía apesar das advertências e pragas do pai –, com a promessa de segredos a serem revelados.

Quais segredos ela tinha a revelar?

Ela puxou a mão e ajeitou-se para sentar, afastando-se dele.

— Você não tem uma barganha a fazer? — perguntou ela, a voz rouca de sono. — Ela ergueu a sobancelha. — Ou já mudou de ideia e concluiu que não pode ficar longe de mim, afinal?

— Mulher irritante — disse Iain sem muita convicção. Ele sacudiu a cabeça, sorrindo. — Você não para, não é, moça? O que está pensando? Que eu arriscaria meu filho pelo conforto do colo de uma mulher? Acho que não.

Ela revirou os olhos.

— Claro que não — respondeu, abraçando-se e encarando-o com desdém. — Eu mesma esqueço, mas ele é seu filho. — Daí ela perguntou, estreitando os olhos. — Será que você faria o mesmo por uma filha?

Iain apenas a encarou, a sensação de desconforto aumentando.

— Com toda a certeza, moça — respondeu ele depois de um instante de deliberação, os olhos estreitados de maneira pensativa. — Eu faria o mesmo por qualquer um do meu clã. Seu pai não faria o mesmo?

Ela ergueu o queixo, inclinou a cabeça e sorriu de leve.

— É o que veremos, não é? — O sorriso dela aumentou quando ele franziu a testa.

Ela estava provocando-o, percebeu ele.

Uma criatura tão contraditória, ela tinha berço nobre e coragem suficiente para vencer a vontade de um rei, mesmo assim – o olhar dele buscou as mãos que ela continuava esfregando – aquelas mãos estavam mais adequadas à de uma mulher das Terras Altas do que a uma frágil dama inglesa. Ela acompanhou o olhar dele e pareceu compreender o escrutínio, mas não se deu ao incômodo de explicar. Ele não se incomodou em perguntar.

Ela não era preocupação sua, Iain disse a si mesmo.

E assim decidido, ele pôs Broc para vigiá-la e aguardou pelo retorno de Lagan e Ranald, andando de lá para cá enquanto esperava, sempre ciente dos olhares ferinos que a filha de FitzSimon lançava em suas costas. Ignorou-a por certo tempo, ansioso pela negociação que seria feita.

Seu primo não demorou a retornar, sem qualquer notícia sobre o acampamento de Henrique. Não importava, Iain garantiu a si mesmo, não precisaria disso. Era uma simples troca: a maldita filha do sujeito por seu filho!

Então por que a sensação de fracasso se infiltrava por seus ossos?

Alguma coisa não estava certa.

Ele reuniu os homens que o acompanhariam, deixando apenas Ranald vigiando a filha de FitzSimon. Quanto maior fossem os seus números, avaliou ele, melhor seria. Mas não conseguia se livrar da sensação de desconforto que lhe resvalava.

Nem conseguia banir a filha de FitzSimon de seus pensamentos.

Mesmo aguardando o surgimento de FitzSimon nas ameias, a expressão dela continuava a assombrá-lo. Continuava vendo o rosto dela ao partir, orgulhoso, mas melancólico.

Algo o atormentava... Algo que ele ainda não havia parado para examinar.

O desgraçado estava demorando muito.

Embora Iain permanecesse montado, uma enlouquecida parte sua caminhava diante do portão da barbacã, gritando obscenidades e esmurrando o maldito rastrilho. Deus, ele queria o filho de volta! Estava desesperado para ter Malcom de volta.

E ele estava perto, muito perto, mas mesmo assim...

O homem não estava disposto em encontrá-lo cara a cara. Preferia, em vez disso, esconder-se por trás dos muros de pedra e dos arcos dos seus homens.

Também não parecia estar com muita pressa para aparecer.

Não era o gesto de um homem que tem grande afeição pela filha e deseja o seu retorno a qualquer custo.

Perceber isso fez com que os pelos na nuca se arrepiassem, e Iain se viu muito feliz pela indiscrição da moça. Apesar de Lagan e Angus terem limpado a área durante a noite inteira em busca do acampamento inglês, sem serventia, a informação ainda poderia funcionar em seu proveito – isso se ela tivesse falado a verdade e o rei Henrique estivesse, de fato, para chegar.

Por fim, quando FitzSimon se dignou a aparecer, Iain achou o homem arrogante e indiferente. Para alguém cuja filha havia caído em mãos inimigas, ele reagia com pouquíssima preocupação com a notícia. Iain preparou-se para a dúvida do homem, dizendo a si mesmo que talvez agisse da mesma maneira sem provas maiores – talvez tivesse demorado tanto a aparecer porque estava procurando pela filha lá dentro. Com um gesto silencioso, ordenou que o velho

Angus lhe entregasse o sapato da moça. Angus atendeu imediatamente, incitando a montaria para lhe entregar. Pegando-o, Iain se preparou para atirá-lo no caminho de ronda. A declaração de FitzSimon deteve sua mão.

— Então você está com ela, e daí? O homem deu de ombros, colocando as mãos de maneira imperiosa nos quadris. — O que quer de mim, MacKinnon?

Iain demorou um instante para compreender a importância da pergunta. Como no momento em que Mairi se atirou da janela do quarto, ele se sentiu impotente e momentaneamente atordoado. Podia sentir de repente Malcom sendo arrancado dele, a possibilidade de seu retorno diminuindo, a sensação era quase física. Ele manteve a calma, sabendo que sua emoção só atrapalharia agora. Teria tempo para sentir o que quisesse quando Malcom estivesse mais uma vez em seu abraço.

— Meu filho por sua filha, FitzSimon! — proferiu Iain, falando com cerimônia. Ele atirou o sapato.

FitzSimon não se preocupou em pegá-lo, apenas olhou com desdém enquanto o sapato caía no adarve, desprezado aos seus pés. Ele gargalhou de repente, ruidosamente, a barriga sacudindo com o esforço. — Valha-me Deus, homem! Para que eu quero aquela fedelha? — perguntou, sacudindo a cabeça. — Tenho muitos filhos e meios de fazer outros mais! — Ele deu um tapa na barriga em sinal de beneficência. — Leve-a se lhe agradar, MacKinnon. Mas acho que vou ficar com o menino. Não sou desmiolado para me submeter à ira de Henrique por causa de uma garota irritante, mesmo que seja filha minha!

Iain mal podia acreditar em seus ouvidos. Embasbacado com aquele anúncio cruel, avisou ao homem:

— Se recusar, FitzSimon, sua filha não viverá para ver o pôr-do-sol!

FitzSimon apenas sorriu.

— Verdade? Pois bem... — Ele lhe deu as costas, indiferente à ameaça. — Faça boa viagem de volta para casa — concluiu, gargalhando novamente. Falando baixo com seus homens, dispensou Iain de uma vez por todas.

O corcel de Iain empinou, bufou protestando contra a tensão sobre seu corpo, então seu mestre diminuiu a pressão dos joelhos, dando alívio ao animal. O mau pressentimento logo se esclareceu, pois as palavras da moça lhe vieram à mente: Será que você faria o mesmo por uma filha?

Maldita fosse, ela sabia.

O estômago revirou diante daquela revelação.

Ele trincou o queixo. Ele se negava a conceder vitória ao desgraçado arrogante. — FitzSimon! — chamou. O homem mais velho parou de repente e tornou a encará-lo. — Acho que você tem pouca escolha nesse caso — afirmou Iain, o tom inflexível. — Ou você manda o menino para cá agora, ou enterrarei seu rei também!

As mãos de FitzSimon caíram pelas laterais do corpo, o interesse provocado.

— O que diz, MacKinnon?

— Nesse mesmo instante — mentiu Iain sem remorso —, o resto dos meus homens está com o acampamento de Henrique cercado, esperando uma ordem minha. — Não importava como atingiria o objetivo, era só o atingir. — Deus é testemunha — jurou —, recuse entregar minha carne e sangue hoje e destruirei seu rei desgraçado com minhas próprias mãos!

FitzSimon pareceu considerar a ameaça.

— Está mentindo, MacKinnon! — declarou ele após um instante de deliberação.

Era um desafio, pensou Iain, que sorriu.

— É o que você acha? — perguntou com frieza. A montaria empinou inquieta, erguendo a cabeça e andando para trás, refletindo a própria agitação do dono. Ele estalou as rédeas. — Está disposto a arriscar, FitzSimon? Devo trazer o desgraçado aqui e matá-lo bem diante dos seus olhos? Vai acreditar se for assim?

— Desgraçado! — retrucou FitzSimon. — Acho que você não faria isso! O que me impediria então de entregar seu filho espetado por minha lança?

O controle de Iain explodiu com a ameaça. Ele se ergueu na sela, apoiado pelo estribo, a fúria evidente em cada centímetro do corpo rígido.

— Que Deus lhe ajude, FitzSimon! Eu destruiria cada centímetro dessas suas malditas terras! Não descansaria enquanto seu coração negro não estivesse nas minhas mãos! E juro pela pedra de Jacó que não descansarei enquanto seu sangue não salgar essa terra! Devolva meu filho agora mesmo!

O homem mais velho pareceu se horrorizar um pouco, mas deu um passo adiante e disse, encarando-o lá de cima:

— Seu escocês desgraçado e arrogante! O que me impede de colocar uma flecha no seu crânio maldito enquanto falamos? — Os homens de FitzSimon se colocaram em posição com a ameaça, preparados para cumpri-la, mas FitzSimon ergueu a mão, detendo-os. — Melhor falar agora, antes que você me atice demais.

Iain tirou o elmo num gesto de desafio, sorrindo com resolução. Estava muito contente pelo homem solitário que deixou na elevação ao longe.

— Olhe atrás de mim, FitzSimon — sugeriu ele, a expressão cheia de confiança. — Vê aquele vigia em cima do morro?

FitzSimon abrigou os olhos e examinou o horizonte, como esperado. O rosto, ao se voltar novamente para baixo, estava visivelmente tenso. Era óbvio que vira o brilho da malha.

Não havia como FitzSimon saber quantos homens levara consigo, ou quantos estavam esperando além do morro. Ele não tinha como saber que Iain levara cada um de seus homens, exceto um, para fazer a barganha.

— Não poderá alcançá-lo a tempo de impedir que meus homens sigam suas ordens — disse Iain. — Estão aguardando, enquanto conversamos. Mas... a escolha é sua. Quer mesmo me testar, FitzSimon?

O rosto de FitzSimon se transformou numa máscara de fúria comedida.

— Como é que soube da chegada de Henrique? — perguntou, protelando com astúcia. Virou-se para falar asperamente com um dos seus homens, que saiu dali apressado.

Iain se acomodou novamente na sela, reconhecendo o primeiro sinal de concessão. O sorriso ficou mais rígido.

— Você pode agradecer à sua filha por isso — revelou. E aconselhou: — E nem pense em mandar um homem avisar o exército do rei. Já previ isso também. Ele não conseguiria nem atravessar a saída dos fundos sem uma flecha no crânio.

FitzSimon perdeu a compostura de vez, batendo o pé e esbravejando, gritando obscenidades. Iain ficou espantado com aquela exibição imatura.

— Maldita seja aquela vadia imprestável! — disparou ele, parando de repente para encarar Iain em silêncio.

Iain pressentiu a vitória naquele instante e exigiu:

— Mande o menino para cá, FitzSimon, e deixarei seu rei inteiro!

— Como posso saber que fala a verdade, MacKinnon? Me dê uma prova.

— Que prova posso oferecer, senão a cabeça de Henrique, FitzSimon? Não, acho que terá que confiar em mim desta vez.

— Confiar em você? — zombou FitzSimon. — Só um tolo confia num maldito escocês! Mesmo que eu devolvesse o menino, que garantia tenho eu de que não atacará Henrique?

— Só a minha palavra — contrapôs Iain. — Devolva o menino e dou minha palavra de que não machucarei seu rei ladrão. Só o que desejo é o retorno de Malcom, nada mais. Devolva-o, FitzSimon, e levarei meus homens embora imediatamente.

FitzSimon teve outro ataque de raiva, amaldiçoando o destino dos escoceses, amaldiçoando David da Escócia por colocá-lo numa posição tão precária ao pedir seu favor. Reuniu-se com seus homens e depois tornou a se dirigir a Iain.

— Pois bem, devolverei o menino. Leve esse estorvo estúpido e suma daqui!

Deu as costas no mesmo instante, sem se preocupar em esperar pela resposta de Iain, e falou com um dos homens antes de sumir do adarve. Uma eternidade pareceu se passar, mas não demorou para que o rastrilho fosse erguido. O coração de Iain batia ferozmente quando ele desmontou e começou a andar na direção do portão que se abria.

— Espere, lorde! — chamou Dougal. — Pode ser um truque!

Iain não conseguiria parar mesmo que tentasse.

A princípio não viu Malcom, escondido atrás do guarda que o precedia, mas quando a cabecinha dele surgiu por trás da estrutura gigantesca do guarda, Iain pensou que o coração explodiria de alegria e alívio. Malcom deu um grito e correu na direção de Iain,

que perdeu todo o comedimento no mesmo instante e começou a correr também. O filho pulou em seus braços com um choro de alegria, e Iain o abraçou sem qualquer vergonha.

— Filho! — disse com rouquidão, enterrando o rosto no ombrinho robusto do menino. — Malcom, Malcom!

— Sabia que viria, pai! Sabia que viria! — Malcom se aninhou no pai. — Eu não chorei — declarou com orgulho. — Não contei nada! Eu juro que não!

Iain riu de mansinho.

— Foi o que soube, filho. Não falou nada!

Estava vagamente ciente do portão sendo fechado às suas costas e do rastrilho sendo baixado enquanto Malcom se agarrava nele.

— Sabia que viria — repetiu Malcom, começando a chorar como qualquer criança. Iain puxou a cabeça do menino para seu ombro, confortando-o, segurando suas próprias emoções extremas. — Vou levá-lo para casa, filho — jurou, a voz falhando.

— Que comovente — declarou FitzSimon lá de cima do adarve, o tom cheio de rancor. — Agora pegue seu bastardo e suma, MacKinnon!

Iain inclinou a cabeça para trás, fitando o adarve para encontrar o olhar de FitzSimon.

— Sim — concordou. — Você cumpriu sua parte do acordo, FitzSimon, então cumprirei a minha. Sua filha será devolvida em uma hora.

— Não! — Ele sacudiu a cabeça com veemência. — Fique com a maldita vadia!

Iain ficou completamente dormente. Claro que ele não estava... Só estava zangado...

— Se devolvê-la — jurou FitzSimon —, arranco aquela língua maldita por essa traição!

Iain segurava o filho com completa descrença.

— Não preciso da moça — retrucou. — Não acredito que...

— Fique com ela ou mate-a! — declarou FitzSimon. — Não me importa, só suma com ela da minha vista!

E então se retirou, encerrando o discurso de uma vez por todas, deixando Iain e seus homens completamente chocados.

Os homens pareciam desconfortáveis enquanto se afastavam do castelo.

Iain sabia que estavam ao mesmo tempo empolgados e aliviados com o retorno de Malcom, mas deviam estar pressentindo seu humor, pois permaneceram contidos, aguardando a vez de dar ao menino as boas-vindas do grupo.

Iain estava confuso.

Não importava que a refém que os aguardava não fosse alguém do clã, pois ele antecipava a dor e o pesar da mesma forma, e se viu enfurecido por causa dela. Atipicamente, o filho estava agarrado às suas costas, aceitando as zombarias afáveis e os tapinhas de boas-vindas com uma branda animação. Iain mal percebia o que seus homens faziam. Por mais que tentasse, não conseguia se esquecer das exibições de orgulho da moça.

Ela parecia ter tanta certeza.

Ou será que não?

É claro que ele me estima... Sou a filha dele, não sou?

Ela não parecia tão certa naquela hora, o que o fez se indagar...

Já mudou de ideia... Concluiu que não pode ficar longe de mim, afinal...?

Bom, ela não era preocupação sua.

Claro que o pai dela não cumpriria as ameaças se ele a devolvesse.

No fim das contas, era a filha dele, sua carne e sangue. Ele só estava zangado. Decidido, ele esticou o braço para trás para segurar Malcom pela cintura. Trouxe o filho para se sentar diante dele, inspecionando-o. Os homens se afastaram, concedendo-lhes privacidade. Malcom deu uma risadinha e se agarrou ao pai novamente, parecendo temeroso de que ele sumisse de vista caso o largasse. O coração de Iain apertou no peito.

— Senti sua falta, filho — disse com afeição, bagunçando o fino cabelo dourado de Malcom. Teve que se segurar para não dar início a um interrogatório ali mesmo. Mais do que tudo, desejava descobrir o nome do traidor, perguntar como fora tratado, garantir-lhe que isso nunca aconteceria novamente, mas sabia que esse não era o momento. Tudo o que importava agora era que Malcom estava a salvo — jamais permitiria que nada os separasse novamente. Não, ele faria perguntas ao Malcom depois, quando o filho se sentisse seguro novamente... quando a filha de FitzSimon já não fosse mais preocupação sua.

FAZIA anos que Page não roía as unhas, mas agora estava ali sentada mastigando-as, observando o tal Ranald andar de um lado para o outro na frente dela. Na verdade, Ranald parecia nem a notar. E ela já teria tentado fugir se, quando ousou sair de seu lugar junto à árvore, ele não tivesse se virado para rosnar para ela feito um cão protegendo um osso.

Page nunca havia chutado um cachorro – nunca sentiu tal vontade. Na verdade, havia escondido vários em seu quarto, para alimentá-los com as sobras roubadas da mesa, mas com certeza estava com vontade de chutar Ranald agora. Assim como seu lorde, não passava de um bruto arrogante.

Ela se perguntava se o MacKinnon já havia se encontrado com seu pai. Estava preocupada com o que seu pai diria.

Acima de tudo, ela temia encará-lo.

O MacKinnon, na verdade, não seu pai.

Page suspeitava de que talvez jamais colocaria os olhos no pai novamente.

Mas não era isso o que mais a preocupava.

Irrracionalmente, o desespero que ela sentia para escapar não se sustentava tanto no fato de querer ir para casa, e mais no fato de que se sentia inteira e merecidamente humilhada de ter que encarar o rosto do MacKinnon. Havia falado com orgulho e feito ameaças enganosas, e tão logo ele falasse com seu pai, saberia a verdade.

Por que se importava com o que ele pensaria dela?

Será que riria da cara dela? Que zombaria dela? Sentiria pena?

Achava que não conseguiria suportar; qualquer coisa seria melhor do que pena. Os olhos ardiavam só de imaginar.

Escocês arrogante, enganoso!

Por que havia lhe demonstrado consideração?

Teria sido bem mais fácil se ele tivesse demonstrado crueldade. Era algo com o que ela saberia lidar! Ela teria rangido os dentes e suportado. Mas pena era uma coisa inteiramente diferente.

Por que ele tinha que chamá-la de moça, como alguém que se importasse?

O tom ao chamá-la fazia com se sentisse... Ela não sabia ao certo como se sentia. Só sabia que a excitação que experimentou

quando ele falou com ternura – parecia mesmo com ternura – nem começava a eclipsar seu desespero.

De alguma forma, no espaço de uma única noite, ele conseguira abrir cada ferida que ela curou ao longo dos anos.

Tanto ela quanto Ranald ouviram a aproximação dos cavalos ao mesmo tempo.

Ranald parou de andar para encarar o clã que saía das árvores para a clareira. O coração de Page estava fechando sua garganta. Lágrimas quentes, por mais que quisesse reprimi-las, ardiavam em seus olhos. Ela não ousou se levantar – pelo contrário, sentiu vontade de cavar um buraco fundo no chão e esconder-se ali pelo resto de seus dias. Não devia se importar, disse a si mesma, mas sabia muito bem que era uma grande mentira. De alguma forma, ela se importava muito com o que o MacKinnon pensava dela.

O homem chamado Lagan apareceu primeiro, acenando e falando fervorosamente na língua dos escoceses, e Page não fazia ideia do que ele estava dizendo. Na verdade, ela não saberia dizer se ele estava furioso ou alegre, pois suas expressões eram misturadas. Alguns homens vieram para a clareira logo atrás dele; também falavam animadamente.

E então veio o MacKinnon, e Page entendeu de imediato.

As emoções a sufocaram, as lágrimas começaram a escorrer pelas bochechas. Não podia detê-las, pois o filho de MacKinnon estava sentado diante dele.

Seu pai havia aceitado a negociação!

Ele a queria de volta!

O estômago dela agitou-se. Ela se sentia tão aliviada que achou que talvez fosse vomitar. Secando as bochechas com as mãos, Page ficou de pé para encarar o MacKinnon com uma gargalhada emotiva que vinha lá do fundo.

Seu pai a queria de volta!

Ela se sentia invulnerável por saber disso, entusiasmada como nunca antes, feliz, como se estivesse voando nas alturas do Paraíso de tanta alegria.

Até o olhar do MacKinnon se voltar para ela.

O olhar que ele lhe lançou provocou um tremor pela espinha. A postura estava rígida na sela, o músculo no queixo saltava, os olhos dourados se cravaram nela com a mesma pontaria de uma flecha galesa. Que Deus lhe valesse, pois não conseguiria desviar o olhar mesmo que tentasse.

Ela havia chorado.

Uma raiva inexplicável cresceu dentro de Iain.

Maldição! Ela não era preocupação sua.

O melhor que poderia fazer era soltá-la e seguir seu caminho.

Então por que sentia vontade de dar a volta na montaria, chamar o pai dela e passar sua lâmina pelo coração negro do desgraçado?

No instante em que ela viu Malcom sentado diante dele, os olhos dela se iluminaram de alegria. Não havia nenhum sinal do orgulho vingativo. E alívio, ele enxergou alívio ali também. O coração dele se condeu, pois sabia exatamente o que ela havia pensado. Ela presumiu que o pai havia barganhado seu retorno.

Desgraçado desprezível. Ele devia ter barganhado o retorno dela!

Iain não tinha coragem de contar a verdade a ela.

Como poderia lhe dizer que o patife do próprio pai lhe dirigira os piores insultos? Que ele não se importava nem um pouco com o que era feito dela e que não queria seu retorno de maneira nenhuma? Que havia jurado até mesmo que arrancaria sua língua? Que tipo de pai era aquele?

Não, não podia fazer aquilo; não teria coragem de partir o coração dela.

Como o pai dela tinha?

A expressão esperançosa foi a ruína de Iain. Ou talvez fosse a lembrança da maneira heroica com que ela falara do pai que simplesmente não se importava com ela.

Aquilo revirou o estômago dele, fez com que sentisse coisas que não deveria sentir.

A moça se aproximou, parecendo mais frágil do que Iain se recordava, e isso bastou para que ele apagasse o desgosto do rosto. Acreditava que meras palavras poderiam partir o coração dela em dois. Iain a imaginou caída, chorando aos seus pés, o espírito despedaçado, e aquela imagem ao mesmo tempo o angustiava e zangava.

Não, ele não podia contar a ela.

— Você... — Ela engasgou com as palavras. — Você vai me levar para casa agora? Os olhos dela estavam brilhantes e cheios de esperança, a voz, suave e esperançosa. — Vai me levar para casa?

O coração de Iain apertou ainda mais. Queria naquele instante puxá-la para seus braços, tranquilizá-la, espantar seus temores com seus beijos, eliminar os vincos de preocupação da testa. Queria sacudi-la com força e dizer que seu pai era um péssimo exemplo de pai e que não precisava dele.

Por Deus, a filha de FitzSimon era a última coisa que ele precisava na vida. Era uma mulher enervante que provavelmente deixaria o resto do seu cabelo branco antes do tempo, mas ele se sentia compelido a poupar os sentimentos dela apesar do fato.

Infelizmente, só conhecia um modo de fazer isso.

Sem compreender de fato o que o movia, ele disse:

— Não, mulher. Não vou.

As sobrelhas se uniram com ar de confusão, e ela empertigou o corpo. — O que quer dizer com “não vou”?

Trincando o queixo, ele disse:

— O que acabou de ouvir, mulher. Não a devolverei ao seu maldito pai! — A voz dele estava desprovida do calor da raiva, mas ela não pareceu notar isso em sua crescente irritação. Iain pensou que ela parecia mais forte armada com a fúria.

Os olhos dela estavam arregalados numa mistura de choque e ultraje.

— Mas ele devolveu seu filho! — apontou ela.

Iain pôs a mão sobre as costas de Malcom.

— Devolveu sim — concordou ele, dando uma olhada em seus homens, buscando o olhar deles, um por um. O espanto estava mais do que evidente nos semblantes, mas ele avisou em silêncio que não deveria ser contradito. Mas na verdade, Iain não os julgava capazes disso, mesmo que quisessem. O queixo do velho Angus havia caído quase até a barriga, e se Iain não estivesse tão zangado, talvez tivesse achado a expressão contrariada do velhaco uma coisa cômica. Seu olhar retornou para a filha do FitzSimon.

Ela estava ficando furiosa, mas ele ficou grato por isso, pois sabia que precisaria da fúria dela para ajudá-la.

— Mas meu pai cumpriu a parte dele na barganha! — guinchou ela. Iain apenas assentiu, mas o queixo ficou tenso. — Vai voltar atrás na sua palavra, senhor?

— Parece que sim — mentiu ele, sem remorso.

— Mas papai — murmurou Malcom, encarando-o com espanto. Iain o silenciou com uma olhada e um tapinha nas costas.

— Como você ousa? — berrou ela. — Por quê? Por que faria isso?

— Muito simples — disse Iain, firmando o olhar nela. — Olho por olho, moça. Seu pai cooperou com a captura do meu filho. Nada mais adequado do que lhe retribuir o favor do mesmo jeito.

— Você é louco!

Iain achou que talvez fosse mesmo.

— Talvez eu seja, moça — concordou franzindo o cenho. —
Todavia, você virá conosco.

— Mas meu pai! — exclamou ela.

— Seu pai — declarou ele — pode ir para o inferno!

— Ele vai caçar você! — jurou Page.
Ela não conseguia acreditar!

Estava dividida entre a descrença de que seu pai se arriscaria à ira do rei para tê-la de volta e a pura alegria por ele ter feito isso. Mas também estava furiosa com o homem diante de si, por ousar quebrar o pacto com seu pai na primeira vez na vida em que ele parecia prezá-la, desejá-la – e esse canalha ousava roubar essa alegria!

Não se ela pudesse impedir, por Deus!

Ela olhou ao redor e viu que todos os homens estavam encarando seu lorde, as expressões tão chocadas quanto a dela devia estar. O estupor deles lhe deu a oportunidade necessária. Não importava quanto homens a cercavam. Ela não tinha qualquer intenção de acompanhá-los pacificamente. De uma maneira ou de outra, ela retornaria para o pai. Eles teriam que matá-la para impedi-la!

Sem dar aviso de sua intenção, ou tempo para considerar sua reação, Page se virou, encontrou uma brecha e disparou frenética na direção da floresta.

Ela ouviu o MacKinnon praguejar às suas costas.

Page não ousou desacelerar o passo, mesmo quando os sons de perseguição começaram, nem olhou para trás para ver se estava sendo seguida. Ela correu com toda a força que tinha, adentrando a floresta com a facilidade de alguém que a conhecia intimamente.

E de repente a bainha da roupa agarrou numa raiz retorcida. Ela praguejou baixinho, tentando se soltar, e aqueles preciosos segundos perdidos foram sua desgraça. Num instante, ela estava cercada por escoceses carrancudos. E mais uma vez ela foi confrontada pelo MacKinnon, já sem o filho sentado na sela.

Ele desmontou, a expressão sombria ao se aproximar dela. Page achou que ele a atacaria, tal o propósito de seus passos, mas ele não o fez. Ela não se acovardou quando o MacKinnon a alcançou, mas ele apenas agarrou a barra da roupa e a soltou, daí encarando-a furiosamente.

— Você fará com que eu me arrependa amargamente disso!

Page sorriu com ferocidade.

— Claro que sim! — jurou, empertigando o corpo. Impressionou-se novamente com o quanto ele era alto, pois ela só atingia a altura de seu queixo e não era, de forma alguma, baixa. Na verdade, o pai sempre considerou que ela tinha pernas compridas demais para uma mulher.

— Pois eu deveria muito bem deixá-la ir! — rosnou ele, o queixo latejando furiosamente.

Page ergueu as sobrancelhas, pois ele parecia estar mesmo considerando aquela possibilidade.

— Deveria?

— Sim, e me considerar afortunado por você ter sumido, mas não o farei.

Ele queria que ela fosse embora? Mas não deixaria? Page não estava entendendo.

— Não?

— Não!

O coração dela acelerou loucamente quando uma leve suspeita surgiu.

— Por que não?

— Porque meu pai criou um maldito insensato! — praguejou ele. — É por isso! — E como se o pronunciamento não fosse chocante o bastante, ele a ergueu de repente, como se não passasse de um saco de grãos, e a levou até sua montaria, atirando-a sem qualquer cerimônia sobre a sela.

Page berrou ultrajada, depois ofegou quando o ar fugiu dos pulmões. Sem preâmbulos, ele montou atrás dela, segurando-a depressa com o braço antes de erguê-la para acomodá-la, prendendo-a ao seu colo com uma força inescapável no braço. O homem devia ser feito de pedra, tão rijo ele era!

— Você se arrependerá amargamente disso! — jurou Page. — Cuidarei disso a cada vez que eu respirar! — Como aquele bruto ousava tratá-la como se não fosse nada senão uma propriedade que podia ser carregada à vontade! Como ousava afastá-la do pai! Ela não toleraria! Havia esperado a vida inteira por esse momento, rezado por isso até, para perdê-lo num sórdido revés do destino. — Atormentarei você a cada dia da sua vida miserável!

— Não tenho dúvidas disso — resmungou ele, esporeando a montaria. — Sou apenas um homem, moça. Continue balançando esse traseiro com tanta insistência e ficarei tremendamente tentado, eu garanto!

Page arfou ultrajada.

— Juntem seus pertences! — ordenou ele aos seus homens. — Partiremos imediatamente!

Para a consternação de Page, eles levaram pouquíssimo tempo para recolher suas posses. Bárbaros como eram, viajavam com pouco mais do que os tartãs que usavam presos ao corpo. Partiram dentro de poucos minutos.

Page não admitia se sentir derrotada.

Havia se defendido sozinha em seus vinte anos de vida. Mesmo que fosse a última coisa que fizesse, encontraria o caminho de volta para casa. Enquanto isso, pretendia manter sua palavra. O MacKinnon se sentiria de fato um homem miserável!

A PRIMAVERA CHEGOU TARDE nas paragens ao norte.

Aguardando o momento adequado, observando as diferenças no cenário conforme seguiam para o norte, Page tentou não pensar no risco que seu pai havia assumido por sua causa. O que o rei Henrique faria quando descobrisse que seu pai desistira do menino por causa dela? E que em seguida a perdera também?

Por que ele não enviava alguns homens para garantir seu retorno?

Como ele podia ter confiado na palavra de um escocês?

Maldito fosse o MacKinnon! Aquele canalha desprezível!

As árvores agora estavam menos abundantes em folhagem. Algumas estavam exuberantes com o verde ressurgido; outras exibiam folhas novas que lembravam penas verdes. Algumas árvores ainda estavam nuas, aguardando o toque magistral e a pintura milagrosa da mão de Deus.

Ela sempre amou aquela terra.

Uma selvagem, era como seu pai lhe chamava. Não importava; nunca lhe incomodou nem um pouco que ele pensasse assim, pois ela sempre se sentiu mais filha da Natureza do que dele. Na verdade, era o único momento em que ela se sentia realmente inteira – quando estava em comunhão com a criação de Deus. Era por essa razão que fugia do castelo naquelas muitas noites. Aquilo dava uma grande paz à sua alma.

Mas também era por isso que estava nessa situação horrível.

Page franziu a testa ao pensar no homem que estava sentado tão intimamente atrás de si. Conseguira tirá-lo dos pensamentos pela maior parte da manhã. Só quando ele teve a arrogância de puxar suas costas contra ele foi que ela se dignou a admitir sua presença, dando cotoveladas e livrando-se dele para sentar ereta novamente. Quanto mais distância conseguia colocar entre eles, mais tranquila se sentia.

Naquele momento, novamente, ele a puxou e ela fugiu para a frente, virando-se para encará-lo.

— Será que se importa tanto assim? — perguntou, exasperada. — Pode me obrigar a cavalgar quase que no seu colo, se quiser, mas não pode me obrigar a suportar seu toque!

— Como quiser, megera. — Ela sentiu mais do que ouviu o suspiro. — Valha-me Deus, que mulher de língua ferina, nunca vi igual.

— Verdade? — perguntou ela com candura, zombado dele. — Por que será?

— É provável que já tenha nascido assim — respondeu ele, severo.

Page sentiu vontade de virar e dar um tapa naquele rosto arrogante.

— Ora, você não passa de um bruto miserável — retrucou ela. — É melhor perceber que meu pai virá atrás de nós — afirmou ela. — Ele não gosta de ser enganado, eu garanto!

Por um instante, ele permaneceu calado. Page quase podia sentir a tensão aumentando às suas costas.

— Será? — perguntou ele, após um momento. Era como se ele estivesse contemplando essa possibilidade. Ótimo! Ela esperava que o MacKinnon estivesse considerando a repercussão de seus atos e temesse pela vida. Nem seu pai nem o rei Henrique aceitariam tal perfídia.

— Recoste-se, moça — ordenou ele, mas não sem gentileza, puxando-a contra si novamente, desta vez prendendo-a contra o peito.

Page relutou contra o abraço indesejado, mas não adiantou.

— Arrrrghhh!

— Vai acabar capenga se continuar nessa posição. Descanse. Eu não mordo.

— Não acredito em você! — disse Page entre os dentes, cravando as unhas no braço que a prendia feito gesso àquela estrutura pesada. — Jesus! Você é um bruto! — acusou ela quando ele não quis ceder. O MacKinnon nem parecia ser afetado pela pressão que ela estava colocando no braço dele. Permaneceu sentado num silêncio de pedra, como se não sentisse absolutamente nada. Com um suspiro decepcionado, Page desistiu e largou o braço, deixando-se recostar, ainda que não conseguisse, de maneira nenhuma, descansar.

— Isso mesmo — disse ele, curvando-se para murmurar sua aprovação no ouvido dela.

Page tentou ignorar o tremor que sentiu na espinha diante daquele solícito tom de voz.

— Você não falou durante a manhã inteira — comentou ele baixinho, a voz macia e suave feito seda líquida contra seu rosto. Page se lembrou de que ele era um escocês sem palavra, não um galanteador extremamente atento que se importava com seu bem-estar. — Não quis afligi-la, moça.

E ainda assim o coração dela acelerou.

— Não quis? — perguntou, escondendo a confusão por trás da raiva.

O peito dele se expandiu com outro suspiro. Ele soltou o suspiro, que lhe resvalou a nuca. A sensação lhe provocou arrepios. O MacKinnon não respondeu.

Page agora não o deixaria cair no silêncio tão facilmente. Ele já lhe provocara bastante.

— O que, então, pretendia fazer? E o que gostaria que eu fizesse? Que eu risse histericamente por estar sendo raptada por um bárbaro escocês? Que conversasse com você sobre as maravilhas da Cristandade? Acho que não!

A risadinha dele a surpreendeu. Baixa e rica, retumbou às costas dela.

— Você é uma mulherzinha atrevida, com certeza.

Page se irritou.

— Não sou nenhuma mulherzinha – e sim, já me disseram isso! Não pense que vou pedir desculpas!

— Calma, calma — reprovou ele, estalando a língua. — Então me diga, moça... Sobre quais maravilhas conversaríamos se você estivesse disposta a conversar?

— Há! — exclamou Page. — Com você? Acho que nunca estarei disposta. E, se puder, pare de me chamar de moça! Isso... — Isso a confundia. — Me incomoda — completou com petulância.

Ele deu outra risadinha, irritando-a ainda mais, e se curvou para lhe murmurar ao ouvido:

— Pois bem, moça, então diga-me como devo chamá-la.

Os nervos dela estavam a ponto de despedaçar.

— De nada! — Ela deu de ombros, afastando-se o mais fisicamente possível. Só então percebeu que ele já não a segurava mais. Há quanto tempo estava solta? Como poderia não ter notado? Tinha ficado satisfatoriamente encostada nele durante esse tempo todo? — Prefiro que não me chame de nada! Por Deus, prefiro que pare até mesmo de falar comigo!

— Descanse então, eu não vou incomodar mais, moça.

— Não quero descansar!

— Então deseja conversar?

Page pensou ter ouvido um sorriso na voz dele. Ela virou a cabeça, percebendo a expressão presunçosa antes de dizer:

— Não mesmo!

— Ah, moça, decida-se — disse ele. Page apertou os dentes e tentou se convencer a não tirar aquele sorriso arrogante do rosto dele com um tapa.

— Pedi que não...

— Eu sei, mulher. Você não quer ser chamada de "moça", mas não me disse como devo chamá-la...

— Meu nome não é da sua conta! — garantiu ela.

Ele sorriu, exibindo dentes brancos perfeitos.

— Pois bem, moça. Como quiser, então.

— Mary! — mentiu ela, tentando ignorar a covinha marota que ele exibiu também. — Meu nome é Mary! — Ela se virou, desviando o olhar, mais do que irritada com os modos tranquilos dele.

Seu raptor não deveria ser cruel com as palavras em vez de cativante? Aliás, por que se preocupava com seu conforto ou suas

preferências?

— Está satisfeito agora? — perguntou. — Pode me chamar de Mary!

De todos os nomes que ela poderia ter falado, Mairi era o último que ele esperava. Estava despreparado para o som desse nome nos lábios dela.

Santo Deus! Nada do que ela pudesse ter falado poderia colocá-lo em silêncio mais rápido. Estava determinado a derreter os muros de gelo que a rodeavam, conquistar a simpatia dela para sua gente. A última coisa que eles precisavam era uma garota mordaz que os amolasse. Eles já tiveram que enfrentar uma dessas.

Mairi.

Mesmo após seis anos, todos ainda se ressentiam do legado deixado por ela.

O que diria a Malcom no dia em que perguntasse sobre a morte da mãe?

Ele não sabia. Iain nem sabia se um dia conseguiria falar sobre isso, pois a memória daquela manhã o atormentava mais do que qualquer coisa na vida. Mal conseguia se lembrar daquela janela alta sem começar a suar e sentir os joelhos moles como mingau.

A esposa o odiava muito.

Nem Malcom foi capaz de amolecê-la.

O suor brotou na testa dele. Iain fechou os olhos, evitando a imagem de Mairi parada diante da janela alta. A visão passou diante de seus olhos num lampejo violento de dor.

Mairi.

Não sabia se poderia chamar a moça por esse nome. Ele nem suportava pensar nela como Mairi. Só de pensa no nome, seu estômago contorcia.

Ele abriu os olhos e procurou o filho, focando no futuro, não no passado. A visão de Malcom, com seu macio cabelo dourado brilhando sob o sol, rindo e conversando com seu primo, confortou Iain imediatamente. Ele deixou a questão do nome dela passar por enquanto e manteve-se em silêncio, mais do que ciente das olhadas que estava recebendo de seus homens.

Eles estavam tentando entender. Iain sabia que havia deixado todos tremendamente chocados com suas mentiras quanto às intenções do pai dela, mas não havia como evitar. Na primeira oportunidade, ele explicaria... o quê? Ele franziu a testa. Por Deus, mas o que ele explicaria? Nem sabia se compreendia a si mesmo. Diria que foi levado a mentir? Que não suportava a ideia de magoá-la? Que alguma coisa naquela garota bela, briguenta e irritante sentada tão ereta diante de si provocava nele um instinto feroz de proteção... algo diferente da luxúria que despertava nele?

Cristo! Ele se pegou até pensando que, na verdade, na noite passada, ela estava protegendo mais ao seu filho do que a si mesma. Achava que eram as duas coisas, pois, por trás da petulância, Iain temia que ela mascarasse uma vida de desprezo do pai. Uma vida tentando agradar alguém impossível de agradar. Sentia nela a mesma fome, as mesmas esperanças e os mesmos temores que ele uma vez nutriu pela simpatia de Mairi.

Tudo isso por nada.

Não suportaria ser aquele que faria com que a moça sofresse outro golpe.

Ela despertava nele tantas emoções inexplicáveis, tantos anseios irracionais. Como a vontade que ele sentia agora de desfazer aquela trança no cabelo e pentear os cachos macios com os dedos até ficarem sedosos sob suas mãos calejadas. Queria ver o jogo da luz do sol nos cabelos dela – de alguma forma, sabia que seria esplêndido. Sob a luz do meio-dia, o tom castanho ganhou um tom de hena incandescente.

Ah, Deus, o perfume... luz do sol e verdor... o frescor da névoa da montanha num dia em que o urzal está completamente em flor. Feito um lobo cheirando sua parceira, precisava controlar a vontade de enterrar o rosto na curva do pescoço e sorver o perfume dela para dentro dos pulmões.

Senhor! Precisava pensar em outras coisas – precisava se afastar dela de alguma forma. Ele ergueu os olhos, observando o grupo à procura do filho novamente. Precisava falar com Malcom, precisava segurar o filho, mas ali estava ele, bancando a ama de uma garota de língua ferina. Ele franziu o cenho ao pensar na moça cavalgando com outro, qualquer outro, e praguejou contra si mesmo por ser tão irracional.

Que importância tinha se ela afetasse outro homem do mesmo modo que o afetava? Ela não era sua mulher, afinal – e nem desejava que fosse.

Maldição, ele poderia sair ferido com um gênio tão afiado quanto o dela!

Ele não acreditava muito que seus homens esconderiam dela a verdade.

Não, decidiu, enquanto não pudesse falar com eles em particular, e até ter a oportunidade de pensar no que diria a eles – e a ela –, a

moça continuaria cavalgando com ele. Malcom ficaria bem cavalgando com Lagan por enquanto. Era o bastante, no momento, saber que ele estava seguro.

Prosseguiram em silêncio. Quando a moça pareceu balançar diante dele, Iain a puxou contra si novamente, sorrindo daquela vontade indomável.

Garota teimosa.

Desta vez, ela não resistiu. Tombou contra ele e deixou escapar um suspiro de cansaço. Iain sorriu, pois sabia que ela havia conseguido de alguma forma dormir sentada ereta na sela. Ela não havia dormido bem na noite anterior, por isso estava surpreso por ter aguentado tanto. Deixou que ela dormisse bastante durante a tarde, ao mesmo tempo tentando não pensar na sensação boa de ter uma mulher nos braços, no quanto parecia certo protegê-la.

Tinha sido há muito tempo.

Muito tempo mesmo.

— ACORDE, moça!

Page despertou com um sussurro insistente.

— Mary!

Um nome estranho, mas que era sussurrado ao seu ouvido... e então ela recordou um tanto grogue que dera aquele nome no lugar do seu. Ela abriu os olhos e encarou aquele olhar que tinha a cor do *uisge beatha* dos escoceses, sua renomada água da vida. Seu pai gostava muito dela. Os olhos eram da cor do âmbar iluminado, e agora a encaravam com atenção.

Ela franziu o cenho.

— Mary? — disse ele, o vinco na testa aumentando um pouco com o que parecia ser uma pergunta.

Page se sentou imediatamente, afastando o sono, e disparou um curto “Estou bem”. Desvencilhou-se do apoio indesejado e sacudiu-se até o MacKinnon soltá-la. Notou então que eles eram os últimos a permanecerem montados. Estava ficando escuro, e o resto do bando já estava ocupado montando o acampamento daquela noite. Parecia que ela havia acabado de fechar os olhos. Claro que não pretendia dormir.

— Onde estamos? — perguntou, virando-se para ele, um tanto desorientada.

Ele ainda estava com a testa franzida, observando-a atentamente.

— É onde vamos parar esta noite — disse ele, estreitando os olhos. — Parece-lhe aceitável... Mary?

Page achou que ele parecia ofendido com o nome que dera, mas, pelo que havia de mais sagrado, ela não entendia o porquê. Pensou um pouco no nome, mas no seu estado sonolento não conseguia compreender a reação dele.

— É um nome perfeitamente aceitável — garantiu. Um nome que ela gostaria de ter para si, inclusive. Ela franziu o cenho enquanto contemplava o motivo do desagrado dele.

— Sim — concordou ele, embora ainda parecesse incomodado, mas não disse mais nada quando desmontou e a retirou da sela, sem nem se dar ao trabalho de perguntar se ela precisava da assistência dele.

Gostaria de mandá-lo voando para a perdição.

Mas ela estava exausta demais para brigar no momento, então simplesmente sentou num tronco para observar o grupo se acomodar para passar a noite. Não demorou para que o homem chamado Lagan viesse na direção deles, com o pequeno Malcom

ligeiro em seu encalço. Com uma corrida e um grito, o menino se atirou nas costas do pai.

Page se encolheu, antecipando a reação do MacKinnon.

Urrando de surpresa, o MacKinnon torceu o braço para apanhar o filho pendurado na cintura e puxá-lo para que ficasse diante dele. Ajoelhou-se e abraçou o menino com força, gargalhando com estrondo enquanto bagunçava seu cabelo fino.

Sentada, Page estava boquiaberta de espanto ao vê-los juntos.

O menino que não falou nada por tanto tempo tagarelava com o pai naquela língua incompreensível dos escoceses, mas, apesar de não entender praticamente nada da conversa, Page compreendia a essência de tudo. Parte dela se sentia aliviada porque o pai não o repeliu. Uma grande parte dela estava submetida a uma onda de emoções: inveja, pesar, um anseio tão profundo que fazia seu coração parecer uma vasta e ecoante caverna – e depois vergonha por ficar ressentida da afeição do pai pelo filho.

Não, estava feliz por Malcom. Não desejava a infelicidade de uma criança, mesmo que inimiga, mesmo assim, inexplicavelmente, doía ver a afeição entre os dois.

Ao observá-los, era mais do que evidente que o MacKinnon estimava o filho. Bastava ver os dois para saber a verdade. O sorriso do MacKinnon era de um brilho impressionante, e os olhos dourados irradiavam alegria enquanto ouvia o filho continuar falando — implorando, ao que parecia.

Como seria receber atenção tão plena? Uma afeição tão inegável?

Page suspirou de anseio, o coração transbordando de ternura por um pai que amava o filho tão abertamente.

O MacKinnon olhou para Lagan e deu uma ordem curta; Lagan assentiu, colocando uma mão no ombro do MacKinnon em

confiança. O que ele disse pareceu agradar Malcom imensamente, pois o menino atirou os braços ao redor do pescoço do pai novamente e gritou de alegria.

O olhar do MacKinnon encontrou o dela por cima do ombro do menino, e o coração de Page pulou no peito.

Ela virou o rosto novamente, desconfortável com as emoções que perigavam se revelar.

Mesmo depois que Lagan e Malcom os deixaram, Page não ousou olhar para o homem diante de si, que ainda a observava.

Mesmo assim, não conseguiu conter a curiosidade.

— O que você disse para agradá-lo tanto? — perguntou ela, parecendo desinteressada, embora a própria pergunta negasse o fato.

Ele não se incomodou em responder enquanto ela não ergueu o rosto.

— Malcom?

Page assentiu, hipnotizada pelo tom dourado dos olhos dele. Sob a claridade do anoitecer, tocados pelo sol evanescente, eles pareciam quase translúcidos, até angelicais. O MacKinnon era bonito, na verdade – um homem que ela só poderia sonhar em amar, pois nenhum homem com aquela aparência a desejaria.

Era uma boa coisa odiá-lo tanto... Não havia perigo de perder o coração para um bruto sombrio.

— Ele queria ir caçar.

— E você permitiu? — supôs Page, um tanto surpresa.

— Não deixe que o rostinho dele a engane. Meu filho é um caçador competente. — Page não deixou de notar o tom de preocupação junto ao orgulho da voz. — Malcom está com os homens de seu clã agora, moça. Nenhum mal acontecerá com ele. Meu primo Lagan é garantia disso.

Ela enrugou a testa.

— Lagan? Lagan é o seu primo?

— Sim.

Ela desviou o olhar novamente.

— Nunca teria adivinhado. Vocês dois não são nada parecidos.

— Verdade? — respondeu ele, estreitando os olhos. — Que curioso... Eu também nunca diria que você é uma Mary, mas você é uma Mary... Não é isso mesmo?

Page franziu a testa. Será que ele não acreditava nela?

Ou só estava salientando que ela não deveria julgar?

— Nem sempre as coisas são o que parecem — revelou ele.

As batidas do coração de Page aceleraram.

— O que é que está tentando dizer, senhor?

— Apenas que você não me parece uma Mary. Esse nome não combina com você.

Ela liberou um suspiro que nem percebera que estava segurando.

— Verdade — respondeu, parecendo entediada, mas querendo mais do que tudo perguntar qual nome ele achava que lhe cairia melhor. Mas não ousou perguntar. A última coisa que queria era que ele descobrisse sua vergonha, mas também não queria voltar a elaborar as diferenças entre ele e o primo.

O que ela poderia dizer?

Claro que não admitiria que ele parecia ser o mais gentil dos dois. Afinal, ele era seu carcereiro. Como poderia considerá-lo gentil?

— Sugiro que discuta a questão com meu pai, já que não gosta do nome. Foi escolha dele, no fim das contas — mentiu.

— Foi? — disse ele, virando-se para cuidar da montaria, sem se dar ao incômodo de esperar pela resposta. Embora fosse o repúdio mais rude que Page já recebera, ela ficou silenciosamente grata pela

trégua. Naquele instante havia uma brecha em sua armadura que era grande demais para ser fechada, ela precisaria de tempo para remendá-la.

A raiva, sabia ela, era seu refúgio, mas ainda assim... por mais que tentasse... não conseguia invocar nem um pingote de ira pelo homem que demonstrava tamanha devoção pelo filho.

Conseguiu afastar os outros, fazendo-os caçar em outra parte remota daquelas matas.

E Malcom... Como esperado, o menino se afastara deles... indo direto para suas mãos ansiosas.

Finalmente, tudo estava saindo como planejado. Um plano que depois de tanto tempo estava se realizando. Um plano que ele pensou ter realizado por completo seis anos antes, quando deixou a jovem esposa de Iain louca de medo do marido e tão cheia de ódio que preferiu morrer a suportar o toque dele novamente.

Foi uma pena não ter cometido o feito antes do nascimento do pirralho.

Ainda assim, dava-lhe certa satisfação saber que o clã de seu pai considerava Iain um assassino, pois foi o último a vê-la viva. Ele sorriu, sabendo que seu meio-irmão sofreria de culpa com a lembrança até o dia em que morresse – bem, talvez esse dia chegasse mais rápido que o esperado.

Sim, aconteceram alguns erros.

Quando o rei David buscou seu auxílio para conseguir a custódia do filho de Iain, em resposta ao seu próprio pedido de intervenção,

pareceu-lhe a oportunidade perfeita para se livrar de Malcom. Mas ele logo percebeu que não havia alcançado nada. A intenção de David era meramente instalar o menino como um protegido na corte inglesa, bem longe, a salvo até mesmo dele. Se algo acontecesse a Iain, Malcom seria então devolvido para tomar seu lugar como fantoche de David.

Não, seria melhor que o menino morresse.

Sim, pois, de qualquer forma, poderia ser apenas uma questão de tempo para que Malcom o denunciasse. O pirralho despertou da seditação no meio da noite, e ele teve que cantar para que ele dormisse. Ah, mas como cantou com amargura.

Nada de erros agora, pois havia esperado tempo demais.

Mantendo Malcom em vista, sacou uma flecha da aljava e a ajustou no arco. E então esperou pelo momento certo...

Queria que o corpo miúdo de Malcom tombasse nos arbustos, para que não tivesse que tocar nele depois. Queria uma morte limpa, sem sangue nas mãos que o denunciasse. Também não queria que o corpo fosse encontrado enquanto não estivesse bem longe da cena, para ficar livre de suspeitas.

— Malcom! Aí está você, garoto! — berrou Ranald, tornando-se visível.

O arqueiro praguejou em silêncio, devolvendo a corda do arco gentilmente ao seu lugar.

— Eu estava seguindo um coelho! — declarou Malcom. — Veja, Ranald, veja! Acho que ele está ali! — Ele apontou para o arbusto que separava o arqueiro da presa.

Ranald vasculhou o arbusto, examinando seu interior, de um lado a outro, e daí congelou, deparando-se com o olhar do arqueiro no meio da folhagem.

— Não tem nada nesse arbusto, garoto — disse, tenso. — É melhor ir andando agora.

Malcom ficou desapontado.

— Quero deixar meu pai orgulhoso! Quero pegar um coelho para ele!

— Ah, ora, ele não vai ficar orgulhoso se você ficar andando por aí sozinho e acabar perdido — ralhou Ranald. — Vá logo encontrar os outros, depressa, antes que eu diga ao seu pai que você é um maroto que saiu por aí sozinho. Acho que ele não deixará você vir de novo.

— Não conte! — implorou Malcom, empurrando o lábio inferior.

— Então vá — instruiu Ranald.

Malcom finalmente se virou e correu.

Ranald tornou a encarar o arqueiro escondido no arbusto.

— Não posso deixar que faça isso — disse, assim que Malcom sumiu.

— Não pode me deter.

— Para começar, nem devia ter ajudado você — sibilou Ranald para o arbusto. Ele sacudiu a cabeça. — Como deixei que você me convencesse?

— Você é o meu melhor amigo — afirmou o arqueiro, calmamente.

O rosto de Ranald ficou vermelho de raiva.

— Não quando você quer matar um garoto inocente! Não quero ter parte nessa traição! Você disse que não queria machucá-lo! Você disse que só queria que ele sumisse! Eu ajudei você, mas não ajudarei mais! — jurou. — Contarei tudo ao Iain! Ele já devia saber disso há muito tempo. Está no direito dele saber a verdade — toda a verdade!

— Não! — rosnou o arqueiro. — Não dirá a ele que é meu irmão, Ranald! Jurei que não contaria, e você também não vai! Eu confiei em você. Você é o único que sabe, além da Glenna, e não posso deixar que conte a história.

— Ele merece saber a verdade – e se você não contar, eu conto!
— E assim, Ranald se virou para ir embora.

— Não, você não vai — afirmou o arqueiro, erguendo o arco carregado.

Ranald parou e se virou lentamente.

— Você não ousaria — adivinhou. — Você não...

Sem hesitação, a flecha voou, acertando em cheio seu alvo, direto no coração de Ranald.

Ranald apertou a haste enquanto tombava de costas.

— Seu desgraçado! — praguejou.

Como Ranald não se ergueu, o arqueiro se encaminhou até onde ele estava caído, ainda apertando a flecha. O filete de sangue nos lábios contra a palidez moribunda do rosto de Ranald manteve o arqueiro cativo por um instante.

— Você era... meu amigo — gaguejou Ranald, os olhos úmidos de lágrimas.

— Não mais — murmurou o arqueiro, sem remorso, cravando a flecha mais fundo com o calcanhar da bota. Empurrou até que ela alcançasse o chão macio. O crepitar da morte veio como um borbotão estrangulado da garganta de Ranald. Satisfeito, o arqueiro se curvou para quebrar o que restava da haste em dois pedaços, levando consigo a ponta emplumada. Era seu hábito usar a penugem branca de uma coruja na ponta da flecha, e não queria que sua marca fosse reconhecida pelos outros.

— Não deveria ter me traído, Ranald — disse ao corpo sem vida.
— Você teria sido bem recompensado. Maldito seja. — Agora teria

que esperar que uma nova chance se apresentasse. Levantaria muita suspeita se Ranald e o menino fossem dados como desaparecidos agora, ainda mais porque os três juntos haviam se afastado do resto do grupo de caça. Não seria nada bom se apenas ele retornasse. Malcom provavelmente já estava em segurança junto ao grupo.

Maldito Ranald, um desgraçado intrometido.

NÃO DEMOROU MUITO para que Page redescobrisse sua ira.

O grupo de caça retornou com uma presa em mãos e, apesar de caridosos o bastante para compartilhar uma generosa porção da caça com a “refém”, eles em seguida encontraram uma árvore forte e a amarraram nela – como se fosse um cão que não quisessem que se perdesse. Page ficou ali, observando-os espalhar os tartãs para dormir, sempre fervilhando de raiva.

Como esperavam que ela dormisse assim todas as noites? A noite inteira! Será que fariam isso de novo?

E o MacKinnon... Ele nem se incomodou com ela depois que a tirou da montaria. Estava preocupado desde que o grupo de caça retornara. Lagan havia falado rapidamente com o MacKinnon, que teve um ataque de fúria por causa de alguma coisa – alguma coisa que o menino parecia ter feito, pois foi até Malcom no mesmo instante e o repreendeu com severidade, sentando o menino diante dele enquanto comiam, olhando-o com reprovação. Malcom, por sua vez, parecia convenientemente arrependido. Ficou sentado diante do pai, emburrado, até o pai se apiedar e afagar sua cabeça. Daí o menino se atirou nos braços do pai, abraçando-o com fervor, os bracinhos mal conseguindo envolver o peito largo do MacKinnon...

Page ficou observando, incapaz de desviar o olhar.

Jesus! Ele era um belo espécime – os ombros largos e musculosos, o corpo bem formado. O MacKinnon parecia ser um homem que não temia o trabalho árduo, e seu corpo evidenciava o fato. Ela o imaginou trabalhando junto de seus homens, com o sol escaldante nas costas. A princípio, ela pensou que a pele dele era morena. O cabelo escuro era impressionante, e os cabelos grisalhos nas têmporas eram nada menos do que surpreendentes se comparado à cor da pele e as feições joviais. Ela se perguntou novamente quantos anos ele teria.

Queria que Cora estivesse ali. Nascida nas Terras Baixas da Escócia, Cora era a filha da nova amante do seu pai. Ela havia impressionado Page com o domínio da língua inglesa e da escocesa. Ela também era a primeira e única amiga que Page já teve. Cora sabia o que eles estavam dizendo. Por assim dizer, Page só conseguiu entender que Malcom “não faria aquilo de novo”. Mas o que ele estava prometendo não fazer de novo, ela nem conseguia decifrar.

Ela os observou juntos, a maneira como o MacKinnon afastava o cabelo dos olhos do filho, e sentiu-se desejosa.

Por Deus! Era uma visão gloriosa... pai e filho.

Queria que seu pai tivesse sido tão gentil depois de uma reprimenda. O quanto ela não daria para que ele a olhasse dessa maneira... mesmo que uma vez apenas. Page suspirou, pois desejava que ele tivesse apenas sido tão gentil nas repreensões quanto o MacKinnon tinha sido com o filho. Mas não fora, e ela não podia voltar no tempo.

Não fazia sentido choramingar por causa disso agora.

Era apenas que... agora, finalmente, quando seu pai revelava uma centelha de afeição por ela – havia se arriscado à ira de

Henrique para permutar sua liberdade, o que era muito relevante –, o MacKinnon lhe roubava essa chance.

— Ah, mas você podia incendiar um homem com esse olhar de raiva, moça.

Assustada, Page ergueu os olhos e se deparou com o velho, Angus, parado ao seu lado, mãos na cintura enquanto a observava. Ela então endereçou a ele o seu olhar de raiva

— Bem que eu queria — retrucou. — Não tem nada melhor para fazer do que ficar me vigiando, senhor?

Ele só a irritou ainda mais com a risadinha que deu diante da pergunta.

— Pois não vejo nenhuma graça nisso! — sibilou Page.

Os olhos dele se enrugaram nos cantos.

— Ah, mas é muito engraçado, com certeza, moça — retrucou ele enigmaticamente.

Page pensou em chutar o velho, mas duvidou que fosse alcançá-lo dali onde estava sentada amarrada.

— Por que não podem me soltar? — protestou ela, puxando as amarras dos punhos. — Por que preciso ficar amarrada nessa maldita árvore? O que vocês têm a temer de mim?

O velho coçou a barba e sacudiu a cabeça.

— Ora, não sei — admitiu ele, indo sentar-se ao lado dela. Angus se inclinou para sussurrar: — Ficamos nos perguntando a mesma coisa, sabe? — Ele ergueu as sobrancelhas e acenou com a cabeça, como se achasse que ela sabia do que ele estava falando.

Velho doido.

Page o encarou com olhos estreitos.

— É mesmo? — perguntou, fingindo irritação. — E qual foi a conclusão de vocês, por acaso?

Angus deu outra risadinha, e inclinou-se para sussurrar:

— Nenhuma, moça.

Page bufou e revirou os olhos.

— Que tal olho por olho — sugeriu ela, zombando da resposta do lorde. — Fique aí à vontade, não faça cerimônia! — Ela encarou o chão, depois sorriu para ele de maneira cruel. — Na verdade, se você tivesse a bondade de soltar minhas mãos — sugeriu, num tom mordazmente doce — eu teria o maior prazer em ir buscar um trago de bebida para você, como a boa moça que sou. — Ela pestanejou para causar efeito.

Ele não riu dessa vez. Pelo contrário, inclinou a cabeça em reprovação.

— Acha que estou aqui tentando insultá-la, por acaso?

— Você nem precisa tentar — retrucou ela, com petulância, sorrindo intensamente. — Eu diria que você consegue fazer isso só com a sua presença. — Ela ergueu a sobrancelha. — Na verdade, acho que você personifica o insulto muito bem.

Angus foi se levantando, sacudindo a cabeça.

— Ah, mas que garota arisca! — praguejou, fazendo careta. — É um mistério entender por que o rapaz se sente tão obrigado a poupá-la...

— Para mim — concluiu o MacKinnon, fazendo cara feia para Angus, que estava de pé.

— Ah, seja bem-vindo, Iain. Pode ficar com ela para você! Juro que homens já foram mortos por armas menos afiadas que essa língua maldosa que ela tem!

Page ergueu o olhar num instante para buscar o de MacKinnon.

Iain.

O velho o chamou de Iain.

Poupá-la para ele? Ela abriu a boca para falar, mas preferiu fechá-la outra vez. O MacKinnon não tinha falado o que ela estava

pensando que tinha, não é? Ou se tinha, provavelmente não era no sentido que ela achava que tinha. Page enrugou a testa, pois é claro que ele não poderia... talvez... querê-la?

Não, concluiu ela. Então ele devia estar escondendo alguma coisa. O velho havia dito que ele se sentia obrigado a – o quê? Poupá-la? Mas do quê?

— Ocupada fazendo amigos, não é, moça? — perguntou Iain com rispidez.

Page piscou, tentando relembrar cada palavra da conversa dos dois, assentindo com a cabeça.

— Sim...

Ele ergueu a sobrancelha, e os lábios bonitos se ergueram de leve nos cantos.

— Está no mundo da lua, não é?

Page franziu a testa.

— Eu...

Ela não conseguia se lembrar da pergunta. Ergueu os olhos, franzindo a testa, pois não pretendia pedir ao canalha arrogante que a repetisse.

O MacKinnon sorriu de repente, exibindo os dentes brancos.

— Dizem que a mente é a primeira a nos abandonar. Devemos dar início aos preparativos do funeral? — Ele ergueu as duas sobrancelhas.

As bochechas dela arderam.

— Quem tem cabelo branco aqui é você! — retrucou com ousadia, desviando o olhar, incapaz de suportar mais um instante daquele escrutínio.

— Tenho mesmo, moça. — Ela ergueu a vista para espiar o bom humor daqueles olhos salpicados de dourado. — Tenho mesmo.

— Afinal, qual é a sua idade? — Page fez a pergunta, vencida pela curiosidade. — Quarenta anos? — Ela inclinou a cabeça, acrescentando com doçura: — Mais?

O MacKinnon simplesmente riu daquele atrevimento, e a ira dela aumentou. Senhor, como ele era invulnerável!

— Não sou tão velho assim, mulher — alegou ele, o sorriso se tornando verdadeiramente lascivo. — Mas sou velho o bastante para discernir o rubor de uma virgem. E garanto que sou velho o bastante para reconhecer o desejo quando o vejo.

Ele teve a audácia de piscar para ela.

Page ofegou de maneira audível e, quando reencontrou a língua para falar, suas palavras estavam impregnadas de fúria.

— Como você ousa?

O sorriso dele ficou alargou-se mais.

— Ora, porque sou um bárbaro escocês, é por isso. Não ficou sabendo, moça? Somos um bando de grosseiros, nós escoceses.

— Vocês são um grande bando de brutos! — retrucou ela. — E imprestáveis também.

— Ah, e não se esqueça de lascivos — acrescentou ele, piscando novamente.

Jesus! Se a intenção dele era perturbá-la, então o MacKinnon estava sendo bem-sucedido na empreitada, pois ela estava irritada da cabeça aos pés. Page fez cara feia.

— Maldito! É só nisso que consegue pensar?

— Sim, mulher. — O sorriso dele se tornou malicioso, a voz, suave. — Quando estou olhando para uma moça bonita, é só nisso que consigo pensar.

Page ficou momentaneamente emudecida com aquela ousadia. Ela virou o rosto, o coração batendo acelerado por causa daquela

adulação desavergonhada. Ele não passava de um patife de língua macia para falar tantas mentiras!

Mesmo assim...

— V-você não pode — gaguejou, sacudindo a cabeça. — V-você não pode me achar... — Minha nossa! Ela nem mesmo conseguia pronunciar a palavra!

— Bonita? — concluiu ele.

Page buscou o olhar do MacKinnon.

Ele agora, ao que parecia, estava carrancudo, como se conseguisse enxergar sua própria alma, mas não disse nada.

O MacKinnon não respondeu.

Era como ela supunha – meras palavras falsas de um homem que não se importava com seus sentimentos. Era simplesmente o jeito dele de ser loquaz, então não poderia de fato querer dizer aquilo... mas mesmo assim...

A expressão nos olhos dele... a maneira como a olhava...

Será?

Iain ficou abalado com a angústia tão aparente naqueles mutáveis olhos escuros.

Senhor! Ela não percebia?

Será que realmente não sabia?

Na verdade, pretendia que suas palavras fossem um truque, um simples flerte para irritá-la, mas ainda assim falara a verdade. Ao se deparar com a dor e o lamento dela, esqueceu onde estava no momento, esqueceu que seus homens provavelmente estavam observando, esqueceu que deveriam ser inimigos – ele era o maldito inimigo, que ousara roubá-la do pai, e ela, a filha do homem que roubara seu filho.

Ele se agachou e esticou a mão calejada para segurar a desgrenhada trança de cabelo.

— Sim, moça — sussurrou. Os dedos deslizaram pelo comprimento da trança. — Você é bonita. Por Cristo, seus olhos são tão escuros que um homem poderia se perder dentro deles. E o cabelo... — Ele se debruçou, apoiando-se num dos joelhos, estendendo a outra mão para soltar a fita que mantinha a trança presa. Enfiou o polegar pela trama do cabelo, libertando as mechas

macias com os dedos. — É um deleite — murmurou enquanto acariciava as mechas soltas. — Seda fina sobre uma pele que nunca sentiu nada igual.

Por um instante, ela pareceu incapaz de responder, atenta a cada palavra feito uma mulher faminta, mas depois piscou, como se recobrando os sentidos, e afastou a cabeça, arrancando a mecha da mão dele.

Page o encarou com raiva.

— Será preciso mais do que palavras bonitas para me comover, escocês! — jurou. Ela ergueu a sobrancelha em desafio. — Se quer me cortejar, poderia muito bem começar soltando meus pulsos! Estão doendo!

Iain considerou o pedido, achando a reclamação muito justa. Porém... não queria ficar acordado a noite inteira vigiando aquela menina irritante. Ela ergueu o queixo e sustentou-lhe o olhar, os olhos ardendo de indignação e ira.

— Não sou um animal para ficar amarrada! — insistiu.

— Não — concordou Iain —, não é, moça. Ele suspirou. — Pois bem. — Ele se inclinou para alcançar ao redor da árvore, esticando o corpo sobre o dela enquanto tateava às cegas em busca das cordas nos punhos.

Foi um erro, percebeu. Deveria ter dado a volta. Com certeza teria sido a coisa sensata a ser feita.

Daquele jeito, ele se viu abraçando-a, o queixo encostado ao ombro dela e os lábios perto demais do calor do pescoço. Ela ofegou de maneira quase inaudível. Iain o sentiu mais do que ouviu. Ela, por sua vez, ficou completamente imóvel.

Iain também congelou, inteiramente ciente da mulher em seus braços.

Senhor! Fazia muito tempo que não ficava assim tão perto de uma mulher... Pôde sentir os cumes dos seios se elevarem a cada respiração, provocando seu peito. Sua reação física foi imediata. Precisou se controlar para não se deitar sobre ela, inspirar aquela essência – aquele cheiro glorioso que era puramente feminino e totalmente intoxicante.

Precisou lembrar a si mesmo quem ela era – quem ele era –, e que não estavam sozinhos.

Ainda assim, não conseguiu evitar; debruçou-se na tentativa de alcançar as amarras e recostar-se nela. Tentando manter o tom despreocupado, perguntou: — Não está ocupada planejando sua fuga, não é, moça?

Ela não disse nada, então ele insistiu, mesmo sem saber ao certo qual era a importância disso.

— Prometa que não tentará escapar. As mãos se detiveram às costas dela, aguardando a resposta.

Por um instante mais, ela não disse nada, mas por fim perguntou:

— E se eu não puder prometer? Ainda assim me soltaria?

Então ela era uma mulher de palavra, não é?

Iain sorriu.

Não sabia por que se sentia compelido a protegê-la, mas sabia com certeza que não a deixaria partir.

— Não, moça — sussurrou junto ao cabelo dela, afastando-o do rosto com o queixo. Alguns fios ficaram presos aos lábios, então ele os provou, fechando os olhos enquanto imaginava aquela cortina sedosa solta cascadeando sobre seu rosto enquanto ela o montava. O cheiro dela o provocava, excitava ao ponto da dor. A imagem o fez estremecer. Deus! Ela era muito inocente para não saber como podia

afetar um homem... como o afetava. — Não — murmurou ele, pigarreando. — Não a soltarei se não me prometer.

Mesmo sabendo que era impossível, ela pareceu se afastar dele, afundar no chão.

— Neste caso — respondeu ela, um tanto sem fôlego, mas bastante petulante —, prometo não tentar!

Ele sorriu da esperteza dela.

— Promete não tentar? — repetiu, incrédulo com aquela audácia.

— Creio que foi isso o que eu disse, escocês!

Ele não podia ver o rosto, mas imaginava a expressão atrevida e deu uma risadinha. Afastou os cabelos dela com os lábios e sussurrou ao seu ouvido:

— Jure que não escapará.

Ela fez algum som sutil quando ele roçou o pescoço dela com a boca antes de se afastar abruptamente.

— Pois bem, escocês! Não fugirei! Solte-me agora!

Iain deu uma risadinha.

— Afaste-se de mim! — exigiu. — Não suporto que toque em mim!

Iain sorriu, pois o tremor dela desmentia a declaração. Ela era tão afetada por ele quanto ele por ela. Apostaria seu dente canino nisso.

Mas ela parecia bem desesperada, e ele não queria aborrecê-la mais do que já estava aborrecida.

— Manterá sua palavra? — insistiu ele.

Imaginou-a revirando os olhos e alargou o sorriso quando ela disse com bastante azedume:

— Ao homem que quebrou a palavra com meu pai? É claro! Agora afaste-se!

Ele achou graça da sagacidade dela.

— Bem pensado — anuiu ele, finalmente começando a desfazer as amarras dos punhos. — Não se preocupe, acho que já tenho a solução perfeita.

— Tem?

Ele não pôde deixar de rir, pois a moça parecia estar bem pouco à vontade com aquela perspectiva.

— Algo que agradará nós dois — revelou ele com perversidade. Deus bem sabia o quanto ele estava ansioso por aquilo.

Page enrijeceu com aquela afirmação.

Algo que agradaria os dois?

Ela com certeza achava que não.

Tentou não entrar em pânico enquanto considerava cada solução concebível – tentou não considerar todas elas. Era tudo o que conseguiu fazer para não pensar no homem parado com tanta intimidade em cima dela! Não, ele não estava deitado, precisamente, em cima dela, mas bem que poderia estar. Embora poupada do peso dele, Page podia sentir cada centímetro do corpo dele como se estivesse moldado ao seu. Senhor! Nunca na vida esteve tão ciente do próprio corpo – os lugares que roçavam os dele, as sensações perigosas e maravilhosas que a faziam se sentir tão mulher.

Um nó se formou na garganta.

Ele havia falado que ela era bonita.

Será que estava mesmo falando a verdade?

A possibilidade a fez estremecer... algo que ela não devia estar sentindo pelo inimigo. Ela franziu a testa.

Como podia se deixar distrair tão fácil? Sim, a intenção dele era perturbá-la, certamente, mas ela precisava ser tão complacente? Não, ele não devia estar falando a verdade, convenceu-se.

Sabia como era sua aparência – vira seu reflexo o bastante para saber que não era nenhuma encantadora criatura angelical, capaz de roubar o coração e a alma de um homem com um simples olhar. Ela não possuía nada de notável. O cabelo não era o ouro em fio louvado pelos trovadores, era de uma cor suja; o rosto não era claro e imaculado, mas escurecido de sol e sardento no nariz. Os olhos não eram do azul luminoso do céu de verão, ou do verde de uma folha nova de primavera, apenas um castanho comum.

Page sentiu o coração apertar diante da crueldade daquelas palavras improvisadas, daí censurou a si mesma pela tolice. O que poderia esperar de um escocês sorrateiro, desleal e traiçoeiro?

Ela pinoteou debaixo dele.

O MacKinnon gemeu.

— Não faria isso se eu fosse você — aconselhou ele.

— Por que está demorando tanto? — reclamou. — Não sabe nem usar a inteligência que Deus lhe deu para desfazer um simples nó?

— Ah, mulher, estou tentando! Não amarrei essa coisa maldita. Que inferno, nem é um nó simples! — Ele resmungou baixinho alguma praga ininteligível.

Sentindo-se um pouco desesperada, Page ergueu o joelho, atingindo-o na coxa.

— Tentar não basta! — sibilou.

Ele fez algum som estrangulado e caiu por cima dela justo quando finalmente desfez as amarras. Page se contorceu debaixo dele, ansiosa para ficar livre. Com pouco esforço e antes que pudesse ser detido, Iain estava com ela presa, os braços estendidos nas laterais do corpo e grudados ao chão.

— Isso não foi muito gentil! — disse ele, o queixo firme e os olhos ardendo de fúria.

— Eu não queria ser gentil! — Page falou com raiva, os olhos ardendo com as lágrimas que ela se recusava a derramar. Os nervos dela estavam a ponto de despedaçar. Que Deus lhe valesse, pois não podia suportar mais nenhum instante da presença dele! Os olhos dele continuavam a sondá-la, exigindo... o quê?

— Como pode esperar que eu seja? — perguntou. — Você me tirou da minha casa, manteve-me amarrada numa árvore feito um animal e acha que devo lhe agradecer? Poupe-me! — declarou ela. — Não pode simplesmente me soltar?

Ela não conseguiu evitar; as lágrimas assomaram. Escaparam dos olhos, escorreram pelas faces, desceram ao chão. Ela sentiu a umidade no pescoço, então piscou. Será que ele não via o quanto significava para ela voltar para o pai?

— Você tem seu filho — rogou. Mais lágrimas escaparam, e ela sacudiu a cabeça, perdendo a compostura inteiramente. — Ainda posso achar o caminho de volta — implorou. — Deixe-me ir... por favor.

Ele sacudiu a cabeça, baixando os olhos.

— Não posso, moça — murmurou, pesaroso. Buscou o olhar dela mais uma vez, e ela viu a determinação em seus olhos. — Lamento, mas não posso.

— Você quer dizer que não quer! — rosnou Page.

Iain assentiu.

— Como quiser, então, eu não quero.

Ela engoliu o orgulho.

— Mas meu pai — rogou, a voz embargada. — Ele...

— Seu pai é um desgraçado! — afirmou com frieza, como se o ardor em seus olhos tivesse se extinguido de alguma forma.

— Ele negociou com você em boa fé!

Trincando o queixo, o MacKinnon desviou o olhar. Por um instante, ficou sem dizer nada, mas depois voltou a encará-la com resolução.

— Seu pai conspirou com David para roubar meu filho.

Page sacudiu a cabeça.

— Não! — argumentou ela. — Ele não fez nada disso! Seu rei conspirou com Henrique! Meu pai simplesmente ofereceu um lugar seguro para seu filho atendendo ao pedido de David e às ordens do rei Henrique! Nada mais!

Ele parecia estar considerando a informação. Page percebeu a hesitação e acrescentou depressa:

— Ele disse ao meu pai que você agredia o menino. Que ele era tão maltratado que nem falava de medo de ser castigado!

Ele ainda parecia estar considerando, mas não disse nada; em vez disso, parecia estar esperando que ela continuasse.

Page engoliu em seco, com medo de ter esperanças, o coração disparado.

— Então veja — insistiu ela desesperadamente. — Ele pensou que estava ajudando seu filho. Deixe-me ir. Você tem seu filho, agora deixe-me ir!

— Não, moça.

No espaço de um instante, as esperanças foram frustradas. E com facilidade!

— Você é desprezível! — exclamou, contorcendo-se para livrar-se dele. — Saia de cima de mim!

Ele atendeu imediatamente, mas não foi muito longe. Sentou ao lado dela, apoiando o braço no joelho erguido, o rosto contorcido com alguma emoção que ele não conseguia decifrar muito bem. Page esperava que ele de repente sentisse peso na consciência por

sua falta de palavra, mas sabia que não devia esperar uma emoção tão humana de um canalha como ele.

Page sentou-se também, encarando-o com raiva.

— Jurei que faria da sua vida um inferno, e assim farei! Não acompanharei você de bom grado!

— Mas acompanhará — declarou ele.

Estava ficando escuro, as sombras aumentavam. Page as sentiu invadir sua própria alma. A dormência nos punhos estava diminuindo, as mãos e os dedos estavam começando a doer. Ela os massageou, abraçando a dor. Era uma distração bem-vinda.

Iain estendeu a mão de repente e agarrou-lhe o pulso, mas não de maneira ofensiva. Page tentou se afastar, mas ele a segurou depressa.

— Vou prender seu punho ao meu — explicou.

Page abriu a boca para protestar, mas ele a silenciou com um pequeno gesto.

— Só assim a mantereí desamarrada.

— Desamarrada! — Page repetiu, incrédula. Tentou livrar o braço, mas a mão dele não cedeu. — E como chama amarrar meu punho ao seu?

— Uma medida de segurança — cedeu ele.

Page o encarou.

— A escolha é sua, moça...

Ela afrouxou o braço e bufou sem qualquer elegância.

— Que escolha! Amarre-me, então.

Ele o fez no mesmo instante, amarrando a mão direita dela à sua mão esquerda, firmando os nós, e depois, com a outra mão, removeu a manta escarlate e preta dos ombros. Ele praguejou baixinho quando se atrapalhou com a tarefa, então olhou para ela como se pedindo ajuda.

Page retorceu o rosto e se afastou um pouco, achando que ele estivesse zangado.

— Por acaso está pensando que vou ajudar?

Os lábios dele se curvaram num sorriso torto.

— Não pensei que fosse, claro. — Ele a encarou com perspicácia e resolveu usar as duas mãos. Ele tirou o tartã e o espalhou entre os dois, erguendo-se para puxar metade da manta para debaixo de si mesmo. Page observou por um momento, depois fez o mesmo, sabendo que só iria se irritar se resistisse. Ele deu um sorriso por seu esforço, mas ela se recusou a admitir. Não esperou que ele se deitasse, cuidou de fazer isso por si mesma, tomando o máximo de espaço quanto ousava, e um pouquinho mais.

Para sua surpresa, ele não reclamou de ter só uma nesga de manta. O MacKinnon simplesmente deitou na parte que lhe foi atribuída, metade na manta, metade no chão.

Então ele estava tentando ser cortês, hein?

Pois ela pretendia ser tudo, menos cortês!

— Iain — disse Lagan, aparecendo acima dele. Ele enrugou a testa ao olhar para os dois. — Que confortável — comentou, com uma leve curva nos lábios. Page virou o rosto, inteiramente incomodada com o olhar que ele lhe lançou.

— O que foi, Lagan?

— Ranald — disse Lagan, subitamente tomado de preocupação. Ele falou com MacKinnon na própria língua.

— Vá procurar por ele então — respondeu Iain, de modo que ela compreendesse. — Mas não se preocupe tanto... Lembre-se que estamos falando do errante do Ranald. Ele voltará por conta própria... como sempre.

— Sim — concordou Lagan. — Você deve ter razão. Ele deve voltar quando quiser... Ele sempre volta. Então boa noite, Iain.

— Boa noite — respondeu Iain. — Vá descansar um pouco, Lagan.

— Sim — disse Lagan, dando as costas para eles, os lábios curvados com malícia. — Você também, Iain.

Ele se afastou, deixando os dois sozinhos novamente – tão sozinhos quanto poderiam estar com uma horda de bárbaros ao redor.

Sem o sol para aquecê-los, a noite nortista de primavera era gelada, mas calma. Page ficou ali deitada, olhando além das folhas que brotavam no topo das árvores, até que elas não passassem de sombras contra o céu noturno. Ela olhou para os pontos de luz congelada, tentando não prestar atenção no frio crescente. O curioso é que... na noite passada, quando estava indo nadar, havia olhado para as mesmas estrelas... Pareceram-lhe então mais como fogueiras brilhantes e piscantes... prometendo o calor gentil da brisa de uma noite de verão.

Ela estremeceu e se encolheu sobre a manta quando ouviu o pequeno Malcom chegar e se aninhar do outro lado do pai. Os dois ficaram murmurando na própria língua, e o MacKinnon deu uma risadinha. Foi tomada pela inveja, mas a ignorou, inteiramente envergonhada pela reação tão incomum.

O que havia de errado com ela para invejar uma criança por causa da afeição do pai?

O que havia de errado era o MacKinnon, garantiu a si mesma, enfurecendo-se.

Ele havia entrado em sua vida e a fez sentir novamente – todas aquelas emoções malditas que ela escondera tão bem!

Pois bem, Page teria a última palavra naquela noite – ou melhor, a última canção. Esperava mantê-los acordados a noite inteira!

Esperava que estivessem tão cansados quando a primeira luz surgisse que precisariam de gravetos para manter os olhos abertos!

Aguardou pacientemente que a escuridão descesse por completo, até que todos parecessem ter se acomodado para dormir, e começou a cantar com toda a força dos pulmões.

Iain mal havia pegado no sono.

Acordou de repente com um susto, os olhos ficando irritados com a estridência retumbante da voz dela. Que inferno! Deveria saber que a obediência dela era boa demais para ser verdade! Fechou a cara quando o pequeno corpo de Malcom acordou num pulo.

Um por um, seus homens acordaram também – alguns com um urro de espanto, outros com murmúrios confusos e outros ainda com xingamentos velados.

E ela continuou cantando, alguma balada inglesa sobre um homem desprezado por seu verdadeiro amor.

“Suave é o sopro do vento poente; e o sol nos aquece alegremente; A terra exhibe de novo seu seio, do qual ela emana seu doce enleio. E tudo que ainda está por chegar, tenho ouvido e visão p’ra assimilar. Porém, de suspiros vive meu coração, sinto que a lágrima escorre num borbotão. Sentado, eu me entrego aos pensamentos; sozinho eu revivo tais sentimentos; E de cabeça erguida, por mero ensejo, eu nada escuto, eu nada vejo...”

E assim ela prosseguiu, a canção retumbante, a melodia precisa, mas irritante em sua fora de hora e o volume. Iain esperou com impaciência, os dentes apertados até quase racharem. Olhava para a escuridão, enquanto seus homens continuavam resmungando reclamações, sem querer morder a isca. Sabia o que ela estava tentando fazer e, por Deus, estava funcionando! Mas não a deixaria saber disso de jeito nenhum!

Ela logo ficaria cansada e pararia, garantiu a si mesmo, e foi recompensado quando, ao fim de um verso, ela finalmente se aquietou.

Suspirando com alívio, Iain fechou os olhos, apenas para abri-los quando ela recomeçou com o verso.

Mais alto dessa vez.

Resmungando em silêncio, ele não disse nada, mantendo controle do humor. Seus homens também não diziam nada, apenas falavam entre si, até ela começar o verso uma terceira vez.

— Ah, basta, Iain! — Angus reclamou alto. — Não pode fazer com que ela deixe a canção para amanhã?

A reclamação dele foi reforçada por uma série de resmungos e xingamentos, enquanto a moça cantava ainda mais alto. Iain fechou os olhos e rangeu os dentes, pedindo a Deus que lhe desse forças.

— Maldita inglesa voluntariosa! — resmungou Lagan.

Ele havia tirado as palavras da boca de Iain.

Quando Malcom ergueu a cabeça e espiou a mulher nas sombras, decidiu que já era o bastante. Antes que o filho pudesse reclamar também, Iain tomou fôlego para urrar – e engasgou com as palavras quando um inseto enorme voou garganta adentro, silenciando-o.

Engasgando e tossindo, Iain tirou o filho de cima dele e virou-se para tapar a boca da garota com a mão, tentando salvá-la de si

mesma. Cristo! Ele poderia jurar que ela tinha rido da tentativa de silenciá-la. Temendo estrangulá-la, sua mordança a deteve por apenas dois segundos, pois ela começou o verso outra vez, embora dessa vez as palavras estivessem abafadas por seus dedos.

— Que inferno, ela pelo menos não conhece outra canção? — Dougal perguntou.

Iain poderia ter perguntado a mesma coisa se não estivesse lutando para conseguir respirar. Maldita fosse aquela mulher irritante! Ainda engasgando, ele sentou, arrastando-a consigo quando se curvou para arrancar o inseto da boca. Não saiu nada, e ele ficou consideravelmente temeroso de ter engolido a criatura. Inferno!

A mulher cantou mais alto, e Iain a olhou pelo canto dos olhos, considerando a ideia de enfiar o braço inteiro pela garganta dela.

— Teimosa — rosnou, engasgando de novo, tendo outro ataque de tosse. — Mulher irritante e teimosa — concluiu quando pôde.

— Pai... ela pode continuar cantando? — murmurou Malcom.

Chocado com o pedido, Iain encarou o filho nas sombras, achando que o inseto estragara seus miolos, pois só podia ter imaginado aquilo. Malcom nunca gostou de mimos. Jamais. Ele sempre agiu como um homenzinho desde o primeiro dia em que conseguiu andar e falar.

— Não quero que ela pare — pediu o filho um tanto desesperadamente.

Embora nada mais tivesse conseguido esse feito, o pedido incerto de Malcom silenciou a moça de repente.

A clareira ficou silenciosa, seus homens emudeceram.

— É uma canção muito bonita — disse Malcom. — Pode cantar outra para mim, Page?

Iain percebeu que ela, chocada com a súplica de seu filho, engoliu em seco, então baixou a mão para que ela pudesse responder, o coração contorcendo por causa do pedido inocente. A clareira pareceu ficar ainda mais quieta enquanto todos aguardavam pela resposta.

Um longo instante se passou sem que ela respondesse, e Iain segurou a respiração quando o filho acrescentou, um pouquinho aflito:

— Minha mãe nunca cantou para mim. Ela foi viver com Deus quando nasci. Pode cantar para mim, por favor?

Iain sentiu o coração apertar e os olhos arderem com as lágrimas que jamais derramou pela esposa que nunca o amou.

— Malcom — começou a dizer, antecipando a recusa.

— Iain, seu covarde sem coração! — interrompeu a voz rouca de Angus. — Deixe a moça... — A voz do velho ficou embargada de emoção, e Iain sabia que os olhos dele ardiavam tanto quanto os seus. — Deixe a moça cantar para o rapazinho, sim? — concluiu, a voz soando mais macia do que o velho tolo certamente gostaria.

— Sim — acrescentou Dougal. — Deixe-a cantar para o rapazinho! Malcom nunca teve quem lhe cantasse uma canção de ninar.

Iain engoliu o pesar pelo filho e sentiu um peso opressivo no coração.

— Vocês são um bando de volúveis, isso sim — resmungou.

— Ela pode, pai? — implorou Malcom. — Ela pode cantar para mim?

— Será que ela quer? — refletiu Iain, franzindo o cenho. Maldição, ele não podia fazer a garota cantar se não quisesse tanto quanto não poderia fazer com que parasse quando não queria.

— Sim — respondeu ela de repente, surpreendendo-o. O olhar de Iain tentou buscá-la nas sombras, mas ela estava olhando para seu filho. — Eu canto — disse ela com suavidade. Os murmúrios de aprovação de seus homens se fizeram ouvir. — O que quer que eu cante? — perguntou a Malcom em seguida.

— Ah, pode cantar qualquer coisa! — declarou o menino com empolgação, engatinhando por cima de Iain para ficar entre os dois, como se fosse uma coisa perfeitamente natural a ser feita.

Iain ficou sentado, sem fala.

Por um instante não houve nenhum movimento no lado dela do tartã, daí a mulher deitou ao lado de seu filho, puxando o braço de Iain e rebocando-o para se deitar ao lado deles. Iain achava que ela havia feito aquilo de propósito – era a maneira de avisar que embora tivesse cedido ao pedido do filho, não gostava nenhum pouco do pai dele. Ele teria rido da provocação dela caso não estivesse tão espantado com o desenrolar dos acontecimentos para pensar com clareza.

— Conhece alguma coisa escocesa? — perguntou Malcom esperançoso, olhando para ela.

— Eu sei uma — respondeu — mas não sei as palavras.

— Ah — respondeu Malcom, parecendo um pouquinho desapontado. Enquanto via os dois juntos, o coração de Iain doeu por todas as coisas das quais Mairi o privou. Aos seis anos de idade, seu filho ainda desejava uma voz gentil que o ninasse para dormir. Não pôde deixar de imaginar o que mais Malcom desejava.

Do que mais o filho sentia falta? Será que ele havia feito as coisas direito? Não havia ninguém para contradizê-lo, então Iain fazia o que podia – o que sabia fazer. E se não tivesse sido um bom pai para Malcom durante todos esses anos?

Ele tossiu de leve, dizendo a si mesmo que era o inseto que ainda arranhava sua garganta, não o pesar que o estrangulava.

— M-Mas eu posso cantarolar — disse a garota, que começou a cantarolar, com certa hesitação.

Por um instante, Iain ficou incapacitado de encontrar a voz ou mesmo compreender a melodia. Mas depois ela se tornou clara, e a balada penetrou a confusão de sua mente.

As batidas do coração dele aceleraram.

De onde conhecia aquela canção?

Assustadoramente familiar, porém muito estranha por vir dos lábios ingleses da garota, não conseguia identificá-la, mesmo tentando.

Enquanto ela continuava a cantarolar, a memória tentou ressurgir da escuridão da mente, dolorosamente doce, ainda que nebulosa e indistinta, mas ele não conseguia realmente trazê-la à tona; a voz de uma mulher... tão familiar e confortadora...

Não era a voz de Mairi, pois nunca na vida a ouviu cantar uma nota.

Também não era de Glenna.

De quem era a voz?

As batidas do coração retumbavam em seus ouvidos quando lhe vieram as palavras de um verso esquecido.

Dorme, meu menininho, tão pequenininho... logo serás grande e hás de querer sair do ninho...

Ele sentiu um solavanco físico, como se o corpo tivesse sido abatido por um raio de luz invisível.

Perplexo, Iain deitou a cabeça sobre o tartã e olhou para a escuridão, para a silhueta quase indistinguível dos dois deitados ao seu lado, tentando lembrar.

Dorme, meu menininho, tão pequenininho, logo serás grande e hás de querer sair do ninho...

— Vem cá me dar um beijo, mesmo que bem ligeiro — murmurou ele, tentando desesperadamente recordar as palavras. Começou a cantarolar sem perceber. — E sai com teu pai, me busca a cabra e o carneiro...

Cristo! Não conseguia lembrar do resto. O peito batia depressa. De quem era a voz familiar?

De sua mãe?

Não. Iain sacudiu a cabeça, pois era impossível. Sua mãe morreria dando-lhe à luz. Não poderia ser. Não poderia lembrar de uma mulher que dera seu último suspiro no mesmo instante em que ele tragou o ar pela primeira vez. Diziam que ela sequer ouviu seu primeiro choro.

Então de quem era a voz?

O coração batia freneticamente, as palmas das mãos começaram a suar.

— Dorme, meu menininho, tão pequenininho — cantou baixinho, intrigado com a memória, sem saber que cantava fora de tom e de ordem – ou que seus homens o ouviam cantarolar feito um bobo.

— Meu querido anjinho — interrompeu o velho Angus de repente, parecendo cansado e estranhamente triste.

Iain piscou, daí perguntou:

— O que você disse?

— Meu querido anjinho. O próximo verso — revelou Angus, que então cantou: — Dorme, meu menininho, meu querido anjinho; Traz as caças boas que encontrares no caminho...

O velho Angus esperou que a garota alcançasse o lugar adequado da balada e começou a cantarolar com sua potente voz de barítono.

— Dorme, meu menininho, meu querido anjinho; Traz as caças boas que encontrares no caminho...

Alguns dos outros homens também estavam cantarolando, e Iain não pôde deixar de sorrir do colapso do plano da garota. Percebeu de repente que Dougal pegara a flauta e estava acompanhando a melodia também.

"... O tetraz lá da charneca, a lebre lá do prado, Do rio vem a truta e da montanha, o veado."

Em uníssono, todos os seus homens começaram a cantarolar e, em sua mente, a voz suave da mulher continuava...

— Dorme, meu menininho, meu lindo amorzinho — cantou o velho Angus. — Os olhos vão pesando, o sono vem devagarinho; Fecha bem os olhos, acompanha a melodia; Dorme bem, querido, amanhã é novo dia.

Quando terminaram o último verso, o corpinho de Malcom estava aninhado tão perto da garota que Iain mal conseguia distinguir quem era quem. O ressonar do menino revelou que ele caíra no sono. Iain ficou ali deitado por um momento, desfrutando a inquietante beleza da canção da flauta, perguntando-se sobre a voz da mulher em sua memória.

— Como foi que aprendeu essa melodia, moça? — perguntou depois de um instante, esperando que ela não tivesse caído no sono também.

— Cora — Page respondeu baixinho.
— Cora?

Ela suspirou, incerta sobre como falar sobre Cora. Claro que não revelaria a um estranho que seu pai mantinha uma amante. O rosto dela ardeu só de pensar.

— Ela é... minha... amiga.

Jesus! Ela não sabia o que esperava do estratagema daquela noite, mas certamente não era um coro de escoceses idiotas cantando com ela.

Tinham feito aquilo pelo menino, ela sabia. Assim como ela. O coração de Page se condeu pela criança deitada com tanta intimidade em seus braços. Ele a chamara pelo nome. Teve tanto medo de que o MacKinnon ouvisse, de que fosse humilhada. Mas ele não ouviu, e Malcom pediu com tanta doçura... Como poderia recusar, uma vez que nem homens crescidos conseguiam?

— Obrigado — sussurrou o MacKinnon ao seu lado, e a garganta de Page fechou de emoção. Deitados com tanta intimidade como estavam, com o filho dele aninhado entre os dois, agarrar-se à ira

era tão fácil quanto fazer uma recusa ao menino. — Não precisava fazer isso, mas tem minha gratidão, moça.

Page ficou por um instante sem encontrar a voz para falar, mas depois ousou perguntar:

— Agradecido o bastante para me devolver ao meu pai? — Estava desesperada para se afastar daquela gente – desesperada porque uma ensandecida parte dela queria se agarrar a eles e nunca mais partir.

Tudo por causa de uma simples canção que cantaram juntos, a pedido de um menininho.

Tolo coração.

Pelo seu próprio bem, precisava afastar-se. Antes que ficasse tentada a ficar. E isso nunca, nunca funcionaria porque eles não a queriam de fato. Ela estava ali por vingança, mas uma vez satisfeita, eles a desprezariam.

Ele ainda não respondera, e uma traidora parte de Page temia que ele pudesse aceitar seu pedido. Era ridículo, concluiu, mas não deixava de ser verdade.

— Pode me levar de volta? — insistiu.

A resposta dele foi um suspiro e um sussurro na escuridão.

— Não, moça.

Page liberou um suspiro que nem percebera que estava segurando. O que sentia era desapontamento? Alívio? Por Deus, ela não sabia, mas também não discutiu com ele, pois não encontrava a voz para fazê-lo.

A música da flauta esvaía-se, os acordes marcantes agora eram mais suaves.

— Quando o ouvi falando com você, e percebi que não era mudo, presumi que Malcom não compreendia a língua inglesa — comentou ela com certo aborrecimento.

— É claro que ele entende — disse o MacKinnon. — Quero que ele aprenda latim também.

A surpresa se fez evidente no tom dela.

— Você fala latim?

— Acha que só um inglês tem o direito de saber a língua de Deus? — perguntou ele.

Page mordeu o lábio para não revelar o humilhante fato de que nunca lhe ensinaram nada. Saber que ele, um escocês selvagem, sabia essas coisas, e ela não, fazia com que se sentisse a pobre coitada que parecia ser.

Porém, quando foi que sentiu qualquer coisa que não fosse um sentimento de inferioridade?

Pressentiu, mais do que viu, que o MacKinnon virou o rosto para ela. O movimento puxou um pouquinho o braço dela, mas o bastante para acordar Malcom, que estava deitado tranquilamente sobre ele. O braço estava ficando dormente, mas ela não se importou. Havia algo de doce na sensação de tê-lo dormindo ali.

Parecia algo tão certo... e tão estonteante estar deitada ao lado do pai dele.

Iain. Angus o chamara de Iain. Page saboreou o nome consigo mesma.

Pura tolice, mas mesmo assim ficou olhando, tentando enxergar o rosto do MacKinnon através das sombras, o coração acelerado no peito.

— Ele não conversava comigo na casa do meu pai — alegou.

Ele não respondeu, e a respiração dela acelerou dolorosamente enquanto aguardava para ouvir a voz dele novamente.

— O que teria feito no lugar dele? — perguntou MacKinnon, após um momento.

— Se eu fosse uma criança sozinha nas mãos de estranhos? — murmurou ela. Seu olhar recaiu na sombra da criança deitada tão calmamente ao seu lado. — Eu... Eu não sei.

— Ele estava com medo, só isso.

— Eu... Eu acho que estaria com medo também — admitiu ela.

— Está agora, moça? Com medo?

Page engoliu em seco.

— Eu deveria?

— Medo de que eu possa machucá-la? — respondeu ele. — Não. Você não precisa ter medo disso.

Algo na maneira como a voz dele fluiu, suavizada por um sussurro rouco, fez o coração dela bater forte no peito. Ele a impressionava, seduzia, drogava seus sentidos. O MacKinnon poderia fazer o que quisesse com ela naquele instante, pois não estaria nem um pouco preparada.

— O que devo temer então? — ousou perguntar, o coração batendo mais rápido.

O silêncio entre eles parecia ensurdecedor enquanto Page aguardava pela resposta.

— Que eu possa querer você — murmurou ele, a voz profunda, misteriosa e sedosa.

Page ofegou.

— E-Eu? — gaguejou. — V-Você? Não! — respondeu, sem fôlego. — Não poderia!

Ele deu uma risadinha e, sem erro, alcançou a mão dela, puxando-a para si. Para Page foi como se o sangue retumbasse nos ouvidos quando ele a puxou para perto, colocando sua mão sobre a túnica dele, sobre a parte mais íntima. Ficou chocada ao perceber o quanto estava volumoso e rijo e, em seu espanto, esqueceu de afastar a mão. Não conseguiu falar de tão estupefata.

— Não fique tão surpresa, moça — murmurou ele baixinho, aproximando-se mais.

O corpo de Page estremeceu em segredo quando sentiu a presença dele se aproximar dela na escuridão, encurtando o espaço entre os dois, até o corpo do filho dele ser tudo o que os mantinha separados.

Irrracionalmente, naquele instante, Page desejou que o filho dele não estivesse dormindo tão calmamente entre os dois, pois ansiava pelos braços do pai dele mais do que jamais desejou algo na vida.

— Eu... — Ela gaguejou e esqueceu o que pretendia dizer.

— Sim, moça — jurou ele, seu corpo pulsando sob a mão dela, dando evidência de suas palavras. — Se meu filho não estivesse entre nós... você teria muito a temer.

Page prendeu a respiração.

Será que ele tinha lido sua mente? Será que havia falado em voz alta? O sangue acelerou nas veias, mas ela estava chocada demais com aquelas palavras ousadas para sentir medo. Sentia o olhar dele cravado nela na escuridão, então ousou perguntar, o coração batendo ferozmente:

— O que... O que é... que você faria?

— Essa é uma pergunta muito perigosa.

O coração de Page teve um sobressalto.

— Você... você jurou que não me faria mal — lembrou ela.

— Sim, moça, mas eu ficaria tentado a mostrar.

O MacKinnon apertou ainda mais a mão dela contra si, e Page o sentiu pulsar sob sua palma. Daí ela piscou, como se de repente percebesse onde sua mão estava, então a puxou, corando de vergonha. Como podia ter agido com tanto descaramento?

Ele riu baixinho. Ela se deitou de costas no tartã para olhar com mortificação a escuridão, sentindo a respiração ofegante e o rubor

intenso – que as sombras felizmente escondiam!

— Boa noite, moça — sussurrou ele, um sorriso na voz.

Page não encontrou voz para responder. Ficou deitada ali, tentando compreender o que havia acontecido, o porquê de as coisas terem dado tão errado.

Começara a noite esperando deixar o MacKinnon enfurecido, fazer com que ele se lamentasse amargamente sua presença, mas acabou tentando fazer com que ele a tomasse nos braços.

O que mais pretendia fazendo perguntas daquela natureza?

Também pretendia fazer com que os homens ficassem tão cansados depois de uma noite de cantoria incessante que mal poderiam cavalgar pela manhã. No fim das contas, era Page que mal conseguia fechar os olhos. Estava a cada instante ciente do homem e da criança ao seu lado, das amarras no punho que a mantinham presa a ele. Poderia ter tentado reposicionar a cabeça de Malcom e livrar-se das amarras, mas não suportaria tirar o menino do lugar. E depois, quando o MacKinnon se virou abruptamente durante o sono e a puxou num abraço que abarcava os três, ela não pôde pôr um fim naquela doce sensação de pertencimento. Fechou os olhos e prometeu saborear cada segundo restante daquela euforia no coração. Abrigando-se do frio, ela ousou se aninhar ainda mais no abraço.

Poderia se dedicar à fuga no dia seguinte.

Naquela noite ela precisava daquilo mais do que de respirar – ainda que por uma noite, ela poderia fingir. Só que em algum momento, no avançado da noite, o sono a despojou de maneira cruel, e ela se entregou a ele.

De alguma forma, o dia raiou ainda mais frio do que a noite anterior.

Page acordou, tremendo. A sensação de vazio retornou. A claridade nebulosa do sol iluminava a clareira, mas a parca luz não era suficiente para aquecer seus ossos rígidos. O dia nublado prometia uma chuva gélida que certamente tornaria sua rigidez eterna.

Precisava encontrar uma maneira de escapar hoje.

Devia haver um jeito de esquivar-se deles... de alguma maneira...

O MacKinnon levantara. Seu filho também, deixando-a dormir sozinha no tartã.

Ora, ralhou consigo mesma. O que ela tinha esperado? Um beijo matinal do poderoso MacKinnon? Acordar com um abraço do filho dele? Dificilmente! Não eram a família dela, lembrou a si mesma. Eram seus carcereiros, nada mais – não importa que tivessem compartilhado um momento doce na noite anterior. Não significava nada. Menos do que nada.

Só para ela, ao que parecia.

Aquilo a enchera de uma sensação de pertencimento tão ávida e tão bonita que naquela manhã Page só poderia chorar sua perda.

Fechou os olhos e abrigou o rosto da luz da manhã com um braço colocado sobre os olhos. Se revivesse aqueles momentos... poderia sentir ainda os resquícios de calor e afeto apertando o coração.

Claro que a quentura que a invadia naquela manhã não tinha nada a ver com a promessa ousada feita por ele! Suas bochechas arderam ao recordar onde sua mão estivera.

Ele disse que a queria – não precisava adivinhar o que ele queria fazer com o volume intenso da virilha. Que Deus tivesse piedade de sua alma, pois uma parte dela estava pronta para se atirar nos braços dele, pela mera promessa de afeição, quando deveria ter se horrorizado com a insinuação.

Estava tão faminta de afeição que estava disposta a saciá-la, mesmo sob o risco da própria ruína?

Era o que parecia.

Page então suspirou e sentou, incomodada com o rumo de seus pensamentos, pois sabia que seria um gesto inútil. Ela não fazia parte daquela família. Ela não fazia parte de família nenhuma. Oferecer o corpo em sacrifício pelo prazer dele não mudaria absolutamente nada.

E seu pai a queria de volta, lembrou a si mesma, sentindo a esperança voltar. Precisava encontrar um jeito de voltar para o pai a qualquer custo.

Recostando-se na árvore, abraçou os joelhos junto ao peito, observando o MacKinnon entretido com seus homens. Falava em sua própria língua com certa urgência, por isso ela ficou imaginando o que discutiam. Mas não ficou imaginando por muito tempo, pois

acabou notando Malcom parado junto de uma árvore, de costas para ela, balançando

Pobre criança, pensou. Parecia um pouco triste naquela manhã, com ombros caídos e cabeça baixa, então foi inevitável imaginar que talvez estivesse pensando na mãe depois daquela noite. Page não conseguia esquecer a maneira desejosa com que falou nela. Não havia reclamação na voz dele, apenas verdade, mas a tristeza com que falou da mãe que nunca conheceu apertou o coração de Page. Sabia muito bem como era crescer sem uma mãe – ou um pai –, mas isso era uma história diferente.

Sua mãe nunca a quis, escondeu-se num convento após seu nascimento – envergonhada de sua visão, segundo seu pai dissera. Page suspirou. Sentia-se culpada por isso até hoje. Não era surpresa que seu pai a desdenhasse, pois diziam que ele amava sua mãe mais do que a própria vida.

E Page a afugentou.

O que ela tinha feito? Será que chorava muito? Será que era muito exigente? Devia ser uma criança difícil – seu pai, sem dúvida, dissera isso muitíssimas vezes.

E aquilo ainda a atormentava.

E se tivesse feito as coisas de maneira diferente?

Ela franziu a testa ao perceber a linha de pensamento autodestrutiva. O que estava feito, estava feito, bem sabia, e agora não poderia alterar o curso de sua vida. Sua mãe estava morta – perecera no convento há muito tempo por causa de uma febre nos pulmões.

O melhor que podia fazer agora era as pazes com o pai, e quanto antes voltasse para Aldergh, mais cedo poderia começar.

Foi inundada por uma nova onda de raiva.

Dando uma olhada naquele a quem era direcionada, perguntou-se a história era verdadeira, a de que ele matara a esposa. De alguma forma, ela achava que não. Ainda que o conhecesse pouco, ele não lhe parecia um assassino de mulheres inocentes. Mas... Ela franziu a testa. Talvez a esposa dele não fosse inocente.

De qualquer forma, era certo que o MacKinnon teve inúmeras oportunidades de machucar Page caso desejasse, e ainda assim não mais do que levantou um dedo contra ela em sua raiva.

Embora pudesse ter desejado fazer isso na noite anterior.

Page não conseguiu evitar o sorriso vingativo ao pensar na própria rebeldia. Minha nossa! Gostaria de ter visto o rosto do MacKinnon quando ela começou a berrar a canção aos seus ouvidos – seguido pela expressão furiosa quando não conseguiu detê-la. Incapaz de evitar, Page riu sozinha e depois mordeu o lábio para se recompor.

Sabia que ele era um homem perigoso.

Então por que não se sentia temerosa?

Franziu a testa pensando, depois avaliou a reação dele ao seu desafio. Embora temesse de antemão a reação dele, não podia deixar de achar a frustração dele um tanto engraçada naquela manhã – e curiosa também para um homem como o MacKinnon, cuja bravura em campo de batalha o precedia. Assim como sua reputação cruel. Poucos nas terras do norte – não, em toda a Inglaterra – não tinham ouvido a história da morte de sua pobre esposa. Diziam que ele a atirou da janela da torre na mesma manhã do nascimento do filho, pois ela não tinha mais serventia. Ela havia lhe dado um filho, e isso era tudo o que queria dela.

Também diziam que sua influência nas Terras Altas rivalizava com a do rei David, e que, na verdade, as pessoas de lá buscavam a liderança do MacKinnon, o que incomodava David da Escócia.

Seria por isso que David roubara Malcom e o entregara à corte inglesa, para controlar o pai?

Ponderando a ideia, Page se levantou determinada a animar Malcom – ele lhe dera a chance de tranquilizá-lo na noite passada, talvez o fizesse de novo. Ela sairia da presença dele ainda naquele dia, mas, por enquanto, poderia fazer a diferença no humor do menininho. Talvez pudesse fazê-lo sentir que poderia suportar a falta da mãe. Ela tinha suportado, sem dúvida!

Enquanto se aproximava do menino, percebeu que ele estava cantando consigo mesmo. O coração dela apertou dolorosamente com o retorno de uma vaga lembrança, uma rápida visão vertiginosa de si mesma deitada num campo dourado de grãos, olhado para os grandes flocos fofos de nuvens brancas que flutuavam pelo claro céu azul. Ela estava cantando uma canção de ninar para si mesma.

— Dorme, meu menininho, tão pequenininho — cantou ele, em seu melódico sotaque escocês, arrancando Page de suas lembranças. — Logo serás grande e hás de querer sair do ninho...

Page sorriu com a canção e a maneira como ele vacilava no ritmo.

— E sai com teu pai, me busca a cabra e o carneiro — continuou ele.

Foi quando Page o alcançou e pôs a mão em suas costas, deixando que ele soubesse que ela estava ali para confortá-lo se quisesse. Ele parou de cantar abruptamente e olhou para ela por cima do ombro, enrugando a testa.

Page notou que ele estava segurando alguma coisa por baixo da túnica, mas ela não conseguia ver o que era por causa do volume do tartã. Pensou que ele estava escondendo alguma coisa e imaginou o que poderia ser. Seu pai sempre falava que eram um bando de ladrões, os escoceses. Franzindo o cenho, ela levou a mão até a

ponta da trança e a ergueu para ter certeza de que ainda possuía seu único bem de valor – a corda trançada dourada que ela roubou da capa do pai e agora usava para amarrar o cabelo. Suspirou de alívio quando viu que ainda estava ali, adornado seus cachos retorcidos, feito um fio de ouro num ninho de passarinho. Franziu o cenho novamente e deu uma olhada no MacKinnon, garantindo a si mesma que não se importava se ele a achava sem atrativos.

Voltou sua atenção para Malcom, a curiosidade atizada.

— O que está fazendo? — perguntou.

Ele ainda estava olhando para ela, as pequenas sobranceiras formando uma adorável ruga na testa. Ele parecia estar pensando na melhor forma de responder, daí disse:

— Desenhando.

Page franziu a testa.

— Desenhando? — perguntou um tanto surpresa. — Ah, entendi.

— O pequeno diabrete era muito tímido para mostrar sua obra de arte. Ela sorriu e se ajoelhou atrás dele, esperando convencê-lo a tirar o desenho de baixo da túnica. O olhar dele a acompanhou, o rostinho continuou com ar desconfiado. — Posso ver seu desenho? — perguntou com delicadeza, como se estivesse tentando persuadir um cãozinho tímido. — Eu gosto muito mesmo de desenhar — falou, sendo sincera, e aguardou pacientemente pela decisão dele.

— Bom — disse ele, entortando os lábios enquanto pensava. — Acho que pode — afirmou ele, começando a remexer em algo debaixo da túnica. Page sorriu em triunfo, mas então, para seu horror, viu quando ele começou a fazer xixi no chão. — Olha — disse ele, com certo orgulho, erguendo o dedo para apontar a terra molhada diante de si. Foi quando Page notou que parte do chão já estava molhado.

— Esses são os chifres — apontou com satisfação — e esses são os olhos. Agora estou fazendo o focinho. E então ele resmungou, pois seu jato acabou de repente: — Mas nunca termino porque sempre fico sem! — Daí voltou-se para Page, franzindo a testa como criança amuada.

Page ficou ajoelhada ali, boquiaberta de choque, o rosto ardendo. Não sabia o que dizer.

— Ficou... bastante... bonito — gaguejou, e então gritou de susto quando o MacKinnon se aproximou e a tocou no ombro. Ela se livrou do toque dele, ficando de pé num pulo.

Malcom olhou para o pai, seu sorriso ficando feliz novamente.

— Oi, pai! — disse, sorridente. — Eu estava mostrando para Page a minha cabra!

— Estava? — perguntou o MacKinnon, franzindo o cenho, antes de olhar para ela, com a ruga aumentando.

Na defensiva, Page deu um passo atrás.

— Eu... Eu... Eu não sabia! — falou de vez, gaguejando com as palavras. Ela sacudiu a cabeça, horrorizada. — Eu... Eu não queria interromper, n-não passou pela minha cabeça!

O MacKinnon espiou por cima do ombro do filho o que havia no chão, erguendo as sobrancelhas.

Malcom deu de ombros.

— Ela pediu para ver minha cabra, pai, mas não terminei — explicou o filho, olhando para Page como se ela de repente tivesse ficado louca.

A expressão carrancuda do MacKinnon abriu então espaço para um grande sorriso. Ele se voltou para Page, como se fosse explodir em gargalhadas, e disse:

— Ele é um menino, moça, o que posso dizer?

Malcom ainda estava olhando para o pai, amuado.

— Mas, pai — reclamou — não consegui terminar de novo! — Daí ele se voltou para Page e declarou: — Às vezes meu pai e eu ficamos vendo quem faz xixi mais longe.

O MacKinnon foi rápido em colocar a mão na boca do filho, silenciando-o.

— Malcom!

Imagine! Page achava que não poderia ficar com o rosto mais quente do que já estava.

— Meu pai sempre ganha — a vizinha de Malcom anunciou, insistente, as palavras abafadas pelos dedos do pai. Estava óbvio que ele se orgulhava muito do feito do pai. Ele empurrou a mão para longe do rosto e gabou-se: — Porque ele é maior, sabe? Não é mesmo, pai? — perguntou, olhando para o pai à espera da confirmação.

Page baixou o olhar, piscando.

— Mais alto, moça, mais alto! — declarou o MacKinnon, erguendo o rosto dela para que pudesse encará-lo. — Porque sou mais alto — explicou depressa.

Foi então que Page percebeu para onde estava olhando. Ela arregalou os olhos quando compreendeu. Sentia-se prestes a desmaiar! O rosto ardia de tanta vergonha. Seu único conforto era saber que o rubor do MacKinnon era tão grande quando o dela mesma. As bochechas dele estavam completamente vermelhas.

Page se virou de repente, sentindo-se uma idiota, e afastou-se, desejando jamais ter acordado naquela manhã. Jesus! Achava nunca mais ser capaz de encará-lo novamente – pai ou filho!

O MacKinnon veio atrás dela, mas os passos dele pararam abruptamente.

— Page — chamou, a voz parecendo o estouro de um trovão.

Page congelou, piscando diante da agudeza da voz dele.

E então ela percebeu o que ele dissera, e os joelhos fraquejaram.

Mãe de Cristo!

Ele sabia.

A mente dela disparou, tentando discernir como ele poderia ter descoberto e percebeu tarde demais que Malcom tinha usado o nome dela novamente. Apertando os olhos, ela desejou sumir. Que Deus a ajudasse, pois nunca quis tanto se enfiar num buraco e permanecer lá pelo resto da vida. Agora, na verdade, não suportaria encará-lo.

O que diria?

Como conseguiria explicar?

O coração dela batia com aflição.

Iain mal podia acreditar, mas a prova estava bem diante dele. Ela congelou onde estava quando ele a chamou pelo nome, e ficou paralisada ali, feito uma bela escultura de pedra em sua completa imobilidade.

Ouvira Malcom falar a palavra na noite anterior, mas presumiu que o filho tinha se confundido com alguma palavra em inglês. Não pensou mais no assunto. Até Malcom falar o nome novamente.

Iain ficou distraído na hora com a obra de arte do filho, mas agora não.

Ele precisava saber a verdade.

E sim, havia descoberto. Podia dizer isso pela maneira como ela ficou parada, tão rígida, negando-se a encará-lo. Ela sabia precisamente o que ele desejava saber, deu a resposta com seu silêncio.

Quando a observou inclinar a cabeça para trás e olhar o céu, como se fazendo uma súplica, Iain foi tomado por uma fúria potente. Podia sentir seu gosto amargo. Podia sentir seu ardor no

coração. Podia sentir o cheiro, e seu fedor era pútrido. Se FitzSimon, o desgraçado, estivesse diante dele naquele instante, Iain seria capaz de arrancar aquele maldito coração e fazê-lo engolir – isso se ele tivesse um coração! Verme desgraçado.

Que tipo de homem chegava ao ponto de não dar um nome à própria filha? Page não era um nome, significa em inglês apenas um cargo — um pajem!

Como podia um homem – qualquer pessoa – se preocupar tão pouco com um ser humano? Com sua própria carne e sangue?

Iain trincou o queixo com tanta força que chegou a pensar que estava sentindo o gosto do próprio sangue.

Praguejou baixinho e jurou que se um dia encontrasse novamente aquele homem que se dizia o pai dela, estrangularia o idiota com as próprias mãos.

Incerto do que fazer, Iain simplesmente ficou olhando para as costas da moça – que não conseguia se virar para encará-lo ainda – e viu que ela tremia.

Por Deus! Nada do que fizera, nada do que dissera, havia provocado tal reação nela, então Iain fez outra amarga promessa ao virar-se abruptamente, incapaz de encará-la ainda, incapaz de forçá-la a encará-lo.

Virando-se, quase atropelou Lagan em sua fúria cega.

— É o Ranald — anunciou Lagan. — Iain... ele não voltou.

Iain resmungou uma praga.

— Junte um grupo de busca — ordenou a Lagan. — Inferno, sou capaz de estrangular esse andarilho maldito quando eu o encontrar!

Eles varriam a floresta com mais fúria agora, arrancando as vinhas floridas e as folhagens no caminho.

Lagan e Ranald eram companheiros desde a infância, e Iain percebia que seu primo estava ficando mais angustiado a cada centímetro de chão que cobriam na busca pelo amigo.

Iain não ficou muito preocupado na noite anterior, só porque sabia que Ranald precisava de tempo para se acalmar – talvez seu desaparecimento fosse um gesto de desafio. Sabia muito bem que seus homens estavam insatisfeitos com a decisão de levar Page.

Ah, mas se não gostava do nome que ela lhe dera antes, odiava ainda mais este. Não, aquilo nem era um nome!

Enquanto o grupo continuava a busca, Iain considerava outros nomes que lhe coubessem melhor – e concluiu que qualquer um deles lhe cairia melhor do que Page. Só de pensar no insulto do pai dela, sua ira aumentava enormemente. Arrancou uma vinha grossa com a parte chata da espada, despedaçando-a com a força bruta do golpe.

Maldito fosse! Onde estava o Ranald?

Por mais zangado que estivesse, Iain sabia que Ranald jamais os desertaria. Ele enrugou a testa. Sem dúvida não partiria sem a montaria.

Seus pensamentos voltaram para Page, e ele sacudiu a cabeça de desgosto. Maldição, como um homem podia permitir – pior, exigir! – que sua carne e sangue fosse carregada pelo inimigo? Iain apertou os dentes com pensamento tão impalatável. Por mais que tentasse, não conseguia compreender o funcionamento da mente de FitzSimon. Mesmo que Mairi tivesse sido infiel e gerado o filho de outro homem, Iain sabia que teria amado a criança como se fosse a dele. Não era culpa da criança, era? Ele não conseguia entender a falta de consideração tão descarada de um pai que compartilhava o mesmo sangue com a filha.

Isso só podia ser uma abominação aos olhos de Deus. Ainda que Deus pudesse executar sua própria justiça, Iain percebeu que desejava mostrar àquele imbecil um tipo mais mundano de inferno – e bem o faria se colocasse os olhos naquele homem novamente.

— Comecem a vasculhar o mato rasteiro! — ordenou. Uma sensação desconfortável arrepiava os pelos da sua nuca. Até agora, estiveram examinando o chão em busca de alguma evidência de luta, alguma pista do desaparecimento do Ranald: rastros pelo chão macio da floresta, folhas perturbadas. Não havia nada.

— Ele não poderia ter ido longe sem a montaria – lembrou aos seus homens, pensando alto, mas mesmo assim seus pensamentos taciturnos se voltavam para Page.

Maggie era um bom nome escocês.

A raiva surgiu dentro dele mais uma vez.

Chegando ao seu limite com a busca, ele praguejou e despedaçou o topo de um arbusto, depois chamou Dougal.

— Leve Broc e Kerwyn — orientou ao rapaz. — Procurem à direita, deem a volta. Lagan — ordenou, virando-se para falar ao primo com expressão circunspecta. — Leve Kerr e Kermichil e cubram a esquerda.

Lagan assentiu e fez o que foi ordenado sem questionar. Iain levou os dois homens restantes consigo. O maior número de homens ficou responsável por Page e Malcom. A última coisa que queria era perder seu filho novamente para FitzSimon.

Pelo que Iain sabia, não foram seguidos, mas não pretendia assumir riscos desnecessários no que dizia respeito a Malcom. Talvez FitzSimon os tivesse perseguido, mas numa distância discreta, com a intenção de atraí-los para longe com a busca infrutífera e pegar Malcom enquanto isso.

Iain estava certo de que o desgraçado não estava disposto a se mexer pelo bem da filha, mas Malcom era outro assunto. Sem dúvida, FitzSimon enfrentaria a ira de Henrique pela perda do protegido. Na verdade, era por isso que Iain abandonara a estrada velha, optando pela rota mais curta e mais árdua através da fronteira até as Terras Altas — só por precaução, caso o idiota pensasse em segui-los. Sim, pois existia uma razão para a Escócia ter resistido aos forasteiros tão bem e por tanto tempo: a terra era sua aliada.

Também não queria que Page tivesse acesso à estrada antiga para facilitar a fuga. Não sabia por que se importava com a fuga dela. Só sabia que mal podia encarar a ideia de que ela teria que enfrentar o pai e a verdade desprezível — a de que ele não a queria.

A expressão que viu no rosto dela quando, com Malcom no colo, retornou da negociação com o pai dela ainda o assombrava.

Foi Broc quem descobriu o corpo, não muito depois da separação. O alvoroço do rapaz parecia mais o grito lancinante de uma mulher em sua irrestrita histeria.

Iain virou e correu através da floresta, batendo em galhos e saltando o mato baixo, até se deparar com Broc curvado e botando os bofes para fora.

— Lobos! — declarou Broc com uma arfada estrangulada.

Iain acompanhou o olhar dele até o ponto em que Kerwyn e Dougal arrastavam o corpo para fora dos arbustos, os rostos pálidos ao erguer o amigo nos braços. Ao vê-los, Broc curvou o corpo e vomitou novamente. Se Iain não estivesse também tão enjoado de repente, poderia ter achado graça do jovem rapaz robusto curvado à sua frente. Sem dúvida o mais alto de todos, Broc, apesar de toda a arrogância, possuía um coração de mulher, além do rosto formoso demais.

— Parece que alguma coisa se banquetou com ele durante a noite — disse Dougal com desgosto.

— E o enterrou para outra refeição — acrescentou Kerwyn, o queixo tenso.

— Ah — disse Dougal, sacudindo a cabeça e fazendo uma careta —, nem se pode dizer que seja mesmo o Ranald, exceto pelo tartã que está usando.

Iain foi até onde eles tinham deitado o corpo e ficou olhando para a carcaça sem vida aos seus pés. Kerwyn e Dougal desviaram o olhar, incapazes de examinar o rosto e o corpo mutilado do companheiro.

— O que faremos? — Kerwyn perguntou. — O que diremos à mãe dele?

— A verdade — respondeu Iain, o olhar fixo na haste de madeira que se projetava do peito de Ranald. Abaixou-se para examinar a

flecha partida, passando o dedo pela ponta cortada. — Seja lá qual for. Os lobos podem ter se banquetado aqui, mas duvido que alguém não tenha chegado nele primeiro. O ataque dos lobos deve ter sido tão feroz que obviamente quebraram a flecha no frenesi. — Iain avaliou a flecha partida por um momento, incomodado com alguma coisa, até Lagan, Kermichil e Kerr surgirem na clareira em que estavam reunidos.

Olhando espantado para Broc, Kermichil direcionou então sua atenção ao corpo, retorcendo os lábios numa careta.

— Cristo! — exclamou.

Com um sofrido choro de lamento, Lagan caiu de joelhos ao lado de Ranald.

— Desgraçado estúpido — lamentou, dando outro gemido baixo e torturado. — Desgraçado estúpido, estúpido!

Iain pôs a mão no ombro do primo e apertou, confortando-o, encorajando-o a ficar de pé.

— Não há nada que possa fazer por ele agora, Lagan.

Lagan ficou de pé, assentindo, combatendo a dor – uma dor que se refletia nos olhos de cada homem, ainda que ninguém falasse abertamente. Cada um deles havia compreendido os riscos que encontrariam ao vir àquele lugar.

Iain removeu seu tartã e o atirou para Dougal, o coração pesado com a tarefa por vir.

— Enrole-o — ordenou, a voz rouca. — Ele merece um enterro decente. — Ele trincou o queixo. — Nós o levaremos para casa para que o tenha.

— Não! Use o meu — ofereceu Lagan, a voz embargada e os olhos ligeiramente vidrados. Ele tirou o tartã e o atirou para Dougal, que atirou o de Iain de volta. Iain o agarrou, assentindo seu consentimento quando Dougal o fitou em busca de aprovação.

Dougal acenou com a cabeça e virou o rosto, pouco capaz de encarar os olhos de Lagan. Todos sabiam que os dois compartilhavam uma amizade que beirava um vínculo familiar. Na verdade, Lagan sempre foi muito mais próximo de Ranald do que de Iain. Embora não ficasse ressentido, saber disso deixava Iain oprimido, pois se sentia sozinho de diversas maneiras.

Sim, havia o clã. E havia seu pai, e Malcom também, mas nunca teve uma irmã para atormentar, nem um irmão com quem treinar. Quando menino, na verdade, sentira inveja da amizade deles. Como adulto, ele a mantinha em alta conta. Como chefe do clã, lamentava a morte de um dos seus.

Sem uma palavra, entregaram-se à tarefa de envolver o corpo ensanguentado de Ranald no imaculado vermelho, preto e branco da manta dos MacKinnon.

PAGE ESTAVA DETERMINADA A FAZER com que o menino percebesse o quanto ficou incomodada com o silêncio dele na casa de seu pai. Até agora, ele ouvia a repreensão calado, as sobancelhas franzidas, o rostinho ficando mais ressentido a cada instante. Ela não deixou que aquilo a dissuadisse. Afinal, passara semanas tentando amenizar seus temores e fazer amizade – e ele havia compreendido cada palavra dita por ela durante o tempo inteiro. De alguma forma, ainda se sentia magoada porque ele simplesmente não quis confiar nela. Page havia se esforçado muito.

— Por que não falou para que eu soubesse que você me compreendia, Malcom? Eu não teria machucado você.

Ele apenas deu com os ombros, mas a expressão dele era de irritação.

— Não defendi você do meu pai? — perguntou Page, acomodando-se ao lado dele no chão. Ela ergueu os joelhos, abraçando-os junto ao peito, e espiou o que Angus e o resto do bando estavam fazendo. Viu que ainda estavam andando de um lado para o outro, então franziu a testa, pois ainda não tinha descoberto o que havia deixado todos tão agitados.

Sua expectativa era a de que partiriam tão logo tivessem recolhido seus pertences pela manhã, mais ainda estavam ali, esperando – mas o quê, ela não sabia.

— Malcom... Por que não confiou em mim? — insistiu, olhando para a pequena pilha de terra que ele havia amontoado entre os dois. Passou-a pelo chão, ajudando-o a arrumar a terra. — Compreendo que teria medo do meu pai. Seu pai me explicou. Mas...

O menino então a encarou, deixando-a sem fala com a indignação em seus olhos.

— Porque você falou coisas feias do meu pai — respondeu ele com rancor. — Você mentiu para mim e disse que ele era mal!

Page se espantou, abismada demais para poder responder naquele instante.

— Você queria que eu não gostasse dele! — acusou. — E meu pai é bom! Você não conhece meu pai!

Minha nossa! Não lhe ocorreu que pudesse ter ofendido o menino. Não lhe ocorreu porque estava mais do que preparada para acreditar no pior sobre o pai dele.

O rosto dela ardeu. Não sabia o que dizer em sua defesa.

— Eu... sinto muito. Acho que foi o que eu fiz, mas eu...

Page não teve a chance de se explicar, pois eles retornaram, o MacKinnon e seus homens, feito espectros macabros saídos da floresta, os rostos abatidos e os olhares em chamas.

O olhar de Page se concentrou no MacKinnon que os liderava. O olhar dos dois se encontraram e, por um instante, no espaço de um segundo, Page sentiu uma vontade incrível de fugir. O coração disparou no peito e, embora ela instintivamente soubesse que a raiva no fundo daquele olhar âmbar não fosse dirigida a ela, aquilo a fez tremer mesmo assim. Page tentou virar o rosto, mas não conseguiu e, num piscar de olhos, a atenção dele se voltou ao filho. A rigidez naquela estrutura incrível pareceu diminuir imediatamente.

Foi só quando ficou livre do olhar penetrante do MacKinnon que ela viu a trouxa do tamanho de um homem que seus homens carregavam nos ombros.

Page soube instintivamente que era um deles, pois notou também que o corpo estava envolto nas cores dos MacKinnon. Mas quem poderia ser, ela nem conseguia imaginar. Seu olhar correu de homem em homem enquanto tentava recordar algum rosto ausente, mas sua mente estava em branco. Não eram sua gente, e ela não conhecia a todos.

Ela ficou logo de pé, observando com horror quando carregaram o corpo para as montarias. Ela e Malcom ficaram assistindo a trouxa pesada ser amarrada a um cavalo. Só quando eles terminaram foi que ela se viu capaz de olhar para Malcom.

O menino levantou o olhar para ela, e naqueles olhos brilhantes Page viu que ele sabia sem que lhe dissessem nada.

— Ranald — disse ele, piscando para conter uma lágrima solitária.

Eles cavalgavam sem falar, com melancolia e amargura no rosto.

Page sentia-se parte de uma procissão fúnebre – uma estranha taciturna entre familiares pesarosos.

O corpo de Ranald fora amarrado no traseiro da montaria de Lagan, mas apesar do grande cuidado de amarrá-lo com firmeza, o comprimento do corpo tornava impossível que a manta o envolvesse completamente. Um pé pesado ficou de fora, acenando para ela a cada sacolejo do passo do cavalo.

A visão revirou o estômago de Page. Se por acaso tivesse comido alguma coisa naquela manhã, talvez já tivesse perdido o conteúdo. Mas ela não corria perigo de que tal coisa acontecesse, pois não havia comido absolutamente nada. Eles começaram a busca quase que imediatamente após acordarem e, depois da descoberta do corpo, não pareceram muito inclinados a se dar tempo de preencher os estômagos. Page não poderia culpá-los pela falta de apetite. Embora a própria barriga resmungasse em protesto, ela duvidava que seria capaz de manter qualquer coisa no estômago por muito tempo.

Jamais vira um morto antes – na verdade, continuava sem ter visto, pois não o exibiram. Mas sabia que ele estava lá. Mesmo que fosse capaz de fingir que a trouxa não passava de uma bagagem pesada, o aceno do pé era um lembrete sinistro.

Por mais que tentasse ignorar o corpo, e o pé, isso era quase impossível – principalmente porque lhe deixaram usar a montaria do pobre Ranald. Feito cães arrebanhando as ovelhas, eles a mantinham cercada, o que tornava qualquer tentativa súbita de fuga que pudesse empreender completamente impossível.

Mesmo assim, quando fosse o momento certo, ela pretendia tentar.

Não podia acreditar na arrogância deles ao cederem-lhe o cavalo – não que ela não estivesse agradecida. Estava mais do que satisfeita em não ter que cavalgar com o MacKinnon novamente. A presença dele a perturbava. Mas ela duvidava que simplesmente teriam lhe entregado as rédeas se fosse um homem. Achavam que ela não possuía recursos para tentar escapar só porque era uma mulher? Pois bem! Detestaria desapontá-los, mas escaparia deles no mesmo instante em que uma oportunidade se apresentasse.

E pelo seu próprio bem, esperava que isso acontecesse logo.

Tendo dormido tão pouco nas duas noites anteriores, ela lutava para se manter alerta. Cada momento a afastava ainda mais de Aldergh, e ela sabia que isso diminuía suas chances de fuga. Por puro desespero, ela começara a rasgar pedacinhos da camisola e jogá-los furtivamente no chão para marcar o caminho.

Por mais ridículo que parecesse, precisava fazer alguma coisa. Não podia simplesmente ficar sentada ali no cavalo do pobre Ranald e esquecer-se de tudo. Ninguém havia notado por enquanto, e ela louvava a Deus por esse pequeno golpe de sorte.

Ao fim da tarde, ela começou a ficar preocupada por achar que não teria a oportunidade de usar seus retalhos para encontrar o caminho de volta. Estava ficando cada vez mais difícil rasgar a roupa sem ser notada, já que a bainha tinha se reduzido até os joelhos. Quando o sol finalmente começou a se pôr, ela resistiu à vontade de olhar para trás para ver se os retalhinhos estavam visíveis. Não podia permitir que suspeitassem dela.

Mesmo que o MacKinnon não tivesse dado mais do que uma olhada durante as horas de viagem, o velho Angus e o rapaz que chamavam de Broc a mantinham, sem falha, sempre dentro do campo de visão.

Angus, por sua vez, não parecia disposto a perdoá-la pela rispidez da noite anterior. Franzia o cenho sempre que tinha a chance de olhar na direção dela. Bom, ela não se importava. Não precisava da afeição daquele velho tolo. Imagine! Havia vivido até então sem as graças dele. Que importância tinha se um velho que conhecera há pouco – seu inimigo, na verdade – a desaprovava? Claro que nenhuma!

Broc, por outro lado... Não conseguia compreendê-lo. Horas atrás, poderia ter jurado que ele a viu rasgando a roupa e atirando o retalho no chão, mas ele não disse absolutamente nada. Manteve-se em silêncio, lançando olhares vagos de vez em quando, mas nada mais do que isso.

Talvez não tivesse visto nada, supôs Page, mordiscando o lábio.

Bom, ela logo teria a resposta porque estava na hora de rasgar outro. Não queria que os retalhos ficassem muito afastados – nem muito próximos, senão ficaria sem roupa para rasgar. Mas a julgar pela posição do sol, achava que parariam em breve para passar a noite. Ficar sem tecido não parecia ser sua maior preocupação, mas localizá-los no escuro. Mas não havia como evitar.

Sempre que deixava um retalho, Page esforçava-se para observar o cenário ao redor. Só esperava poder reconhecer o caminho quando a noite caísse. Para sua sorte, a lua estaria praticamente cheia naquela noite novamente. O luar a ajudaria a guiar-se – se ela conseguisse escapar, lembrou a si mesma. Ainda não estava livre.

Talvez convencesse o MacKinnon a deixá-la desamarrada.

Tentando ser discreta, Page juntou o vestido com a mão, erguendo a saia. Deu uma olhada ao redor, com a maior indiferença possível, para ter certeza de que ninguém estava olhando. Ninguém estava olhando, então ela rasgou depressa outro pedaço da roupa, para depois largar a saia, deixando que a bainha caísse outra vez. Apertando o retalho na mão, tentou criar coragem novamente para jogá-lo.

Cometeu o erro de dar outra olhada, pois deparou-se com o olhar do MacKinnon, e o coração foi parar na garganta.

Ele a observava por cima do ombro...

Será que tinha visto?

Jesus! Não... Ela achava que não, pois o rosto dele era uma máscara sem expressão. O olhar a manteve presa pela eternidade, segurando-a com a mesma firmeza de amarras físicas, mas a expressão dele permanecia ilegível.

O coração de Page disparou enquanto ela segurava o tecido na mão.

Largue-o, disse a si mesma. Ele não veria, pois o olhar dele estava cravado em seu rosto. Com a agitação de movimento entre os dois, o erguer e cair de tantos cascos, não havia como ele ver.

Ela não conseguia. O olhar a fascinava e paralisava, enquanto o coração estrondava feito um trovão em seus ouvidos.

E de repente ele a deixou, voltando a atenção novamente ao filho. Page ficou sentida com o afastamento e, para seu choque,

percebeu que não queria que ele voltasse a ignorá-la.

Ficou olhando para as costas dele, sentindo-se despojada de uma maneira que não compreendia muito bem.

Ele havia cavalgado o dia inteiro com o filho. Os dois conversaram, riram e compartilharam o momento de uma maneira que fazia Page sofrer por dentro. Por Deus! Ela não queria sentir essa... essa... inveja. Era algo profundo, negro e feio, que mal conseguia evitar. Ver o MacKinnon afagar o cabelo do filho com a mão, um gesto tão carinhoso, enchia seu coração com um pesar que ela jamais havia sentido. Aquilo a deixava com um vazio cuja existência antes não passava de uma suspeita.

Um vazio não descoberto.

Ela havia preenchido toda a sua vida com indiferença e ressentimento, mas agora, no espaço de um dia com aquelas pessoas, o MacKinnon e seu filho, ele se revelara.

Observando a maneira como ele apertava o ombro do menino, a maneira como se debruçava para quase abraçá-lo, como se não quisesse envergonhar a criança ou a si mesmo diante dos seus homens, mas sem conseguir se segurar, Page sentia os olhos arderem com as lágrimas.

Jamais conheceu a sensação de uma mão no ombro, ou o afago suave de uma mão no rosto...

Fechou os olhos e recordou mesmo sem querer... o jeito gentil com que ele segurou seu rosto... a maneira sussurrada de falar com ela... Aquilo ainda a fazia estremecer... fazia com que ela desejasse aquele momento mais uma vez.

Que deplorável se ver reduzida a um anseio tão vergonhoso.

Feito uma Jezebel que não se importava com quem fosse o amante, nem mesmo em saber o nome dele, desde que ele

estivesse lá quando as luzes se extinguissem, ela desejava o toque do inimigo.

Mesmo sabendo que isso era desprezível.

Mesmo sabendo que ele havia traído seu pai.

Mesmo sabendo que seu pai a queria de volta!

Muito tempo depois de ele ter se virado, Page ainda apertava o tecido na mão, sem perceber que ainda o segurava.

Levou um susto ao ser arrancada de seus pensamentos por uma voz estranha, então percebeu que Broc de alguma forma cavalgava ao seu lado. Sentado em sua montaria, olhava para ela como se esperasse alguma resposta.

Que resposta? O que ele havia dito? E como apareceu ali tão rápido? Ela não ouviu nem viu a aproximação dele. Seu coração bateu com culpa ao lembrar do tecido na mão. Page tentou esconder a evidência nas dobras da saia.

Broc olhou ao redor, depois estreitou os olhos na direção dela. A irritação na expressão dele refutava a doçura do rosto jovem.

— Eu disse... que é preciso mais do que uma voz de sereia e uma canção bonita para seduzir o resto de nós, mulher.

Por um instante, Page ficou sem entender sobre o que ele estava dizendo, mas daí lhe ocorreu que devia estar falando da canção de ninar que cantou para Malcom na noite anterior. Ela enrijeceu na sela, ofendida pelas conclusões dele.

— Eu não estava tentando seduzir ninguém — garantiu. Nada poderia estar mais longe da verdade.

— Que bom então — disse, debochando dela —, porque não seduziu ninguém.

Page resistiu contra a vontade de atirar o retalho no rosto dele. Por Deus! Queria atirar algo nele, mas o tecido não o machucaria —

provavelmente o faria cair no riso, e ela teria que explicar a existência dele.

— Não sei por que o lorde simplesmente não deixa você para trás — disse, enojado — nem por que parece compelido a salvá-la do desgraçado do seu pai, mas não tenho tanto escrúpulo. É culpa sua o pobre Ranald estar amarrado no lombo do cavalo do Lagan. Sua culpa, e de ninguém mais, está me ouvindo, mulher?

Por um instante, Page ficou espantada demais com a acusação para fazer mais do que olhar para o gigante loiro. Minha nossa! Aqueles escoceses eram cada um mais alto que o outro! E o temperamento, um mais grosseiro que o outro!

Como ousava colocar nela a culpa pela morte de Ranald?!

Recusando a se acovardar com a reação, Page o encarou com olhos estreitos.

— Como ousa me acusar, senhor? Não faço a mínima ideia do que aconteceu ao pobre Ranald, mas seja o que for, foi culpa dele mesmo – não minha! Posso garantir!

Ele coçou a cabeça distraidamente.

— É o que você diz.

Ele não poderia acusá-la de responsável. Poderia? A respiração foi dificultada pela súbita esperança que ganhou vida dentro dela. A menos que... seu pai tivesse vindo atrás dela...

— Meu pai? — perguntou ela, sem poder esconder a nota de esperança na voz.

— Não — respondeu o gigante, com desgosto inconfundível, surpreendendo-a ao acrescentar: — Não teve tanta sorte, mulher. Mas ele não vai se livrar de você tão fácil – juro pela pedra sagrada!

— Tão fácil? — Page piscou, confusa. — Mas... não estou entendendo... — Ela enrugou a testa. — O que você está tentando me dizer?

Ele a encarou com raiva.

— Esqueça disso, mulher — respondeu, sacudindo a cabeça, como se a considerasse obtusa demais para entender e não quisesse desperdiçar mais palavras. Ele se debruçou para falar num sussurro. — Não vim falar do maldito do seu pai — revelou, esticando a mão para coçar a cabeça. — Mas para dizer que largue esse maldito pedaço de pano logo.

Momentaneamente chocada, Page apertou o pedaço de tecido na mão e instintivamente escondeu-a ainda mais dentro da saia.

Os lábios dele se contorceram com inegável desprezo e o olhar buscou a mão que ela escondia.

— Largue o maldito pano — ordenou.

Page ficou rígida na sela, o olhar vasculhando ao redor em alarme.

— Ah, mulher, não quero expor você — garantiu.

Page voltou a encarar o rosto dele.

— Não... não quer?

Ele sacudiu a cabeça, os olhos cintilando.

— Quero que vá embora, ainda mais do que você deseja partir — jurou. — Mas se não largar essa porcaria de pano, com a nossa sorte, você ficará andando em círculos e acabará voltando para nossa droga de acampamento.

Page franziu a testa, ficando cada vez mais confusa.

— Mas... eu... Não estou entendendo... — Page sacudiu a cabeça. — E o seu lorde? — Ela deu uma espiada nervosa nas costas do MacKinnon. — Eu... pensei que ele...

— Queria você? — O gigante bufou e voltou o olhar para seu líder. — Um homem diz muitas coisas num momento de... fraqueza.

O olhar dele retornou para Page, cujo rosto esquentou ao lembrar do momento que ela e o MacKinnon compartilharam na

noite anterior.

O momento de fraqueza dele.

Ela tinha perguntado o que tinha a temer.

Que eu possa querer você, sussurrara ele.

Jesus! Será que todos tinham ouvido? Se Page se importasse um pouco com o que aquela gente pensava dela, então estaria coberta de vergonha. Mas não se importava, disse a si mesma. E não estava com vergonha.

Ele coçou a testa.

— Direi a verdade... o MacKinnon te quer tanto quanto o resto de nós — avisou ele.

Page não disse nada em resposta, apenas o encarou. De alguma forma, as palavras dele machucavam, mesmo que ela dissesse a si mesma que não se importava. Afinal, querer uma mulher num momento de fraqueza física certamente não era o mesmo que querê-la pelo resto da vida. Ela sabia disso.

— Deus bem sabe que eu estaria fazendo um favor para Iain — insistiu ele. — Ele só não quer ficar com sua morte pensando na consciência dele, só isso. E ele não terá se você largar o maldito pano.

Page só queria negar, mas a verdade a machucava. A confusão mental intensificava a dor em seu coração. Algo a incomodava... alguma coisa... O MacKinnon não queria ficar com a morte dela pesando na consciência? E por que ele ficaria com a morte dela na consciência se não pretendia matá-la? E ele não a queria... mas a levava mesmo assim?

Havia algo de errado.

Ele tinha dito que a levava por vingança... olho por olho, lembrou a si mesma. E depois, ele também disse que a queria. Na noite

passada. Ou que talvez a quisesse. Senhor! Ela estava ficando confusa!

— Mas... — Page desviou o olhar, sem querer mostrar a dor ou a perturbação de seus pensamentos. — Ele disse...

— Esqueça o que ele disse. Largue o pano — ordenou Broc com calma. — Largue agora, e continue largando até ficar sentada em pelo na montaria do pobre Ranald. Darei cobertura... e depois ajudarei você a escapar quando for a hora. Ande logo! — rosnou.

Page ficou por um bom tempo olhando para as costas do MacKinnon.

Ele estava preocupado com o filho, nem um pouco ciente de sua presença. Ele não a queria — seria impossível. E por que deveria querer?

Ela espiou o resto dos homens, observou-os por mais um longo instante. Nenhum deles parecia nem um pouco preocupado com a conversa entre ela e Broc.

Na verdade, era como se fosse indesejada.

Parecia ser o seu destino.

A dor no coração dela se intensificou. Por quê? Ela franziu a testa. Por que se importava com o que aquela gente sentia por ela? Por acaso estava pensando que eles a desejariam? Que a receberiam como alguém do próprio clã? Será que ela teve alguma esperança disso?

Sua tolice era repugnante, pois suspeitava que uma sofrida e silenciosa parte sua ansiava por essas coisas.

— Largue — Broc ordenou novamente, e Page tirou a mão da saia. Deixou a mão estendida ao lado do corpo, escondida entre os dois.

Ele observava a mão fechada com expectativa, e ela hesitava entre largar o retalho ou não. Poderia ser uma armadilha. Na

verdade, Broc bem que poderia estar tentando obter a prova de sua mão...

Mas por outro lado, não, pois ele só precisava dizer uma única palavra ao lorde para que o estratagema dela estivesse encerrado... e não havia feito isso.

— A menos que não queira ir — provocou ele. Page encarou os zombeteiros olhos azuis. — Já está tão cativada assim pelo MacKinnon, inglesa? Quer que ele a queira? — Ele ergueu a sobrancelha em desafio. — É isso?

Encarando-o com raiva, Page abriu a mão, soltando o pedaço de tecido. Ele flutuou em meio ao galope dos cascos.

Broc apenas sorriu.

— Pronto — disse ele. — Não foi tão difícil, foi?

— Escocês! — Ela cuspiu a palavra como se fosse uma blasfêmia, mas ele parecia indiferente à raiva dela. — Mal posso esperar para me livrar de vocês!

— Que bom — disse o gigante, sorrindo. — Porque o sentimento é mútuo.

— Maldito grandalhão! — sibilou. — É costume seu tiranizar aqueles que são mais fracos do que você?

O sorriso dele de repente se transformou numa carranca, como se estivesse realmente insultado com a pergunta. Ótimo! Que se sentisse assim!

— Prefiro ser um maldito grandalhão — resmungou ele — a ser uma anãzinha impertinente.

Page aprumou o corpo, verdadeiramente insultada.

— Não sou anã, seu tirano estúpido! — Ela o encarou, indagando-se se seria cego. — Sou alta para uma mulher, sabia? Ou será que as escocesas são todas grandalhonas também? — Ele não teve uma reação suficiente para o gosto de Page, que foi vingativa

ao acrescentar: — Ou será que você não sabe? Talvez todas as mulheres fujam de medo de você!

Um tom ruborizado subiu pelo pescoço claro de Broc e tomou o rosto bonito. Page ficou completamente chocada por descobrir que suas palavras tinham sem querer atingido o alvo. Com o rosto que ele tinha, ela jamais teria imaginado. Os olhos azuis eram claros e brilhantes, as feições eram bem definidas. Ele não tinha a beleza máscula e perfeita do rosto do MacKinnon, mas era atraente mesmo assim. Sentiu-se culpada, mas disse a si mesma que ele merecia cada palavra.

— Você não tem uma mulher, Broc? — perguntou, tentando consolar os sentimentos dele, mesmo sem saber por que o deveria.

O gigante aprumou as costas, parecendo mal-humorado ao revelar:

— Tenho uma cadela. Para que preciso de uma mulher?

Ele parou de olhar para ela, o rosto bem vermelho, e Page mordeu o lábio para não rir da pergunta inocente – e da resposta ainda mais imatura. Minha nossa! Até ela sabia por que um homem precisava de uma mulher! Já havia visto muitos amantes nas sombras de Aldergh.

— Ela é muito inteligente — acrescentou ele em tom defensivo, mas sem olhar para ela. — A cadela mais esperta que já conheci!

Page não retrucou.

— E leal também – acrescentou. Ela quase caiu na gargalhava diante daquele tom melancólico.

Bom Deus! Ficou olhando para ele, tentada a quebrar a barreira entre os dois e colocar mão no braço dele para consolar seu orgulho ferido.

Ele coçou a região da virilha com bastante vontade, depois coçou atrás da orelha. Page fez uma careta, imaginando se ele havia

pegado pulgas dormindo com a cadela.

— O que está olhando?! — resmungou ele quando se virou e viu que estava sendo observado.

Ela se amedrontou com o tom ríspido da voz e afastou o olhar, determinada a não continuar provocando o gigante rabugento. Mesmo que jamais fosse admitir, ela certamente sairia correndo de medo dele também!

Abrigada por seu corpanzil, continuou a rasgar tiras da saia e largá-las de tempos em tempos. E ainda que odiasse a presença arrogante de Broc ao seu lado, ele não quebrou a palavra.

Ele não a entregou.

Page não sabia o que era pior de suportar: a presença irritante do gigante ao seu lado... o pé horripilante que acenava para ela de baixo da manta no cavalo à frente... ou a visão do MacKinnon cavalgando à frente de todos.

Feito um ídolo pagão, lá estava ele, alto e magnífico em sua sela, o cabelo escuro e ondulado balançando suavemente às costas. Sob a luz do sol da tarde, os fios prateados nas têmporas eram quase que um ornamento pagão, pois o brilho metálico da trança era um contraste quase surpreendente com as feições jovens. A força vigorosa evidente nos ombros largos e nas costas firmes só serviam para enfatizar o fato de que ele poderia ter matado Page quando quisesse, com um simples golpe da mão – a mesma que acariciava o filho com tanta ternura naquele momento.

Na verdade, ele nem falava com ela com grosseria. Nunca deixou de ser gentil, e isso a confundia extremamente.

De fato, ele poderia ter feito o que quisesse com ela, pois ninguém o impediria. Apenas alguns homens eram tão grandes quanto o MacKinnon, e apenas dois eram mais altos – e o que estava ao seu lado era um deles. Page o olhou com irritação. Porém,

ela sabia que Broc jamais prevaleceria sobre seu lorde, assim como jamais consideraria sequer se colocar contra ele.

Nenhum deles o faria.

Page observou o grupo. Era evidente que cada um daqueles homens aceitava inteiramente o MacKinnon como líder. Era quase cômica a maneira como deixavam que ele liderasse o grupo. Feito cães, eles o acompanhavam onde quer que fosse. Page ficou pasma por ver que se um homem por acaso o ultrapassasse, este mesmo homem inconscientemente olhava para seu lorde e reduzia o passo para deixar que Iain tomasse a frente novamente.

O MacKinnon, por sua vez, parecia alheio a esse ritual. Apenas seguia em frente, a atenção concentrada apenas no filho, que estava sentado diante dele na sela.

Havia um inegável ar de autoridade nele, algo que portava com uma facilidade impassível, e um ar de total aceitação por parte de seus homens.

Ainda assim, estava óbvio que ele não os oprimia, pois do contrário o gigante ao lado dela não a ajudaria daquela maneira. Era evidente, pela maneira como olhava para seu lorde, que ele só estava fazendo aquilo porque acreditava que seria um favor. Broc parecia acreditar que estava protegendo o MacKinnon – e acreditava nisso com bastante veemência, pensou Page.

Pois ela se perguntava, com irritação, quem a protegeria do MacKinnon.

Sim, ela estava segura de que ele não a machucaria, mas o que dizer de seu coração, sua alma e seu corpo?

Sentia-se atraída por ele de uma maneira que não compreendia, mesmo sabendo que era um anseio perigoso. E mesmo assim não conseguia deixar de desejar.

Desejar o quê? A doce promessa do sussurro dele? O toque gentil da mão?

Seu amor? Desdenhou de si mesma por tal ideia.

Estava ficando cada vez mais difícil evitar que seus olhos vagassem na direção dele.

Principalmente por causa da parca condição de vestimenta.

A túnica curta e o tartã desobediente expunham a pecaminosa coxa desnuda enquanto ele cavalgava. E ele parecia completamente alheio ao fato de que o vento às vezes erguia sua manta, oferecendo um vislumbre tentador do homem que estava por baixo. Jesus! Ela tentava não olhar – tentava mesmo –, mas não conseguia evitar, pois a beleza daquele homem a seduzia, roubava seu fôlego.

O coração dela disparou, pois foi novamente tomada pela imagem dos dois deitados sobre o tartã... a maneira como ele segurou a mão dela...

Page engoliu em seco com a lembrança, a garganta ficou seca de repente.

Senhor! Mas ela era uma mulher, não é mesmo? Não era criança. Por que cada necessidade precisava ser tão emotiva? Talvez não estivesse atraída pelo amor, afinal. Por que não podia aceitar que queria as coisas que instintivamente sabia que ele poderia lhe dar como homem? Embora fosse inocente quanto às coisas entre homem e mulher, não era tão tola! Entendia muito bem o modo como ele a fazia se sentir... ousada e ofegante... desejosa.

Era uma coisa física, sem dúvida.

Sim, queria os braços dele ao seu redor. O que havia de errado nisso? Por acaso seria a única mulher a ter tais vontades? Por que um homem podia querer tais coisas, mas uma mulher não?

Por que as necessidades de uma mulher deviam ser mascaradas por essa coisa chamada amor? Certamente davam uma importância

exagerada ao amor, e ela nem tinha certeza de que ele realmente existia.

E se essa coisa de amor não existia... a máscara não era uma mentira? Não seria uma verdadeira fraqueza valer-se desse mito? Não seria melhor a pessoa ser honesta consigo mesma e admitir a verdade da questão: que tudo não passava de luxúria?

Sim, era o que ela pensava... E ainda que o MacKinnon pudesse ser seu inimigo, sentia-se atraída por ele da maneira como um homem atrai uma mulher. Nada mais. A luxúria era incontrollável, não é? Era uma coisa primitiva que encantava e dominava os sentidos. E cada um dos pensamentos. De qualquer modo, era o que os homens diziam. Já ouvira vários maridos infiéis dizerem tal coisa às esposas.

Ela deu uma olhada no MacKinnon, justamente quando o vento soprou, erguendo o tartã e a túnica. O fôlego prendeu, o corpo a traiu. O coração começou a esmurrar o peito.

Feito um quente hidromel condimentado, o calor se apoderou dela, queimando a pele, deixando sua boca mais seca que couro estorricado. O movimento do cavalo entre as coxas acelerou sua respiração, assim como a visão do MacKinnon despertava a vida em seu corpo. Page levou a mão à garganta, depois a deslizou pela frente do vestido; deteve-se sobre o peito, maravilhada com as sensações que se agitavam ali.

Jesus! Ele era o único homem que fez com que sentisse...

Page fechou os olhos e ergueu a mão, acariciando a pele nua do pescoço, imaginando a mão dele ali...

Ele era o primeiro homem que fazia seu corpo ganhar vida... o primeiro cujo toque ela queria... o primeiro homem que sequer a desejou...

Sim, ela queria que ele a desejasse, mas não era amor o que ela buscava. Não era um cachorrinho pedindo afeição, mas uma mulher cujo corpo não era feito de aço frio.

Ela o queria, admitiu com petulância.

E queria que ele a desejasse.

Seu inimigo.

Ela abriu os olhos e segurou o fôlego enquanto olhava com ansiedade à sua volta, rezando para que ninguém estivesse observando suas reflexões pecaminosas. As bochechas arderam de mortificação.

O olhar pousou no homem que com tanta facilidade e sem qualquer tentativa invadia cada pensamento seu.

Ele nem percebia a presença dela.

Cavalgava com o filho, alheio às reações do corpo traidor de Page. Ela franziu a testa e mordeu o lábio inferior. Como era tola!

O MacKinnon não a queria, ralhou consigo mesma.

O que deu nela para acreditar nele quando lhe falou tal coisa? O homem que cavalgava à sua frente poderia ter qualquer mulher que escolhesse. E Page não seria a escolha de homem nenhum.

Nem mesmo a do próprio pai.

E isso a levou a refletir... O que Broc quis dizer quando disse que o MacKinnon se sentia compelido a salvá-la do pai? Ela deu uma olhada no gigante que cavalgava ao lado. *Mas ele não vai se livrar de você tão fácil, juro pela pedra sagrada*, foi o que ele havia dito. Page piscou. Seu pai? Seu pai não se livraria dela tão fácil? Uma sensação de inquietação surgiu dentro dela.

A única coisa da qual tinha certeza era que precisava, de alguma maneira, encontrar um jeito de voltar para casa.

Estava desesperada para encontrar uma maneira de escapar.

IAIN COLOCOU a mão no ombro do filho, apertando com carinho, com um desespero que traía a segurança do toque.

— Tente se lembrar, Malcom...

Houve silêncio entre os dois por muito tempo, enquanto Malcom tentava desesperadamente fazer o que o pai pedia.

— Não consigo, pai — respondeu com tristeza. — Só lembro de quando acordei. — O menino ergueu o olhar, as sobrancelhas pequenas estavam franzidas.

— Com David?

A resposta foi um baixo murmúrio infantil.

— Tudo bem, filho, não se preocupe. Não é culpa sua que não consiga lembrar.

Malcom anuiu com a cabeça, e Iain perguntou:

— Não machucaram você, não é?

Malcom sacudiu a cabeça.

— Que bom — disse Iain. Se descobrisse o contrário, teria dado meia-volta na montaria e estrangulado o primeiro pescoço inglês que encontrasse. — Conte-me mais uma vez, filho... e não volto a incomodar você com isso por enquanto... Conte-me exatamente o que se lembra daquela noite.

— Só lembro de comer... e depois fiquei com sono.

— Com quem você estava comendo, consegue lembrar disso?

— Hummm... o velho Angus?

Ele parecia tão incerto que Iain ficou se perguntando sobre a quantidade de droga para dormir que deram a ele. Cristo! Era um milagre que não estivesse morto! A raiva aumentou novamente, embora ninguém pudesse suspeitar pelo sossego de sua postura. Só o músculo que latejava na mandíbula enquanto ouvia o filho dava testemunho da sua incrível fúria.

— Já sei do Angus... Mais alguém, filho?

— Maggie — declarou Malcom. — E Glenna e Broc.

Quase todos os homens estavam com Iain, exceto Angus e Broc, refletiu ele. E Lagan.

Mas Lagan estava brigando novamente com o velho MacLean por causa da filha caçula. Fazia muito tempo que seu primo gostava da moça de cabelo pardo, mas o MacLean havia jurado que jamais confiaria outra de suas filhas aos homens MacKinnon. Iain não podia culpar o homem.

A morte de Mairi não fora provocada por suas próprias mãos, mas a culpa ainda recaía em seus ombros. Ele deveria ter previsto. Deveria ter impedido Mairi de alguma maneira. E talvez pudesse, se não estivesse com o filho no colo.

Malcom. Lamentava muito por Malcom, pois ela o abandonou com a mesma segurança de quem dá um tapa na cara e vai-se embora. Cristo! Como a odiava por isso.

E por deixá-lo com seu sangue nas mãos.

Na concepção do MacLean, Iain era um assassino, pois foi o último a vê-la viva e estava na janela quando o corpo da filha bateu nas rochas pontudas lá embaixo. Qualquer chance de paz foi esmagada junto com ela naquele dia.

Na verdade, olhando sob a perspectiva do MacLean, não importava muito se Iain a empurrara da janela ou se apenas a levou a se jogar. A responsabilidade era dele de qualquer forma e, se Iain estivesse no lugar do MacLean, achava que não entregaria outra filha para ajustar uma famigerada desavença.

Por Deus! Ele mesmo se considerava culpado. De alguma forma, havia fracassado com Mairi. Não sabia o que fizera para que a levasse a se atirar da janela da torre, mas devia ter feito alguma coisa.

Alguma coisa.

Não que a amasse, na verdade. Ela sempre foi muito reservada em demonstrar afeto para que a amasse, mas, ainda assim, importava-se com ela. E queria amá-la. Apenas não teve muito tempo.

O que fizera para que ela se atirasse daquela janela?

No início, a necessidade de saber o motivo quase o enlouqueceu. Ainda o atormentava. Devia ter feito algo, mas não lembrava se alguma vez sequer deixou de tratá-la com gentileza. Por Deus! Ele até tentou cortejá-la, apesar do miserável fracasso. Até hoje, a imagem dela parada diante da janela da torre o assombrava: cabelo desgrenhado, olhos frenéticos, e aquele leve sorriso que fazia com os pelos da nuca se arrepiassem mesmo depois de tanto tempo.

Ele estremeceu, desejando sepultar a imagem, e perguntou ao filho:

— Lembra-se de ter ido para a cama? Ou de acordar de noite?

— Não, pai — respondeu Malcom com desânimo. — Não me lembro.

Iain lhe despenteou o cabelo.

— Não se preocupe com isso então.

Segundo o que Maggie dissera, Malcom havia dormido à mesa, sobre seu *haggis* – o que não era surpresa, já que o menino fazia qualquer coisa para não comer aquele prato. Maggie tentou acordá-lo, mas, quando percebeu que ele estava dormindo mesmo, levou-o para a cama. Sentindo-se sonolenta também, ela nem mesmo conseguiu sair do quarto. Dormiu enquanto contava a ele uma história, sentada ao lado da cama, a cabeça apoiada nos braços. Só pela manhã, quando encontrou o velho Angus dormindo à mesa, desmoronado sobre o prato, que ela começou a suspeitar. Glenna tinha caído no sono na cozinha, Malcom não estava em parte alguma, e ninguém tinha visto nada. O que Iain queria agora... tanto

quanto descobrir quem... era saber como conseguiram drogar a casa inteira sem que ninguém percebesse.

Pois ele pretendia descobrir de qualquer jeito.

Ocorreu-lhe de repente que não poderia chamar Page de Maggie. Ah, duas Maggie na mesma casa seria demais. Teria que pensar em outro nome. Tinha certeza de que ela não gostava do nome Page, mas como tocar no assunto sem ofendê-la...? Ou talvez nem precisasse, poderia simplesmente chamá-la pelo nome novo que escolhesse. Se ela fizesse objeção, só teria que encontrar outro nome, até descobrir um que ela preferisse.

Quando foi que tomou a decisão de mantê-la?

Deus sabia que ele não precisava de uma batalha de vontades em sua vida – mas ela também não era um burro de carga para ter seu destino resolvido sem mais nem menos. Era exatamente por esses motivos que não queria deixá-la ir. De alguma forma, tornou-se crucial para ele que ela não ficasse mais magoada do que ele supunha que já estava. E se ela descobrisse que o pai não a queria...

Iain franziu a testa. Page ainda guardava esperanças de que ele viria atrás dela – aquele desgraçado! Ele deu uma olhada no rosto dela, e na maneira como sempre estava se virando para olhar para trás. Como se estivesse procurando por ele. Iain quase desejou que o maldito os perseguisse, para que ela não ficasse desapontada.

Assim ele poderia enfiar a espada no coração de pedra do desgraçado.

Pensou que teria a oportunidade quando encontrou o corpo de Ranald, mas não viu sinal do grupo de FitzSimon desde então. Na verdade, a única evidência era o corpo de Ranald.

Mas se não fora FitzSimon, quem teria matado Ranald?

Quem teria motivos para isso?

A possibilidade de um dos seus ser o responsável fazia seu estômago revirar. Ele fechou os olhos com força, tentando pensar. Alguma coisa permeava seus pensamentos, alguma coisa que ele não conseguia discernir bem. Sempre que chegava perto, ele ouvia o fantasma da canção da garota em seus ouvidos.

Cristo! Onde ouvira aquela canção antes? De quem era a voz que o assombrava?

A memória lhe escapava.

Por outro lado, estava intensamente ciente da mulher que cavalgava ao seu flanco – de cada olhada que ela lhe dava, cada movimento que fazia. E sim, também estava ciente de que ela estava jogando retalhos de pano. Ele percebeu a artimanha quase que ao mesmo tempo que Broc. Iain não a confrontara ainda porque o assunto que estava conversando com Malcom era mais importante. E caso ela conseguisse fugir, ele pretendia seguir os retalhos durante a noite – e recolher o bastante apenas para frustrá-la. Aquele plano não a ajudaria em nada.

E ele pretendia descobrir o que Broc estava tramando. O rapaz era a última pessoa de quem Iain suspeitaria de traição, mas a prova estava bem ali diante dele. A princípio pensou que Broc pretendia confrontá-la, mas mesmo depois da discussão acalorado, a garota continuou jogando seus retalhos. Seja lá qual fosse a razão, Broc estava ajudando Page. Isso era claro de ver.

Tão evidente quanto as constantes olhadas que ela lhe dava. O anseio refletido nas profundezas daqueles inteligentíssimos olhos castanhos apertava seu coração. Iain ponderou que ela não o cobiçava, mas sim a afeição entre ele e Malcom. Sentia isso ao mesmo tempo que sentia o calor do olhar dela sobre si. Por Deus! Como era devastador o desejo de tomá-la nos braços, aliviar sua dor.

As emoções travavam uma batalha dentro dele.

Maldição, se ela não parasse de olhá-lo com aquele desejo tão óbvio, não sabia se poderia se segurar. Ele era apenas um homem, um homem que estava há muito tempo sem mulher. Estava ficando cada vez mais difícil lembrar a si mesmo do fato de que não era a ele que ela desejava, mas algo que ele não poderia lhe dar. Ele não tinha como lhe dar. Pois uma vez Iain pensou em abrir o coração; agora ele estava tão selado quanto uma tumba.

Ainda assim, ela o atraía.

Ela era adorável, sim, mas havia algo mais.

Fazia muito tempo que não se sentia tão perturbado com uma mulher. Nem mesmo Mairi o afetou daquele modo. Sua esposa tinha sido linda, mas o coração vivia envenenado contra ele. Amá-la tinha sido um dever. Desejá-la tinha sido impensável.

Mas ele queria a filha do FitzSimon.

O aviso que lhe dera na noite passada não serviu apenas para distraí-la, e o efeito que as olhadas dela tinham sobre ele era dolorosamente físico. Seu corpo desejava as coisas que ela silenciosamente lhe pedia. Cristo! Poderia sentir a presença dela mesmo que fosse cego.

Feito um homem sedento, enlouquecido pelo cheiro de água no ar.

Iain estava no seu limite.

Virou-se e deparou-se com o olhar dela; seu sangue começou a ferver. Insolente como era, Page susteve o olhar, seus ardentes olhos escuros refletindo um conhecimento carnal que duvidava que ela possuísse... Ou será que não?

Aquela possibilidade o agitou, evocou novas imagens. As batidas do coração aceleraram.

Ou estaria vendo apenas seu próprio reflexo espelhado nas profundezas insondáveis daqueles olhos, seus próprios anseios

secretos?

Os olhos dela de repente cintilaram com desafio, ou talvez com resistência, e ela estalou as rédeas, incitando o cavalo de Ranald na direção dele. Iain voltou a olhar para a frente, reconhecendo a batalha que estava por vir, sabendo que seria quase impossível observar a aproximação dela, antecipá-la, e ainda manter a razão quando ela o confrontasse.

Por Deus! Para quem devia ser uma refém indefesa, ela agia feito uma rainha soberba, atirando censuras a Broc e disparando adagas com aqueles olhos bonitos. Principalmente na direção de Iain, que mal podia conter o riso ao pensar nisso.

E daí ele suspirou, pois aqueles belos e grandes olhos castanhos eram expressivos demais para o bem dela.

Foi a expressão no rosto dele que provocou Page – aquele esgar arrogante dos lábios que a fez sentir que zombava dela de alguma forma.

O que ele poderia saber? Patife! Certamente não sabia que estava jogando retalhos de tecido, senão teria colocado um fim naquilo há muito tempo.

E ainda que ele fosse um feiticeiro, não poderia adivinhar seus pensamentos maliciosos. Eram só dela, e apenas ela poderia lutar com eles. E se as bochechas estavam coradas demais, era simplesmente porque aquele selvagem os mantinha cavalgando, sempre em frente, sem parar, sem descansar. Ela estava cansada. Além de tudo, precisava cuidar de suas necessidades desde o meio-dia.

Page não reclamou sequer uma vez, determinada como estava a não falar com nenhum deles. Já havia concluído que Broc era um idiota infestado de pulgas! Mal lhe dirigira uma palavra gentil o dia inteiro, e sua única salvação era seu amor feroz pela pequena Sininho. Poderia apostar que ele até dormia com a cadela – não

duvidava que era assim que conseguia arranjar as pulgas. E ela estava quase certa que ele estava infestado por elas no momento.

Para ter certeza de que não viraria presa delas, afastou a montaria dele e tentou não achar graça quando ele se gabou com Kerwyn sobre o apurado intelecto de sua cadela. Kerwyn, por sua vez, ignorava Page. Ouvia as vanglórias de Broc sem prestar muita atenção, com um sorriso permanente que sugeria que já ouvira tais histórias antes.

E também havia Angus. Era um velho caduco que ficava olhando para ela daquela maneira de sempre – como se ela fosse uma charada confusa que devia ser decifrada. Por Deus! Como ele a desconcertava, mas não tanto quanto seu lorde. Seu único conforto estava no fato de que ele obviamente achava que o MacKinnon era o mais doido, pois as olhadas que lançava na direção de Iain eram decididamente perplexas.

E o MacKinnon... Ela já determinara como ele a fazia se sentir.

Confusa.

Esperançosa.

Excitada.

Preferia morrer a permitir que ele soubesse disso!

Com a paciência no fim, estalou as rédeas e esporeou a montaria do pobre Ranald na direção do líder do grupo. Seguiu diretamente até o MacKinnon, amaldiçoando o círculo de cavalos que a cercou. Como se fossem impedi-la de falar o que queria! Determinada a conversar com seu tormento, forçou caminho através do bando de escoceses, ignorando a chuva de xingamentos e avisos que ressoavam às suas costas.

Ninguém a impediu e, num piscar de olhos, ela estava cara a cara com o homem que conseguia atormentar quase cada segundo de cada pensamento seu.

Iain MacKinnon.

Até o nome lhe provocava arrepios.

— Exijo que pare nesse instante — anunciou ela.

Ele ergueu a sobrancelha, e o lábio sensual se curvou achando graça às custas dela.

— É mesmo? — perguntou ele. — E por que exatamente você quer que eu pare, moça? — Quando Malcom também começou a fitá-la, um tanto inquieto, ele pôs uma mão gentil sobre o ombro do filho, tranquilizando-o. Page tentou não notar o simples gesto paternal, preferiu se concentrar na própria raiva.

Estava aborrecida com aquele tom de voz arrogante.

— Eu quero uma parada! — disse, indicando o grupo com um gesto impaciente da mão. Olhou para o filho dele com cuidado, imaginando que o menino devia considerá-la louca. Mal poderia culpá-lo; sentia-se louca, sem dúvida. Por Deus! Sentia-se descomposta desde o instante em que ele colocou os olhos nela. Aturdida. E daí seu olhar retornou para os cintilantes olhos âmbar do MacKinnon, e então ela não conseguiu pensar mais.

O coração pulou com o que viu nas profundezas do olhar dele.

Desejo.

Não havia engano.

Feito chamas douradas que tremeluziam à sua frente, os olhos dele ataçavam um calor líquido em seu corpo, fazendo a pele arder de uma maneira que era ao mesmo tempo agonizante e impressionantemente doce.

Aqueles olhos a cativavam, convidavam-na para se deleitar em seu calor.

Um tremor indesejado passou pela espinha.

Page tentou ignorá-lo, mas fracassou miseravelmente. O ataque aos seus sentidos era penetrante demais. Seu olhar baixou até a

boca, que ficou admirando, sem conseguir tirar os olhos.

— E por que você quer que eu pare, moça? — perguntou ele, a voz rouca e baixa.

O coração dela deu uma pequena cambalhota quando encontrou o olhar dele.

O MacKinnon piscou, esperando, e Page engoliu em seco.

— Preciso descansar — esclareceu, um tanto tonta, e bastante ofegante. O som encorpado da própria voz a embaraçava.

Ele parecia perceber o efeito do próprio olhar sobre ela, pois os lábios se curvaram um pouquinho mais, e ela gaguejou:

— F-Fica-amos...

Ele sorriu de repente, um sorriso devastador, e ela perdeu o fôlego por completo. Sentiu o estômago flutuar, o coração abrir asas ao vento antes de uma tempestade, voando garganta adentro – tal qual folhas secas e indefesas atiradas ao céu por uma rajada de vento que ficam presas nos galhos retorcidos das árvores.

— C-cavalcando a manhã inteira — concluiu Page, sem muita convicção, engolindo em seco.

Ele não disse nada, apenas ampliou o sorriso. Page de repente sentiu-se uma pobre vagabunda cuja língua fora cortada apenas por roubar uma prova da fruta proibida. Sentiu-se subitamente sem qualquer atrativo sob o escrutínio dele. Nossa, como ele era bonito... tudo nele. Tudo. Desde a curva dos lábios até os contornos do rosto, a longa extensão delgada do corpo e a força musculosa nos membros quase nus.

E ela... ela era tão... comum.

Ele não a desejaria para nada que não fosse vingança.

A verdade é que devia estar brincando com ela, fazendo algum joguinho cruel, muito cruel, pois um homem como ele jamais desejaria uma mulher como ela.

Nem mesmo por um segundo.

A gentileza dele só servia para confundi-la. Fazia seu coração se apertar aflitivamente.

O sotaque ritmado e o tom suave da voz a atormentavam, faziam-na querer desejar coisas que nunca poderia ter... o abraço de um amante... um sussurro no ouvido... a respiração dele em seus lábios.

Todas as coisas que ouviu sendo sussurradas nos cantos escuros da casa de seu pai.

— O que foi, moça? — perguntou ele com tranquilidade.

Page virou o rosto de repente, desconcertada com o rumo pecaminoso de seus pensamentos. Sentiu o rubor tomar o rosto.

— E-estamos cavalgando o dia inteiro sem descansar — reclamou. — Nem para... — Ela lhe deu uma rápida olhada antes de afastar o olhar. Estava ao mesmo tempo incomodada e desconcertada por ter que tocar num assunto tão delicado. Estava magoada e desapontada, ainda que não tivesse esse direito, porque ele fazia esses joguinhos com sua alma esfarrapada. — Você sabe...

Como ele poderia saber?

Ele não sabia que os pedaços de seu coração eram mantidos juntos precariamente. Que um único sussurro daqueles lábios bonitos podia derreter seu coração lastimável feito os primeiros flocos de neve sobre o solo açoitado pelo sol.

Não, para o MacKinnon, ela era a amada filha de seu pai. Ela era... a vingança contra o homem que roubara seu precioso filho.

Page de repente se assustou quando ele gritou um comando aos seus homens na língua escocesa. Ao ouvir o som brutal, ela pulou onde estava. A raiva foi o seu primeiro pensamento – ele estava zangado com ela. Page estremeceu.

O que ela tinha feito?

Por Deus! Nem se lembrava do que tinha falado!

Os homens dele mudaram de curso imediatamente, afastando-se do vale em que estavam cavalgando para subir um pequeno morro arredondado. O MacKinnon falou rapidamente com o filho, o menino assentiu, e então ele chamou o primo Lagan para vir cuidar dele. Iain entregou o filho a Lagan, lançando um breve olhar em Page, e depois deu uma ordem indecifrável ao primo. Ele encurtou a distância entre os dois de repente, puxou as rédeas dela e enveredou-se por um caminho que levava a um arvoredo esparso, afastado do grupo.

— Aonde estamos indo?

— Conseguir a privacidade que precisa — retrucou Iain, zangado consigo mesmo, não muito por ter negligenciado as necessidades dela, mas por causa do que viu na profundidade daqueles olhos. Seus homens não faziam cerimônia no que se referia às necessidades corporais, simplesmente faziam o que precisavam fazer. Havia esquecido de considerar as dela e estava irritado com o fato, mas o que mais o enfurecia era a maldita olhada assustada que lhe dera.

Maldito fosse o pai dela por ser tão indiferente!

Ainda que a atitude dela fosse orgulhosa e indomada, os olhos revelam tudo. Iain reconheceu de imediato a atração nas ardentes profundezas daqueles seus olhos emotivos, e o corpo reagiu intensamente. Como se fosse um rapaz imberbe, o suor nas palmas das mãos começou a salgar as rédeas de couro que ele segurava. E Deus! Sua excitação foi imediata e dolorosa. Ficou sentado ali, ouvindo as divagações dela, e foi difícil manter seus pensamentos em cada palavra que ela dizia.

Até o som da voz dela o seduzia.

Acalentava.

Rouca e ofegante.

A maneira como devia soar depois de ser amada por inteiro.

Aquele pensamento fez o coração dele disparar.

E de repente, com a mesma velocidade com que a paixão dela se desdobrou, ela desapareceu, sendo substituída pelo mesmo olhar ferido que ele reconheceu na primeira vez em que pôs os olhos nela – o olhar de uma mulher desprezada.

Cristo! Será que ela não percebia o que a presença dela fazia com ele? Não havia deixado bem claro na noite anterior? Estava com vontade de encontrar o lugar mais reservado daquele bosque, arrancá-la de cima da montaria e mostrar-lhe como o afetava.

Diabos! Como poderia não ter notado?

— E o resto? — perguntou ela, um tanto ansiosa. — Aonde estão indo?

Iain retesou o queixo, mesmo tentando se livrar da raiva. Pelo bem dela.

— Encontrar um lugar para passar a noite.

— Sem nós dois? — Ela parecia perturbada, um pouco ofegante, mas Iain se virou para apreciá-la. Page o encarava novamente, com os belos olhos emotivos arregalados e repletos de ansiedade. Ela mordeu o lábio com nervosismo, e ele lambeu os dele de tão secos.

Então estava com medo de ficar sozinha com ele.

De alguma forma, a ideia ao mesmo tempo o atormentava e agradava imensamente.

— Vamos alcançá-los depois — garantiu ele, dando-lhe as costas. — Assim que terminarmos.

— Aonde eles ficarão?

— Logo após o morro. É um lugar bem reservado, não seremos incomodados.

— Entendo — disse ela, mas não parecia muito segura.

— Tem um lago lá também — acrescentou Iain. — Pensei que gostaria de se refrescar. — Ele a espiou, observando-lhe a expressão enquanto cavalgava, avaliando seu humor, e então acrescentou: — Suisan.

Que Deus o perdoasse, não pretendia testar o nome tão cedo, nem havia pensado em como chamá-la ainda, mas o nome veio aos lábios dele mesmo assim, e ele o considerou perfeitamente adequado.

Delicada e bela, como o lírio que era, mas também vigorosa, ressurgindo a cada primavera depois de suportar as piores neves.

O olhar dela voou na direção dele. Ela piscou, depois virou o rosto abruptamente.

— Não sou um animal para que você me escolha um nome! — sibilou.

Iain não sabia o que dizer. Era verdade. Guiando-a pelo resto do caminho em silêncio, levou-a para a parte mais densa da floresta e lá puxou as rédeas e desmontou.

— Não, claro que não — admitiu ele por fim.

Page permanecia rígida na sela. Iain se aproximou, disposto a ajudá-la a desmontar, mas cometeu o erro de erguer o olhar naquele instante.

Havia lágrimas nos olhos dela.

Podia vê-las mesmo que ela não o encarrasse, e o coração dele se apertou. Teria agido mal? Ele logo soube que sim, pois quando ela se voltou para olhá-lo novamente, havia raiva nos olhos, uma raiva tão cheia de dor que o coração de Iain sangrou ao vê-la.

Maldição! Por que devia se importar com o que ela sentia? Não queria aquela mulher. Não lhe devia coisa nenhuma! Nem queria trazê-la...

Mas a trouxe mesmo assim...

Ocorreu-lhe de repente que se realmente não quisesse trazê-la, simplesmente não teria trazido. Importava-se com o que ela sentia, pois ela havia tocado uma parte de sua alma que estava intocada há muitos anos. De alguma forma, ela invadira aquele reino sombrio com aquele primeiro olhar impressionante.

Montada diante dele, sobrepujando-o em altura, a longa trança desalinhada caindo pelas costas, os olhos escuros brilhantes e luminosos, em sua postura orgulhosa, ela quase parecia uma criatura selvagem. Selvagem e inacessível, feito o cervo das florestas, cujos grandes olhos castanhos eram ao mesmo tempo proibitivos e atentos.

Por um instante, Iain ficou completamente cativo daqueles dois lagos escuros e insondáveis, parte dele querendo mergulhar em suas profundezas nebulosas, descobrir seus mistérios ocultos... e seus prazeres.

Sabia que a moça achava que ele sentia pena dela, isso era bem aparente. Podia enxergar isso nos olhos dela, mas Deus... não podia estar mais longe da verdade. O fato é que ele a admirava. Poucos homens teriam sofrido o abuso que ele percebia que ela recebia das mãos do pai e ainda assim saírem ilesos como ela.

Por mais ferida que estivesse, ela estava longe de ser subjugada.

Ele a invejava também, percebeu. Invejava a liberdade que ela não temia abraçar.

Lembrou do momento em que a viu pela primeira vez, ensopada após nadar à meia-noite, algo que nenhuma dama de verdade sequer ousaria conceber. Os olhos dela faiscavam em desafio, mesmo atirada aos pés dele.

Cristo! O que queria, naquele momento, não era subjugar, mas partilhar.

Estava vivendo há muitos anos nesse cômodo escuro que era sua vida – sempre fazendo o que era certo, o que era justo, sem jamais sair para buscar a luz das velas que o chamavam logo além do limiar do quarto.

Era o único filho de seu pai e, para todos os efeitos, viera ao mundo já um homem feito. Seu pai, ainda que Iain soubesse que ele o amava, jamais foi um pai de verdade, mas um professor, sempre temeroso de que seu único herdeiro de alguma forma partisse dessa vida antes dele e que sua soberana linhagem acabasse. Ao mesmo tempo protegia Iain incessantemente e o treinava de maneira feroz para que pudesse defender a si mesmo e ao clã quando o velho lorde enfim fechasse os olhos. Cristo! Ele os fechou cedo demais, pois seu momento final foi durante o décimo sétimo inverno de Iain.

Seu pai sentiria orgulho dele, pensou, pois dava tudo de si ao clã. Cada momento de cada hora de sua vida.

Não lhes poupava nada.

E ainda assim havia uma parte dele que não podia ser entregue, pois iludia até a ele mesmo.

E assim ele sempre foi sozinho.

Jamais conheceu a mãe, jamais deixou de prantear esse fato. Mas às vezes... às vezes... ele acreditava ver seu rosto gentil misturado às suas lembranças mais profundas.

Nada mais do que imaginação, pois ela nunca nem o segurou nos braços. Ele nunca teve a chance de receber seu olhar reconfortante – nem sabia a cor dos olhos dela, embora tivesse a vaga impressão de que eram azuis –, ou de mamar em seu seio, ou de vê-la observando-o enquanto brincava com outras crianças.

Mairi também fora parte de seu dever com o clã.

Esperava tanto dela, mas tanto – talvez tenha sido coisa demais. Ele estava disposto a assumir a responsabilidade pela morte dela.

Diabos, ele assumia tudo – como sempre foi seu dever. A rejeição dela e o modo infernal para qual apelou para fugir dele extinguiram de vez a solitária e gotejante vela que Iain cuidou com tanto zelo durante toda a vida. Num piscar de olhos, nos rastros da queda dela da alta janela da torre, a vela tremeluziu e apagou-se.

A mulher sentada com tanto orgulho diante dele era como aquela luz brilhando além da porta, chamando-o para fora da escuridão que ele conhecia tão bem.

Deus... e como queria segui-la.

Aqueles breves momentos de reflexão foram o desastre de Iain, pois ela pareceu se recuperar do estupor que partilhavam e reagiu de repente com toda a vingança que seus olhos anunciavam.

Tarde demais, Iain puxou as rédeas das mãos dela. Ela esporeou a montaria de Ranald com força. O cavalo empinou, saindo em cavalgada. Iain perdeu as rédeas, exceto por um dedo, e, naquele controle vacilante, tentou forçá-la a parar.

A montaria de Ranald, agora confusa, pareceu hesitar, e Iain logo tentou recuperar o controle das rédeas, mas Page esporeou o cavalo novamente, desta vez com mais fúria, e o animal saiu em disparada. O couro cortou a carne da mão de Iain, queimando-a com a força do puxão. Seu braço enroscou na rédea, e ele foi arrastado com ela.

Iain uivou de dor, tentando achar um apoio para os pés, mas o cavalo arrancou depressa demais. Percebendo que naquele momento acabaria sendo morto, que ela não pararia, que teria que a perseguir em sua própria montaria, tentou se livrar de vez. Conseguiu, mas não sem se arrastar debaixo dos cascos do cavalo. Reagiu praguejando um berro de dor.

O braço desenroscou, e ele foi atirado ao chão.

A cabeça bateu com um estalo que se reverberou com clareza em sua mente inconsciente.

Page demorou um longo tempo para se livrar da neblina de raiva que a envolvia. Percebendo de repente o que havia feito, ela girou a montaria e sentou, sentido os músculos do cavalo ondularem de impaciência enquanto Page olhava para o corpo caído tão imóvel no chão.

Minha Nossa Senhora! O que ela tinha feito?

Parte dela queria se aproximar dele.

O coração dela apertou de dor.

Page voltou o olhar com horror e pânico para o caminho que a levaria à liberdade e ficou angustiada e dividida por um instante.

Nunca haveria uma oportunidade melhor para escapar.

E parte dela queria partir – voltar para o pai –, queria muito mesmo, mas a maior parte dela não poderia deixá-lo caído ali daquela maneira.

Tão imóvel.

O inimigo de seu pai, lembrou a si mesma.

Um enganador mentiroso e traidor.

O homem que a tratava com nada menos do que gentileza. O homem cujo pior crime contra ela fora lhe dar um nome que seu pai nunca sequer se preocupou em conceder.

Suisan.

O coração dela apertou. Ficou imaginando o que significaria.

O som do nome nos lábios dele, feito o sussurro de um amante, fizera seu coração pular, enchera seus olhos com lágrimas que jamais ousou derramar.

Sim, Page ousou amá-lo naquele instante, aquele estranho feroz, alguém de quem sequer deveria gostar.

O coração acelerava enquanto Page olhava para o corpo ali tão imóvel.

A percepção de que ele sentia pena dela transformara seu coração em pedra, seus pensamentos em fúria.

Percebeu as lágrimas que escorriam pelas bochechas.

Soluços ecoavam em seus ouvidos – soluços seus?

Por que choraria por aquele homem?

Como poderia não partir? Havia esperado por toda uma vida que seu pai a quisesse, e ele agora queria, então devia ir até ele! Devia!

Aquele homem o traiu, quebrou sua palavra. Por que deveria se preocupar só porque estava caído ali?

Possivelmente morrendo.

Possivelmente morto.

O estômago revirou.

O MacKinnon não fez nenhum movimento enquanto ela observava. Ficou caído ali no chão da floresta, o corpo grande esmagando as samambaias. Page avaliou freneticamente a luz que passava pelas galhadas esparsa das árvores; estava escurecendo depressa.

E se não o encontrassem antes do pôr-do-sol? Lembrou o que Broc falou sobre Ranald – a condição em que o corpo foi encontrado –, e o medo comprimiu seu coração.

Não poderia suportar tal destino para Iain MacKinnon, ainda que quisesse odiá-lo.

Não poderia partir, por Deus, não podia!

Esporeando a montaria de volta, refreou ao lado dele, desmontando depressa, ajoelhando-se imediatamente ao lado de Iain.

Ele estava tão, tão imóvel que o coração de Page parou e o medo a inundou.

Desesperada para ouvir-lhe a respiração, prova de que ainda vivia, colocou a bochecha de encontro aos lábios, ainda quentes com

o doce elixir da vida. Fechou os olhos de alívio quando sentiu a respiração dele, leve e fraca contra seu rosto.

Graças a Deus!

Ela não teria suportado.

Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus!

Ficou muito tempo sem conseguir se mexer, tão paralisada estava pelo vertiginoso alívio.

De repente, uma mão segurou sua nuca, e os olhos dele se abriram. Page sentiu os cílios roçando em sua bochecha, mas não conseguiu se mexer por causa da mão prendendo seu pescoço. Ela encheu os pulmões com sofreguidão quando a mão a prendeu com mais força junto dele. As narinas de Iain tremeram, como se a cheirassem, e então ele gemeu e retesou o queixo.

O coração dela começou a bater loucamente. Batia de forma errática, seu som ecoando feito tambores selvagens em seus ouvidos. Page tentou se afastar, alarmada com as emoções que a percorriam dada a posição íntima de seus corpos.

— Não — murmurou ele.

A única palavra foi um apelo, um murmúrio atormentado que guardava mais desespero até do que as profundezas da alma dela. Que Deus a ajudasse, pois não era apenas a força dele que a mantinha parada ali.

Por um instante, nenhum dos dois falou; ele simplesmente a manteve junto ao rosto, os lábios pressionados em sua bochecha, com um desespero que Page pensou que só ela conhecia.

Ela se agitou, e a mão dele aumentou a força.

— Não se vá — implorou ele. Page podia sentir as batidas do coração dele acelerarem sob a palma que mantinha sobre o peito dele.

— Eu... — Ela engoliu com dificuldade. Por mais irracional que parecesse, ela sentia um prazer feroz naquele simples pedido. Aquilo roubava o ar de seus pulmões. — Eu... Eu tive medo de ter matado você — confessou baixinho, fechando os olhos, permitindo que ele movimentasse os lábios em seu rosto.

Santa mãe... macios, cálidos, doces... os lábios dele estavam... deixando-a louca. Ela tremeu com puro prazer.

A respiração dele estava ofegante, assim como a dela, e seu sussurro era quente e doce contra seu rosto. Iain não a largava. Page tentou se desvencilhar, antes que o corpo a traísse, mas, de alguma forma, os lábios dele encontraram o caminho até sua orelha. Ele murmurou:

— Fique, moça...

Jesus... Page pensou que fosse morrer por causa das sensações que a varreram diante daquele apelo, do calor de seu hálito contra o lóbulo... a maneira como ele parecia estar saboreando seu rosto... feito um amante cego que busca conhecer sua amada... mas os dedos de Iain eram os lábios... com os quais a enlouquecia.

— Você... está machucado? — Ela recobrou a sanidade para perguntar. Os dedos deslizaram pelos cabelos dele, explorando, deliciando-se secretamente com a rica e espessa textura dos fios.

— Não.

Ela deu um suspiro de alívio ao ouvir a resposta. Foi então que ele sussurrou ao seu ouvido:

— Por que voltou?

— Eu... Eu não sei — respondeu ela, que realmente não sabia.

— Fico muito feliz que tenha voltado, moça.

— Eu não deveria — admitiu ela baixinho.

— Mas voltou.

— Sim. — Page engoliu em seco, pois os lábios dele começaram a se mover com hesitação por sua bochecha outra vez. Ela não o deteve. Não conseguia. Fechou os olhos para saborear a sensação da carícia em seu rosto. Pelos céus! Não sabia que um coração podia ficar tão saturado e ainda continuar batendo.

Que sua pele poderia ser tão sensível ao toque.

Que seu corpo poderia desejar com tanto... desespero.

O corpo, não o coração, lembrou a si mesma, pois seu coração estava sepultado em pedra – paredes de pedra que ela ergueu sozinha com cimento e sangue, com sofrida precisão. Apenas seu pai teria o poder de derrubá-las, mas terminou por ajudar a construí-las, entregando-lhe os tijolos, um a um, para que ela os dispusesse com firmeza na fundação do que era sua vida.

Ah, mas sua alma... sua alma queria mais e alçou voo, saindo do confinamento na prisão de seu coração, feito um espectro que atravessa paredes sólidas.

Seu corpo agora também queria mais, e que Deus lhe ajudasse, pois ela não tinha vontade de negar nada.

Seus dedos involuntariamente enrolaram-se nos cabelos dele, e Page nem percebia que ele havia diminuído a pressão da mão.

— Sinto muito — sussurrou ele. — Perdoe-me, moça. — Beijou a bochecha dela ao mesmo tempo que os braços a traziam para junto de si. — Não queria magoá-la...

— Eu sei — choramingou Page, pois ela de alguma forma sabia que era verdade. Mas então não conseguiu pensar em mais nada, pois as mãos dele de algum modo haviam encontrado o caminho do seu rosto. Ele tomou o rosto dela nas mãos como naquela primeira noite... com uma ternura que roubava o fôlego e o coração, por isso as lágrimas surgiram em seus olhos.

O desejo que ela revelava sem qualquer vergonha fazia o coração de Iain saltitar de aflição. Inundava-lhe a alma feito um santificado riacho de luz, banindo as sombras dos cantos mais sombrios e abandonados.

— Eu não deveria — murmurou ela. — Não deveria querer... — E o desespero que ele ouvia na voz dela partia-lhe a alma. Também não deveria querê-la, mas queria. Por Deus! Como queria.

Ele virou o rosto dela para olhá-la nos olhos.

— Mas você quer?

Page fechou os olhos e encostou a testa na dele.

— Não.

Ele se afastou minimamente, olhando-a nos olhos. Grandes sombras estendiam-se pela floresta, banhando os dois numa luz indistinta, mas ainda assim ele enxergava a confusão nos olhos dela.

A verdade.

— Vejo no seu olhar, moça.

Ela negou novamente, uma rápida sacudida na cabeça que não o convenceu nem um pouco.

— Eu não deveria — insistiu ela.

Iain segurou o queixo dela, puxando-o de modo que pudesse ver melhor aqueles lábios quando ela falava.

— Esse olhar me diz o contrário. Ele fala aos meus lábios... — Ele se aproximou e encostou os lábios no queixo bonito. — Implora por isso...

Page instintivamente abaixou a cabeça, por vontade própria, e Iain cobriu-lhe a boca com a sua, saboreando-lhe os lábios, a princípio com hesitação.

Ela sentia cada doce carícia lá no fundo da alma. Cada doce investida contra seus lábios fazia seu coração se agitar selvagememente.

Santa mãe! Como queria aquilo...

Como queria aquele homem.

Nunca na vida desejou tanto alguma coisa...

O que haveria de errado em aceitar o pouco que ele tinha a oferecer? Que importância tinha se depois o abandonasse? Não havia nada de errado... não havia importância nenhuma, disse a si mesma.

E se aquele único instante fosse seu momento fugaz de felicidade? Sua única chance de se sentir-se... aceita... de sentir-se... querida...

Lamentaria depois não o aceitar?

Sabia que ele não a amava, e nem ela poderia amá-lo, pois eram dois estranhos. Ainda assim... ele a queria. Sabia disso pela maneira como Iain a tocava... com gentileza, mas com tanto ardor que fazia seu coração querer gritar de alegria.

A língua dele varreu seus lábios com um contentamento que fez seu coração apertar de dor. A boca cedeu à gentil insistência, às carícias eróticas e exigentes; o corpo estremeceu quando a língua

invadiu, ousada, sorvendo a boca... provocando a língua, até Page gemer de deleite e participar daquele jogo gentil.

Era o gosto da mais doce alegria.

Tudo que ela mais sonhava.

— Diga agora que não me quer, moça — desafiou Iain, afastando os lábios de sua boca.

Ela permaneceu de olhos fechados, incapaz de abri-los para o mundo tangível. Senhor! Queria retroceder... experimentar cada tremor delicioso novamente.

— Sim — murmurou ela, ofegante, sem abrir os olhos. Se os abrisse, não precisaria ser real...

Ela poderia fingir...

— Eu quero, valha-me Deus, mas eu quero...

Com a honesta admissão, um prazer tão aguçado que quase chegava a doer disparou por dentro de Iain. E então ele gemeu quando um tipo de dor totalmente diferente o deixou tonto. Explodiu pelas pernas quando ele tentou se levantar do chão para poder beijá-la até perder os sentidos.

— Ah... Senhor... — Ele fechou os olhos.

Iain ouviu quando ela ofegou assustada.

— Está machucado? — perguntou novamente. Ele pôde ver a preocupação nos olhos dela, ouvi-la na voz. Era como um bálsamo para sua alma.

Senhor! Nem sabia se estava ferido. Fez uma careta, pois, quando voltou a si, surpreso de encontrar o rosto cálido e macio aninhado com tanta intimidade no dele, foi de imediato enfeitado pelo perfume dela, pela proximidade, tanto que de alguma forma esqueceu por que diabos estava estatelado no chão úmido da floresta.

Deitou-se por um instante, depois tentou mexer as pernas. Elas se moveram muito bem, apesar de doerem como o diabo. Deparou-se com o olhar preocupado de Page e sentiu a necessidade de tranquilizá-la:

— Nada quebrado ao que parece. — Sorriu, mas não estava inteiramente convencido.

Ela tampouco parecia muito segura, pois franziu as lindas sobrelanceiras numa ruga pouco discernível.

— Verdade?

Iain mexeu as pernas de novo para mostrar a ela, fazendo careta, e depois tentou se levantar. Caiu de traseiro no chão, franzindo o cenho de embaraço.

— Talvez não estejam quebradas, mas um pouco instáveis. — Ele piscou para ela. — Ah, você lançou um feitiço perigoso, moça. — Ele sorriu, para ter certeza de que ela compreenderia que ele só estava brincando. — Ficarei bem — garantiu, vendo que ela não sorria.

Ficou sentado por um bom tempo, observando-a enquanto o sol continuava sua descida, e desejou que o encanto daquele momento não tivesse acabado. Sob a luz poente, o rubor de Page desbotava sobre as sombras, mas os contornos delicados do rosto continuam a enfeitiçá-lo.

Ah, como ela era linda. Verdade fosse dita, ela poderia estar vestindo aquele maldito saco de grãos do qual saíra tão indignada que Iain ainda a consideraria extraordinária.

Ficaram se olhando pelo que pareceu uma eternidade, sem dizer nada.

— Sinto muito se a magoei — disse ele por fim. — Não era minha intenção.

Apoiou-se numa mão e ergueu o queixo, observando-a. Page evitou o olhar dele; a silhueta de seu rosto assentiu contra as

sombras do crepúsculo na floresta. Iain estendeu a mão, erguendo-lhe o rosto para que seus olhares se encontrassem na escuridão.

— Não era minha intenção — jurou.

Ela tentou virar o rosto, mas ele não deixou. Forçada a sustentar o olhar dele, Page ficou zangada, emitindo algum som abafado que revelava tanto raiva quanto dor.

Só queria o bem dela. Deus sabia que essa tinha sido a intenção. Tudo o que podia fazer era continuar encarando aquele olhar acusador, tamanho era o desgosto que sentia consigo mesmo.

Ela então começou a chorar, bem ali diante dele, no chão da floresta. Ao inferno com a dor; Iain a puxou e envolveu com os braços, sentiu o corpo dela tremer de leve em seu abraço.

Page agarrou-se nele, incapaz de recusar o conforto daqueles braços fortes.

Quantas vezes não quis ser abraçada assim? Quantas vezes não chorou sozinha?

Veze demais para poder contar.

Era tão bom ser abraçada... tão bom ser acalentada como se fosse amada. No espaço de um instante, ela quase acreditou...

Enterrou o rosto na curva do pescoço dele e ficou profundamente grata por poder esconder as lágrimas que derramava. Já bastava que ele pudesse escutá-las. Page não conseguia impedir os tremores. Pelos céus! Ela tentou, mas não conseguia.

— O que significa? — perguntou com um soluço.

— O quê, moça? — sussurrou.

— Suisan.

Ele baixou o olhar. Page podia sentir o olhar dele, o doce calor da respiração, e ousou erguer o rosto para encará-lo.

— Significa lírio.

— Lírio?

— Formosa e doce — sussurrou ele.

— Não — negou Page.

— Sim, moça — murmurou Iain, que continuou a encará-la. — Adorável... — Baixou o rosto e tocou-lhe a boca com suavidade. — Doce — murmurou, tocando os lábios dela com outro beijo gentil.

Os braços dela apertaram-se ao redor do pescoço de Iain, o coração martelava feito um aríete, quase explodindo de gratidão.

— Obrigada — admitiu ela baixinho, rezando com fervor para que ele aprofundasse o beijo mais uma vez.

Queria dar tudo a ele. E o corpo era tudo o que possuía.

A esperança, feito uma fraca luz de vela, tremeluziu em seu coração.

Por um instante pensou que seria beijada, pois ele a fitava como se fosse, o coração dele batendo tão ferozmente quanto o dela, a respiração tão ofegante quanto. Ela quase o puxou para si, tanto que o queria, desejando o gentil conforto dos lábios cálidos, a fome de seu beijo.

Iain chegou bem perto...

Ela sentia o calor da boca tão próxima à sua que seu estômago esvoaçou selvagemmente. O abraço dele se intensificou, os dedos apertavam sua carne. Permaneceram naquela posição íntima no que parecia ser uma eternidade – por tempo demais, pois ela perdeu a chance de levar a boca aos lábios dele e perguntar o que ele poderia lhe dar naquela língua muda compartilhada pelos amantes.

— Melhor irmos agora — disse ele. O coração de Page encheu-se de arrependimento.

— Sim — replicou baixinho, com tristeza. — Antes que a escuridão chegue.

Ele deu uma risadinha e a apertou brincalhão.

— Ah, moça, mas já está escuro — afirmou jovialmente.

A gargalhada e o tom travesso arrancaram um sorriso relutante dos lábios de Page. Ela se viu provocando em resposta.

— Eu não havia notado.

Iain riu de mansinho.

— Percebeu agora? — Mas então ele ficou sério. — Page — sussurrou.

Por um instante, Page mal pôde respirar, tamanha era a dor que uma única palavra evocava. Não era um nome que lhe fora dado; simplesmente se acostumara com ele, já que realizava os serviços de um pajem para seu pai. Falava de solidão, pesar e desdém.

Suisan era bonito. Lírios. Um sorriso melancólico surgiu em seus lábios. Iain havia dito que ela era adorável e doce, mas ela o considerava maravilhoso, belo e gentil. Seu coração ameaçava ser roubado.

Sem pensar na significância do pedido, ela disse:

— Pode me chamar de Suisan... se for do seu agrado...

Ele não reagiu de imediato, mas murmurou depois de um instante:

— Sim, moça... seria um prazer muito grande.

NAQUELA NOITE, Page não conseguiu dormir.

O coração estava disparado e o corpo, excitado por saber do homem que estava dormindo deitado ao seu lado. Era impossível esquecer a sensação de estar nos braços dele – como se fosse o lugar em que sempre desejou estar, de onde não desejava sair.

Mas ela precisava partir.

Agora estava mais determinada do que nunca.

Pelo seu próprio bem, se não pelo do pai – não queria que Iain a perseguisse, não queria perder o pai agora que finalmente existia

uma chance de conhecê-lo.

Não queria que ele se arrependesse da decisão.

Além do mais, temia profundamente estar enganada quanto à atração que estava sentindo por Iain MacKinnon – que não fosse algo que pertencesse ao corpo, mas ao coração e à mente.

Sim, pois sentia-se tentada a amá-lo.

Quando pensava nele, o coração parecia se inundar de emoções – ao mesmo tempo amargas e doces. Deitada ali perto dele, sentia-se viva como nunca.

Suisan.

A lembrança do sussurro dele provocava um tremor na espinha.

Quando ele falou o nome, foi tão fácil sonhar... imaginar que ele a amava... visualizar os filhos que lhe daria... lembrar do beijo...

Page fechou os olhos, lutando contra as emoções rebeldes e as fantasias íntimas. Jesus! Não podia permitir, não podia entregar seu coração àquele homem. Ele a esmagaria sob seus pés, com o mesmo pouco esforço com que conjurava aquele sorriso devastador.

Ela se virou na manta, inadvertidamente puxando o punho que estava amarrado ao dele. A garganta dela apertou.

Amanhã.

Precisava encontrar uma maneira de escapar pela manhã.

Ela estava planejando escapar.

Ele não era nenhum tolo. Podia ver nos olhos dela que aquele cerebrozinho sorrateiro estava maquinando.

Ótimo.

Que fugisse. Esperava que ela tropeçasse num buraco e os lobos a arrastassem de lá e se refestelassem com seu corpo assim como o de Ranaid – aquele Judas desgraçado!

Seria o melhor, pois assim reservaria o equipamento danificado para Malcom.

Estava determinado a se livrar dos dois, custasse o que custasse, e seria melhor fazê-lo antes que chegassem em Chreagach Mhor, onde Malcom provavelmente seria observado de perto.

Maldição! Havia esperado tempo demais para executar sua vingança. Preferia ser estripado a esperar mais tempo.

Nenhuma inglesa o impediria. Maldito Iain. Ela havia enfeitado o idiota, sem dúvida. E ele não entendia como. Era uma garota de boca suja que teria congelado seu sangue muito antes de ter a chance de esquentá-lo.

Cristo! Ele enxergava nos olhos dos dois... a maneira como um observava o outro quando achavam que o outro não veria. Já tinha sido bem revoltante assistir Iain colocá-la sobre sua proteção, quando merecia isso tanto quanto o desgraçado do pai dela. Mas saber que ele saiu para procurar os retalhos de roupa dela, para impedi-la de fugir? Mal podia suportar a ideia.

Sim, Iain era um tolo, mas isso era muito bom, pois um tolo apaixonado por uma mulher era o tolo da melhor espécie.

Pretendia concretizar sua vingança. Iain jamais saberia o que lhe sucedera... até o momento de fechar seus malditos olhos... e aí ele contaria...

Tudo.

Sim, ele assistiria o desgraçado sofrendo com a verdade quando por fim fechasse os olhos – assim como antevira com o pai de Iain.

Enquanto isso, observava a cena diante de si sorrindo por dentro, aguardando o momento certo para entrar na briga.

— Que mal pode haver se eu me lavar no lago? — perguntou Page, o tom carregado de desafio.

Estava quase conseguindo convencê-los, mas Angus foi rápido ao lembrá-los da noite em que ela foi capturada e do fato de que ela tentou usar o rio para fugir, quase sendo bem-sucedida na empreitada. Parecia que a maioria deles não sabia nadar, afinal. Ela lançou ao velho um olhar seco e informou com determinação:

— Pois o MacKinnon me prometeu um banho, então eu terei um banho! E virou-se para tomar o caminho até a margem d'água, desafiando-os a detê-la.

Angus se colocou no caminho dela, e Page praguejou baixinho. Malditos fossem aqueles escoceses estúpidos e imundos!

— Tomará seu banho quando o MacKinnon retornar, nem um minuto antes!

Page não ousaria esperar pelo retorno dele.

— E quando será isso? — perguntou. — Aonde ele foi?

— Dar um jeito na sua peraltice — disse o velho em tom enigmático, tendo a teimosia de manter-se diante dela, com as mãos na cintura.

— Você é um velho turrão e grosso! — revidou ela, com raiva. — Por que insiste em ficar me perturbando? Já não basta terem me tirado de casa, me manterem amarrada e me insultarem com essas bocas sujas? Quer que eu viva na imundície também? Não estou acostumada a dormir no chão de terra e preciso de um banho!

— Ah! Eu é que não queria esse aborrecimento, sua inglesinha atrevida! Por algum motivo qualquer, o MacKinnon é que está querendo ficar com você! — Ele bateu a mão no peito. — E vou garantir que você não fuja!

Velho matreiro! Ainda que tremessem, Page pôs as mãos nos quadris em desafio.

— É? E para onde eu poderia ir, me diga?

Ele não respondeu, mas Page ficou ali encarando-o, convidando-o a responder. Por Deus! Ela escaparia nessa manhã nem que isso a matasse!

Na noite anterior, pensou que não teria outra oportunidade, mas ela se apresentara novamente nessa manhã feito um milagre dos céus. Ela ainda nem havia despertado direito quando o MacKinnon se levantou e se desvencilhou das amarras que o prendiam, mas estava num estupor cansado demais para sequer se incomodar em abrir os olhos. Tampouco ousou encará-lo. E depois ele partiu — sabe-se lá para onde, pois não havia nenhum sinal dele. Page estava desesperada para fugir antes que ele retornasse.

Antes que ele pudesse encará-la com aquele sorriso capaz de amolecer seus joelhos e agitar sua alma.

E ela fugiria – se conseguisse convencer o velho parado diante de si de que um banho era uma atividade perfeitamente inofensiva.

— Por acaso está com medo de mim? — provocou ela.

Ele continuou calado, meramente encarando-a como se fosse uma feiticeira maligna prestes a realizar sua bruxaria e desaparecer diante dos seus olhos. Page poderia ter rido da expressão vigilante e da postura atenta, se não estivesse zangada demais para sequer demonstrar qualquer bom humor.

— Ora essa! — insistiu. — Não pode estar com medo de mim! Para onde eu iria? — perguntou, um tantinho histérica.

Seus olhos examinaram o horizonte imediato, analisando novamente seu melhor ponto de vantagem – onde as árvores da floresta pendiam feito velhos curiosos sobre o lago. A folhagem dos galhos tocava a margem, como se se estivesse se esticando para beber água fresca. Oferecia um esconderijo temporário.

Isso se ela conseguisse entrar no lago.

Os cavalos também estavam amarados perto da margem oposta.

Era perfeito.

Page concluiu que era hora de mexer com a vaidade deles, então ergueu a sobrancelha em desafio.

— Será que o grupo inteiro... quantos são? — Ela deu uma espiada, contando, depois se voltou para Angus. — Conte pelo menos uns vinte de vocês. Por acaso não conseguem lidar com uma única mulher?

— Ora! — exclamou Angus.

— É, Angus — intrometeu-se Dougal. Será que não conseguimos lidar com uma única mulher?

Page quase riu do tom indagativo.

— Ora! — exclamou Angus novamente.

— Não vejo nada de mais em deixar que a moça se lave — interveio Broc, colocando-se ali no meio e olhando para Page com perspicácia. Page quase ficou grata ao gigante. Quase, pois ele acrescentou: — Ah, seria muito bom se ela fosse tomar um banho, imunda do jeito que está. Não conseguem sentir esse fedor de inglês? — perguntou, rindo com estardalhaço.

Page o encarou com olhos estreitos, pensando que ele deveria rezar em agradecimento na próxima noite por ela não estar mais ali para esmurrar as orelhas dele até desmaiar. Jesus! Como queria pisoteá-lo com botas nos pés! Escoceses arrogantes! Já estava mais do que saturada de todos eles! Lançou um olhar furioso para Broc e virou-se para se dirigir ao velho de rosto sarapintado:

— Acompanhe-me na água, se desejar... se não confia em mim...

— Muito bem, deixe que ela vá se banhar — decretou Lagan, acenando para o grupo parado ali sem fazer nada. — Mas entrem com ela. Não deixem que ela saia de vista.

Page o encarou e estremeceu, pois percebia que ele não gostava dela, que não confiava nela. Se suas ordens fossem seguidas, ele não lhe daria nenhuma oportunidade.

— Lagan! — Dougal protestou. — Não preciso de banho nenhum! Não quero ir com ela. Ela pode se banhar sozinha, e nós olhamos da margem!

— Eu tomo banho com ela — exclamou Kerwyn, o tom cheio de insinuação. Ele gargalhou, achando graça de si mesmo.

— E eu — aceitou Kermichil, compartilhando um sorriso particular com Kerwyn.

Page estremeceu com a expressão lasciva que de repente surgiu nos olhos dele, as olhadas astuciosas que trocavam entre si.

E de repente estavam todos olhando um para o outro, murmurando na língua escocesa e rindo, ligeiros em ficar de traseiro

de fora.

Page arregalou os olhos.

Por Deus! Não era isso o que ela estava esperando!

Começaram todos a correr na direção dela, e já não importava mais que Angus estivesse entre ela e sua salvação. Ela deu um gritinho de medo e correu para o lago, adentrando-o depressa. A água frígida a atingiu feito mãos congeladas, roubando-lhe o fôlego, mas ela ignorou o ardor na pele e rumou depressa para a parte mais funda.

Jesus! Não esperava que estivesse tão fria!

Quando ficou longe o bastante para não conseguir mais ficar de pé, certa de que não fora seguida, Page se virou, movimentando os pés debaixo d'água, tentando ficar na superfície apesar das ondulações do vestido, e assistiu, estupefata, um grupo inteiro de escoceses nus brincando na água feito bebês. Todos haviam se livrado das parcas roupas e agora estavam na água rasa, com a anatomia masculina exposta ao vento, atirando água um nos outros e gargalhando ruidosamente. Embora não tivesse se enganado quanto às olhadas libidinosas que recebeu, eles estavam até esquecidos da presença dela agora, mais preocupados com a própria farra.

Apenas Angus, Broc e Lagan ficaram na margem.

Rindo do grupo, Lagan se afastou sem nem dar uma olhada em Page, sacudindo a cabeça e gargalhando conforme se afastava.

Broc, por sua vez, estava rindo – rindo e coçando a virilha, um gesto sincero demais para ser precisamente obsceno. Page considerou de repente que ele era o homem ali que mais precisava de um banho. Não havia outro jeito de se livrar das pulgas. Num lapso momentâneo, pensou em falar com ele, mas desistiu, lembrando a si mesma que não se importava se ele iria se livrar

daquela infestação maldita ou não. O gigante mal-humorado não era preocupação sua. Que sofresse com as pulgas, ela não dava a mínima! Esperava que ele se coçasse até ficar em carne viva!

Angus, por outro lado, olhava para Page com irritação – como se a culpasse pela falta de bom senso dos homens crescidos que o cercavam. Ora, a culpa não era dela!

Voltou a buscar o grupo com o olhar. Nenhum deles estava prestando atenção nela. Kerwyn estava na água rasa, curvando-se para afundar a cabeça nodosa no lago gélido. Ele a ergueu, sacudindo água feito um cachorro molhado, fazendo ruídos horrorosos que aos ouvidos dela eram como os de um animal ferido. Para seu espanto, viu Kermichil fazer o mesmo e depois ficar esperando que Kerwyn tentasse novamente, como se estivessem em algum tipo curioso de competição. Page nem conseguia imaginar pelo o que poderiam estar competindo.

Qual cabeça ficaria azul de frio primeiro?

Os dentes dela estavam batendo quando voltou a olhar a margem. Angus estava acenando para que ela se aproximasse. Ainda que tentada a escapar naquele momento, enquanto o bando estava distraído, ela o obedeceu, sabendo que Angus frustraria seu plano muito antes que ela o colocasse em ação. O velho era astuto como uma raposa e estava observando de muito perto para que ela sequer tentasse escapar. A última coisa que precisava era que ele começasse a berrá-la e chamasse atenção.

Resistindo contra a vontade de dar uma espiada no lugar em que os cavalos estavam amarrados, Page nadou na direção da margem, mas sem se aproximar muito. Parou quando Angus deixou de chamá-la, ficando a uma distância segura dos outros. Daí ela começou a se lavar, fingindo interesse numa mancha inexistente no vestido. Ela o esfregou incessantemente, dando rápidas espiadas no

velho que observava da margem. Quando achou que se demorara bastante na tarefa que se impôs, ousou dar o primeiro mergulho na água para molhar o cabelo, subindo depressa, observando Angus e os outros enquanto desmanchava a trança. Ainda assim, ninguém além de Angus a observava. Até Broc havia se afastado. Mas ela sabia que seria apenas uma questão de tempo para que se cansassem das brincadeiras de criança e decidissem incomodá-la novamente, então não se demorou muito depois que desamarrou o cabelo. Afundou na água novamente, demorando para subir dessa vez.

Sabendo que Angus estaria observando, esforçou-se para ficar no mesmo lugar e não ousou demorar demais para reaparecer na superfície. Não queria que Angus mandasse os guardas atrás dela. Pelo contrário, sua intenção era ficar submersa por cada vez mais tempo, até que ele perdesse o interesse.

Até Page considerar que era tempo suficiente para nadar desesperadamente em busca de liberdade.

Ele estava olhando com aflição quando ela ressurgiu pela segunda vez, mas Page continuou mergulhando, fingindo banhar-se, até que ele deixasse de ficar tão desconfiado. Ela afundou mais algumas vezes por cautela, e na última vez viu que ele estava ocupado falando com Kerwyn e Kermichil.

Sabendo que o tempo era limitado, Page afundou na água pela última vez. Mergulhou fundo e projetou-se na direção dos cavalos, rezando para que não estivesse na direção errada. Sabia instintivamente que esta seria sua única oportunidade.

Ela nadou com os olhos abertos, apesar da ardência do frio, nadou com todas as forças, esperando que seu trajeto não fosse visível na superfície da água.

Quando chegou à margem, subiu lentamente, orando pela cobertura das folhagens, e quase morreu de alívio e júbilo quando se viu bem no meio da área frondosa e ouviu os relinchos e a mastigação sossegada dos cavalos em seu descanso.

Graças a Deus! Havia conseguido!

Até agora.

Sabia que seu tempo era curto, e ainda precisava roubar uma montaria sem que notassem – do contrário, não chegaria muito longe. Não gastou muito tempo preocupando-se com a probabilidade de ser capturada, pois o pouco tempo que tinha era precioso demais para ser desperdiçado. Angus soaria o alarme a qualquer momento. Mesmo ao sair da água, ficou esperando ouvir o berro irritado do velho.

Enveredou-se depressa entre as árvores e arbustos, sem ousar arriscar uma olhada na direção de Angus.

Não escolheu montaria, simplesmente pegou uma e a desamarrou. Só quando estava para montar foi que percebeu que era aquele em que o pobre Ranald estava amarrado – não muito bem amarrado, ela percebeu de imediato. Em vez de perder tempo escolhendo outro cavalo, e depois mais tempo desamarrando-o, e assim correr o risco de ser notada, Page juntou coragem e montou diante do pobre Ranald, mas o cavalo pareceu não apreciar o fato de que ela estava pingando de molhada e protestou, bufando e empinando.

E então ela ouviu o grito de alerta e soube que seu tempo tinha acabado. Em pânico, esporeou o cavalo com o calcanhar. Ele empinou, e Page se agarrou com todas as forças. Para seu desalento e horror, o cavalo foi dançando para trás, tentando derrubá-la. Relinchando furiosamente, ele recuou para dentro d'água. Levando um susto, empinou novamente. Page se agarrou na cernelha como

se para salvar a própria alma. O pobre Ranald escorregou e mergulhou na água quando o cavalo disparou para fora do lago e se lançou numa corrida furiosa. Ela ouviu os gritos e xingamentos às suas costas, mais barulho de mergulho quando os homens mergulharam freneticamente atrás do pobre Ranald, mas não ousou olhar, temendo que já estivessem a persegui-la bem de perto. Quando por fim ousou olhar para trás, viu um aglomerado de escoceses nus gritando e praguejando, perseguindo-a bem de longe.

Enquanto ela corria, alguns correram para as montarias, mas era tarde demais.

Tarde demais.

Page deu um suspiro de alívio e concentrou-se em mirar sua liberdade. Pretendia escapar de qualquer maneira, mesmo que precisasse correr até o cair da noite.

Ousou dar uma nova olhada, e não conseguiu se conter; caiu numa gargalhada histérica diante da cena hilária que lhe era apresentada.

Nus e furiosos, eles ainda corriam atrás dela.

Aquela era a última coisa que Iain esperava encontrar ao retornar.

A primeira coisa que pensou ao puxar as rédeas para assistir ao espetáculo foi em como ela havia conseguido despir uns trinta escoceses.

Por Deus! Bem que ele esperava descobrir que ela havia enlouquecido todos eles antes de seu retorno, temia até que eles a tivessem matado, mas isso... Isso era algo que ele dificilmente esperaria – encontrar Page montada num cavalo roubado e seus homens arfando e berrando feito idiotas enquanto a perseguiam, com a anatomia masculina balançando ao vento. Alguns corriam segurando a virilha com as duas mãos, outros com uma só, acenando furiosamente para que ela voltasse. Apenas um punhado deles evidentemente foram pegar as montarias, pois saíram a galope atrás dela, montados tão nus quanto um bebê recém-nascido.

— O que eles estão fazendo, pai? — perguntou seu filho, parecendo tão consternado quanto Iain.

— Quem dera eu soubesse, filho — respondeu Iain depois de um instante. — Por Deus, não faço ideia!

Ele nem sabia se ficava zangado ou se achava graça, então ficou ali, perplexo, observando a cena se desdobrando e se perguntando como uma mísera mulher conseguia causar tanta confusão.

Não teve chance de ponderar por muito tempo, pois seu filho o lembrou do óbvio.

— Também não sei, mas acho que ela está fugindo, pai.

— Disso eu não tenho dúvida, filho — concordou ele, que mandou Kerr se aproximar. Entregou-lhe Malcom, mandando que voltassem ao acampamento e o esperassem lá, e então esporeou a montaria atrás de Page.

— Mulherzinha obstinada — murmurou consigo mesmo.

Então por que simplesmente não a deixava partir?

Poderia facilmente sacrificar uma montaria pela segurança dela e apaziguar qualquer culpa que pudesse sentir ao deixar que ela cuidasse de si mesma. Se possuísse algum senso de direção, em breve estaria abrigada dentro dos muros de seu pai. Ele não havia recuperado todos os retalhos que ela descartou. Page logo os encontraria, e eles serviriam para guiá-la...

Se ele a deixasse partir...

Então por que não deixava?

Porque ele simplesmente não queria, por isso! Não era só porque temia pela segurança dela nas mãos do pai. Ele simplesmente não queria.

Algo estalou dentro dele enquanto observava Page se afastando – uma chispa de emoção que parecia ser medo.

Ela estava escapando, as sombras estavam surgindo. Uma porta pesada se fechava. Escuridão.

Iain se debruçou com propósito sobre o corcel, instigando a montaria a ir mais depressa, encurtando a distância entre os dois, aproximando-se dela pelo flanco esquerdo até que ficassem lado a

lado. Como Page estava preocupada com a multidão nua que a perseguia, ele a pegou de surpresa. Iain nem pensou naquele momento, simplesmente agiu, esticando-se com um urro furioso para tirá-la da sela. Page gritou de susto e ficou por um instante espantada demais para lutar. Iain a puxou contra si, mantendo-a presa.

— Solte-me! — exigiu ela, recuperando novamente o raciocínio.
— Solte-me! Solte-me! — Percebendo quem a capturou, ela se contorceu furiosamente, ensopando-lhe a túnica e o tartã.

— Não, moça — rosnou ele. — Falei que não deixaria. Não soltarei!

— Seu escocês lunático — esbravejou ela. — Não percebe que poderia ter me matado?!

Ele não respondeu. Na verdade, Iain não sabia o que dizer diante daquele argumento lógico, pois não havia pensado em nada, exceto detê-la. Uma névoa escura o engolfara, uma onda inegável de emoção que ainda o deixava trêmulo. Vazio de uma maneira dolorosa. Da mesma forma que se sentiu depois que Mairi se atirou da janela.

Só que ele compreendia aquilo.

O que estava acontecendo agora, não.

— Podia ter me avisado! — acrescentou ela, furiosa.

Sim, poderia, se por acaso fosse desmiolado.

— Para que você me colocasse numa perseguição sem sentido?
Acho que não!

Iain não se incomodou em retornar, simplesmente continuou cavalgando, tentando determinar o que havia dado nele. Numa olhada para trás viu que a montaria dela tinha desacelerado o bastante para que seus homens o pegassem. De qualquer forma, ele não permitiria que ela continuasse com o vestido molhado e

morresse, e tampouco pretendia que ela ficasse despida diante dos seus homens.

Ela precisava de privacidade.

Ele queria abraçá-la.

— Por que não me deixa ir embora? — perguntou ela, furiosa.

Queria ele ter as respostas para as perguntas dela.

Mas Iain não sabia. De alguma forma, ia muito além do simples fato de desejar salvá-la do pai. Na verdade, aquela era a última coisa em sua mente quando Page estava fugindo dele. O único pensamento que o incitou a ir mais depressa do que qualquer outra coisa era que ela estava escapando... essa mulher que de alguma forma bania as sombras com suas olhadas disfarçadas e ardentes.

Feito um rapaz com seu ambicionado prêmio, Iain a mantinha bem presa contra si, deixando que a névoa negra dispersasse, aproveitando a sensação da pele quente sob o vestido frio e molhado que vestia. A mão se colocou sobre a barriga, e ele não pôde deixar de notar a cintura fina, o desenho delicado das costelas. Os dedos foram acompanhando o contorno delas, até poder sentir o peso dos seios pousar em sua mão. A virilha dele apertou.

— Solte-me! — implorou ela.

— Não posso, moça — respondeu ele. — Não posso.

E ele estremeceu com o desejo feroz que o acometeu tão de repente. Era com facilidade que ela o excitava ao ponto da loucura. Sem sequer tentar. Uma mulher que o matava de tão irritante. Ela o atormentava de dia, e o torturava de noite. Por Deus! Era uma tortura muito prazerosa.

— Sim, mas você pode! — argumentou ela desesperada. — Você pode! Basta você querer! — Page começou a soluçar enquanto os dedos dele continuavam a explorar, mas ela não o impediu.

Se ela pedisse... ele pararia.

Mas ela não pediu.

Em vez disso, ela ofegou num último soluço e choramingou baixinho, arqueando o corpo para trás, encostando a cabeça em seu ombro.

Com aquela reação inocente, o corpo de Iain se convulsionou com uma fome tão penetrante que tirou todos os pensamentos de sua cabeça, exceto aqueles com a mulher em seus braços. Sorvendo o doce perfume dela em seus pulmões, ousou erguer a mão, explorando o seio, subindo até a garganta, acariciando com delicadeza, reverência. Incapaz de resistir, ele se curvou para enterrar o rosto na curva do pescoço, inalando novamente o perfume sedutor.

— Aí está a sua resposta, moça — sussurrou contra a pele da garganta, mordiscando de leve. — Parece que eu não quero.

Iain ouviu ela respirar fundo quando os dedos a seguraram pelo ombro, sentiu o leve tremor conforme sua mão descia pelo braço, e soube que ela não era indiferente.

Esse simples conhecimento o excitou completamente.

— Eu quero você, moça — sussurrou ele ao ouvido dela, antes que pudesse se conter, e era uma verdade intensa. — Quero você... muito mesmo...

Ela parou de choramingar de repente e sentou-se tão rígida quanto uma pedra.

Page de repente mal podia respirar, quanto mais chorar.

Meras palavras. Mas palavras tão poderosas e convincentes que dispararam um choque nela.

Seu corpo se convulsionou. O coração falhou sua cadência natural, seus pensamentos foram levados pelo vento.

Page fechou os olhos e sentiu cada subir e descer do peito dele em suas costas. A mão continuava a explorar, as carícias arrancando

tremores deliciosos pelo corpo. Por Deus! Queria que os dedos dele vagassem para sempre. Queria deixar ele fazer o que quisesse com ela.

Qualquer coisa.

Sim, ela estava sendo libertina... e pecaminosa, mas não se importava.

Seu coração estava prestes a explodir de júbilo por causa da confissão.

Ele a queria.

Não importava que fosse apenas naquele momento, ela o queria também – e parecia que morreria se não levasse um pedaço dele consigo. Um único momento agridoce seria suficiente para trazer uma lágrima melancólica aos seus olhos quando estivesse velha e grisalha e não tivesse mais nada que lhe sustentasse, senão as lembranças.

Quando o polegar dele acariciou a parte inferior do seio, e depois a mão ousou envolvê-lo com delicadeza, Page pôs os dedos trêmulos sobre os dele e virou-se em busca de seu olhar.

Os olhos de Iain eram como ouro derretido, cintilantes de promessas, seduzindo-a com uma fome demasiadamente aparente.

Queria que ele soubesse... queria que ele visse seu próprio desejo... queria que ele a abraçasse... a beijasse.

A voz dele soou rouca quando falou novamente.

— Diga agora... se quiser que eu pare, moça.

A garganta apertou. As palavras não saíam, mas Page conseguiu sacudir a cabeça, esperando que ele compreendesse o apelo silencioso.

Ele beijou então a garganta, mordiscando de leve, lambendo com avidez, e Page soube que ele havia entendido.

— Ah, moça — sussurrou ele, a respiração quente tocando o pescoço — tem certeza? — A mão deslizou para envolver o seio, apertando de leve, como se para deixar clara a sua intenção.

Em resposta, Page acompanhou a mão, querendo que ele continuasse, deleitando-se com a maneira como os dedos apreciavam seu corpo, arrancando dela tremores deliciosos. Ela pressionou a mão dele sem seu seio num convite flagrante, e observou a expressão no rosto de Iain.

Feito um homem atormentado, ele fechou os olhos e deixou um gemido vir do fundo da garganta, erguendo o rosto para o céu azul enquanto massageava a carne aninhada em sua mão. Page observou a saliência da garganta dele oscilar, encantada com a intensidade da expressão do rosto dele, as linhas tensas na mandíbula. Era como se ele houvesse vivido a vida inteira por aquele momento, e ela... ela nunca na vida conheceu tamanha alegria em simplesmente ser.

Então Iain baixou o olhar, inclinou a cabeça novamente. Os lábios cobriram a boca de Page, que pensou que morreria com o prazer que lhe causou. O corpo derretia, convulsionava nos lugares mais íntimos. Ele poderia fazer qualquer coisa com ela naquele instante e ela aceitaria com muito agrado.

Ele a queria de verdade.

Ela podia enxergar no rosto dele.

Podia sentir pela maneira que a tocava.

E ela o queria.

A língua delineou a borda dos lábios dela, depois invadiu a boca para prová-la. Page gemeu de prazer. E quando ele gemeu satisfeito, Page pensou que seu coração fosse se despedaçar e que o corpo entraria em chamas.

Iain afastou os lábios abruptamente, e só então, naquele instante, Page percebeu que o cavalo havia parado – que ainda estavam montados, na verdade.

De alguma forma, quando ele a beijava, todo o mundo deixava de existir. Iain fazia parecer que só existia ela. Ele preenchia seu coração.

Deixava sua alma sem temor de desejar.

Quando ele desmontou, ela soube o que ele pretendia, por isso, quando Iain lhe estendeu os braços, Page entregou-se sem parar para considerar as consequências, seu coração batendo ferozmente. Por Deus! Ela não queria considerar absolutamente nada. Só queria sentir.

Carregando-a longe o bastante para que não fossem pisoteados, mas não mais do que precisavam, Iain a deitou sobre uma cama de açafrões amarelos, sentindo grande prazer no desejo tão evidente no olhar dela, na névoa de seus olhos.

Parte dele o aconselhava a parar, antes que fosse realmente tarde demais, pois Page talvez não compreendesse o que ele estava para fazer com ela. Todas as coisas que queria fazer com ela. Que Deus lhe valesse! Ele queria tanto aquilo que não estava mais sendo racional.

Por um longo instante, Iain apenas ficou olhando nos olhos dela, sem sequer piscar, temeroso de fechar os olhos e abri-los para descobrir que o desejo dela não passava de uma invenção cruel de sua imaginação febril.

Será que ela entendia? Será que ela sabia o que estava pedindo com aquele olhar de urgência?

Avaliou que ela não devia entender, mas não conseguiu reunir forças para evitar. Caiu de joelhos ao lado dela, debruçou-se, prendendo-a entre seus braços antes de baixar a cabeça para beijá-

la, antecipando o sabor doce e receptivo daquela boca em seus lábios.

— Doce — murmurou ele junto à boca. — Tão bonita.

— Não — murmurou Page num suspiro, fechando os olhos.

— Sim, moça — afirmou ele. — Você é. — E aprofundou o beijo.

Com todo o coração, Page recebeu a gentil invasão da boca, deliciando-se pelo modo como ele parecia saboreá-la com cada investida fluida da língua... a maneira como a boca parecia reverenciar a dela. Nunca na vida se sentiu tão querida.

Nunca na vida amou alguém assim.

Mas isso não era amor, lembrou a si mesma.

Esperar por amor só lhe traria mágoa. Não... isso era uma coisa totalmente diferente... e se ela não esperasse por algo mais... algo que jamais teria, então não ficaria desolada de tristeza quando não a recebesse.

Sim, isso era uma coisa diferente, não era amor.

Isso era a possessão de seu corpo, doce e pecaminosa.

Nada mais.

Era o que dizia a si mesma. E ela queria isso mais desesperadamente do que já quis qualquer coisa na vida.

IAIN ERA UM HOMEM DOMINADO.

Seu maior desejo era agradá-la.

Sim, mas queria mais do que tudo fazê-la ficar. Afastou-se para admirar o rosto corado de paixão. Queria que ela olhasse sempre assim para ele... que se refestelasse em seus beijos feito uma flor se abrindo ao calor do sol. Mas ele sabia que a maneira de a prender a ele não era fazendo amor. Havia tentado com Mairi. Se na escuridão

da noite ela cedia à sua habilidosa persuasão, sob a luz da manhã ela o desprezava por isso também.

E então ela lhe deu um filho, e ele a perdeu para sempre.

Não queria tomar a mesma estrada.

Antes de Mairi, sempre houve muitas garotas. Depois dela, não houve nenhuma.

Porque ele não conseguia esquecer.

Decidiu que esse encontro de amor seria para ela.

Para a doce e adorável Page.

Reivindicaria para si apenas o prazer de ver a paixão estampada em seu rosto.

Nada mais.

E foi isso o que ordenou a si mesmo.

Quando ergueu o braço dela, deixando beijinhos delicados ao longo da sensível pele interna, Page estremeceu e apertou bem os olhos, entregando-se à vontade dele. Ao chegar na mão, ele beijou a palma, lambeu com a língua, sugou os dedos, mordiscou o calcanhar da mão, até Page tremer com êxtase. Daí ele guiou aquela mão até acima da cabeça dela, buscando a outra e fazendo o mesmo. Com uma mão ele segurou ambos os punhos, prendendo os braços dela acima da cabeça ao se colocar sobre ela, o corpo protegendo-a do sol, banhando-a em sombras frescas.

Mas ela estava longe de estar fresca. Ela estava quente. Abrasadoramente quente, a pele em fogo.

Page pressentiu o calor do olhar dele, mas não era destemida o bastante para buscar seu olhar perspicaz. Enquanto Iain pairava por cima dela, ela estava ciente de tudo naquele momento. Cada nuance. A sutil mudança da brisa, o calor do sol sobre o tanto de pele exposta ao toque, os pássaros trinando em algum lugar lá no alto. O som da relva sucumbindo debaixo dos corpos deles. O

perfume fugaz do açafrão amarelo. O almiscarado cheiro masculino do homem que pairava sobre ela.

Quando Iain baixou o rosto até seu pescoço, ela estremeceu e ousou expô-lo por inteiro, arqueando em completo abandono, gemendo com deleite quando ele sugou a pele, lambendo novamente com a língua. Feito um pintor apaixonado por suas obras, Iain não deixou nenhuma parte intocada por seu pincel divino. Apreciou o corpo dela, encheu-a de beijos até que sua própria alma parecesse prestes a se levantar do corpo para se moldar ao dele.

— Ssssim — sussurrou ela, sentindo-o estremeecer logo acima.

Os beijos então se tornaram mais fervorosos, descendo até os seios. Ele sugou através do vestido molhado, e o coração de Page ribombou, pois ela queria naquele insano instante que ele rasgasse o ofensivo vestido de seu corpo, queria sentir o calor dos lábios dele na pele nua. Sentir o corpo dele deitar sobre o dela.

Em vez disso, ele foi descendo cada vez mais... Deixando-lhe as mãos livres, passou o braço por baixo de sua cintura para erguer o corpo dela para os beijos ardorosos. Page gemeu de satisfação, quase inconsciente com o prazer que lhe era proporcionado, impaciente com as carícias. Agarrou o vestido, puxando-o para cima em desespero, convidando-o sem palavras.

Ainda assim não ousava abrir os olhos, não ousava falar e quebrar o encanto, mas gemeu exultante quando os lábios dele beijaram a barriga nua. Bom Deus... Aqueles lábios ficaram ali por um longo instante, imóveis, paralisados no mesmo lugar, fogo líquido sobre a pele exposta. Page esticou a mão para prendê-lo, querendo que ele nunca mais se fosse.

E então ele vagou até as coxas, mordiscando e beijando.

Ela ofegou alto, o coração martelou no peito, quando Iain ousou beijar seu lugar mais íntimo. Seu corpo se convulsionou com um prazer tão incrível que era quase um vislumbre do próprio Paraíso. E quando a língua se insinuou dentro do corpo dela numa exploração ousada, Page acreditou que se dissolveria numa poça líquida ali mesmo.

— Ah, sim — sussurrou. — Ah... nossa... ssssim...

— Doce — murmurou Iain, adentrando o corpo dela com a língua, saboreando com abandono, até Page pensar que seu coração se esfarelaria em milhares de pedacinhos brilhantes.

Ela mal podia suportar mais.

— Por favor — murmurou, choramingando, contorcendo o corpo debaixo dele, sem compreender realmente o que precisava, mas sabendo instintivamente que havia algo mais.

As mãos dele agora percorriam seu corpo com mais insistência, os lábios continuavam a venerá-la, então Iain deslizou as duas mãos por baixo das nádegas, envolvendo-a, erguendo-a ao seu prazer. Page sentiu os olhos revirarem por trás das pálpebras, tamanha era a satisfação que sentia. Seu corpo estava à beira de uma glória desconhecida, e ela queria desesperadamente alcançá-la, agarrá-la, mantê-la para sempre.

E então ele gemeu de repente, um som atormentado, e parou, baixando, largando Page no chão.

Ela arregalou os olhos, encarou os olhos febris de Iain, o coração batendo ferozmente.

Ele se ajoelhou diante dela, a expressão contida, os olhos imploravam.

— Quero você, moça — murmurou outra vez.

Cristo, ele não conseguiria.

Pensou que conseguiria, mas não.

O desejo por ela estava conduzindo Iain à uma loucura quase insuportável.

O corpo dele doía, precisava dela desesperadamente. Page piscou, o rosto lindamente afogueado, e assentiu. Por Deus! Iain achava que Page não devia compreender muito bem, mesmo querendo muito acreditar que sim.

— Tem certeza disso, moça? — perguntou novamente, a voz grossa de desejo.

Em resposta, ela se ergueu, guiando os dedos trêmulos por dentro do cinto dele, os belos olhos grandes fixos nos dele. Com o coração batendo furiosamente, ele livrou-se do cinto de imediato e o atirou longe bem depressa, sustentando aquele olhar, temendo que ela mudasse de ideia, temendo que não mudasse.

Deus sabia o quanto ele queria isso. Mais do que qualquer coisa que pudesse lembrar.

Cada músculo do corpo dele tensionou quando ela estendeu novamente a mão para tocar o tartã, um leve roçar dos dedos, nada

ousado, mas ele compreendeu como se ela tivesse falado alto. Iain se livrou daquilo imediatamente, descartando a manta sobre a grama. Ajoelhou-se diante dela, vestindo apenas a túnica curta, que ele fez questão de tirar também, querendo que ela visse toda a extensão de seu desejo.

Querendo que ela compreendesse antes que fosse tarde demais. Se quisesse fugir dele, devia ser agora. Antes que ele perdesse o controle que lhe restava.

Antes que ele ousasse tocá-la mais uma vez.

Um beijo a mais selaria o destino dela.

Estariam conectados pela eternidade.

Ela o encarava, os olhos arregalados, o rosto ruborizado.

A garganta de Page apertou ao ver o homem ajoelhado diante dela, gloriosamente nu, a pele bronzeada do sol, o corpo tumescente de desejo. Tentou não olhar tanto, mas não conseguia evitar. Ela engoliu o medo.

Como um homem assim... poderia querê-la?

Ela queria chorar de alegria, pois a evidência estava bem ali diante dela, inegável em sua magnificência. Queria se desnudar também, ficar junto dele da maneira como vieram ao mundo, mas temia que ele a considerasse desprovida de atrativos, então deitou-se, maravilhando-se com a beleza do homem à sua frente.

— Quer que eu pare, moça? — perguntou ele, a voz rouca.

Page sacudiu a cabeça imediatamente, buscando o olhar dele, o rosto ardendo de desgosto quando percebeu que foi pega em apreciação.

— Não — murmurou baixinho, para então perguntar: — V-você quer? — Observou os belos lábios de Iain se abrirem num sorriso afável.

Ele deu uma risadinha.

— Não, moça, não quero. — Ele sacudiu a cabeça e estendeu a mão. Page ficou olhando para a mão dele por um instante, atônita. — Dê-me sua mão — ordenou ele, ainda sorrindo.

Page piscou e obedeceu, o coração batendo insistente. Deixou que ele a puxasse até ficar de joelhos diante dele, incapaz de evitar que o olhar buscasse novamente aquela parte mais máscula.

— Ah, moça, parece que eu quero parar? — provocou ele.

Ela o olhou nos olhos. Page não conseguia responder, e ele não lhe deu oportunidade. Esticou as mãos, agarrando-lhe a cintura, apertando-a com delicadeza, então fechou os olhos, como se saboreasse a sensação do corpo debaixo de suas mãos.

Page também saboreou o momento, a cabeça tombando levemente para trás, mas sem deixar de observá-lo, pois não queria perder nada.

Quando Iain abriu os olhos novamente, foi para buscar os dela, seus próprios olhos dourados reluzindo ao sussurrar:

— Quero ver tudo de você, moça...

Page consentiu com a cabeça, mas nada mais. Ele baixou as mãos para agarrar a barra do vestido, puxando-o lentamente para cima, fitando-a como se esperasse que Page fosse mudar de ideia a qualquer momento.

Não era a intenção dela. Ela estava tonta de desejo, ansiosa pelo que ele lhe ofereceria.

Iain ergueu o vestido por cima da cabeça dela, junto com a camisola rasgada, e atirou o tecido úmido sobre a grama. E então ficou apenas olhando. Page aguardava ansiosamente pela reação dele e ficou impressionada com o sorriso deslumbrante que surgiu no rosto de Iain.

— Linda — sussurrou ele com fervor. Page quis se atirar nos braços dele e chorar. Quando Iain finalmente se inclinou, ela o

recebeu por inteiro, fechando os olhos, erguendo os braços num gesto de total e jubilosa submissão.

E então não conseguiu mais pensar, pois os lábios dele se fecharam sobre o bico do seio e começaram a sugar. Depois os lábios cobriram a boca de Page, que pensou que morreria com tanto prazer. Os beijos foram subindo até o rosto, enquanto a mão acariciava a pele abandonada pelos lábios. Quando a boca tornou a tocar a dela, Page pensou que o mundo de repente poderia girar. Ela agarrou-se nele com desespero, envolvendo os braços no pescoço de Iain, que a beijou profundamente, a língua entrelaçando com a dela, primeiro gentilmente, depois com mais urgência.

Ela mal percebeu quando ele a deitou na grama mais uma vez. O corpo dele cobriu o dela, o peso ao mesmo tempo bem-vindo e apreciado, enquanto que os lábios e as mãos continuavam a explorar e seduzi-la. O torso, os seios, as coxas.

E então os dedos estavam entre suas pernas, que Page abriu instintivamente, sentindo novamente aquela alegria incrível. Iain se acomodou entre as coxas, e ela sentiu aquela parte rígida cutucá-la. Aceitando-o, Page ergueu as pernas, envolvendo-as instintivamente ao redor dele.

A primeira investida veio sem aviso. Segurando os quadris dela com as mãos, Iain entrou rapidamente, abafando o grito de dor com a boca e os beijos. O coração dela pareceu que seria atirado à garganta, tão fundo ele se projetou dentro dela. Atirando a cabeça para trás, ela gritou.

— Mande-me parar — murmurou ele junto à boca de Page, despejando beijinhos febris em seu queixo e garganta. — Não é tarde demais. Se ainda quiser... Eu paro, moça... Basta dizer...

Uma fina camada fria de suor surgiu no corpo febril de Page, que sacudiu a cabeça freneticamente, abraçando até mesmo a dor.

Queria tudo o que ele poderia lhe dar – tudo –, sabendo em algum lugar em seu coração que sua primeira vez com ele seria a última.

E então a dor se dissipou, e ela sentiu novamente a mais doce das vontades por dentro. Iain permanecia parado dentro dela, preenchendo-a por completo, esperando, ao que parecia, por sua resposta. Page começou a se mover, tentando redescobrir aquela sensação evanescente.

Iain gemeu com um prazer tão penetrante que quase chegava a doer.

Ele não pretendia se mover tão cedo, mas ela era insistente demais, apaixonada demais, mexendo-se debaixo dele como se fosse sugar até a última gota de sua vontade.

E Cristo... ele queria que ela... quisesse isso...

Não conseguia evitar.

Ele investiu de novo, e de novo, avançando negligentemente, até a névoa em seu cérebro clarear o bastante para considerar todas as consequências dos seus atos. Tentou se retirar, pelo bem dela, mas Page entrelaçou as pernas ao seu redor. Iain gemeu alto, estremeceu, agarrou-se ao controle como nunca antes, evitando se derramar dentro dela. Embora seu coração estivesse perto de estrangular, ele reuniu cada fiapo de controle e invadiu de novo, e de novo, sem parar até senti-la sucumbir debaixo dele.

Quando o corpo dela estremeceu com a própria liberação, Page deu um gemidinho agudo que terminou num suspiro feliz. Iain soube que a agradara bem, então se retirou depressa, despejando-se fora dela. Saciado e esgotado, desabou sobre ela, saboreando o cheiro almiscarado do ato de amor... a fria camada de suor entre os corpos, e a brisa em suas costas.

Estava agradecido a ela de uma maneira que jamais poderia pagar, e conectado agora de uma maneira que jamais renegaria.

Feito um rapaz embriagado, arrancou um vívido açafão amarelo da grama ao lado e a entregou. Page aceitou a flor, e ele enterrou o rosto na curva do pescoço dela, abraçando-a.

Ela agora era sua.

Ele havia decidido assim.

E jurou, pela própria vida, que nunca permitiria que ela se arrependesse desse dia.

ENQUANTO ELES AGUARDAVAM FEITO IDIOTAS, perdendo tempo, os dois estavam no cio.

Nossa, como isso o irritava.

Se não tivesse testemunhado os dois juntos com seus próprios olhos, nunca teria acreditado.

Em vez de dar uma surra na vadia impertinente, Iain a embalava nos braços enquanto ela dormia feito um bebezinho. Depois da confusão que ela causou, ele quase teve esperanças de que seu irmão a mandaria voando de volta para o pai. No mínimo, esperava que a longa ausência dos dois significasse que Iain decidira ele mesmo devolvê-la a Aldergh, atirando-a feito os restos na vala do castelo.

Era o que ela bem merecia.

Em vez disso, Iain ficou pegando flores de açafão para a meretriz inglesa. Ela ainda a segurava na mão enquanto dormia.

Maldição! Nada estava saindo como planejado – nada! A esta altura, esperava já ter se livrado da cria de Iain de uma vez por todas. E a mulher – ela nem deveria ter se tornado um problema. Que Iain e seu maldito coração apodrecessem!

Ele ficou sentado, observando Kerwyn e Dougal carregarem o corpo ainda ensopado de Ranald no cavalo no qual pretendia montar

Malcom, sentindo o rosto arder com uma fúria impotente. Tiveram que pescar o desgraçado do lago e então reenrolá-lo, e só agora o prendiam novamente. Parecia que a garota montaria com Iain e Malcom, com o velho Angus, e ele estava impotente para fazer qualquer coisa senão ficar observando e fervilhar. Esperava que Page e Malcom pudessem cavalgar juntos.

Odiava sentir-se assim – impotente. Maldito fosse Iain por isso também! Desgraçado! Era igualzinho ao pai! Achava-se muito nobre pelos sacrifícios que fazia.

O pai de Iain, aquele miserável, havia sacrificado até mesmo ele – sem nem pensar duas vezes.

Bem... ele pretendia endireitar esse erro em breve, livrando-se primeiro de Malcom, depois de Iain, e então ele mesmo lideraria o clã.

Era seu direito depois de ter sofrido em silêncio por todos aqueles anos.

Maldito fosse o pai de Iain, aquele velho tolo e egoísta! Será que o velho achava mesmo que sua fraude jamais seria descoberta? Esperava que Lagan simplesmente aceitasse a mentira quando a verdade finalmente fosse revelada? Que ele esquecesse que fora abandonado sem mãe ou pai, sua decepção suprema, por causa do assassino de seu pai?

Velho imprudente! Ao tentar poupar o filho da verdade repulsiva – que sua esposa ousara amar outro homem, um MacLean, ainda por cima –, ele decidiu tirar de Lagan cada direito de nascença.

Sim, porque Iain lamentava jamais ter conhecido a mãe que uma vez lhe deu de mamar ao peito, mas foi Lagan quem sequer a conheceu. Cristo! Ele nem teve o direito de sofrer por ela abertamente. Só possuía fragmentos de lembrança dela graças a

Glenna, pois nem mesmo ela falava da irmã que perdeu de forma tão vergonhosa – nem mesmo para o filho que ela morreu parindo.

Iain, pelo menos, viveu com ela por aqueles dois anos – dois anos pelos quais Lagan poderia ter arrancado os olhos para poder ter o mesmo luxo. Seu irmão não tinha o direito de lamentar.

Quer se lembrasse dela ou não.

Pobre Iain... filho reverenciado de seu pai... Enquanto Iain era assiduamente treinado para liderar o clã... Lagan não era nada mais do que um parente descartado.

Como invejava a atenção do velho lorde com o filho. Como a queria. Sem saber...

Cristo! Ele nem sabia do seu pai até ser velho demais para sentir qualquer coisa além de amargura. Isso foi tudo o que lhe disseram: que seu pai foi um MacLean traidor, nada mais, e que os MacLean jamais o reconheceram.

Nem uma vez.

Foi Glenna, a tia que antes ele chamava de mãe, quem finalmente revelou a convivência. A culpa que ela sentia também era grande – e como não seria?! Ela nunca deveria ter tramado para despojá-lo da vida que lhe era devida.

Malditos fossem todos eles, pois fora roubado por seus amados parentes de clã, parentes que favoreceram o velho lorde mais do que a criança solitária que ele foi. Cada um dos MacKinnon conspirou para esconder o sujo segredo de seu nascimento. Nenhum deles saiu do esconderijo, nenhum!

E agora aqueles que se lembravam estavam quase todos mortos, exceto por Glenna e alguns poucos. Eles também pagariam. E então... quando a culpa sumisse de sua vista, ele aprenderia finalmente a viver – não a perdoar, mas a colocar o passado para trás de uma vez por todas.

A piada seria contra o velho MacKinnon – que ele se revirasse no túmulo – porque ao tentar poupar o maldito filho, Iain, ele o sobrecarregou com uma vida de culpa pela morte da mãe. Desgraçado estúpido, pois foi o nascimento dele que a matou, não a do meio-irmão. Ainda assim Iain viveu cada dia de sua vida miserável pensando que tinha sido o culpado por roubar da mãe seu último sopro de vida. Que ele pensasse assim – aquele desgraçado! Poderia levar sua maldita culpa para o túmulo, na opinião dele – junto com a culpa que sentia pela morte de Mairi. Maldição! Ele esperava que ela morresse no trabalho de parto. Desejou tanto que isso acontecesse, tentou com tanto afinco que isso acontecesse.

Em vez disso, Mairi se atirou da droga da janela, roubando sua chance com a irmã mais nova. Vadia estúpida. Os alertas terríveis que ele inventava contra Iain eram para assustá-la, tornar a vida dela um horror, não para que ela se atirasse do peitoril da janela.

Ainda assim... ele precisava admitir... ela conseguiu ferir o desgraçado de uma maneira que do contrário jamais seria possível, pois, desde a morte de Mairi, Iain não havia levado mais nenhuma mulher para sua cama.

Até agora.

Ele sorriu, pois essa seria mais uma maneira de ver o desgraçado sofrer antes da morte.

Seu único dilema agora... era decidir quem deveria partir desse mundo primeiro... o filho... ou a amante.

Talvez os dois.

Juntos.

MUITO DEPOIS DE acordar de seu sono de saciedade, Page agarrou-se ao sono fingido, não muito capaz de encarar Iain.

Também não conseguiu lidar com as acusações dos homens dele quando Iain retornou com ela nos braços. Page ouviu por acaso as reclamações, a indignação declarada com o tratamento vil que ela deu ao pobre Ranald, e sentiu uma grande ponta de culpa pela confusão que causou mais uma vez. Claro que não pretendia mergulhar o cadáver no lago! Foi um acidente, nada mais. Mas o coração dela se encheu de alegria quando ouviu Iain MacKinnon se tornar seu campeão. Ele mandou que todos ficassem calados e, com aquela defesa não solicitada, uma alegria floresceu no coração dela.

Verdade fosse dita, mais do que qualquer coisa, Page não queria sair do refúgio dos braços dele ainda. Ele a segurava feito um bebê, os braços fortes envolvendo-a num abraço que parecia mais o Paraíso do que aquelas nuvens brancas e fofas.

Não... ela não queria acordar... queria ficar agarrada nele para sempre.

Agarrada nessa ilusão de amor.

Ela se sentia querida por causa da maneira que ele a segurava, a maneira como afastava seu cabelo do rosto. Mas era uma ilusão, nada mais. Ela compreendia isso muito bem – assim como compreendia que uma vez que abrisse os olhos, ela não seria mais sua amante, mas sua refém outra vez.

Ah, mas tinha sido maravilhoso enquanto durou.

Ela guardaria a lembrança dos dois fazendo amor em seu coração, lembrando de cada instante maravilhoso... e naquelas noites em que olhasse pela janela de seu quarto... não desejaria mais as coisas que não tinham acontecido, que nunca aconteceriam... Ela desdobraria com cuidado o açafrão guardado em sua mão. Embora pudesse estar desbotado e quebradiço pelo tempo, ela o veria vívido, amarelo e beijado pelo orvalho. Ela veria o rosto de Iain – sentiria o grande arroubo de emoção que havia

revirado seu coração e zombado de seu juramento de que sentia apenas luxúria por ele. Sim, pois naquele momento ela o amou intensamente. Naquele mágico instante, ela queria ficar com ele para sempre.

Sim, e queria que ele a amasse.

A garganta dela embargou com uma emoção devastadora quando recordou a maneira como ele arrancou a flor e a colocou em sua mão. Foi um gesto simples, algo que ele poderia ter feito mil vezes, para mil amantes diferentes... mas aquela flor era para ela, apenas ela.

Page queria chorar, mas não ousou, para que ele não descobrisse que estava acordada.

A trilha que estavam seguindo enveredava-se para cima, uma inclinação mais íngreme do que qualquer uma que já tivessem passado. Page suspirou satisfeita ao ser forçada com mais ímpeto contra o homem que dali então assombraria seus sonhos.

Pelo que percebia, já era tarde avançada.

Pela neblina de seus cílios, ela via faixas de um vermelho roseado estendendo-se no céu azul desbotado. O sol banhava as colinas recobertas de arbustos, feito uma mãe gentil beijando tudo o que tocava antes de recolher sua luz.

Quando a trilha ficou ainda mais íngreme, Page ousou se agarrar ao seu dúbio salvador, confortando-se com a força de Iain para mantê-la segura. A mão sentia grande prazer em explorar a sinuosidade dos músculos, a largura das costas, e o fingimento do sono lhe oferecia uma ousadia que do contrário jamais teria.

Ele era um exemplar maravilhoso de homem, cada parte dele era bem formada. Page suspirou ao lembrar dele se ajoelhando despido diante dela, magnífico e primitivo.

A maneira como Iain olhou para ela; ninguém a olhara daquela maneira.

Os olhos... eram do tipo que faziam uma mulher enfraquecer quando a contemplavam por completo. Algo se agitou dentro de seu ventre apenas com a vaga lembrança daquele olhar abrasador. Arrogantes de tão confiantes, aqueles olhos avaliavam como alguém que sabe o que quer e como conseguir. Eles sondavam segredos, usavam-nos para devastar o coração... e o corpo.

Page estremeceu ao pensar.

Nas mãos dele sobre ela...

E nos lábios... lábios que prometiam coisas inomináveis... promessas cumpridas com grande gosto. Jesus! Ele havia sentido grande prazer, a julgar pelo sorriso malicioso dos lábios, por tudo o que fez com ela. Iain fizera amor com ela novamente com aquela boca magnífica, sentindo maior prazer em explorar do parecia possível para um homem ao fazer tal coisa.

Incapaz de se conter, ela deu um gemidinho sonolento e virou-se para enterrar o rosto no peito dele. Mas percebeu imediatamente que foi um erro, pois aspirou o perfume dele e desmanchou-se por inteiro.

Queria ficar daquele jeito para sempre.

Mas para sempre seria impossível, e o momento acabaria muito em breve. Lágrimas quentes escorreram por seus cílios, mesmo que dissesse a si mesma que eram absurdas.

Como podia amar um homem que mal conhecia? Jesus! Mas Page achava que amava.

Como pôde se entregar tão livremente? Amado sem qualquer escrúpulo?

Não era amor. Qualquer coisa, menos amor.

Luxúria, tentou convencer a si mesma. Era luxúria, pura e simples.

Então por que o ardor das lágrimas persistia?

E por que o coração dela subitamente parecia tão pesado como se fosse uma pedra?

Enrijecendo com o toque delicado daqueles dedos em suas costas, Iain olhou para baixo, tentando determinar se Page dormia ou não.

Era a carícia de uma amante. A carícia de uma amante sonolenta que agitava seus sentidos e fazia seu pulso começar a acelerar. Iain achava que ela devia estar acordada, mas não abriu os olhos.

Não tinha importância, gostava de segurá-la assim. Ela era tão leve em seus braços, até mesmo frágil – apesar da fachada invulnerável que usava. À primeira vista, Page parecia ser tão forte quanto os muros de pedra que o pai dela ergueu ao redor da fortaleza, mas, se removida uma única pedra, suas paredes desabavam.

Ela ficou exausta depois de se amarem tão intensamente, tanto que caiu no sono em seus braços enquanto ele lhe afastava os cachinhos molhados de cabelo do rosto. Ah, ele saboreou aquilo mais do que deveria... a confiança que ela depositou nele para dormir tão tranquilamente em seu abraço.

Era uma simples demonstração de fé, que para Iain era mais valiosa até mesmo que a natureza resistente de Page. Era algo que nunca teve com Mairi. Confiança. Algo que jamais ousou esperar dela.

Na primeira vez, a esposa se retirou da cama para aquela janela infernal, onde ficou parada olhando para a noite. Iain ouviu o choro

dela e assistiu sua silenciosa repulsa ao ato de amor que partilharam, e o coração dele chorou sangue puro.

Assim que ela engravidou, ele não a tocou novamente – e também não queria ser tocada, pela maneira deliberada com que o evitava. Carregou seu filho sem trocar uma palavra com ele, lamentou cada instante em que cultivou o bebê dele no ventre, como se fosse uma abominação em seu corpo.

Seu filho era magnífico.

Sim, Malcom era tudo o que ele esperava em um filho: livre de espírito e sem medo de amar. Era algo que Iain invejava.

Page... Ele sorriu ao lembrar da hesitação com que ela aceitou o nome que lhe escolhera: Suisan. Ficava muito satisfeito em pensar nela assim. A reação dela... a aceitação sincera de seu amor – não um mero consentimento –, era como um bálsamo para sua alma.

Deus! Isso o fazia sonhar novamente, abrir portas de seu coração que ele sequer sabia que estavam fechadas.

Page balançou de leve e ele estendeu a mão, sem tocar, mas delineando a barriga dela, imaginando seu bebê crescendo ali. Aquilo lhe dava um prazer ardoroso. Ele se retirou de vez antes de plantar sua semente no corpo dela, mas não conseguia deixar de imaginar a barriga crescida com seu filho.

Queria fazer aquilo de novo... e muito – queria amá-la, sim, mas mais do que isso, queria dar a ela um filho seu. Iain tinha pensado que suas chances tinham passado. Todas as coisas que quis fazer com Mairi sem poder... colocar a mão na barriga dela, sentir o primeiro movimento de vida da criança... encostar a bochecha e os lábios no corpo dela, onde o bebê crescia... deitá-la nua em sua cama a cada manhã e cada noite para estudar as gloriosas transformações em seu corpo.

Descobriu-se querendo todas essas coisas com a mulher deitada tão serenamente em seus braços.

Seu coração ficava cheio de júbilo e incendiado de ansiedade só de pensar.

Ah, teve que rir da olhada que o velho Angus lhe deu quando ele chegou no acampamento com Page no colo – uma mistura completa de indignação e relutante aprovação. Fazia tempo que o velho o importunava para arranjar uma mulher, mas Iain achava que ele preferiria uma que fosse menos irritante. Riu baixinho, pois, na verdade, teria preferido uma que fosse menos incômoda também.

A pequena megera.

Ah, mas a verdade era que amava o espírito dela, inclusive seu gênio, pois era evidência de que sua alma ardia com vida. Page não era nenhuma mulher quieta, amuada, pesarosa. Não, ela era a paixão encarnada, sentindo tudo, fosse raiva, ou luxúria – e amor? – em seu grau mais elevado.

Seu primo, pelo contrário, se a expressão em seu rosto fosse alguma indicação, aparentou completa desaprovção. Uma pena. Iain tomava há muito tempo suas próprias decisões, e agora era tarde demais para que Lagan se intrometesse nelas. O primo simplesmente teria que aprender a viver com a presença da inglesa intempestiva – assim como o resto do clã, pois pretendia mantê-la.

Quanto a si mesmo, acostumar-se com a presença dela seria uma tarefa que provavelmente gostaria muito.

Pensar no primo fez com que uma ruga pensativa se formasse em sua testa.

Lagan andava agindo estranho nos últimos tempos, sempre taciturno. Desde a briga com o velho MacLean por causa da filha caçula. Talvez ele mesmo devesse falar com o MacLean, por mais

que detestasse isso, em favor de Lagan. Será que não havia nada que pudesse fazer?

Talvez não; o velho MacLean tinha aversão por ele, sem dúvida. Sua mediação provavelmente só atrapalharia as coisas ainda mais.

— Pai! Pai!

O estridente grito de alarme de Malcom invadiu os pensamentos de Iain feito o golpe de um machado. Ele girou, o coração aos pulos, para ver o filho bem, mas apontando agitado.

— Ranald está fugindo! — gritou Malcom. — Ranald está fugindo!

Iain franziu a testa, sem entender o alvoroço do filho. Como diabos poderia Ranald fugir, já que estava morto? Acompanhando a direção em que o dedo de Malcom apontava, viu a crise que tanto preocupava o filho. O corpo de Ranald, de alguma forma, estava se livrando das amarras – não das amarras, percebeu Iain depois de uma inspeção mais detalhada. Os arreios tinham partido e, ainda que Ranald estivesse amarrado, a sela estava deslizando. Enquanto Iain assimilava a situação, Ranald escapou de repente e começou a rolar pela encosta íngreme, perdendo a sela depois de vários giros violentos. O tartã se desenrolava a cada virada.

— Cristo! — murmurou. Mas Ranald devia ter sido amaldiçoado durante a vida. Iain duvidava que um morto já houvesse sofrido tamanho infortúnio!

Alguns homens pularam das selas imediatamente e, pela segunda vez no mesmo dia, saíram atrás do corpo errante de Ranald.

Iain praguejou alto quando, ao olhar para baixo, franzindo o cenho, deparou-se com os olhos espantados de Page.

Ela estava acordada, encarando-o.

— Não fui eu! — jurou ela.

Não havia um rosto que não fizesse uma careta ao olhar para o corpo de Ranald. Depois dos lobos, do mergulho no lago, da manta encharcada e da escapada morro abaixo, Ranald estava, sem dúvida, em seu pior estado.

Page ficou em silêncio em meio ao grupo, o rosto fazendo um esgar de repulsa ao ver o corpo todo retorcido que estava ali diante deles. Sua culpa era tremenda, pois sabia que carregava parte da responsabilidade pelo infortúnio do pobre homem. Senhor! Seu pai sempre dizia que ela poderia importunar até a alma de um homem morto, e parecia que ele estava mesmo certo, pois aquele homem ali fora mais importunado do que qualquer alma suportaria.

Mesmo assim, ela simplesmente não assumiria toda a culpa! Para começar, não havia matado o homem – tão pouco colocado os lobos no encalço dele. Porém, havia jogado o corpo dele no lago durante sua fuga. Claro que a manta molhada não favorecia em nada a aparência dele. Verdade que Ranald não tinha sido o rapaz mais atraente que seus olhos já tinham visto, mas agora era realmente grotesco. Ela enrugou o nariz e virou o rosto. Era boa coisa ela ter tanta coragem.

— Eu não o coloco no meu cavalo! — objetou Dougal de repente, o tom cheio de nojo, a expressão revelando o mesmo.

— Nem eu! — anunciou Kerwyn. — Meu estômago revira só de olhar para ele.

O de Broc aparentemente fazia o mesmo, observou Page, um tanto impressionada com a reação do gigante diante do falecido. Na verdade, ele nem se aproximara do corpo, ainda estava ajoelhado longe do grupo, vomitando e fazendo os sons mais pavorosos que Page já ouvira na vida.

Mesmo detestando se intrometer, ela se aproximou dele.

— Posso ajudar?

Broc pareceu ficar um tanto perplexo com a pergunta.

— Me ajudar a colocar os bofes para fora? — perguntou, encarando-a com certa desconfiança. — Por que desejaria me ajudar, garota?

Page deu de ombros e abriu um pequeno sorriso.

— Porque não sou tão má quanto você pensa.

— Verdade? — perguntou. — Quem disse?

Page abriu mais o sorriso apesar do olhar irritado de Broc.

— Eu disse — retrucou com petulância. — Obrigada por tentar me ajudar hoje de manhã... Broc.

— Inglesa! — retrucou ele sem muita convicção.

— Gigante — respondeu ela, sorrindo.

Ele exibiu um leve ar de riso.

— Ah, bom... mas de que me serviu? — ironizou ele. — Você não foi muito longe, não é?

— Não — retrucou Page, as bochechas ardendo ao lembrar de como foi capturada pelas mãos do lorde de Broc. Naquele instante, era como se cada prazer culposos estivesse escrito no rosto dela. O que Broc devia estar pensando dela? O que todos deviam estar

pensando dela? Page não queria nem saber. — N-não fui — lamentou, aventurando-se a perguntar: — Será que... quero dizer... Está se sentindo melhor? — De alguma forma, pareceu-lhe importante de repente que eles não a achassem indelicada, nem mesmo com o gigante rabugento ajoelhado de maneira tão deplorável diante dela.

As sobranças dele se uniram numa ruga profunda.

— Não se preocupe comigo — declarou. Ele desviou o olhar. — Agora vá embora, me deixe sozinho.

Canalha mal-humorado. Page o encarou com irritação, mas não insistiu. Aproximou-se de novo do grupo, pensando que não era surpresa que esses escoceses estivessem sempre em guerra. Animais intratáveis.

— Cristo, como ele fede! — resmungou Kermichil, fazendo careta. Mas Page notou que ele não parou de olhar. Parecia fascinado com o corpo diante deles. Era como se uma mórbida curiosidade mantivesse todos plantados no lugar.

— Ele nem se parece mais com o Ranald — lamentou Lagan, sacudindo a cabeça num gesto de pesar. Mesmo assim, seus olhos não revelaram nada desse sentimento ao fitarem Page. Só a imensidão de sua raiva. Ele não só a culpava, como também a odiava.

Ela não sabia o porquê, mas Lagan a incomodava de certa forma — por algum motivo além do simples fato de não gostar dela. Havia algo mais. Ela estremeceu, nervosa com aquele olhar, então desfez o contato.

— Coitado do Ranald — retrucou Angus com rispidez.

— Ah, mas ele não vem comigo também não — alegou Kermichil.

— Pobre coitado — lamentou alguém.

— Sim, é mesmo um pobre coitado — ecoou outro.

Fez-se um longo intervalo de silêncio pesado enquanto todos olhavam, assentindo com a cabeça.

— Ah, Iain... Talvez seja melhor deixá-lo — sugeriu Dougal.

Iain franziu a testa.

— Não — declarou imediatamente. — Ele merece um funeral decente! Não vamos deixá-lo apodrecendo aqui!

— Bem... — alegou Dougal, um tanto impaciente. Ele coçou a cabeça. — Eu não o carrego comigo, pode ter certeza. — Olhou com nervosismo para Iain. — Acho que eu não suportaria — acrescentou depressa.

Page não o culpava, pois nem ela se acharia capaz. Ela enrugou a testa. Alguém precisava levá-lo. Iain pretendia cavalgar com o filho e deixá-la com a montaria de Ranald — ao que parecia, contra a vontade de seus homens. Também não pareciam estar gostando do fato de ele ter lhe dado sua sela e arreios depois que os de Ranald ficaram imprestáveis na queda. Não falaram nada a respeito, mas ela sabia pela expressão deles que a decisão não foi bem aceita.

— Nem eu — Kerwyn fez questão de repetir.

— Nem eu — disse Kerr, fazendo careta.

— Nem o Broc! — anunciou Angus com bastante desgosto. — Ah, vejam só ele ali, colocando os bofes para fora feito uma criancinha! Para um homem desse tamanho, ele tem o estômago mais fraco que o velho aqui já viu!

— Ranald vem conosco — reafirmou Iain.

Lagan continuava em silêncio, olhando para Page.

— Ah, Iain! — reclamou Dougal, batendo o pé feito uma criança birrenta. — Não quero ir com ele!

— O que quer que eu diga à mãe dele, Dougal? — perguntou Iain. O queixo estava tenso de raiva — o músculo latejando era a única evidência da irritação cuidadosamente controlada. — Talvez

queira ter o prazer de explicar como largamos seu único filho aos lobos e abutres.

O rosto de Dougal ficou vermelho. Ele sacudiu a cabeça, ficando cabisbaixo de vergonha, olhando desconcertado para o pé enfiado na grama pisoteada.

Page via nos rostos deles a aversão que sentiam por cavalgar com um morto – não podia culpá-los. Era uma perspectiva repulsiva, uma que não estava disposta a tomar para si, mas sem dúvida não queria ver Iain zangado. Anos de tentativa de evitar a ira do pai deram-lhe o desejo de falar. Uma olhada no corpo pútrido manteve sua língua parada.

— Ah, somos um bando de miseráveis! — resmungou Angus, o tom da voz fazendo com que Page se encolhesse. — Um bando de...

— E-eu o levo! — anunciou Page de repente, espantando a si mesma com a oferta. Lamentou o feito na mesma hora.

Todos os olhos se voltaram para ela.

O estado dele era em parte sua responsabilidade, refletiu, frenética. Será que conseguiria agradar Iain mantendo a paz do grupo? Quem sabe não ganharia a aceitação dos homens dele ao salvá-los da companhia indesejada de Ranald?

Embora não fossem a sua gente, teria que suportar a companhia deles até seu pai aparecer para reclamá-la. E ele apareceria, disse a si mesma. Ele precisava aparecer.

Quem sabe não estaria reunindo seus homens agora?

— Eu... Eu... não... me importo — mentiu com certa dificuldade. Mas o nojo estava sem dúvida visível em seu rosto!

Assim como na primeira noite, todos ficaram olhando para ela, boquiabertos, sem dizer nada, só que Page não emitiu nenhum comentário mordaz dessa vez. Enquanto a olhavam, os rostos foram ficando vermelhos, alguns demonstrando incredulidade, outros,

dúvida. Ela acabou recuando um passo e deu uma olhada incerta em Iain, descobrindo que ele estava carrancudo. Senhor! O que ela tinha feito? Será que tinha cometido algum pecado capital escocês com seu oferecimento?

ELA BUSCOU PELO OLHAR DELE, investigando.

Iain a encarava com espanto, mal podendo acreditar em seus ouvidos.

Estava resignado a dizer que ele mesmo carregaria Ranald quando ela se ofereceu. Oferecer-se para uma tarefa tão desagradável por um dos dela já teria sido algo bastante espantoso da parte de Page – ainda mais porque seus próprios homens, amigos de Ranald, demonstravam aversão por essa responsabilidade. Mas oferecer-se pelo bem de Ranald era algo inconcebível.

A julgar pela expressão de seus homens, eles estavam tão embasbacados com a oferta inesperada quanto ele. Se já não estivesse tão irritado com eles, teria rido da reação que Page conseguiu provocar. Ah, ela era inestimável! Naquele instante, ele a admirou imensamente – queria puxá-la para os seus braços e beijar loucamente aqueles lábios deliciosos.

E não era só isso o que queria fazer com ela. Deus! Como estava encantadora parada ali, parecendo tão aflita, os olhos grandes cheios de cautela. O vestido, sem dúvida, viu dias melhores, mas isso não importava. Era o mesmo que estivesse trajando algo tecido em ouro. Ela o preenchia de maneira magnífica, os seios altos e firmes. Lembrou da sensação maleável deles em suas mãos, sob a ponta dos dedos, e sentiu-se enrijecer na mesma hora, o sangue pulsando, só de pensar. Desgastado como estava, o vestido moldava

cada curva feito um véu sobre pele nua. O cabelo. Ele quis de repente desfazer aquela trança e passar seus dedos po aquela extensão tocada pelo sol. Mas isso teria que ser em outra hora, decidiu. De repente sentiu-se profundamente agradecido ao desgraçado do pai dela. Sim, por que ela era um presente, não um fardo. Iain piscou para Page, cuja tensão diminuiu visivelmente.

— Ora — resmungou Angus, com uma expressão pensativa no rosto.

— Eu o levo, pai! — ofereceu Malcom ansioso, puxando o tartã do pai. — Sou um garoto crescido. Consigo carregar ele! Não é, Angus? — Ele se voltou para o rabugento velho escocês.

Angus ergueu as sobrancelhas.

— Você é um rapaz grande, sim, mas não...

— Ora! Deixem-na carregar o Ranald! — gritou Dougal, furioso. — Por que devemos ceder um cavalo para ela? Não é culpa nossa se o pai não a quis de volta!

Page congelou com a declaração, o olhar voando para Dougal. Por um instante, não soube se tinha ouvido direito. Mas a cautela nos olhares de todos que a encaravam afirmava o contrário. O coração dela apertou quando buscou o olhar de Iain.

— O que... O que ele quis dizer... com meu pai não me quis?

— Não dê ouvidos ao Dougal, moça. — Mesmo negando, ela viu a verdade nos olhos de Iain.

— Meu pai não me quis? — insistiu ela, o corpo rígido, a respiração tensa enquanto aguardava pela resposta.

Iain permaneceu em silêncio, olhando, negando uma resposta, mas Page viu na expressão dele algo que não pôde suportar. Pena. Ele sentia pena. O coração dela se encheu de fúria – fúria por ser descartada tão facilmente pelo pai, fúria pela mentira de Iain, fúria de si mesma por querer algo que nunca teria.

— Eu levo o pobre coitado! — anunciou Broc, abrindo caminho no grupo. — Eu o levo! Não é certo deixar que ela carregue o fardo! Qual o problema de vocês? — Ele encarou Dougal em particular, apontando: — Somos os amigos dele!

O silêncio que se fez talvez tivesse durado um instante ou uma eternidade. Page não sabia. Sentia-se paralisada.

— Eu o levo — anunciou Kerwyn, empurrando Dougal com raiva.

— Não... Eu deveria levar — sugeriu Kermichil, olhando feio na direção de Dougal.

— Talvez eu devesse — alegou Kerr, também dando uma olhada carrancuda em Dougal. — Veja o que você fez — completou, olhando na direção de Page.

Ficando envergonhado, Dougal cedeu.

— Pois bem. Eu levo esse desgraçado fedorento!

— Não! Eu disse que levo! — retrucou Broc. — Você já fez mais do que devia, seu maldito resmungão!

Page mal percebeu a olhada que Broc deu na direção dela, mas a pena que ele emitia era como uma montanha de cinzas escurecendo seu humor. Ela não era tola para acreditar que o gigante se importava com ela. Não, só sentia pena. E essa era a última coisa que queria de qualquer um deles.

Se não estivesse tão abalada com a revelação de Dougal, talvez estivesse achando graça no fato de que agora todos estavam brigando para carregar Ranald. Escoceses rixentos. Page se afastou da discussão, querendo chorar, mas negando-se a derramar uma única lágrima.

Seu pai não a queria.

Será que a rejeitou sem rodeios? Ou simplesmente não quis negociar com Iain? Será que não dava no mesmo?

Iain sentia pena dela. Devia sentir. Claro que todos sentiam!

— Moça — chamou Iain, chegando atrás dela e colocando a mão gentil em seu ombro.

Page se desvencilhou, cheia de raiva.

— Não toque em mim! — gritou, virando-se para encará-lo. — Como pôde mentir para mim? Você mentiu!

Iain ficou em silêncio diante da acusação, a expressão pensativa enquanto a fitava.

— Por que mentiu para mim? — perguntou ela, arrependendo-se da pergunta no mesmo instante. Ela sabia o motivo, claro. Iain sentia pena dela. Ela era a pobre filha rejeitada de seu inimigo – e sentia pena dela! — O que ele disse... o meu pai? — Ela quis saber. — Como ele me rejeitou?

— Ah, moça, isso importa?

A fúria dela aumentou ao perceber que ele nem conseguia dizer seu nome.

— Importa sim! Importa! Achou que eu não tinha o direito de saber?

Ela recordou de repente o momento em que ele chegou na clareira com o filho, a maneira como olhou para ela, e muita coisa fez sentido. A expressão no rosto de todos – o choque quando o MacKinnon declarou a intenção de levá-la consigo. O ressentimento que todos pareciam sentir. Broc ajudando-a a fugir...

Page mal podia suportar pensar nisso.

Iain pareceu considerar a pergunta, abriu a boca para falar, mas a fechou novamente. Sacudiu a cabeça.

— Isso não importa, moça... Você tem um lar conosco.

Page esbravejou de aflição, a garganta fechada com uma onda de emoção. Ela engoliu em seco.

— Feito um animal que acharam perdido na tempestade? — Ela engoliu em seco novamente, deixando a raiva se tornar um bálsamo

para sua dor. — Acho que não. E se eu não quiser fazer meu lar com vocês? Jesus! Por que eu viveria entre um bando de escocês grosseiros que nem conseguem se dar bem entre si! — Não importava que estivesse sendo cruel. Ela queria ser cruel, queria machucar e ferir. E a audácia dele de permanecer parado ali, aparentemente tranquilo depois do seu comentário rude, só a deixou mais enfurecida ainda.

Ele soube durante o tempo todo como ela se sentia! Devia estar sentindo pena dela durante aquele tempo todo! De alguma forma, aquilo blasfemava o momento de amor entre eles. Como alguém poderia desejá-la? Senhor! Nem seu pai a desejava! Page não podia suportar.

— Tenho o direito de saber! — insistiu ela.

Iain ficou em silêncio, a postura inabalável, os lábios apertados com desagrado.

— Ele enxotou você imediatamente?

Iain não respondeu. Nem piscou, só a encarava.

— Meu pai enxotou você?

Ele virou o rosto, o queixo tenso, sacudiu a cabeça com o que Page julgou ser desgosto.

— Sim — disse ele. — Foi o que ele fez, moça.

Page sentiu a própria vida abandoná-la de repente, todas as suas esperanças, tudo. As pernas teriam cedido, mas não havia onde ela se apoiar, exceto em seus próprios pés. Como sempre. A voz soou fraca até mesmo aos seus próprios ouvidos. — O que ele disse?

Iain tornou a olhar para ela, parecendo estudá-la, então disse:

— Ele simplesmente me enxotou, só isso. Não disse nada. — Daí virou de costas abruptamente, como se não suportasse olhar para ela.

— Entendo — disse ela, sabendo de alguma forma que ele estava escondendo a pior parte. A crueldade de seu pai? Há! Ela já a conhecia, será que ele não percebia? Compreendia melhor do que ninguém como as palavras de seu pai podiam ser brutais. Quantas vezes não a provocou dizendo que não era filha de ninguém? Muito menos a dele? Que não podia ser dar carne e sangue dele? Quantas vezes não disse o quanto ela era detestável? Desprezível?

Mais vezes do que Page poderia contar.

Queria naquele momento mandar Iain ao inferno, dizer que não precisava dele, nem de sua caridade, mas seria uma coisa ridícula.

Precisava muito dele.

Afinal, quais eram as suas opções? Viver no mato com os animais da floresta? Ir se arrastando de joelhos até o rei, que provavelmente cuspiria em sua cara? Não, ela não tinha opções, exceto a que Iain MacKinnon lhe oferecia. Verdade fosse dita, em vez de se sentir grata, ela o detestava, mas nem sabia exatamente o porquê. Porque ele testemunhou sua vergonha? Porque ele a fez se sentir querida? Só para que depois descobrisse que ele nem a queria de verdade? Que ninguém a queria? Saber disso a enchia com uma tristeza que jamais se permitiu sentir na vida.

Em algum lugar, no recesso mais abandonado e esquecido de seu coração, Page ousou acreditar que Iain estava atraído por ela – que a levou porque a queria. Nada disso. Ele sentia pena dela, foi forçado a levá-la só porque tinha consciência. Simples assim.

E a tarde deles? Um simples encontro amoroso. Nada mais. Ele era um homem, ela era uma mulher, e ele tinha necessidades que ela podia satisfazer. Deus! E ela as satisfez com prontidão e libertinagem!

Lembrando da flor, Page abriu a mão, só então percebendo que a apertava com força. Ficou olhando para o açafraão esmagado. Estava

tão indignada consigo mesma que sentia até repulsa de ter segurado a flor por tanto tempo. Agora ela encontrava-se desbotada, as pétalas estavam desgastadas e amassadas. Franzindo os lábios, desgostosa consigo mesma, Page largou a flor no chão, virou-se e afastou-se, sem ousar olhar para trás para que Iain MacKinnon não visse a vergonha em seu rosto.

O grupo inteiro estava quase aos socos agora, ainda discutindo quem carregaria Ranald. Page os ouvia, mas ao mesmo tempo não ouvia nada. Minha nossa, como eram volúveis esses escoceses! Bom, eles que se matassem pela honra duvidosa. Ela não tinha mais nenhuma intenção de carregar o pobre Ranald! O pobre Ranald que se danasse! Estava mais disposta a encontrar a rocha mais próxima e ficar sentada lá até definhar.

Iain teve que se conter para não ir atrás dela.

Só não foi porque sabia que qualquer palavra que pudesse dizer seria completamente inadequada para aliviar o incrível sofrimento que via refletido nos olhos de Page.

Seu olhar foi atraído para o açafrão amassado que ela jogou no chão. Estava completamente destruído, as pétalas dobradas e destorcidas, mas o fato de ela ter guardado o presente dizia que era de alguma importância, então, assim como se sentiu compelido a arrancar a flor, Iain agora se via obrigado a guardá-la. Abaixou-se, pegando-a com o maior cuidado que suas mãos grandes e pesadas permitiam, e a escondeu dentro das dobras do tartã.

— Eu gosto muito dela, pai — murmurou seu filho, aparecendo de repente ao seu lado.

Iain olhou para a pequena e suja imagem de si mesmo e sorriu.

— Eu também — disse ele, afagando a cabeça de Malcom.

— Mas ela tem um pai malvado — declarou Malcom. — Eu não gostava dele!

O olhar de Iain tornou a buscar Page.

— Sim, filho, isso é verdade. — Ele ficou ali, pensando no desgraçado do pai dela, sem ouvir o filho com muita atenção. — Também não gostava dele!

— Ele berrava feito o diabo e era muito malvado!

O olhar de Iain voltou-se imediatamente para o filho.

— Com você?

Malcom sacudiu a cabeça, franzindo a testa.

— Não... com ela. Eu até fiquei com vontade de bater nele! — revelou o menino, sentindo-se muito orgulhoso.

Iain deu uma risada e remexeu o cabelo do filho.

— É mesmo? — Não viu propósito em apontar o provável resultado de tal feito. — E o que o impediu, Malcom?

Ele ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

— Eu estava com muito medo — confessou ele.

O sorriso de Iain aumentou diante da inata honestidade do filho.

Mas então o menino franziu a testa novamente.

— Pai, você teve medo do pai dela também?

Iain se agachou para encarar o filho, sentindo que aquela pergunta não devia ser encarada de maneira leviana. Ouviu nela toda a confusão da infância – a hesitação que é levada até a vida adulta. Era um eco de sua própria infância, a dúvida que jamais ousou revelar por temer que o pai o menosprezasse por isso. Ele pôs a mão no ombro do filho e confessou:

— Muito mesmo, Malcom. — Claro que não da maneira que o filho falava, mas ficou completamente apavorado. Na verdade, estava tão furioso, tão temeroso pela segurança de Malcom que nem considerou a sua própria segurança. Tinha vergonha de admitir que não pensou nem na segurança de seus homens. Malcom era jovem demais para entender a diferença entre as duas coisas, mas Iain sabia que o filho precisava saber que o medo era algo natural. Ele

manteve a mão no ombro do filho. — Na verdade, eu estava com muito medo — confessou ele num sussurro.

Malcom assentiu e retribuiu o abraço, colocando sua mãozinha no ombro de Iain.

— Não se preocupe, pai. Não conto para ninguém, tudo bem?

Iain sorriu.

Malcom retribuiu o sorriso e então empertigou-se, endireitando as costas. Seu olhar procurou por Page. Ele tornou a olhar o pai e então disse, batendo no ombro de Iain:

— Ela é uma moça bem bonita, pai. Você não acha?

Iain conteve a risada. Conseguiu assentir num tom sério.

— Sim, filho, acho sim.

Malcom assentiu também.

— E ela canta muito bem também.

O olhar de Iain fitou Page sentada numa pequena rocha.

— Isso é verdade — concordou ele. — Canta mesmo. — Ele ficou ali, olhando pensativo.

— Então você acha que podemos ficar com ela? — Malcom aventurou-se a perguntar.

Iain se viu sorrindo para o filho, seu futuro co-conspirador.

— Você quer ficar com ela, Malcom?

— Sim, pai! — Malcom respondeu sem titubear. — Às vezes... não conte para ninguém... eu queria uma mãe que cantasse para eu dormir.

O coração de Iain apertou com a admissão do filho. Não teve como esconder a verdade quando confessou:

— Eu costumava querer a mesma coisa, Malcom, quando tinha a sua idade.

— Verdade, pai?

— Sim. — Mais do que conseguiria enumerar, ele sempre quis isso. Talvez fosse por isso que ele ouvia em sua mente o eco de uma voz que não poderia ter existido. A voz de sua mãe. Uma canção alegre que atraía seu coração e atormentava sua alma. — Que bom então. Vamos cortejá-la juntos. Você conquista o coração dela — instruiu ao filho.

— E que parte dela você vai tentar conquistar? — perguntou Malcom inocentemente. — O cérebro, pai? Vai tentar conquistar o cérebro dela?

O olhar de Iain fitou Page novamente. Ela estava sentada, abraçando um joelho junto ao peito. A outra perna estava estendida, longa, esguia e sedutora, aparecendo sob a bainha rasgada da saia. A mera visão fazia seu sangue fervilhar e se agitar. Deus! Quase podia sentir a pele macia e complacente da panturrilha deslizando sob o toque da sua mão. Ficou observando por mais um instante, trêmulo, mas então tornou a olhar para o filho.

— Sim — disse ele, a garganta embargada com um desejo que não conseguia reprimir. — Isso também. — Ele piscou de forma conspiratória para o filho.

— Iain! — gritou Angus.

A atenção de Iain foi atraída para o grupo de homens reunidos ao redor do corpo de Ranald.

Angus estava com o arreio nas mãos. Ergueu a peça para que Iain a visse.

— Acho que é melhor dar uma olhada nisso — insistiu.

Iain assentiu e voltou-se para o filho. Remexeu o cabelo de Malcom.

— É melhor você ir agora, filho, e corteje-a direito, ouviu?

Malcom abriu um grande sorriso.

— Sim, pai! — disse ele, dando uma piscada numa versão exagerada da piscadinha do pai. — Pode deixar!

Virou-se e saiu correndo.

Iain observou Malcom chispar para junto de Page, sabendo que o filho conseguiria conquistá-la de uma maneira que lhe seria impossível. Ninguém resistia àquele rostinho sujo e rechonchudo. Iain com certeza não. Como imaginou, ela largou seus pensamentos melancólicos para dar atenção ao menino que, ainda enquanto Iain observava, conseguiu arrancar um sorriso daqueles lábios exuberantes.

Satisfeito com o andamento da empreitada do filho, foi ver o que estava deixando Angus tão agitado. Todos os olhos se fixaram nele enquanto se aproximava. Os pelos na nuca de Iain se arrepiaram.

— O que foi?

— Veja você mesmo — orientou Angus.

Iain pegou o arreio nas mãos. Numa primeira olhada, não viu nada estranho. Virou o arreio, examinando, então seus olhos se depararam com a cincha claramente cortada. Ele ficou rígido, sabendo instintivamente o que isso significava. Ergueu a tira de couro, examinando de mais perto, passou o dedo pela beirada do corte. O corpo ficou tenso.

— Alguém cortou isso.

— Sim — concordou Angus. — Alguém cortou.

— Mas quem? — O olhar de Iain vasculhou o grupo.

Angus deu de ombros. Broc olhava para o arreio cortado, a testa franzida. Kerwyn, Dougal e Kermichil sacudiram a cabeça e encolheram os ombros.

Lagan estendeu a mão, pedindo sem palavras para ver o dano. Iain entregou o arreio ao primo, que o inspecionou com atenção.

— Sem dúvida, foi cortado — alegou depois de certa deliberação. — Mas não vi nenhum de nós fazer uma coisa dessas — afirmou, lançando um olhar significativo na direção de Page. — Só a inglesa ficou perto das montarias sozinha.

— Isso é verdade — atestou Dougal. — Só ela ficou sozinha perto dos cavalos quando fugiu.

— Não — retrucou Broc. — Ela não fez isso. Eu a observei o tempo inteiro, e não foi ela!

Iain estava furioso demais para considerar o súbito apoio de Broc. E, para ser sincero, muito aliviado. Não duvidava da inocência de Page, mas estava contente por ela ter mais um campeão ao seu lado, um que esteve presente ao fato quando Iain não estava.

Page não era uma princesa delicada, mas jamais faria algo assim para conseguir sua liberdade. Disso tinha certeza. Uma olhada nos olhos dela ao defender o desgraçado do pai, ou mesmo seu filho, revelava tal coisa. Se Page defendia um homem que merecia ser arrastado e esquartejado pelos pecados que cometeu contra ela, não havia como machucar outro ser humano. Sim, e se ela podia defender uma criança que mal conhecia contra um homem com a reputação de Iain, era porque seu coração era puro.

Mas alguém havia cortado a cincha.

A pergunta era...

Quem?

E o alvo era mesmo o Ranald... ou outra pessoa?

Nunca a inquietação e a desconfiança foram tão desenfreadas em seu clã. Ao que parecia, no curto intervalo do sequestro de Malcom, a cola que os mantinha unidos estava começando a enfraquecer. Talvez David da Escócia estivesse ganhando, afinal. Ele queria que as Terras Altas o apoiassem, e aqueles que não aceitavam podiam se dar por vencidos.

Iain não acatava isso. Nem morto ficaria parado vendo David entregar toda a Escócia aos seus asseclas ingleses. Tampouco permitiria que os malditos ingleses oprimissem seu povo. Ele não entregaria o direito de nascença de seu filho para ser pisoteado pelo governo inglês. As Terras Altas eram a sua terra, por mais que fossem gélidas nos invernos, ou escarpadas e selvagens demais nos verões. Era a terra deles e, se Iain tinha algo a dizer sobre a questão, continuaria sendo a terra deles até o último líder dos MacKinnon se ajoelhar diante do trono do Céu.

— É? — Lagan desafiou Broc. — Você a observou o tempo inteiro? Então nos diga... Como foi que ela conseguiu nadar para longe e roubar nossos malditos cavalos?

— Um cavalo — argumentou Broc, olhando com desconfiança para Dougal e depois para Lagan.

Iain encarou Broc, os olhos estreitando-se em questionamento. Broc baixou a cabeça, o rosto ficando vermelho sob tanto escrutínio.

— Responda, Broc — ordenou Iain. — Você a observou ou não, como está alegando?

— Sim, lorde — confessou Broc. — Observei. Eu a observei o tempo inteiro, como eu disse.

— Então estava de conluio com ela! — declarou Lagan, furioso. — Por que ficaria observando e a deixaria ir se não estivesse?

Iain suspeitava o motivo, mas queria ouvir da própria boca de Broc. Continuou encarando o rapaz, que parecia perceber que estava sendo observado, pois não ousava encarar os olhos de Iain.

— Broc? O que tem a dizer?

— Eu pensei que você não queria ficar com ela, lorde — confessou, finalmente despregando os olhos do chão. — E ela também não queria ficar. Eu não gostava dela porque parecia estar sempre zombando da gente. — A boca se contorceu numa careta

envergonhada. — Achei que ela não devia vir conosco, e pensei que você só estava sem coragem de mandá-la embora.

— Então quis me fazer um favor e a ajudou a fugir?

Broc assentiu.

— Achou que eu fosse incapaz de tomar a decisão sozinho, rapaz? — Iain perguntou.

— Sim — confessou Broc.

— Diabo, qual é o problema de vocês? — perguntou Iain, irritado. — Parecem um bando de velhas de tanto que batem boca entre si!

— Tem alguma coisa errada desde que entramos na terra dos ingleses, Iain — alegou Angus. — Primeiro o pobre do Ranald, agora isso.

— E eu aposto que é tudo coisa dela! — afirmou Dougal, lançando um olhar ameaçador na direção de Page.

Iain sacudiu a cabeça.

— Tem alguma coisa errada desde o começo — retrucou ele. — Por acaso esqueceu o motivo que nos trouxe à terra dos ingleses? Não viemos atrás de saques e mulheres. Alguém pegou o meu filho, lembra?

Ele colocou as mãos nos quadris. Deu uma olhada em Page, depois examinou o pequeno grupo de homens parado diante de si.

Nem todos os seus homens estavam cientes da situação. Alguns estavam matando o tempo, esperando que a viagem recomeçasse. O olhar de Iain vasculhou a área, observando os pequenos grupos que conversavam e descansavam.

— Não. Acho que ela não tem envolvimento na morte de Ranald — afirmou.

— Acha que foi o pai dela? — perguntou Kermichil, franzindo os lábios em reflexão.

— Não. Não fomos seguidos — respondeu Iain com certeza. — Foi o que pensei à princípio, mas não. Não sei quem pegou Ranald, mas não foi ela nem o pai dela — garantiu ele. — Mas foi alguém. Ranald, caso lembrem, foi morto por uma flecha no peito. Mesmo que ela fosse talentosa com o arco, não teve acesso a arma nenhuma. E ela foi vigiada o tempo inteiro — por mim! — declarou, para que não restasse dúvidas. — Não, foi outra pessoa.

Broc e Angus assentiram, concordando.

— O que você acha então, Iain? — perguntou Lagan. — Se não foi o pai dela...

— Então foram bandidos! — entrevistou Kerwyn.

— Ou um de nós — sugeriu Broc, mesmo parecendo odiar colocar tal ideia para fora. Seu olhar examinou os homens presentes, esperando, ao que parecia, que lhe apontassem o dedo novamente.

— Sim, Broc — concordou Iain, a expressão séria. — Ou um de nós...

Iain também os examinou, assimilando as expressões contidas, as posturas rígidas. Todos eles eram próximos demais para suspeitar de qualquer um. Alguns ele viu recebendo palmadas da mãe, quando eram crianças; outros viram o mesmo acontecer com ele nas mãos do pai. Suas vidas e seus legados estavam mesclados e pertenciam ao clã MacKinnon, uma herança que lhes foi entregue pelos poderosos filhos de MacAlpin. Doía no coração pensar que algum deles era o culpado.

Mesmo assim, um deles era.

— Pois eu digo que é o Broc! — explodiu Dougal, virando-se e empurrando o jovem titã com toda a força.

Broc mal saiu do lugar com o esforço, e Iain quase caiu na gargalhada apesar da gravidade da situação.

— Seu maldito cúmplice de inglesas! — rosnou Dougal.

Apesar da fúria no olhar, Broc, por sua vez, não se incomodou em revidar o empurrão imaturo de Dougal. Ficou parando, olhando feio para o companheiro. Broc e Dougal compartilhavam uma amigável rivalidade, que agora parecia ser sincera.

— Basta, Dougal! — reprovou Iain, o tom sério, para que não tomassem sua reflexão como falta de objetividade. — Brigar entre nós não serve de nada.

Dougal, envergonhado por não causar qualquer impacto na estrutura sólida de Broc, e também por causa da bronca de Iain, assentiu e ficou olhando para o chão, carrancudo.

— Só tenho um aviso para dar a todos vocês — disse Iain, estreitando o olhar e encarando cada um deles. — Tomem cuidado. E cuidem bem uns dos outros. Dougal e Broc, coloquem suas diferenças de lado por enquanto. — Encarou os dois com uma expressão agourenta e disse: — Parece que há um traidor entre nós.

Todos os homens assentiram, abatidos como Iain jamais os viu. Não havia como negar a verdade.

A evidência era indiscutível.

— E dou um aviso a quem quer que seja — concluiu. — Quando eu descobrir quem é... e eu vou desmascarar esse maldito... vou arrancar o coração com minhas mãos e ficar assistindo o infeliz ir cumprimentar seu criador.

Todos eles sacudiram a cabeça, negando responsabilidade.

— Não fui eu — murmurou Dougal, meneando a cabeça com veemência.

— Nem eu — murmurou outro.

— Nem eu — ecoou mais alguém.

— Pois bem — disse Iain. — Podem passar o aviso adiante, para quem quer que seja.

— O desgraçado sabe quem é — concordou Angus, sério. — E eu aposto que não era o pobre Ranald quem ele queria atirar fora da montaria.

— Sabe mesmo — concordou Iain. — E não... aquela trapalhada pelo morro não foi para colocar mais arranhões num cadáver. Talvez o alvo fosse ela... — Ele acenou a cabeça na direção da Page. — Talvez o alvo fosse meu filho. — O queixo dele ficou tensionado. As mãos ficaram cerradas ao lado do corpo. — De qualquer forma... que Deus perdoe seu coração frio do miserável, porque pretendo arrancá-lo do corpo com minhas próprias mãos e dar de comida aos lobos famintos! Avisem-no disso, por favor — avisou Iain, deixando que eles refletissem sobre seu conselho.

O MacKinnon estava de mau humor.

Page não precisava ouvir os avisos sussurrados para saber que deveria ficar fora do caminho dele. Havia aprendido muito bem a lição na casa de seu pai. Ela não sabia exatamente o que havia deixado o humor dele tão ruim, mas sabia que tinha algo a ver com a conversa que teve com seus homens mais cedo naquele dia. Sabia pela maneira com que ficou conversando com eles, e depois pela maneira como virou e foi embora. A carranca foi bastante intimidadora para ela se encolher sentada em sua pequena rocha.

Sem dizer nada, Iain selou a montaria dela com seu próprio arreio e tiras, depois avisou que ela cavalgaria com Malcom. E assim, sem dizer uma palavra, ele ficou cavalgando ao lado deles, dando apenas rondas ocasionais pelo resto da cavalgada, falando com severidade a quem quer que se dirigisse.

Apenas Malcom parecia alheio ao humor dele, e Page achava isso ou muito tolo ou muito significativo. Estava começando a acreditar na última opção, já que nunca ouviu Iain dirigir uma palavra rude ao filho, mas Page não estava sentindo inveja desse fato. Pelo contrário, estava contente por Malcom. Ele era uma criança radiante,

com o cérebro quase tão afiado quanto o do pai. E nenhuma criança merecia ser maltratada – por ninguém.

Ela e Malcom passaram horas falando sobre tudo. Ele contou sobre sua casa, Chreagach Mhor – cujos muros de pedra do torreão de seu pai foram construídos muito antes do primeiro MacKinnon colocar os pés nesse mundo. Ele contou tudo sobre o pai, coisas que ela não sabia se Iain desejaria que ela soubesse: que às vezes seu pai tinha pesadelos, e que chamava pelo nome da mãe dele.

Mairi.

Com tantos nomes para escolher, esse foi o nome falso que Page deu para ele. Iain havia ficado em silêncio. Ela ficou se perguntando se era desprovida de atrativos se comparada à esposa dele.

Provavelmente sim.

Ele simplesmente ainda a amava.

O fato aborreceu Page mais do que deveria. Verdade fosse dita, ela não compreendia por que, mas, de alguma forma, sabendo que Iain jamais machucaria a esposa, preferia que ele a tivesse machucado a pensar que ele ainda a amava, que sonhava com ela com frequência. Page não compreendia isso, e nem tentou, porque era algo ridículo, pois deveria pensar que se ele era capaz de um horror como matar a esposa, ela não poderia sequer gostar dele. Emoções embaralhadas. Pensamentos mais embaralhados ainda.

A única coisa que ela sabia era que, gostando ou não, teria que conformar-se com a situação em que Deus a colocou. Seu pai não viria buscá-la. Agora poderia parar de ficar olhando por cima do ombro e lançar retalhos para que ele a seguisse. Poderia parar de ter esperanças e começar a viver da melhor forma possível.

Mas que Deus tivesse piedade da alma dela, pois nunca deixaria de odiá-lo. De alguma forma, ao saber que ele a abandonou de maneira tão fácil e definitiva – nas mãos de estranhos! –, Page

descobriu que cada vestígio de emoção bondosa que nutriu por ele desapareceu. E na verdade, nunca foi coisa fácil amá-lo. Ela só o amava porque achava que devia. Porque era a única família que conhecia. Pois bem, era o fim! Saber disso a livrou de qualquer obrigação de amor que algum dia teve por ele.

Para o bem ou para o mal, esse era o seu povo agora.

Sentada sozinha naquela rocha, ela se sentiu completamente afastada de tudo e todos que conhecia.

E então Malcom apareceu para falar com ela, iluminando seu coração com seus sorrisos e palavras. Aquele sujo menininho escocês, com seus olhos verdes, cabelo loiro e rosto que era uma réplica perfeita do pai.

Sim, ela decidiu que eles agora eram a sua gente.

Talvez nunca os tivesse escolhido – nem vice-versa –, mas Deus achou adequado uni-los, então estava determinada a se sentir agradecida, apesar da raiva e da dor que sentia. E estava mais do que determinada a ganhar seu sustento, da maneira que fosse possível.

Eles continuaram cavalgando rumo ao norte em silêncio, exceto pelos comentários habituais e ocasionais de Malcom. Quando o vento aumentou, Malcom se virou e escondeu o rosto em seu seio. Ela o abrigou o melhor que pôde, cantando para ele para passar o tempo. Era impressionante pensar que um corpo poderia suportar temperaturas tão baixas, mas mesmo que Malcom estivesse disposto a se aninhar junto dela, Page era a única que estava tremendo.

Talvez fosse o vazio dentro dela que a deixava tão gelada. O absurdo era saber que a ideia de Iain MacKinnon sentir pena dela a deixava mais vazia do que a traição de seu pai.

Garota tola, ralhou consigo mesma.

Como pôde acreditar que ele a amava?

Ela não esperava por amor, disse a si mesma, e não o recebeu. Então por que se sentia tão desalentada?

A verdade é que não sabia, mas sentia-se assim.

O tempo foi ficando cada vez mais louco conforme viajavam mais para o norte.

Acordaram na manhã seguinte debaixo de uma névoa fina e fria que parecia se infiltrar nos ossos assim que tocava a pele. Ainda assim, ela era a única que tremia. Aqueles escoceses ao seu redor pareciam imunes ao tempo selvagem que enfrentavam.

Page achava impressionante fazer tanto frio com o sol brilhando sobre eles. Mas fazia. E era um frio que adormecia os músculos e paralisava o corpo. Eles partiram cedo, cobrindo mais chão do que parecia possível para os cavalos conseguirem, já que seus próprios ossos frágeis pareciam congelados e incapazes de mover.

Quando parou de chover, ela nem teve tempo de se alegrar com o fato, pois poucos instantes após o fim da chuva veio a neve. Pasma, ela estendeu a mão para ter certeza de que não estava imaginando. Ficou embasbacada com os leves flocos brancos caindo sobre sua pele rosada de sol – flocos tão finos que derretiam ao contato, mas eram flocos, sem dúvida.

Jesus! Foi naquele momento, ao observar os homens de MacKinnon, que ela percebeu a bravura notável que cada um possuía. Nenhum deles reclamava de nada, mesmo que mais da metade nem usasse sapatos. De pernas e pés desnudos, apenas com o tartã para protegê-los do vento e do frio cortante, eles cavalgavam com as costas eretas e as cabeças erguidas com orgulho.

Page não. Ela, pelo contrário, embora não ousasse revelar seu desconforto em voz alta, estava curvada sobre Malcom, tentando desesperadamente aquecer o corpo. Seus pés também estavam

descalços, mas ela não estava suportando o frio com tanta nobreza. Seu sofrimento devia ser evidente, pois Iain tirou o tartã e aproximou-se dela, atirando a grossa manta de lã feito um cobertor por cima dos ombros dela. Page detestou receber a caridade dele, mas não ousava rejeitá-la. Do jeito que estava, se não fosse pelo corpinho de Malcom sentado diante dela, ela já teria perecido há muito tempo. Bom Deus! Tudo o que a chuva deixava intocada, o vento frio permeava.

Broc também veio oferecer sua manta, desconcertando Page, fazendo seus olhos arderem com lágrimas. Ela tentou recusar, mas ele estendeu a mão decididamente.

— Para o garoto — falou baixinho, acenando com a cabeça e insistindo para que ela aceitasse.

Engolindo o orgulho, pois Malcom estava dormindo em seu colo sem uma única tremidinha – ela sabia que o gesto era para ela –, Page aceitou a manta, os olhos ardendo terrivelmente.

Broc ficou ao lado dela mais um tempo, falando sobre sua cadela, Sininho, lembrando-a tarde demais de sua infeliz aflição. Page olhou para a manta colocada por cima dela e de Malcom, e tentou esconder a careta de desgosto. Lutou contra a vontade de atirar a manta na cara do gigante loiro, mas não queria ofendê-lo. A pobre criança provavelmente terminaria cheia de pulgas – e ela também. Page deu uma olhada em Broc, que estava coçando a cabeça, e decidiu ajudá-lo a livrar-se daquela infestação de uma vez por todas.

Broc a regalou com as histórias da cadela mais inteligente do mundo até Iain voltar a cavalgar junto de Page. Uma olhada do lorde fez Broc tomar seu caminho. E mais uma vez Page cavalgou em silêncio, pois Iain não se dignava a falar com ela.

Ele nem mesmo olhava para ela.

Mesmo sabendo que era ridículo, ela ainda estava zangada com ele – não conseguia evitar. Ao esconder a verdade, no fim das contas, ele apenas teve a audácia de considerar seus sentimentos. Page devia ser grata, mas de alguma forma não conseguia evocar tal sentimento. Queria cortar a língua dele por ter mentido, por esconder dela a verdade. Era o mesmo que mentir, não era? Queria dar um tapa na boca dele por ousar beijá-la, por ter a coragem de fazer com que ela se sentisse apreciada quando não ousava sentir qualquer coisa.

Jesus! Mais do que qualquer outra coisa, queria se atirar nos braços dele e chorar até a última lágrima cair. Queria que Iain a abraçasse, beijasse, amasse. Queria esquecer-se nos braços dele, deixar que ele a transportasse de novo para aquele lugar em que apenas o corpo importava, não o coração – e queria ficar ali por toda a eternidade, nunca mais voltar.

Queria forçá-lo a reconhecer sua presença, olhar para ela como antes – sem aquela expressão de pena que fazia seu coração doer e que também dava ânsias de lhe arrancar fora os olhos.

Como sempre, ao que parecia, ela queria demais, pois Iain MacKinnon continuava cavalgando ao lado dela em silêncio, apenas dando uma olhada carrancuda de vez em quando.

ELE ESTAVA FICANDO SEM TEMPO.

Iain não demoraria a desvendar aquele emaranhado de pistas.

E como ele acabaria? Sem nada novamente. Nem morto que permitiria uma coisa dessas!

Não, ele precisaria acelerar os planos, aproveitar cada oportunidade. A maldita mulher havia conseguido unir todos eles sem nem mesmo erguer a voz em censura. Cristo! Ela fez todos

morrerem de vergonha e lutarem pela honra de carregar o corpo fedorento do Ranald.

Ele não se ofereceu, e agora se perguntava se Iain teria notado. Olhou furtivamente o lorde dos MacKinnon e descobriu que ele ainda estava carrancudo, a expressão tão sombria quanto o coração de seu pai tinha sido. Ele não falou muita coisa desde a queda de Ranald. Com ninguém – nem mesmo a vadia inglesa, ainda que a observasse a cada segundo, quando pensava que ela não fosse perceber seus olhares apaixonados.

Ela, por sua vez, tinha expressões muito fáceis de ler: uma mistura de desejo, fúria e dor. Pois bem, ele tiraria a vadia de seu sofrimento muito em breve.

Deus! Só de pensar nisso, um sorriso cheio de expectativa surgia em seus lábios.

Dominando uma colina de leve inclinação coberta de urzes, Chreagach Mhor parecia um lugar encantado. Nem mesmo as histórias de Malcom, cheias de orgulho como eram, poderiam ter preparado Page para a beleza rústica e fantástica da sentinela de pedra sobre o topo da colina. A mera visão roubou seu fôlego.

Por mais frio que estivesse o tempo no alto daquelas colinas, a urze explodia num violeta forte em meio ao vívido carpete verde. Espalhadas pelo cenário luxurioso, as pedras escarpadas pareciam vigias orgulhosos guardando a torre gigantesca. Pequenas construções com telhado de palha salpicavam a encosta. O torreão redondo em si era diferente de qualquer um que Page tivesse visto. A estrutura se destacava no crepúsculo, uma cinzenta silhueta estreita e elegante contra o horizonte escurecido.

Page conteve o fôlego enquanto subia a colina, com uma expressão de assombro. Era uma visão onírica de incomparável beleza, nada como a feia fortaleza de pedra que era Aldergh.

Construída apenas para defesa, Aldergh era uma monstruosidade, uma criação grosseira que manchava a beleza da campina inglesa no qual estava localizada.

Mas essa fortaleza reforçada, assentada no alto de um manto violeta, com sua única janela visível lá no alto, era como um suserano majestoso reinando sobre o lugar.

Enquanto Page olhava maravilhada, amigos e parentes surgiam das habitações de telhado de palha e se reuniam com ansiedade ao longo da única e gasta trilha que conduzia ao torreão em si. Esticando os pescoços e murmurando, eles aguardavam a cavalgada.

A voz animada de Malcom e a subsequente risada de Iain atraíram a atenção de Page para pai e filho que cavalgavam ao seu lado. A expressão carrancuda sumira, substituída por uma expressão de prazer supremo. Pai e filho pareciam ter se esquecido dela em seu momento de boas-vindas ao lar. Page não se importou. A alegria deles era contagiante.

Compreendendo o que sua gente queria saber, Iain de repente ergueu o filho, que estava à sua frente na sela, e o sentou no alto de seus ombros. Agitando os braços, Malcom gritou para sua gente, uma alegre saudação em gaélico, e Page se viu sorrindo diante daquela demonstração cheia de energia.

Comovida com a euforia deles, Page piscou para conter o ardor das lágrimas. A risada de Iain diante da empolgação do filho fez o coração dela inchar. Como seria se sentir assim tão amado? E amar tanto em troca?

Seu peito de repente parecia tão apertado que Page mal conseguia respirar. De perfil, o sorriso de Iain MacKinnon era estonteante, mas quando ele se virou de repente e piscou para ela, Page pensou que seu coração fosse pular fora do peito.

— O que acha, moça?

Page engoliu em seco e sacudiu a cabeça, incapaz de responder com o coração tão firmemente entrincheirado em sua garganta.

— Ah, moça — disse ele, aproximando a montaria. Agarrando as pernas de Malcom, inclinou-se o máximo que pôde com seu filho irrequieto sentado no alto dos ombros. — Não fique tão abatida — disse ele, sorrindo. — Eles não mordem, *mo chridhe*.

Page não tinha tanta certeza. Ela ergueu a sobrancelha, dizendo-lhe isso sem palavras.

Ele deu uma risadinha e se voltou para Angus.

— Fique com ela, Angus — ordenou.

Os dois trocaram um olhar indecifrável, fazendo Page ter a sensação de que estava alheia a algo importante. Tentou lembrar o que Iain havia dito, mas não conseguiu. O velho Angus assentiu, e Page, ainda contemplando aquela troca de palavras silenciosa, observou Iain cavalgar diante de seus homens.

Angus também ficou observando, com uma expressão de completo espanto.

— Meu coração, foi isso mesmo o que disse? — gritou o velho para Iain, sacudindo a cabeça. O lorde lhe deu uma olhada significativa, os lábios se curvando de leve ao se afastar.

O que tinha o coração dele? Será que estava com alguma dor? Page ficou apenas imaginando.

Embora não pudesse compartilhar da risada de Angus, ela não pôde deixar de sorrir com o óbvio clamor que pai e filho provocavam com suas meras presenças. Ela nunca teria adivinhado aquilo, a julgar pela maneira relaxada com que todos se tratavam na jornada para casa ou pelo modo como todos pareciam tão dispostos a brigar entre si. Embora fosse aparente o respeito e a obediência total ao MacKinnon, eles não tinham medo de expressar suas convicções e discordar. Vendo o furor provocado por seu retorno, estava mais do que evidente que aquelas pessoas realmente apreciavam seu lorde.

Page não pôde deixar de considerar as diferenças entre Iain e seu pai.

Os homens de seu pai sempre andavam atrás dele, sombras à espreita, sempre prontas para segurar seu manto caso caísse no chão. Mas quando achavam que não havia ninguém para ouvir, depreciavam-no entre si. Page nunca os culpou. O que eles diziam costumava ser um reflexo dos sentimentos que ela não tinha a coragem de expressar.

— Espere só para vê-la! — disse Broc, aparecendo ao lado dela.

— Quem? — perguntou Page com um suspiro desejoso, ainda sorvendo a visão de Iain cavalgando com o filho empoleirado nos ombros. Teve uma vontade súbita de estar ao lado dele, ver o sorriso de prazer em seu rosto, saber como era ser tão apreciado.

Jesus! Mas ela sabia. Iain lhe deu um breve sabor disso quando estava em seus braços, e ela queria estar lá de novo.

— Sininho — esclareceu Broc. Page piscou, tentando compreender o que ele estava dizendo.

— Ela é a cadela mais esperta do mundo — disse ele.

Page segurou uma risadinha. Disfarçou-a com um discreto pigarro, mas viu Angus rindo consigo mesmo. Achava que sabia exatamente o que havia provocado aquela inclinação diabólica nos lábios do velho. Bom Deus! Broc era muito insistente com as histórias de sua cadela! Na verdade, se não tivesse começado a gostar tanto do gigante, Page o teria esganado há muito tempo para acabar com aquela falação incessante sobre o animal!

Broc ficou parado ali, coçando a cabeça e examinando a multidão.

— Lá está ela — disse de repente, vendo a cadela. — Veja só!

Page atendeu ao pedido. Acompanhando o olhar dele, localizou a cadela malhada de preto e branco ao lado de uma criança que

estava ocupada coçando suas costas. Broc deu um assobio, e as orelha da cadela se ergueram de imediato. E então ela veio voando.

— Veja só! — disse Broc, virando-se para ter certeza de que Page estava olhando.

Page sorriu para ele e assentiu, então ele tornou a observar a cadela. Só que Sininho foi muito mais rápida do que Broc havia esperado. Assim que ele se virou para esperar por ela, Sininho pulou alto no ar. Gigante e animal se encontraram cara a cara, e Page ouviu o som pavoroso do nariz de Broc sendo quebrado com o impacto da trombada da cadela em seu rosto. Ela ofegou assustada quando Broc e sua cadela caíram berrando para trás.

Ela puxou as rédeas do cavalo ao som de xingamentos assustados e da gargalhada de Angus. Descendo da montaria, Page correu para verificar o par caído. Sininho parecia assustada, mas ilesa. A cadela saiu de cima de Broc e fugiu, com o rabo entre as pernas. Broc, com o rosto vermelho de vergonha e o nariz sangrando, simplesmente ficou ali deitado no chão, chocado.

Page ficou com pena dele e conteve o riso. Sem hesitação, ergueu o vestido e rasgou uma tira da bainha já destruída e a pressionou no sangramento da narina de Broc. Ela mal se deu conta do grupo que se formou ali, com algumas pessoas rindo, mas de repente todos pareciam muito curiosos com a presença dela para fazer qualquer outra coisa senão olhar para os dois, Broc esparramado no chão e ela cuidando de seu ferimento.

—Ora, minha nossa, é o fim dos tempos! — gritou alguém. — Broc arranjou uma mulher!

— Broc arranjou uma mulher? — repetiu alguém, e as pessoas de repente começaram a se agrupar ao redor deles.

— Alguém me belisque! — falou outra voz, rindo. — Por isso que a pobre Sininho quase arrancou seu nariz, seu traidor safado! Há!

Mas nem posso culpar você! Ela é uma visão muito mais bonita do que a Sininho!

Sininho se enfiou no meio do círculo naquele momento, espremendo-se entre as pernas para alcançar seu dono. Ela veio sacudindo o rabo, examinando Page com seus olhos pretos antes de correr para junto de Broc. A cadela lambeu o rosto dele com certa hesitação a princípio, mas logo estava agitada e ganindo. Com o rabo erguido e agitado, parecia ter esquecido de tudo que não fosse o seu precioso mestre naquele momento.

— Parece que o Broc vai dividir a cama com duas mulheres essa noite!

Outra rodada de gargalhadas desbocadas acompanharam o comentário. As bochechas de Page arderam.

De repente, o grupo se dividiu quando Iain MacKinnon surgiu andando na direção de Page, com expressão sombria e passadas decididas.

Sem dizer nada, ele se abaixou. Lançando olhares irritados para seus homens, Iain a pegou pela cintura e a atirou sem qualquer cerimônia sobre os ombros.

— Pois não é com Broc que ela vai dividir a cama! — declarou ele a todos, e foi-se embora marchando, com Page pendurada no ombro.

Um silêncio se abateu sobre todos.

Pessoas boquiabertas os acompanhavam com o olhar.

As bochechas de Page arderam ainda mais.

— Mesmo me sentindo muito agradecida pelo seu auxílio — comentou ela com certa petulância, dando-lhe um soco nas costas para enfatizar —, acho que poderia ter resolvido isso com um pouco mais de civilidade.

Sim, poderia, Iain reconhecia, mas ele perdeu a compostura quando a viu com Broc. Mas não foi porque ela foi cuidar dele com tanta preocupação – na verdade, foi por causa disso sim! Mas ele poderia ter cuidado disso se a conversa não tivesse tomado o rumo da cama de Broc! A imagem o deixou alvoroçado, então ele se viu deixando Malcom nas mãos capazes de Glenna e marchando na direção do grupo. Nem morto que deixaria aquele engano continuar.

Ela era sua.

Não sabia precisamente em que momento decidiu isso: se tinha sido no instante em que fizeram amor ou se foi depois de vê-la conversando amigavelmente com Broc a tarde inteira, falando baixinho e rindo feito dois amantes. Nunca na vida sentiu tamanha cobiça. Feito um namorado enciumado, foi difícil para ele não colocar a montaria entre os dois e mandar que Broc se afastasse. Era impressionante como Page havia conseguido ganhar a simpatia de Broc – e dos outros também, com poucas exceções. Notava isso pela maneira como olhavam para ela, e pelas pequenas ações na tentativa de protegê-la. Nem acreditava na veemência de Broc ao defendê-la.

Bom, mas talvez tivesse sido depois de vê-la montada com seu filho que ele tomou a decisão. Viu como ela afastava o cabelo do rosto de Malcom enquanto o ouvia falando... feito uma mãe com seu amado filho. O coração dele disparou no peito ao ver aquilo. Naquele instante, quis puxá-la para seus braços e amá-la loucamente.

Não entendia por que se sentia assim.

Sabia apenas que a queria.

Naquele momento, Iain a queria o bastante para não se importar com o que os outros pensariam dos seus modos. Ao inferno com a decência! Ao inferno com todos!

Malcom estava em casa. Sim, eles queriam ver seu filho agora, não seu lorde. Sabia que Glenna cuidaria bem dele; ela amava Malcom como se fosse seu próprio filho. E Glenna era a coisa mais próxima de avó que Malcom conhecia. Precisavam de tempo para matar as saudades. Ele, por outro lado, precisava de outra coisa inteiramente diferente.

Algo que só Page poderia lhe dar.

Ignorando seu protestos e ameaças, ele a carregou em silêncio para casa e subiu a escadaria para seus aposentos.

— Coloque-me no chão! — exigiu ela. — Sou perfeitamente capaz de andar com meus dois pés, obrigada!

— Não tenho dúvidas disso, moça.

Mas ele não a colocou no chão, e ela gritou indignada.

— Coloque-me no chão! Todos estão olhando!

— Estão é? — comentou ele, sem muita preocupação.

Page começou a rosar, e Iain teve que segurar a risada diante daquela expressão feroz de frustração.

— Coloque-me no chão, estou avisando! Agora! Seu brutamontes autoritário!

— Claro que sim — disse Iain com tranquilidade, mas continuou carregando-a degraus acima, ignorando seu pedido até ele estar dentro do quarto e fechar a porta com um chute. Só aí ele a colocou no chão e soltou.

No instante em que seus pés tocaram o chão de madeira, Page correu, injuriada demais para dar importância ao fato de que poderia tropeçar em algum objeto fora do lugar no ambiente sombrio do cômodo. Ela foi o mais longe possível, depois virou-se para Iain, as mãos apoiadas nos quadris enquanto o encarava com irritação em meio às sombras. Tentou focalizar sua forma imponente parada de modo tão ameaçador diante da única porta.

— Francamente! — exclamou, já que não conseguia vê-lo com clareza. — Vocês não têm velas?

Senhor! Nunca passara por tamanha humilhação! Mas então ela reconsiderou. Claro que sim! Nenhum outro momento lhe causaria mais dor do que o instante em que descobriu a traição de seu pai. Mesmo assim, a conduta grosseira de Iain MacKinnon chegava bem perto!

— Não temos servos que fiquem antecipando nossos caprichos — respondeu ele calmamente. — Fazemos isso nós mesmos, moça. Se o quarto está frio e escuro, peço desculpas.

Page teve que apertar os lábios para não disparar uma resposta àquela acusação injusta – a de que ela tinha servos para mimá-la.

Pois sim! Seu pai nem se deu ao trabalho de lhe escolher um nome, quanto mais garantir seu conforto!

Pelo contrário, ele a colocava para trabalhar de forma incansável. A aspereza de suas mãos falava bem disso. Ela cerrou os punhos e rangeu os dentes com raiva renovada ao lembrar do pai e seu repúdio cruel.

— Sem servos? — respondeu com petulância. — Que pena! Ah, pois bem, terei mesmo que arranjar uma casa para mim — sentenciou com sinceridade.

— Cuidarei disso — prometeu ele, suas palavras um sussurro enraivecido.

Houve um momento de tenso silêncio quando ele se afastou da porta e andou pelas sombras. Page o acompanhou com os olhos.

Justo quando a visão se acostumou à penumbra, ela observou Iain finalmente acender uma vela. A chama se ergueu de imediato e permaneceu estável e constante, iluminando o aposento. Era um quarto grande para todos os padrões – grande o bastante para parecer realmente árido, apesar da imensa cama que ocupava o espaço. A cama em si estava coberta por peles, mas o resto do quarto era completamente destituído de qualquer coisa que lhe desse aconchego. Nada nas paredes, nada no chão.

No centro do quarto havia um pequeno braseiro, seu interior escurecido e vazio. Ele e a cama eram as únicas evidências de que o cômodo estava sendo usado, pois o aposento estava impecável e arrumado – parecia até mesmo abandonado. Uma rápida olhada revelou uma única janela às suas costas, curiosamente fechada. Através das ripas de madeira desordenadamente colocadas, finos raios de luz do sol se infiltravam no ambiente mofado do aposento de paredes de pedra.

Seu olhar foi imediatamente atraído pela suave tremulação da vela nas mãos de Iain. Seu brilho iluminava inteiramente os duros traços masculinos, e Page estremeceu diante do jeito atento com que aqueles olhos salpicados de dourado a observavam.

Será que estava querendo ver como ela reagiria ao lugar para o qual fora levada? Será que pretendia prendê-la ali? Mas por que ele faria tal coisa? Ela não tinha para onde fugir, pensou, ressentida.

— Que lugar é esse? — perguntou.

— Meus aposentos.

— Você dorme aqui? — perguntou Page com grande surpresa. Mentalmente, comparou o quarto escasso com o aposento opulento de seu pai – cheio de tapeçarias de cores riquíssimas e várias extravagâncias.

— Sim.

Page olhou novamente ao redor, tentando perceber o quarto sob uma perspectiva diferente, mas não havia nada ali que lhe desse qualquer indício do dono.

— Parece... tão... desolado — comentou, franzindo a testa.

— Serve bem ao seu propósito — disse Iain. — Que necessidade há para ornamentos se meus olhos não verão nada enquanto eu durmo?

O quarto de Page também era tão modesto quanto a cela de um monge, mas não por escolha própria. Para torná-lo mais agradável, havia roubado quinquilharias abandonadas da casa do pai, carregando-as para seu próprio quarto para avivá-lo. Sua testa ficou ainda mais franzida com esse pensamento lastimoso.

Iain não havia saído do lugar onde estava, segurando a vela acesa. Ficou observando-a com curiosidade enquanto ela avaliava o quarto, esperando, ao que parecia, por alguma reação de sua parte.

Ao inferno com ele também, pois parecia que estava sempre observando! Examinando. Esperando.

Vê-lo ali era o bastante para provocar emoções conflitantes, porque, se por um lado, ele era a única pessoa que a fizera se sentir apreciada, Iain era também a única pessoa que a compelia a se enxergar como realmente era.

E ela não gostava do que via... exceto quando olhava nos olhos dele.

Mas mesmo assim, Page se lembrava de tudo que lhe fora negado.

Iain a olhava como se ela fosse preciosa... e aí estava o centro da questão, pois ela se considerava indigna.

Todos aqueles anos fingindo que não se importava... Iain transformou todos eles numa terrível mentira. Sim, porque ela se importava com cada fibra de seu ser, se machucava a cada gota de sangue que era arrancado de seu coração.

E era culpa de Iain, pois, antes dele, vivia satisfeita em seu entorpecimento.

Page o encarou com olhos estreitos.

— Diga-me, sua mãe nunca lhe ensinou que não se atira uma mulher sobre os ombros quando bem se entende?

Ele franziu o cenho, a mandíbula ficou tensa. Acabou desviando o olhar. Ótimo, que sofresse, era bem merecido! Bem que poderia lhe dar um tapa, na verdade, pois ainda estava envergonhada dos olhares que o povo dele ficou lhe lançando enquanto era carregada para dentro. Como ousava tratá-la com tanta vulgaridade?

E então Iain tornou a olhar para ela, e, embora merecesse muito mais do que sua raiva por tratá-la com tanta grosseria, Page lamentou a explosão no instante em que viu a expressão no rosto dele. Era óbvio que havia conseguido feri-lo, e ela não podia deixar

de imaginar o que teria feito com que os olhos dele parecessem tão melancólicos de repente.

— Ah, moça — respondeu, a expressão séria, quase que pesarosa. — O fardo dos meus modos não recai sobre minha mãe. — Fitou rapidamente o chão, depois buscou o olhar dela novamente, os olhos dourados escurecidos. — Eu não a conheci, entende.

A luz da vela reluziu nos olhos dele. O brilho mortiço a atraía tanto quanto a admissão que a comoveu.

— Ah — murmurou Page. Sentia uma penetrante pontada de culpa.

— Ela morreu me dando à luz.

Os olhares se encontraram, se prenderam.

Se abraçaram.

— Eu... Eu não sabia. — Page pressentia que ele sofrera muito com a morte da mãe. Era muito desconcertante a maneira como a simples revelação a afetava. Com nada mais do que poucas palavras, Iain conseguira não apenas neutralizar sua raiva, mas também a impelir a se lançar em seus braços e compartilhar de sua tristeza.

— Não se preocupe com isso — murmurou ele, os olhos ainda fixos nela. — Como poderia saber?

— Eu nunca teria...

— Shhh, moça — interrompeu ele, levando um dedo aos lábios.

— Não sou mais nenhum bebezinho que precisa mamar no seio dela. Está tudo bem.

Os olhos dele então se estreitaram, parecendo fendas, abandonaram os dela, desceram para a boca, depois para os seios, e permaneceram ali.

Page soube imediatamente o que ele estava pensando. Seu coração falhou sua batida normal. Prendeu o fôlego quando

acompanhou o olhar dele e descobriu que seu corpo de certa forma a traía. Um rubor culpado subiu pelas bochechas, através do corpo, aquecendo-a.

— Não? — perguntou ela, engolindo em seco quando ergueu o rosto para buscar aquele olhar pesado novamente. Iain ainda estava olhando para seus seios. Percebendo então que poderia parecer que estava se oferecendo, Page falou com mais firmeza: — Não! Ah, não, claro que não!

Iain curvou os lábios de leve e piscou depressa, erguendo o olhar ao rosto dela novamente.

Nas profundezas daqueles olhos ardentes, Page via perfeitamente a intensidade do desejo dele por ela e, sem qualquer vergonha, ficou alegre com isso. A respiração acelerou, as batidas do coração dispararam ao saber que ele ainda a queria.

Um calor se espalhou dentro dela.

— Eu... eu também não — revelou, engolindo em seco repetidamente. Seus pensamentos se embaralharam.

Ele começou a se aproximar de Page, que sentiu as pernas subitamente fracas. O calor a sufocava. Iain parou para colocar a vela sobre o braseiro.

— Você também não o quê? — perguntou ele baixinho.

— Eu também não o quê? — repetiu ela meio atrapalhada. Ele a fitou, erguendo a sobrancelha, e Page se lembrou imediatamente. — Ah! Minha mãe! Eu também não conheci minha mãe!

— Eu sei, moça.

Page franziu a testa.

— Como você poderia saber?

O queixo dele ficou tenso. Enquanto ela observava, Iain fechou os olhos e respirou fundo. Pelos gestos, Page supôs que ele estava tentando controlar a si mesmo antes de dar a resposta.

— Porque — A raiva revolvía nas profundezas dos olhos dourados. — nenhuma mãe... nenhuma mãe digna de ser chamada assim... permitiria que a filha crescesse sem algo tão simples quanto um nome.

Page sentiu o ardor das lágrimas surgir nos olhos diante daquela verdade, mas não desviou o olhar. Recusava-se a sentir vergonha por isso! Não, em vez disso, procuraria refúgio no ultraje que Iain parecia sentir por ela.

— Não! — concordou ela. E, pela primeira vez, admitiu: — Nenhuma mãe permitiria. — Ela abriu a mão cerrada, apenas para fechá-la mais uma vez. — Nenhum pai — completou, a voz trêmula de indignação.

— Não, moça — concordou ele, diminuindo a distância entre os dois em poucos passos. Ergueu-lhe o queixo com um dos dedos. — Nenhum pai.

Page sentiu que começava a tremer, apesar de não estar sentindo medo, disse a si mesma. Pelo contrário, estava agitada com o toque cálido e gentil do dedo em seu rosto.

— Não! — concordou ela, a voz embargada pela emoção. Um estremecimento correu por seu corpo. — Eu sempre me culpei — admitiu — por afastá-la para longe. Minha mãe...

Iain franziu a testa.

— Como poderia? Você não era um bebê? Como você poderia ter algo a ver com a partida dela?

Page encolheu os ombros e tentou olhar para o lado.

— Eu costumava sonhar com o rosto dela — murmurou.

Ele ergueu-lhe o queixo, fazendo-a olhar para cima.

— Eu também costumava me culpar por coisas que não devia... mas não podemos carregar o mundo nas costas, moça.

— Mas meu pai me culpava também — alegou Page. — Impossível não sentir culpa se as palavras e o coração dele sempre me acusavam quando ele colocava os olhos em mim.

— Você merecia coisa melhor... — murmurou ele. — Basta dizer o que deseja e eu lhe darei, se puder. Quero compensá-la por tudo.

Page prendeu o fôlego com um gemido estrangulado.

— Qualquer coisa — murmurou ele. — Qualquer coisa mesmo.

Ela enrugou a testa. Estendeu os dedos com hesitação para tocar o braço dele. Outro tremor tomou seu corpo ao tocá-lo, e Iain reagiu tremendo também.

— Quero que seja feliz aqui. Quero que aqui seja seu lar.

Page engoliu em seco.

— Eu... só queria... — Ela se obrigou a respirar fundo. — Ser conhecida como Suisan... por você... e sua gente. Eu... não quero que eles saibam.

— Ah, então seu nome será Suisan — murmurou Iain, baixinho. — Formosa e doce. — Outro tremor varreu o corpo dela diante da sinceridade do juramento dele. — O que mais... Suisan... o que mais a deixaria feliz? Basta pedir e será seu.

Page fechou os olhos e engoliu com dificuldade. Quando os abriu novamente, soube que revelavam seu coração por inteiro. Ela não conseguia evitar. Nunca na vida alguém falou com ela com tanta ternura.

Nunca na vida quis tanto o amor de alguém.

Mesmo assim, não podia pedir por isso. Não ousaria.

— Nada — mentiu, engolindo em seco novamente. — Nada mais. — Olhou para a boca de Iain, traída por seu corpo. Mesmo ali parada, o calor a sufocava. Os seios começaram a doer com a doce lembrança do toque. Que o Senhor salvasse sua alma corrompida...

Talvez as palavras não saíssem, mas seu corpo de Jezebel sabia como responder.

Por mais que tentasse, não conseguia arrancar o olhar da curva sensual dos lábios. Não conseguia deixar de querer o toque daquela boca na sua.

A sensação das mãos dele, cálidas e gentis, em seus seios.

Iain levou o polegar aos olhos dela, acariciando com delicadeza, e Page prendeu o fôlego. A cabeça pendeu para trás. Os olhos fecharam.

Ele se aproximou para beijá-la, mas hesitou.

Num ataque de fúria, Iain a levava ali para cima, para seus aposentos... com apenas uma coisa em mente. Isso ele não podia negar. Mas agora que estava com ela ali, descobriu que não podia.

Não, ele havia destruído as vidas das duas mulheres que teve – a mãe e a esposa – e não poderia destruir mais uma.

Cristo! Como a queria.

— Ah, moça — sussurrou ele, o coração disparando. — Se não parar de me olhar assim...

Ela ergueu ainda mais o rosto, abrindo os olhos e piscando com muita inocência. Iain lambeu os lábios subitamente secos.

— De que jeito? — perguntou ela baixinho, a suave língua rosa esticando-se para umedecer os lábios.

— Esperando — murmurou ele. — Como se estivesse esperando...

Com a mão livre enlaçou a cintura dela, puxando-a para perto.

— E se eu não parar... o que fará?

Era um desafio, pensou Iain. Ela só estava dificultando as coisas para ele. O coração dele pulou diante do ar de consentimento naqueles belos olhos. Que assim fosse. Ele não era nobre o

suficiente para recusar o convite. Ele a puxou ainda mais, deixando que ela o sentisse, que ela soubesse.

Ele a queria demais – e já fazia tempo demais.

O coração começou a bater mais forte quando Iain inclinou ligeiramente a cabeça, restando-se ainda, pois queria que fosse Page a ditar, sem qualquer dúvida, tudo o que se passasse entre eles. Ele a queria, mas, mais do que isso ainda, queria que ela o quisesse.

Cristo! Percebeu naquele instante que a queria muito antes de colocar os olhos nela. Sim, pois nunca havia percebido o quanto precisava ver a si mesmo nos olhos ansiosos de uma amante... até agora... até esse momento... em que ela o olhava com aqueles olhos desejosos... tentando-o com os lábios que tremiam de modo tão encantador em antecipação ao beijo.

Ah, queria beijar aqueles lábios, queria devorá-los... queria amar cada centímetro daquele corpo deleitável, derramar-se bem fundo dele como tanto quis fazer na primeira vez. Era o que mais queria. E queria agora... mesmo sabendo que não devia.

Jamais suportaria ver novamente um ódio tão vívido quanto aquele que viu no rosto de Mairi naquela manhã apavorante. E suportaria menos ainda se aquilo se repetisse com Page, pois Mairi jamais o olhou da maneira que Page olhava para ele agora.

Sentiu o ar entre os dois ficar mais denso tamanha era sua vontade, suas narinas dilatavam com o perfume sedutor da mulher parada com tanta ousadia à sua frente.

— O que fará? — Ela ousou sussurrar novamente.

O corpo de Iain reagiu com uma violência que quase o castrou, enrijecendo-o completamente. Ele engoliu em seco, com força, tentando manter a razão.

Mais uma vez, achou melhor avisá-la.

— Se você não se afastar, moça... agora... serei forçado a lhe mostrar.

O coração acelerou, a respiração também, quando ela se recostou nele em vez de afastar-se. Ela levou a mão ao rosto de Iain, que segurou-lhe o punho, temendo aquele toque.

Assim que ela pusesse o calor de seus dedos na pele dele, Iain estaria perdido. Ela estaria condenada.

Sim, pois ele não sabia se teria forças novamente para não plantar sua semente dentro do ventre dela. Logo a imaginou carregando seu bebê, e então ficou dividido. Dividido entre querer desesperadamente ver o corpo dela aumentar com a criança, e o temor de uma nova rejeição.

— Suisan — murmurou ela, ofegante. — Me chame de Suisan.

— Sim — murmurou ele, a voz soando estranha até mesmo aos próprios ouvidos. — Suisan... — Iain largou a mão, deixando que ela tocasse seu rosto com a ponta delicada dos dedos. Fechou os olhos quando Page acariciou o queixo barbado, e um tremor o sacudiu diante da gentileza daquele toque.

— Me mostre — sussurrou ela com ousadia, colocando-se na ponta dos pés. — Me mostre...

Page mal podia se conter.

Que Deus tivesse misericórdia de sua alma pecaminosa. Claro que sabia o que estava pedindo. Sabia também aonde isso a levaria.

Mas ela queria o toque dos lábios dele nos dela com uma vontade que era enlouquecedora. Inclinou a cabeça para trás, convidando sem palavras. Santa mãe de Deus...

Ela fechou os olhos e rezou com todas as forças para que ele a quisesse também.

Iain gemeu, e o som gutural e atormentado era como uma canção divina aos seus ouvidos, um eco de seu próprio desejo... uma prova do desejo dele. A mão que tocou seu queixo envolveu o rosto com tanta delicadeza que Page teve que lutar contra a súbita vontade de chorar. E então os dedos dele deslizaram até a nuca... minha nossa... provocando uma explosão de arrepios. Ela deixou escapar um suspiro feliz, o corpo de repente tomado por uma sensação maravilhosa. Era como se estivesse nua dentro de uma chuva de névoa aquecida – diferente de qualquer coisa que já tivesse sentido e ainda mais gloriosa do que tinha sido antes!

Deus! Como ela queria isso...

As mãos subiram para enlaçar o pescoço de Iain, agarrando-se sem qualquer vergonha, puxando-o para baixo... Não se importava. Por que se importaria? Nos braços dele, Page se tornava tudo o que sempre desejou ser.

E mais.

O primeiro toque hesitante dos lábios dele nos dela fez a pulsação se agitar e o coração pular de dentro do peito. Suave... empolgante, o beijo fez os joelhos dela enfraquecerem e a respiração faltar. Ainda mais desesperada, Page se agarrou nele. Simplesmente não conseguia se conter. Iain reagiu apertando-a ainda mais contra si.

Ela então sentiu a inegável masculinidade e prendeu o fôlego. Apesar de tremer com a prova do desejo dele, também se sentiu exultante. Não importava o que mais ele pudesse sentir por ela, pois isso Page sabia que dificilmente poderia ser negado.

Ele realmente a queria.

Como um homem quer uma mulher.

Saber disso a excitou.

Mais uma vez, a boca de Iain cobriu a de Page, ardentemente carinhosa, saboreando, acariciando, sugando, persuadindo. Tudo o que ela pôde fazer foi ficar grudada em Iain enquanto ele saboreava seus lábios daquela maneira lenta e erótica que roubava seu fôlego e estimulava seus sentidos. Ela sentiu a paixão que ele mantinha controlada no tremor do corpo, na maneira como ele segurou seu braço e a guiou de costas pelo quarto sem parar de beijá-la.

— Preciso de você — sussurrou ele, puxando e retirando o tartã, atirando-o no chão. — Muito...

Page não conseguiu responder, dominada pelo poder das palavras dele.

A mão de Iain se estendeu pelas costas, desceu até o traseiro, pressionando-a com mais força contra sua excitação. Iain a manteve ali, e os lábios deslizaram até a bochecha, a têmpera.

— Sente o quanto? — murmurou ao ouvido dela.

— Sim — respondeu Page, engolindo em seco.

— Ah, moça... — Ela sentiu a mandíbula tensionar, ouviu Iain engolindo em seco, sentiu a própria garganta convulsionar com uma emoção impressionante.

— Jesus! — murmurou Page, fechando os olhos, o coração batendo loucamente. Queria que ele a desejasse.

Queria que ele fizesse amor com ela. Queria muito.

— Você precisa me dizer o que quer que eu faça...

Page sacudiu a cabeça, incapaz de pronunciar seu único pensamento coerente.

— Quer que eu pare? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela sem titubear.

Não queria que ele parasse nunca.

Ele rosnou, um som de imensa satisfação, e curvou-se para tomá-la nos braços de repente. Page ofegou, agarrando-se nele. O coração bateu ferozmente quando ele a carregou para a cama coberta de peles e a deitou.

Parado diante dela, Iain tirou a túnica pela cabeça. Vê-lo, magnífico em sua nudez, a encheu de admiração. Ela engoliu em seco.

— Agora, moça... mostrarei como é que se faz isso de verdade — prometeu, sentando-se sobre ela e prendendo-a debaixo dele. Seu sorriso era realmente malicioso.

Sem dizer nada, inclinou-se para beijar Page, que achou que daria seu último suspiro, pois o toque dos lábios dele a afetava profundamente.

Por um breve instante, esqueceu até de reagir.

— Abra para mim — mandou ele. — Quero sentir seu gosto — sussurrou Iain em tom sedutor junto aos lábios dela. Page obedeceu, estremecendo com as palavras sussurradas. — Isso mesmo — murmurou ele, seduzindo seus lábios e seu coração. Ele invadiu a boca com delicadeza. — Hummmnnnnnn...

O coração de Page teve um sobressalto. Hesitante, com o coração batendo com intensidade, entregou-lhe a língua para o duelo, seguindo o exemplo dele, querendo retribuir na mesma medida. Ela queria agradá-lo. Bom Deus! Como queria agradá-lo. Levando as mãos ao peito de Iain, deixou que os dedos vagassem pelos ombros e se enroscassem nos cabelos.

— Ah, Cristo — sibilou Iain, que gemeu, tomando-a nos braços e rolando com ela de maneira inesperada. — Acho que mudei de ideia — revelou.

Ele sorriu de forma sedutora quando a acomodou por cima.

— Faça amor comigo.

Ela congelou, como se não soubesse se tinha ouvido corretamente, então Iain abriu os braços em tom de brincadeira.

— Sou seu — declarou, dando uma piscada. — Faça comigo o que quiser.

Iain imaginou que ela estivesse horrorizada, mas conteve a risadinha. Abriu ainda mais o sorriso e ergueu uma sobrancelha em desafio.

— Pode até me torturar se quiser.

Os lábios dela se abriram imediatamente num sorriso travesso.

— Posso fazer qualquer coisa?

— Qualquer coisa mesmo — garantiu ele. Que maneira melhor de ter certeza de que ela conduziria o momento entre eles?

Os olhos dela tremeluziram de malícia.

— E se eu decidir mesmo torturá-lo?

O coração de Iain teve um sobressalto. Os olhos se estreitaram com prazer infinito diante das possibilidades pecaminosas que passaram por sua mente.

— Então morrerei um homem satisfeito — afirmou. Que Deus o ajudasse, pois poderia acabar morrendo mesmo.

As mãos dele deslizaram por baixo da bainha do vestido, expondo as panturrilhas. O corpo despertou dolorosamente com a sensação deliciosa da pele suave e quente sob seus dedos.

Ainda assim, Page não se mexia, apenas o observava, os seios subindo e descendo na cadência da respiração, os olhos expressivos arregalados e ansiosos. Quando ele chegou à coxa, ela subitamente deteve sua mão.

Por um segundo, Iain pensou que ela pretendia rejeitá-lo, mas então ela afastou a mão dele, sorrindo suavemente.

O coração dele parou quando ela se ergueu o suficiente para puxar a parte do vestido que estava debaixo dela. Seus corpos ficaram em contato, e Page foi erguendo o vestido, lentamente, provocando. Aquela mulher! O coração dele batia feroz. Iain não ousou desviar o olhar, sem querer perder nada quando ela puxou o vestido pela cabeça. Ela o atirou para o lado, e com ele foi-se também a tira trançada dourada do cabelo. Feito fios de seda, os belos cachos cascadearam por cima dos seios delicados. Iain teve que se controlar para não afastar aqueles cabelos para o lado, expor Page aos seus olhos famintos novamente.

Ah, mas foi a expressão nos olhos dela que fez o coração dele disparar dolorosamente. Prazer. Não havia engano. Ela estava sentindo grande prazer em revelar o corpo para ele – não mais do que ele sentia em vê-la fazendo isso.

Ela era linda.

Perfeita.

Deus! Como a queria... agora... naquele momento... loucamente.

Estendendo as mãos, agarrou-a pela cintura e ergueu-lhe o corpo, ansioso por tomá-la. Ela ofegou baixinho, e tornou a ofegar quando ele a acomodou sobre seu membro. Com o corpo tremendo, ele começou a guia-la para baixo.

— Cavalgue — pediu ele, o rosto tomado por um prazer selvagem conforme via a expressão de arrebatamento surgindo no rosto dela enquanto a preenchia por inteiro.

Page inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos.

A visão dela o embriagava.

— *Marchaich mo ghradh* — murmurou ele, usando a antiga língua enquanto recostava novamente a cabeça na cama para saborear a sensação de se enterrar no corpo dela. — Cavalgue, meu amor.

Por um instante, Page ficou deslumbrada demais com a sensação dele preenchendo seu corpo para ouvir direito, quanto mais entender, o pedido, mas então ele falou de maneira tão apaixonada naquela língua gutural – alguma estranha expressão de carinho que instigou seus sentidos e a deixou ousada. Um calor a inundou por dentro, fluindo a partir daquela região em que estavam unidos.

E então ele repetiu o pedido pecaminoso, e um tremor a sacudiu. Por mais escandalizada que pudesse estar com o pedido libidinoso, acompanhado por aquelas palavras... *meu amor...* ela sabia que faria qualquer coisa... bastava ele pedir.

Ela queria agradá-lo – isso era o que mais desejava. Nada mais.

As mãos dele tomaram seus quadris, guiando seus movimentos com delicadeza, e Page começou a acompanhar o movimento com hesitação. Foi recompensada com o profundo gemido de satisfação que saiu dos lábios sensuais de Iain MacKinnon.

— Sim, moça — sussurrou. — Assim.

Page continuou a mover-se sobre ele, maravilhando-se com o poder de seu corpo de mulher. A respiração falhava e o coração batia loucamente por vê-lo deitado tão entregue ali debaixo dela. Sentia uma grande satisfação a cada gemido de prazer que arrancava dos lábios dele. Cada suspiro.

E então ele a abandonou ao próprio ritmo. Com a cabeça inclinada, o queixo tensionado, Iain permitiu que ela se movesse como bem quisesse, enquanto suas mãos subiam pelo corpo dela, explorando os seios, os flancos, os ombros... o rosto. Ele a puxou para baixo e beijou profundamente. Sentindo-se completamente devassa, Page fechou os olhos e entregou-se inteiramente à carnalidade.

As mãos deixaram o rosto dela. Feito borboletas esvoaçantes, exploraram seus ombros novamente, desceram para tomar os seios, apalpando-os gentilmente, acariciando-os com maestria. Page pensou que fosse morrer de tanto prazer.

E enquanto isso, ele a beijava intensamente, um beijo delicado, avassalador, terno...

Ela era a paixão encarnada.

Iain estava maravilhado com a maneira como ela aceitou amá-lo. Movia-se com completo abandono, entregava-se sem reservas, retribuindo o beijo com a mesma cadência lenta e erótica que compartilhavam em outras regiões...

Ele queria... desejava... loucamente... virá-la e enterrar-se bem fundo naquele corpo, liberar-se de forma violenta e furiosa dentro dela. Inteiramente. Completamente. Irrevogavelmente.

Encerrando o beijo, deixou que ela se levantasse, mantendo ainda uma das mãos no dela seio enquanto erguia os próprios

quadril, acompanhando o movimento de Page, ondulando debaixo dela.

Segurar o próprio gozo foi o prazer mais doloroso que já experimentou, mas assim o fez, querendo senti-la, disposto a retroceder. Cerrando os dentes, ergueu a cabeça da cama, assistindo-a, encantado com a beleza inocente da mulher que o amava.

Quando ela abriu os lindos olhos, embaçados de paixão, e o encarou, Iain acreditou que perderia completamente a determinação, tão desarmado ficou com o que viu dentro deles.

Ali, na insondável profundidade daqueles olhos, viu tudo o que sempre desejou.

Tudo.

Cristo! E ela estava bem ali em seus braços – tudo o que ele precisava fazer para saber que Page era real... era sentir. E como ele sentia!

Um tremor o sacudiu quando ele voltou a deslizar as mãos para baixo, os dedos tateando a barriga. O movimento sinuoso do corpo dela era como o chamado de uma dama do lago, o canto de uma sereia, persuadindo para que sua semente se derramasse.

E ele queria muito se entregar... desejava a plenitude que ela poderia lhe dar. Mas não ousaria.

Ainda assim ela o seduzia... quase colocando-o no limite, perto da liberação, conquistando seu corpo com pouquíssimo esforço. Quando ela fechou os olhos, Iain também fechou os seus, invocando cada fiapo de controle que ainda possuía.

Ah, mas ele não se permitiria. Queria que Page tivesse aquela experiência – mas seria difícil, pois ela o seduzia docemente com seus gemidinhos e reações desinibidas. Pelo ritmo, sabia que ela estava perto da saciedade, e quase perdeu o controle só por pensar

nisso. Abriu os olhos para observar o rosto dela, querendo vê-la no momento de plenitude, mas a intensidade da expressão dela quase o castrou.

Page estava tentando resistir.

O coração dele bateu acelerado.

— Está sentindo? — murmurou ele. Os músculos das pernas flexionaram quando ele tentou manter o controle do corpo. — Está sentindo? — perguntou com urgência.

O gemido dela disparou sua pulsação, seu corpo entrou num limbo carnal. Pinoteou debaixo dela, gemendo de tormento, entregando-se, perdendo o domínio.

Que Deus o ajudasse, pois estava perdendo o controle.

Iain apertou os olhos e pensou em seu cavalo. Mas a visão de animais no cio surgiu de repente na sua mente. Apagando mentalmente a imagem, seu cérebro procurou por algo mais seguro – mas minha nossa, ele não conseguia!

Não conseguia segurar!

As mãos agarraram os quadris dela.

— Aproveite! — mandou ele, rosnando, o corpo movendo-se contra a própria vontade, convulsionando. — Aproveite! — insistiu. — Antes que eu não poss... ahhh, Deus! — Gemeu, quando o corpo dela se contraiu ao redor dele. — Minha nossa!

Era quase tarde demais para ele, que sentiu o começo vindo e tentou tirá-la de cima dele imediatamente.

— Não! — gemeu ela, resistindo a ele.

As mãos tremiam, o corpo ficou imóvel novamente, mas Iain disse a ela, com a respiração ofegante e a voz rouca:

— Você não entende! — Mal conseguia se focar nela, os olhos estavam muito embaçados.

— Entendo sim — murmurou ela ferozmente, estremeando e movendo-se novamente sobre ele, desobedecendo com toda a sua teimosia. — Entendo sim!

O clímax de Iain foi imediato e violento.

— Ah, Cristo! — gemeu, pinoteando contra ela, jogando sua semente no ventre de Page. Ele a prendeu contra si com mãos trêmulas, e ainda assim ela se movia, extraindo cada gota de dentro do corpo dele.

A plenitude o varreu primeiro, uma satisfação feroz que Iain jamais experimentou na vida – seguida por uma emoção impressionante e ofuscante que jamais imaginou que pudesse existir dentro de seu cansado coração.

Em seu momento de satisfação, ele amou intensamente e sem restrições.

Page tombou sobre ele, gemendo baixinho, e Iain a prendeu junto de seu troante coração. Acariciando-lhe o cabelo, jurou com toda a sua alma e sua força que sempre a agradaria e manteria segura. Jurou por sua vida.

E que Deus tivesse piedade de sua pobre alma se algum dia ela o olhasse com a mesma repugnância de Mairi naquela última manhã.

Precisando do abraço dela mais do que tudo, prendeu-a com força contra si, sem mesmo deixá-la levantar quando tentou.

E foi daquele jeito que caíram no sono.

O quarto sempre acionava o sonho.

Começou naquele estado de semiconsciência, assim que o quarto caiu na escuridão — naquele momento em que, depois de enganar o sono por tanto tempo, a vela acabou derretendo. Com o silvo final da extinção da chama veio o clarão desorientador do corredor. Primeiro, uma mera centelha, que o instigava a rastejar para fora das cobertas e espiar.

Ele não foi.

Daí vieram os lamentos, os gritos da mulher e os pedidos de misericórdia.

Ele se agarrou aos cobertores quando uma procissão de vozes passou pelo quarto. O vislumbre da luz de uma tocha. Passos apressados.

E ele era uma criança novamente... uma criança que não tinha mais do que dois anos... embora não tivesse certeza... se era um sonho... ou uma lembrança há muito enterrada.

No sonho, os apelos eram de sua mãe.

Além da porta, a luz brilhava forte, um facho na escuridão do corredor, mas ele continuou debaixo das cobertas, suando e com

medo de se mexer.

Os gritos se intensificaram.

No fim do corredor, uma porta se fechou com estrondo, lançando o corredor, e também o seu quarto, na completa escuridão. O menino que ele era apertou bem os olhos e desejou que os gritos parassem. Desejou com todas as forças. Desejou. Desejou.

Veio o silêncio.

Silêncio irrevogável.

E de repente ele era um bebê, arrulhando enquanto olhava para aqueles olhos azuis.

— Dorme, meu menininho, meu lindo amorzinho — cantou a voz. — Os olhos vão pesando, o sono vem devagarinho... Fecha bem os olhos, acompanha a melodia... Dorme bem, querido, amanhã é novo dia...

Iain acordou tremendo, abriu os olhos depressa, os cílios estavam molhados. Apesar do quarto frio, o suor escorria por sua testa.

Desta vez, ele disse a si mesmo que não estava sozinho no quarto. Não estava sozinho na escuridão sepulcral.

O silêncio também não era tão ensurdecido ou impenetrável.

Embora seu coração ainda batesse ferozmente, o calor do corpo deitado em seus braços lhe garantia que fora apenas um sonho.

Desejoso de sossegar a respiração e acalmar o coração, Iain analisou o sonho.

Havia um novo elemento dessa vez. A canção. Os olhos. Olhos familiares.

Mas de quem?

De quem era a voz?

Antes ele sempre acordava com o impacto do silêncio. Um silêncio que era condenatório e irrevogável. Um silêncio que caía

feito o pavor de um trovão.

Não desta vez. Desta vez havia luz – fraca como seria o fenecer de uma vela. E som. O som da respiração suave de uma mulher que dormia. Sua mulher. Esse pensamento fez com que os lábios dele se curvassem com prazer. E quando seus sentidos clarearam o bastante, ele distinguiu outro som. Ouviu e compreendeu o fraco pranto de uma flauta vindo de algum lugar na noite e, sem qualquer hesitação, desvencilhou-se do corpo sonolento enroscado ao seu lado para investigar.

PAGE NÃO SABIA ao certo o que a arrancou do sono, mas o som da porta sendo fechada a despertou completamente.

Embora estivesse desorientada dentro do cômodo escuro, seus olhos buscaram diretamente a porta. E mesmo sabendo instintivamente que encontraria a cama vazia ao seu lado, rolou para o espaço em que Iain estivera deitado, suspirando satisfeita. Ainda estava quente do corpo dele. Page acariciou os lençóis com a adoração de suas mãos, de seus dedos... como se para sorver o calor intoxicante do homem que estava repousando ali momentos antes.

Havia mesmo pensado que seria imune a ele? Como pôde pensar que isso seria possível? Estava ao mesmo tempo apavorada e empolgada – apavorada porque sabia que seria a última vez que ousaria desnudar tanto o seu coração.

E ele estava exposto... Por mais que quisesse negar... não poderia enganar a si mesma.

De alguma forma, mesmo sem tentar, Iain abriu caminho pelas barreiras cuidadosamente erguidas que há tanto tempo a protegiam... e mantinham sozinha.

Certa vez, ela jurou nunca se preocupar com o amor ou mesmo com o respeito dos outros – coisas que não poderia controlar. Deixou até de tentar conquistá-los, preferindo seguir sua própria vida. Como aquela forma de pensar arranhou dificuldades com seu pai! Ela sabia disso, mas o provocava mesmo assim – não porque precisasse desesperadamente de sua atenção, mas porque estava furiosa com ele. Agora sabia disso porque Iain a forçou a admitir a verdade daquela questão. A de que estava furiosa com seu pai – enfurecida de uma maneira tão forte e profunda que essa emoção nunca pareceu se avolumar tanto de um dia para o outro.

Por Deus! Será que devia abrir seu coração completamente? Será que poderia esperar pelo amor dele, quando mais ninguém a amou?

Page mordeu o lábio, apertou até sentir dor, pois isso era o que queria desesperadamente.

Engolindo o nó que sufocava sua garganta, ela ficou deitada ali contemplando a escassez do quarto. Mesmo na escuridão, percebia o incômodo vazio. Não havia nada ali que oferecesse o menor vislumbre do homem com quem se deitou tão livremente.

O homem que ela ousou amar.

Sabia que Iain MacKinnon amava o clã, sabia que amava o filho ainda mais. Mas quem era ele?

Havia nele uma tristeza taciturna, uma tristeza que ele escondia por trás da máscara do incessante bom humor. Page percebia isso. Sabia também que ele sofria com pesadelos... mas de que tipo?

Enquanto estava deitada ali, contemplando as possibilidades, ela se deu conta do lamento distante de uma flauta. Melancólica e pungente, a melodia invadia a noite feito um trêmulo clamor.

Tomada de curiosidade, ela rolou para fora da cama e procurou a roupa, decidida a seguir a canção pungente do flautista.

— PAI! — gritou Malcom ao vê-lo. Ele foi correndo pular nos braços de Iain, o sorriso brilhante, os olhos luzindo.

Iain riu ao pegar o filho. Ele o apertou forte, abraçando-o sem qualquer vergonha.

— A Glenna não me deixou incomodar você — reclamou Malcom.

— Falou que eu não podia acordar você!

O sorriso de Iain aumentou diante da reclamação do filho.

— Falou, é?

— Sim — declarou Malcom, apertando o pai com toda a força que os bracinhos robustos possuíam. — Quero subir nos seus ombros, pai!

— Pois bem, meu pequeno senhor.

Malcom deu uma risadinha travessa e quase estrangulou Iain com sua alegria. Quando finalmente se livrou do aperto na garganta, Iain suspendeu o filho nos ombros e esperou que ele se acomodasse antes de ir se reunir com seus parentes.

— Ora, ora — comentou, mais consigo mesmo do que com Malcom. — Vejo que já estão todos preparados.

— Sim, pai, mas não se preocupe. Não começaríamos sem você.

— Eu sei que não — respondeu Iain com alegria, e agradeceu ao filho por substituí-lo enquanto esteve ocupado.

— Ah... não se preocupe, pai. Eu disse a eles que você não podia evitar.

— Hã? — Iain engasgou, surpreendido. — Disse, é?

— Sim, e Angus disse que eu tinha o direito também.

— Disse, é?

— Sim! Ele disse que fazia muito tempo que você não tinha uma mulher.

Iain abafou a risada. Ele fez uma anotação mental para falar com Angus sobre a educação prematura de Malcom. Ah, ele achava que

o filho já compreendia coisas demais para sua tenra idade.

Por outro lado, considerou que talvez fosse melhor assim. Sabia melhor do que ninguém que não havia como controlar o destino. Se ele batesse as botas naquela noite, ou amanhã, ou no dia seguinte, Malcom precisaria de cada fragmento de conhecimento que possuísse para poder sobreviver. Sim, só podia proteger o filho até certo ponto. Os homens MacKinnon não possuíam o luxo de alongar a infância. Porque todos eles saíam do ventre já homens, com o peso do clã sobre os ombros e as sombras dos antecessores pairando às costas. Na verdade, mesmo que Iain tivesse jurado dar a Malcom a infância mais comum possível, era sua obrigação por nascimento, e por dever, preparar o filho para liderar.

— Ora, ora — ia dizendo Iain.

— Ahhhhh, não se preocupe, pai — interrompeu Malcom, esticando as mãozinhas gorduchas até o queixo do pai e encostando seu próprio queixo na cabeça dele. Iain saboreou a sensação do queixo pontudo do filho apertando sua cabeça. Ah, em pouco tempo isso não passaria de uma lembrança agradável. Tal pensamento fez com que ele suspirasse com melancolia. — Eu entendo — revelou Malcom, em tom conspiratório.

Iain franziu a testa.

— Entende, filho?

— Sim, pai — declarou o menino com segurança. — Também faz muito tempo que eu não tenho mulher — revelou com certa tristeza.

Iain engasgou, não apenas porque aquelas mãozinhas agora estavam apertando sua garganta. Pelos ossos de todos os santos! Ele não sabia se achava graça ou se ficava desconcertado com a revelação do filho.

— Também faz muito tempo que você não tem mulher? — repetiu, sem esconder sua surpresa.

— Ah, é sim, pai! — Malcom respondeu com convicção. — Ah, eu estava pensando que seria bom ter uma moça por perto que cantasse para eu dormir de vez em quando.

Iain riu da revelação jocosa do filho. Sofrendo para conter a risada, apertou a perna do filho com afeição e sorriu enquanto caminhava.

— Ô, pai.

— Sim, Malcom?

— Eu estava querendo saber, ela cantou para você dormir?

Iain se espantou com a pergunta.

— Eu ouvi o primo Lagan dizendo que você ia dormir com ela.

Demorou um certo tempo para que Iain percebesse a lógica do filho. Ah, mas ele fez a pergunta com tamanha inocência que o coração dele apertou. Mesmo que Malcom não fizesse ideia do que o primo tinha insinuado, o coração de Iain acelerou com a lembrança. O rosto e o pescoço esquentaram. O franco desejo que Page demonstrou por ele havia sido um bálsamo para sua alma. Por Deus! Ele não podia contar ao filho que os gemidos e apelos doces e apaixonados foram a melhor canção que ouviu na vida.

— Sim, Malcom — confessou Iain, pigarreando. — Ela tem o canto mais doce do que qualquer mulher que já ouvi.

— Foi o que pensei, pai — comentou Malcom. — Ela canta melhor do que o primo Lagan, com certeza.

Iain ergueu as sobrancelhas com espanto.

— Lagan? — Ele parou de andar, surpreso com a informação. Claro que Lagan sempre foi muito bondoso com Malcom, mas Iain nem conseguia imaginar seu primo sempre tão circunspecto cantando para ninguém. — Lagan cantou para você dormir, Malcom?

— Sim, pai — confirmou o menino. — Com certeza.

— Que surpresa — declarou Iain. — E quando foi que ele fez isso?

— Hummmm...

Iain imaginou o filho enrugando o nariz enquanto pensava e não pôde deixar de sorrir.

— Não sei, pai — alegou Malcom, depois de certa deliberação. — Mas ele cantou sim. Não lembro quando, mas sei que ele cantou.

— Ora, que surpresa — repetiu Iain, retomando o passo na direção do ajuntamento. Parecia que havia coisas sobre seu primo que ainda precisava descobrir.

— Ô, pai?

— Sim, filho?

— Eu estava pensando também... Será que ela canta mais bonito do que a minha mãe?

Iain deteve o passo mais uma vez, o coração apertado no peito. Com o cenho franzido por causa da simples pergunta, ele engoliu o nó que surgiu na garganta, respondendo com honestidade.

— Não sei, Malcom. Nunca a ouvi sua mãe cantar nada.

— Ah!

Havia um grande desapontamento naquela única palavra. Iain ouviu e sentiu o coração revirar.

— Pai, você está machucando minha perna — disse Malcom, com certo estranhamento na voz.

Espantado com a reclamação, Iain deixou de apertar as perninhas de Malcom na mesma hora. Ele respirou fundo e disse:

— Perdão, filho.

Engoliu o pesar que parecia querer sufocá-lo, embora aquilo já não fosse mais pesar por si próprio.

— Mas quer saber de uma coisa, filho? — mentiu, para o bem de Malcom. — Ela teria cantado para você... se ela pudesse...

— Você acha mesmo, pai?

A nota de esperança na voz dele era como vinagre numa ferida que ainda não estava cicatrizada. Os olhos de Iain ardiam, mas não por causa da fumaça que se desprendia da fogueira. A imagem de Mairi parada na janela, os olhos ardendo de ódio, voltou para zombar dele. Não havia dúvida de que ela abandonou os dois, pois o deixou lá com o filho recém-nascido aninhado nos braços. Ainda assim, ele se obrigou a mentir. Apenas pelo bem de Malcom. — Eu sei que sim, filho — jurou com veemência. — Sei que sim. Se ela tivesse visto seu rostinho, ela teria cantado para você. Sei que sim.

— Eu teria gostado disso, pai — exclamou Malcom.

Iain podia ouvir o sorriso na voz do filho. Ele trincou o queixo e fechou os olhos, engolindo o xingamento que surgiu nos lábios.

Que a alma de Mairi estivesse ardendo no inferno!

— E você? A sua mãe cantava para você, pai?

Iain abriu os olhos, observando o grupo junto à fogueira enquanto considerava a pergunta, sem saber direito por que estava hesitando, pois a resposta só podia ser não. Ele fechou os olhos novamente e contemplou a voz da mulher em seus sonhos – a canção, os olhos – e foi tomado por uma grande frustração.

— Não — respondeu, confuso. Abriu os olhos para ver para a fogueira, franzindo a testa.

Ocorreu-lhe de repente que a morte de sua mãe era algo sobre o que não se falava. Era algo que ele e o filho tinham em comum, a falta da mãe desde o nascimento, mas ele estava tão acostumado a encarar o assunto como algo proibido entre ele e seu pai que nunca pensou em levantar a questão com seu filho.

Quando menino, Iain fazia inúmeras perguntas, mas sempre era rechaçado. E não apenas por seu pai, mas todos do clã que tinham conhecido sua mãe. *Se seu pai quiser que você saiba, então ele*

mesmo contar. Era o que todos insistiam em lhe dizer. Ah, mas seu pai nunca lhe contou nada e, depois de um tempo, Iain acabou parando de perguntar. Tudo o que sabia da mãe, soube através de sua tia Glenna, mas ainda assim era muito pouco.

Se Iain não soubesse que seu pai amou sua mãe intensamente, que lamentou sua morte até o dia de sua própria passagem, teria pensado que o nome dela era uma blasfêmia, pois ele nunca era pronunciado em sua presença... ou fora dela.

— Pai? — Malcom aventurou-se novamente, interrompendo seus pensamentos sombrios.

— Sim, Malcom?

— Você acha que ela se incomodaria se eu a chamasse de mãe?

— Quem, Malcom?

— Page.

Iain ficou completamente paralisado com a pergunta.

— Acho melhor você chamá-la de Suisan.

Foi o que Page o ouviu dizer ao filho.

Ela ouviu bastante da conversa para sentir as lágrimas ardendo nos olhos. Não pretendia, mas ouviu, e agora não sabia se anunciava sua presença ou se girava e fugia.

Atraída pela luz do fogo e a melancolia do som da flauta, Page se deparou com pai e filho parados ali nas sombras da noite, conversando tranquilamente. Uma conversa íntima como as que Page poderia ter desejado quando criança. Poderia... Isso se ela soubesse que era possível compartilhar tais confidências. Ela segurou a onda de inveja que surgiu para atormentá-la.

Mais à frente, o brilho do fogo era como um farol na escuridão da noite.

Um flautista solitário estava parado diante da fogueira, tocando seu instrumento com uma intensidade tão funérea que fez seus pés se aproximarem. A curiosidade com a canção do flautista a conduziu para perto de Iain para assistir a estranha reunião.

Parecia que todos os membros do clã se reuniram para a ocasião, suas silhuetas reunidas diante do fogo feito mariposas atraídas pela luz de uma tocha.

Pai e filho se viraram para Page.

Por um longo momento, Page não encontrou voz para falar, tão comovida estava com a doce pergunta de Malcom. Os dois continuaram olhando para ela.

— Ele pode me chamar como quiser — murmurou ela. — Page está bom.

Houve um momento de silêncio enquanto Iain olhava para ela sem sequer piscar.

— Pensei que preferisse Suisan — disse ele enfim.

Page respirou fundo.

— Foi o que eu pensei — respondeu ela, firmando contato com os olhos dele, também sem piscar. — Era o que eu pensava até agora.

Ocorreu-lhe de repente que seu nome era simplesmente isso: um nome. De certa forma, era como um emblema de honra por tudo o que sofreu nas mãos do pai. Mas não sentia mais vergonha disso. Pelo contrário, sentia orgulho porque havia sobrevivido. Porque ainda estava de pé. Como poderia vingar-se melhor do desgraçado do seu pai senão vivendo, e vivendo bem, caminhando com orgulho? Quem poderia sentir pena dela se seu coração estava cheio de alegria?

— Eu descobri — disse ela aos dois, com um pequeno sorriso nos lábios — que, no fim das contas, gosto do meu nome.

Os belos lábios de Iain abriram um sorriso diante da declaração.

— Descobriu, é?

— Sim — respondeu Page com petulância, erguendo a sobrancelha. — Acho que gosto dele. — O coração dela inchou com uma grande emoção que ela não conseguia definir bem... mas ela estava lá... uma impressionante e aguçada sensação de alegria que era ao mesmo tempo estranha e empolgante.

O sorriso de Iain se alargou ainda mais. Mesmo na escuridão, Page conseguia ver o brilho de seu sorriso e as rugas de alegria nos olhos.

Ela desviou o olhar, sentindo-se estranhamente eufórica.

— O que eles estão fazendo? — perguntou a pai e filho.

Ela estava observando os dois pelo canto dos olhos.

— É para Ranald — informou Iain, ainda a estudando. Page se virou para encará-lo. Iluminado pela luz distante do fogo, o rosto dele era surpreendentemente bonito com suas duras linhas masculinas. E sua feição jovem formava um contraste impressionante com o prateado ousado das têmporas. O coração dela flutuava dentro do peito. — É nossa maneira de dizer adeus.

Page virou-se para encarar a fogueira com novos olhos e imediatamente notou o andaime grosseiro construído junto dela. Compreendendo tudo, o sorriso se transformou numa careta.

— Bom Deus! Vocês vão queimá-lo!

— Sim, moça — respondeu Iain.

— Deus do céu! Por quê? Jesus, isso é uma barbaridade!

Iain apenas deu uma risadinha.

— Talvez seja.

— Não há nenhum talvez nisso! Pobre Ranald!

— Não há como evitar, Page.

Era a primeira vez que ele falava seu nome com tanta gentileza. Page ergueu o rosto para encará-lo, o coração pulando ao som de seu nome nos lábios dele.

— Não se pode enterrar um homem na pedra — alegou ele, num tom calmo e trivial. A luz da fogueira tremeluzia nos olhos dele, um brilho que era ao mesmo tempo triste e divertido. — Chreagach Mhor foi construída sobre rocha sólida. Nenhuma pá pode cavar um solo tão resistente assim.

— Ah — murmurou Page.

Ele tornou a observar as pessoas de luto diante do fogo. Page fez o mesmo.

— As paredes de pedra da minha casa — revelou ele — foram esculpidas nessa rocha há tanto tempo que nem meus antepassados recordam quais mãos as talharam. E elas ainda resistem.

Ele virou-se para olhar por cima do ombro para o estranho torreão delgado que assomava atrás dele. Page acompanhou seu olhar.

— Cada pedra continua no lugar.

Ela pensou nos intermináveis reparos da casa de pai e afirmou:

— Isso é notável.

Ela era notável.

Iain se percebeu admirando a inclinação orgulhosa da cabeça dela, a posição teimosa do queixo e as suaves curvas dos lábios. Mal conseguia conceber que a mulher que estava olhando era a mesma de quem julgava ter pena. Nada na postura dela evocada tal reação dele naquele momento. Nada mesmo. Ela parecia até mais alta — algo que ele não havia notado muito bem. Iain franziu a testa, pois ela era na verdade mais alta do que qualquer mulher que havia conhecido.

Então ela descobriu que gostava do nome, é? Que matreira!

O estranho era que de repente ele estava gostando do nome também.

O rosto dela, iluminado pela luz distante do fogo, estava brilhando com algo novo... algo que ele não conseguia identificar. Algo delicioso e encorajador.

E seu coração... seu coração também estava cheio de algo novo... algo profundo, acolhedor e nostálgico.

Algo que ele ainda não ousava abraçar inteiramente para não acordar numa manhã horrível e deparar-se com uma expressão tomada pela repulsa. Iain havia jurado proteger e cuidar dela, sim, mas amor era uma complicação que era melhor evitar.

O funeral adentrou a noite.

À sua própria maneira, cada pessoa presente prestou seus respeitos ao pobre Ranald, e então Iain acendeu uma tocha na fogueira e botou fogo na pira. A mãe de Ranald ficou perto, gemendo. Alguns outros choravam baixinho. A maioria estava em silêncio, com os rostos sérios e os olhos melancólicos. Entre eles, um músico solitário tocava sua flauta, uma melodia hipnótica e lastimosa – e mesmo assim algumas pessoas dançavam curiosamente ao som da canção estranha e alegre.

Page observou com repulsa e assombro o fogo ir lambendo o andaime na direção do corpo envolto em novas mantas. E mesmo quando as chamas atingiram a plataforma, ela não conseguiu parar de olhar.

Enquanto observava as chamas consumirem, sentia-se muito distante. Por um instante, o som do flautista se desvaneceu, e só o rugido do fogo chegava aos seus ouvidos. Pelo canto dos olhos, ela via os dançarinos se contorcendo, e ainda assim seu foco permanecia nas cinzas que subiam da pira – sombras emplumadas que flutuavam e desapareciam além da luz rosada da fogueira rumo

à liberdade. Livres para vagar pelo mundo e assentar onde quisessem, se quisessem. Page imaginou a si mesma como uma daquelas cinzas flutuantes. Sentiu sua alma voar com elas, adentrando o frescor da noite negra. Ela ergueu o olhar para admirar o céu sem lua e percebeu-se flutuando, flutuando... livre...

Liberdade. Era o que ela sempre quis... o que desejava com tanto ardor...

Será que isso era verdade?

Será que o que sempre quis não foi que seu pai alcançasse sua alma tão errante e a mantivesse bem junto ao próprio coração?

O olhar dela se concentrou numa escura cinza flutuante... Se ela fosse livre para partir... livre para voar... onde pousaria?

O som suave das vozes das crianças a tirou de seus devaneios. Page viu Malcom e seus amigos ocupados em catar cinzas com as mãos.

Ficou observando-os por uma eternidade, sentindo-se ainda mais uma estranha no meio deles.

Enquanto observava, as crianças recolhiam o que restava do corpo de Ranald em suas mãozinhas, junto com os flocos de madeira carbonizada. Elas corriam, apressadas para catar tudo o que pudessem, reunindo uma chuva preta nas mãozinhas cerradas. Enegreceram os rostos com a fuligem, enegreceram os dedos ansiosos.

E então levaram o fruto do seu trabalho à mãe de Ranald... entregaram-lhe suas cinzas fumacentas. Uma a uma, elas viravam as mãos e salpicavam a poeira preta nas mãos em concha da mulher.

Um sorriso tocou os lábios dela quando Malcom virou a mão sem deixar cair nada. Ele enrugou o narizinho, olhando a mão preta de fuligem, depois deu de ombros e limpou os dedos na mão dela. Ela sorriu e, depois de falar baixinho com as crianças, ergueu as palmas

para o céu e deixou que as cinzas voassem mais uma vez. O que restou da fuligem, ela esfregou no peito – uma parte do filho que seria guardada – e mais uma vez começou a chorar.

Os olhos de Page ardiavam com as lágrimas, e veio-lhe à mente a ideia de que o amor verdadeiro era tão dedicado quanto o gesto simples e abnegado de uma mãe lançando as cinzas de seu amado filho ao vento.

A COZINHA FEDIA a sabão de lixívia.

O vapor dos caldeirões fervendo subia espiralando para misturar-se à fumaça ácida, a combinação de calor e lixívia forte o bastante para queimar os pulmões de qualquer criatura viva que sequer pensasse em passar pela pequena construção de pedra. E ainda assim todos continuavam animados lá dentro, cumprindo com diligência todas as suas instruções. Page não se deixou enganar nem um pouco: estava óbvio que aquela gente estava desesperada para se livrar das pulgas. Demonstravam estar eternamente agradecidos e até mesmo ansiosos para obedecê-la de qualquer maneira concebível.

Page havia acordado num quarto escuro e vazio. Iain não estava em parte alguma, mas não teve tempo de lamentar o fato. Glenna entrou quase que imediatamente, sua voz uma alegre advertência para que se levantasse.

A verdade é que Page poderia ter detestado a mulher de imediato, mas ela era agradável demais para ser desprezada. Glenna levava uma túnica para Page vestir – uma que ela alegou nunca ter pertencido à esposa de Iain. Page se viu sorrindo quando Glenna lhe garantiu, ruborizada, que era um dos vestidos dela – de sua época mais jovem e magra, claro.

Page considerou aquilo um grande gesto. Nunca havia se preocupado muito com sua maneira de vestir e ficou um tanto envergonhada por Glenna pensar que ela precisava de um vestido novo. Mas ficou inteiramente consternada ao descobrir que até a túnica tinha pulgas!

Page assumiu imediatamente a tarefa de livrar o clã MacKinnon da praga. Lembrando de como cuidou da infestação de Aldergh poucos anos atrás, ela se dedicou à tarefa com zelo. Com a ajuda de Glenna, conseguiu reunir os homens e mulheres infestados e estava no processo de ferver as roupas nos imensos caldeirões de ferro.

A cozinha foi tomada por corpos suados; alguns meramente assistiam o estranho ritual, outros participavam. Quando ela ousou dar banho na cadela de Broc, a acusada de reproduzir as pulgas, murmúrios impressionados chegaram aos seus ouvidos. Alguns sussurravam em gaélico. Outros, em inglês simples.

— Ah, acho que ela vai lavar a maldita cachorra! — exclamou alguém.

— Não acredito, ela vai lavar a maldita cachorra! — disse outro.

— Deve ser um feitiço inglês para se livrar das pulgas — sussurrou outro.

Page não hesitou na tarefa, nem se deu ao trabalho de explicar. Achava aquilo uma solução óbvia, e era espantoso que ninguém tivesse pensado nisso antes. Sorrindo, ela jogou o animal numa tina cheia de sabão, esfregou o pelo malhado até quase achar que a coitada ficaria pelada. A cadela nem protestou de nada, apenas arqueou as costas feito um gato feliz e aproveitou o banho. Pobre Sininho. A coitada devia estar sofrendo tanto com as picadas das criaturinhas horríveis que até mesmo o esfrega-esfrega de Page estava sendo um favor.

Quando terminou com Sininho, Page concedeu a Malcom e um de seus amigos a dúbia honra de caçar quaisquer pulgas que ainda restassem. Ela lhes mostrou como procurar, encontrou algumas para os dois e depois os deixou trabalhando. Os dois ficaram rindo, fingindo que caçavam os “MacLean imundos que estavam escondidos dentro do território dos MacKinnon”.

Feito isso, ela esvaziou a tina e começou a enchê-la com água limpa para dar banho no gigante e seus amigos. Sem dúvida, sabia que eles não gostariam, mas precisaria convencê-los de algum modo que seria para o bem deles.

Ela não notou o grupo reunido diante do caldeirão de lavar roupas até ser tarde demais e todos estarem despídos. Tendo um sobressalto quando se deparou com traseiros pelados e corpos nus reunidos ao redor do caldeirão fumegante, ela ofegou e tapou os olhos com as mãos para esconder aquela visão chocante. Jesus! Aqueles escoceses não tinham qualquer decência. Nunca na vida conhecera homens tão ansiosos para se despir – ou talvez sim, mas dificilmente algum que não tivesse algum motivo velado. Espiando entre os dedos, viu o último deles largar a túnica e o tartã dentro do caldeirão. Seu rosto ficou vermelho, não só por causa do calor da cozinha cheia de vapor.

Ela se julgava perfeitamente capaz de conduzir a tarefa, mas agora estava mortificada!

Claro que já vira homens despídos. Seu pai e seus irmãos tinham pouca cortesia no que lhe dizia respeito – além do mais, ela pretendia lavar Broc –, mas isso era ridículo! Ela deu uma olhada ao redor e notou que as outras mulheres presentes estavam bastante tranquilas. Mesmo que fossem – graças a Deus! – bem mais modestas, elas pareciam não ligar muito para a nudeza excessiva que as saudava.

Gemendo de horror, Page fechou os dedos e pensou nas suas opções. Poderia sair gritando dali, e parecer uma idiota. Ou poderia descobrir os olhos e terminar a tarefa que havia começado. Ela esfregou as têmporas, fingindo dor de cabeça.

Iain não sabia se a beijava até desmaiar ou se dava um tapinha naquele traseiro maravilhoso.

Sentiu a falta dela. Sentiu uma falta como jamais julgou possível sentir daquele rosto bonito nas poucas horas desde que a deixou dormindo tão confortavelmente em sua cama.

Agora ele estava parado na entrada da cozinha, as mãos apoiadas em cada uma das laterais da porta, simplesmente olhando lá dentro.

No final do cômodo estavam seus homens desmiolados, tagarelando feito um bando de velhas junto de um caldeirão fumegante – todos tão nus quanto no dia em que saíram da barriga das mães! Por Deus! Claro que não acreditava em falsas modéstias, e seus homens nunca foram muito discretos, mas isso era ridículo! Bastava deixá-la sozinha por uns cinco minutos para ter que se deparar com todos eles despídos todas as vezes? Se ela não estivesse tão envergonhada com o grupo, poderia até pensar que era algo deliberado da parte dela, pois não se lembrava de alguma vez ter visto seus homens tão ansiosos para pavonear por aí sem roupa.

Só depois de alguns minutos de perplexidade conseguiu compreender o propósito daquele antro de caldeirões. Sua primeira pista foi uma Sininho completamente encharcada – com seu filho e o jovem Keith fazendo uma diligente busca pelo pelo molhado. A pista seguinte foi o fedor de lixívia, e o caldeirão fervilhante de lã encardida. A última foi o grito animado de seu filho – Uma pulga!

Uma pulga! Peguei uma! – quando estendeu os dedos em pinça para a ávida inspeção de Keith.

— Não vejo pulga nenhuma! — retrucou Keith.

Iain não sabia se ficava orgulhoso com a preocupação dela pelo bem-estar de sua gente, ou furioso com a insensatez de se colocar num cômodo cheio de homens pelados e lascivos. Cristo! Como queria mergulhar todos eles naquele caldeirão fumegante junto com as roupas!

Manteve o olhar em Page enquanto esperava para ver o que ela faria.

Até perceber o traseiro pelado de Broc rumar na direção dela. Naquele momento, qualquer pensamento cordial pelo gesto caridoso desapareceu completamente. Com um rosnado descontente, ele saiu da porta e adentrou a cozinha em fúria. Ao notá-lo, Broc parou onde estava. A cozinha ficou em silêncio. Page, no entanto, estava alheia à presença dele, pois os olhos ainda estavam cobertos quando Iain a agarrou pelo braço.

Ela gritou de susto quando ele a puxou, arrastando-a pela cozinha.

— Espere! — protestou. — Ainda não terminei!

— Ah, terminou sim! — afirmou Iain.

— Mas tenho que dar banho no Broc! — anunciou, mesmo sem lutar.

— Ah, não mesmo — retrucou ele.

— As pulgas! — protestou Page, tropeçando atrás dele.

—O que tem elas? — perguntou Iain, sem hesitar nas passadas largas. — Ah, o rapaz já toma banho faz vinte e quatro anos, acho que sabe se virar sem você!

Ele a levou para fora da cozinha, deixando quem estava lá para trás, olhando e rindo.

O sorriso de Lagan sumiu no instante em que ele passaram pela porta.

— Apaixonados de uma figa! — murmurou para Glenna.

O sorriso de Glenna sumiu também quando ela se virou para encarar o menino que criara desde o nascimento.

— Lagan — repreendeu ela, a voz aflita. — Não pode ficar feliz por ele pelo menos dessa vez? Não vê que ele já sofreu o bastante?

Os olhos de Lagan brilharam de ressentimento.

— E quanto a mim? Será que já não sofri o bastante também?

— Lagan — interveio ela. — Ele é seu...

— Nós dois sabemos o que ele é meu, mãe — zombou ele.

— Ah, Lagan, será que não te amei o bastante? — Ele a encarou, indiferente com a pergunta, e Glenna baixou os olhos. — Pelo menos lembre que ele é seu lorde, então não fale assim dele.

— Meu irmão, meu lorde — murmurou ele ao ouvido dela, zombando. — Não dou a mínima. Por acaso já recebi alguma coisa dele? — perguntou, rangendo os dentes.

— Tudo o que ele pôde lhe dar — respondeu ela.

— A única coisa que eu sempre quis era o direito de chorar pela minha mãe.

— Não pode, Lagan! Ele não sabe.

— E, claro, como sempre, devemos nos preocupar com ele, certo?

— Foi o desejo do antigo lorde — lembrou-lhe Glenna.

— E quanto aos desejos do meu pai? Ninguém pensou nisso? O desgraçado o matou só porque minha mãe ousou amá-lo.

— Foi um acidente, Lagan.

— Como pode defendê-lo? — retrucou Lagan com raiva.

Glenna sacudiu a cabeça.

— Ele foi tão prejudicado com a morte de Dougal MacLean quando qualquer um. A raiva do velho lorde o levou a isso. Como não perdoar?

— Ah, mas ele renegou o filho da sua própria irmã, sua carne e sangue. Eu.

Glenna baixou a cabeça.

— Eu lhe dei tudo, Lagan. Nunca lhe faltou nada.

— Eu queria abundância. Você que foi cega demais para não enxergar.

Ela sacudiu a cabeça, lamentando.

— Não devia ter lhe contado nada, Lagan.

— Ah, mas contou — retrucou ele com amargura, os olhos estreitando de raiva. — E Deus é minha testemunha de que consertarei as coisas.

Ela o encarou de imediato, examinando.

— O que fará, Lagan? Não faça nenhuma tolice — repreendeu ela, os olhos cheios de preocupação.

— Só quero que a justiça seja feita — sibilou ele, e foi-se embora, resmungando.

Parecia que os problemas a acompanhavam aonde quer que fosse.

Jurando manter-se longe de qualquer provocação, Page decidiu ficar dentro dos aposentos de Iain no dia seguinte.

A ideia de renovar o quarto veio no meio da noite. Ela acordou pela manhã com uma missão, esperando concluir a tarefa antes do retorno de Iain. Esperou que ele fosse embora para chamar Glenna em seu auxílio novamente – e Broc também. Ela começou levando para cima os baldes para fazer a limpeza. Feito isso, esfregou o chão com obstinação, limpando até não existir mais nenhum sinal de poeira ou terra. E quando terminou o chão, passou para as paredes, esfregando até a pedra ficar livre de fuligem e sujeira.

Glenna se ocupou com a lavagem das roupas de cama.

Havia pouco que Page pudesse fazer para alegrar o aposento, pois Iain parecia ter poucos luxos. Por mais que procurasse, não havia nada que pudesse colocar no chão ou nas paredes; nenhuma tapeçaria para acrescentar cor, nenhum tapete para afastar o frio que parecia permear o quarto e permanecer sempre presente – apesar do sol brilhando forte lá fora.

Havia, no entanto, uma coisa que ela percebeu que ajudaria muitíssimo, então Page rumou para a janela tapada, decidida a deixar a luz do sol entrar. O sol, ela tinha certeza, faria maravilhas transformando a atmosfera de cárcere em algo um tanto mais alegre.

As tábuas de madeira que fechavam a janela eram pesadas e brutas, estava claro que não foram feitas para decoração. Dispostas em ângulos estranhos umas sobre as outras, davam a impressão de que foram colocadas às pressas, como se a intenção de as manter ali não fosse permanente. Page decidiu que já estava mais do que na hora de retirá-las e começou a brigar com a ripa mais baixa. Ela lutou com tábua por um instante antes de perceber que precisaria de ajuda.

— Broc! — chamou. Não teve resposta. — Broc?

Ela se virou e viu que ele tinha sumido do quarto. Perplexa com o súbito desaparecimento, Page se deparou com Glenna paralisada no outro lado do quarto, aparentemente com uma expressão de quase horror no rosto, apertando nos braços uma trouxa de roupa de cama limpa.

— Aonde ele foi? — perguntou Page. — Preciso de ajuda para abrir a janela.

— Ah, querida! — murmurou Glenna com certo frenesi. — Acho melhor não! — Ela espiou a porta aberta, como se de repente temesse que alguém pudesse surpreendê-las ali

Page piscou.

— Por quê? Não entendi — disse, confusa com a expressão séria no rosto da mulher. — Existe alguma razão para essa janela permanecer fechada?

— Sim... bem, sim! — gaguejou Glenna, trocando o peso entre um pé e o outro, parecendo desconfortável.

Page ergueu a sobrancelha diante de tamanha hesitação antes de uma resposta tão enérgica.

— Por quê?

— Ah, mas é que ela é muito alta! — desconversou Glenna.

Era uma explicação muito ruim, e Page franziu a testa tentando compreender aquela a lógica.

— É pelo bem do Malcom! — acrescentou Glenna, largando os lençóis sobre a cama. — Foi fechada para que ele ficasse seguro!

Page assentiu, compreendendo.

— Ah, entendi! Quando ele era mais novo?

— Sim! — exclamou Glenna, parecendo aliviada.

Page franziu a testa novamente.

— Mas ele está mais velho — refletiu, voltando a atenção para a janela, olhando-a especulativamente. — Não vejo mal nenhum em tirar as tábuas agora. Isso aqui parece uma prisão!

Ela forçou as ripas novamente – cada uma delas, mesmo tendo que subir no peitoril para alcançar as tábuas mais altas. A ripa superior se soltou, só um pouquinho, mas o bastante para que ela pudesse enfiar os dedos por baixo e segurá-la. Usando seu peso como alavanca, ela a arrancou. Para não perder o equilíbrio, Page largou a tábua. Ela aterrissou no chão com um barulho tremendo.

Um facho brilhante de luz do sol invadiu o quarto.

— Esplêndido! — exclamou. — O chão e as paredes secarão melhor com o sol!

Ela se virou para ver a reação de Glenna e descobriu que a mulher havia desaparecido também. Ela franziu a testa, pois nem percebera a saída de Glenna. Page deu de ombros, achando estranha a reação de Glenna com a janela, mas não deixaria que isso a impedisse. Sabia que assim que eles vissem a melhoria no quarto, concordariam sinceramente que era a coisa certa a ser feita.

Sem demora, Page começou a trabalhar na abertura da janela, removendo a barreira sombria tábua a tábua.

Iain estava consertando o cercado de pedra que mantinha o gado preso quando Broc o encontrou. Gaguejando de maneira ininteligível sobre o chão limpo e a abertura da janela da torre, insistia para que Iain se apressasse. Apreensivo com a circunstância medonha que havia reduzido Broc a balbuciar disparates sem sentido, não perdeu tempo decifrando a mensagem enigmática. Só quando Glenna o interpelou a caminho da torre foi que ele compreendeu direito o que Broc estava tentando dizer, daí subiu os degraus de dois em dois na pressa de alcançar Page.

Tarde demais.

Ele chegou à entrada do aposento e congelou diante da visão que o recebeu.

O quarto estava cheio de luz. A brilhante luz branca do sol inundava cada canto e revestia o piso de madeira feito um manto dourado.

No espaço de um instante, ele voltou no tempo.

Ela estava parada olhando pela janela, envolta pela luz do sol, que tocava seu cabelo e o deixava acobreado. Iain deu um passo dentro do quarto e sentiu como que se entrasse num inferno... O pesadelo era real novamente.

O suor brotou na testa dele e no lábio superior.

Ela não se virou, e ele não encontrava voz para falar.

Feito um belo fantasma do passado, lá estava Page, olhando para o penhasco abaixo da torre, o vento soprando e agitando o cabelo solto. O cabelo flutuou nas costas de Page, que se debruçou para sentir a brisa.

Iain prendeu a respiração e sentiu o coração disparar. Em sua mente, ele só via Mairi parada ali. Embora estivesse de mãos vazias, sentiu novamente o peso do filho recém-nascido nos braços e o ardor das lágrimas nos olhos.

Aquela manhã... começou do mesmo jeito.

Não podia estar acontecendo de novo.

Ele não permitiria.

Page nunca vira uma paisagem tão gloriosa quando a que contemplava agora.

Nunca na vida conheceu uma vista tão estonteante. Com a vantagem da altura, era possível ver com clareza o lago abaixo dos rochedos salientes. Do chão, tudo o que se via era o aclive suave da colina. Teria jurado que a colina continuava sua inclinação gentil do outro lado do cume também.

Não poderia estar mais enganada.

O vento que rugia em seus ouvidos e o sol que iluminava seu rosto era como a mão de Deus aquecendo suas feições enregeladas pelo vento. Permaneceu ali maravilhada, admirando o brilho azul que se estendia entre um rochedo e o outro. Ah, como cada sensação ali era penetrante – a vivacidade do ar, o calor dos raios de sol, a carícia do vento.

Não entendia por que a janela estava fechada. Era vergonhoso ignorar algo tão incrivelmente belo quanto aquela vista. A explicação de Glenna foi bem razoável... quando se parava para pensar nos perigos que uma criança pequena corria, mas Page duvidava que consideraria uma coisa dessas. Bom, ela não era mãe nem pai, e provavelmente nunca teria que proteger um filho seu.

Senhor! Até a brisa era mais doce com o perfume das urzes selvagens!

Instintivamente, debruçou-se para sentir o perfume fugaz, aspirando-o bem fundo com seus ávidos pulmões.

— Não!

A ordem ameaçadora a assustou.

Page girou, a mão voando ao peito, deparando-se com Iain parado no quarto. Ela nem ouviu a aproximação dele.

— Você me assustou! — acusou ela.

— Afaste-se dessa janela! — Ele se aproximou dela, os olhos estreitados em fúria. — Agora!

Page deu um passo para trás, alarmada com a expressão decidida e o ar vidrado dos olhos de Iain. Ele a encarava como se não a reconhecesse direito.

— Mandei se afastar dessa maldita janela!

Avançou nela de repente, antes que Page pudesse dar outro passo para trás, e a agarrou com violência pelo braço. Virou-se, arrastando-a pelo aposento.

Alarmada, Page tentou se desvencilhar. Nunca tinha visto Iain tão enfurecido, tão transloucado! O dourado de seus olhos tremeluzia com a intensidade da raiva, chamas ardentes. A transformação nele era assustadora.

— Está me machucando! — protestou Page, fazendo careta.

Mas ele não parecia ouvi-la.

Ele a arrastou, atirou-a de qualquer jeito sobre a cama. Page tombou, desorientada, mas nem ousou recuperar o fôlego. Correu para o lado oposto da cama e virou-se para encará-lo, observando-o com cautela.

— Quem disse que você podia abrir essa maldita janela?

Page sacudiu a cabeça, incapaz de falar. Não conhecia esse lado dele. Iain nunca olhou para ela com tanta crueldade ou falou com tanta violência. Não conseguia entender o que havia feito para

provocá-lo de maneira tão extrema – não depois de ter tentado fazer isso tantas vezes durante a viagem e nunca ter conseguido nem abalar o humor dele! A verdade é que com Iain sempre correu o risco de inspirar risadas em vez de fúria!

Refletindo que ele não estava lúcido naquele instante, alegou:

— Sinto muito. Eu... Eu não sabia... Não percebi... Iain?

Por mais estranho que fosse, mesmo sabendo até que ponto chegava a ira de seu pai, ela sempre se manteve firme diante dele. Com Iain, que certamente nunca a machucaria – jamais! –, ela sentia a necessidade de se reconciliar.

Mesmo assim, não se aproximaria dele enquanto a nuvem de raiva não desaparecesse daqueles olhos!

Foi a expressão no rosto dela que fez Iain se recobrar.

Ela se agachou na cama, os olhos observando-o com o mesmo ar de intensa cautela daquela noite em que se viram pela primeira vez. O que ele via ali era prudência, não era ódio.

Não era repulsa.

Ele piscou, concentrando-se.

Cristo! Não era Mairi na janela... não era Mairi gritando com ele do outro lado da cama.

Mesmo assim, foi inevitável tremer com a expressão dos olhos dela. Com a fúria cega em seu coração. Iain manteve as emoções enterradas por muitos anos. Não era apenas raiva o que sentia por Mairi ter abandonado o filho – ele a desprezava! Não querendo trair suas emoções, Iain virou de costas para Page e sentou na cama, o corpo tenso e trêmulo de repressão.

Ficou sentado ali pelo que parecia ser uma eternidade, olhando para a janela aberta.

O céu azul estendia-se até onde os olhos podiam ver.

Malcom completaria seu sétimo inverno em breve.

Ele olhou ao redor, vendo o quarto pela primeira vez em muitos anos... Ele sempre detestou aquele quarto. Antes mesmo de Mairi... Iain era acometido pelos sonhos. A morte dela apenas os intensificou.

Só que, naquele momento... havia algo de diferente nele... algo brilhante e vivo. Já tinha visto o quarto assim antes... mas a diferença agora... era a presença da mulher às suas costas.

Ele se assustou quando sentiu o toque delicado em seu ombro. Prendeu a respiração, mas não quis olhar para ela.

Cristo, não sabia o que dizer.

Page provavelmente o achava um louco.

E dificilmente a culparia por isso.

Page se aproximou com cautela, colocou a mão no ombro de Iain e ofegou quando ele se assustou. Ele não se virou, parecia descomposto, mas ela queria muito ajudá-lo a aliviar seus fardos... assim como ele havia feito tantas vezes com ela.

Vendo-o fitar tão atentamente a janela, Page percebeu então que os rumores sobre a esposa dele eram verdadeiros.

E estava mais do que evidente na expressão de Iain, pela maneira como reagiu à janela aberta, que a lembrança ainda o machucava. Ela não havia ligado as coisas: a janela fechada e a morte da esposa.

Page engoliu em seco, reuniu coragem e levou à mão ao rosto dele.

Seu coração pulou quando ele se recostou, deixando que ela o confortasse. Page prendeu a respiração quando Iain se virou para ela de repente.

Seus olhos dourados estavam cheios de dor.

— É verdade, então? Sua esposa...

Ele ficou por um longo instante sem dizer nada. Afastou o rosto da mão dela, sentou-se rígido.

— O quê? — perguntou, o sussurro soando aflito. — Se é verdade que eu a matei? Que a empurrei da janela?

— Não! — retrucou Page sem hesitar. Ela sacudiu a cabeça com veemência. — Nunca pensei uma coisa dessas!

Ele fechou os olhos e trincou o queixo.

— Ela se matou. — A voz ficou entrecortada. — Pulou... daquela janela. — Ele se virou para a grande abertura desobstruída, apontando com a cabeça.

Page sentiu uma vontade enorme de abraça-lo naquele instante. E cedeu à vontade, com o coração acelerado...

Pela primeira vez na vida, ela não se preocupou com a rejeição... com sua própria alma surrada. Passou os braços ao redor do homem que amava. Apesar de ficar rígido com a demonstração inesperada de compaixão, ele a aceitou.

Ficaram assim por longo tempo.

— Era como se ela preferisse a morte... a mim — admitiu ele baixinho, abalado. — Suas últimas palavras foram... Eu quero que você saiba... a ideia de você me tocar de novo fez isso... Você me matou, Iain.

Os olhos de Page arderam de lágrimas pela dor que ele sofreu nas mãos dela.

— Ainda escuto essas palavras nos meus sonhos.

Iain estremeceu com a confissão, e o coração dela inchou de emoção.

— Eu entendo — murmurou ela. — Entendo mesmo.

Durante todo aquele tempo, ela nunca imaginou que ele poderia estar sofrendo como ela – ele que era sempre bem-humorado e tranquilo. Ela sabia o que era ser desprezado, rejeitado.

Os dois eram iguais.

Iain olhou para ela, e seus olhos se enrugaram nos cantos.

— Sim — disse ele. — Eu sei que sabe, moça.

Não desta vez. Não deixaria que ele a distraísse — dessa vez, o foco seria ele.

— Sou teimosa e astuta — avisou a ele. — Não se preocupe comigo. — E sorriu de mansinho, sabendo pela primeira vez na vida que isso era uma certeza.

Iain deu um sorriso desanimado, um mero movimento dos lábios.

Page queria amá-lo, queria acalentá-lo — queria que ele soubesse que ela muito mais do que gostava de seu toque, que ela o ansiava intensamente! E naquele instante, soube que o amava de verdade. Tinha que ser amor, pois ela não temia oferecer tudo o que poderia lhe dar — mesmo que ele tivesse o poder de feri-la como nenhum outro. Se ele a rejeitasse, ela sabia que jamais se recuperaria.

Mesmo assim... sem se importar como ele reagiria à sua ousadia... curvou-se para tocar o queixo barbado com seus lábios.

Ela o beijou com suavidade, mas com toda a emoção que tinha dentro do peito.

Queria que ele a apreciasse, queria que fizesse amor com ela, queria abraçá-lo assim pelo resto dos seus dias.

Ele gemeu, um som gutural, baixo e atormentado, e Page sentiu o próprio corpo reagir em resposta.

— *Ach, mo cridhe... nighean mo ruin* — murmurou ele com ardor, tomando o rosto dela nas mãos calejadas. Iain fechou os olhos e beijou os lábios dela com uma doçura inebriante que lhe roubou o fôlego.

Estremecendo quando ele a deitou na cama e a cobriu com o próprio corpo, Page ousou fingir que aquelas palavras estranhas significavam "Eu te amo".

Fazia muito tempo que Iain não via o sol se pôr da janela do quarto.

Mais tempo ainda que não fazia amor sob o rosado de sua luz minguante. Havia esquecido o quanto isso podia ser doce. Mais do que isso, ele jamais conhecera o contentamento que era possível existir no encontro entre dois corpos.

Sim, havia vivido momentos de satisfação depois do ato de amor... a sensação física da serenidade. Ele se deleitava com aqueles prazeres feito um cão preguiçoso no calor do sol do meio-dia. Mas jamais imaginou que existisse esse plano dentro da alma em si.

Exausta depois do dia de trabalho no quarto dele, e do momento de amor, Page dormia profundamente ao lado dele. Iain mal podia conter suas mãos. Acariciava o cabelo dela com reverência, maravilhado por ela dormir com tanta tranquilidade. Traçou os contornos do corpo dela com as mãos, temendo acordá-la com seu toque, mas ao mesmo tempo incapaz de não apreciar a beleza de sua forma. As pernas longas e esguias estavam enroscadas nos lençóis. O cabelo acobreado derramava-se pelas costas.

Feito uma ninfa selvagem da floresta, ela estava despida ao seu lado, nua e inteiramente exposta aos seus olhos – até mesmo o coração estava à mostra naquele instante. Percebia até mesmo a alma dela, era mais linda do que o imaginável. Feito um escultor despindo uma criação guardada há muito tempo, Page teve a coragem de se revelar para ele com aquele ato de amor, e o coração dele se encheu até quase transbordar de emoção.

Emoções que não conseguia bem definir, tão embaralhadas estavam naquela confusão que era seu coração.

Mas ainda assim eram significantes, pois nunca na vida ele sentiu tamanha sensação de vínculo. Cristo! Se pudesse ficar junto dela... do jeito que estava naquele instante... pelo resto das suas vidas... Iain achava que conseguiria.

E quando as batidas soaram na porta, ele não sentiu a mínima vontade de responder. Ficou deitado ali, praguejando em silêncio e desejando que o intruso fosse embora. O chamado veio de novo, e ele rosnou de desgosto. Puxando os lençóis para cobrir Page de olhos ávidos, levantou-se e saiu da cama o maior cuidado possível, deixando-a dormir enquanto atendia a porta.

— Broc — disse, franzindo o cenho ao abrir a porta e se deparar com o rapaz. Mesmo nu, ficou na porta barrando a visão do quarto.

— Lorde! — disse Broc, parecendo subitamente encabulado. — Perdão, mas ah! Parece que meu dever hoje é ser o portador de notícias ruins.

Iain espiou por cima do ombro para a mulher dormindo em sua cama e suspirou.

— O que foi agora? — perguntou, voltando a prestar atenção no ruborizado rosto de Broc.

— Bom, é a Glenna...

— O que tem ela? — perguntou Iain.

— Bom — repetiu ele, inquieto com o olhar impaciente de Iain.
— Ela não apareceu na refeição da noite... Fomos saber o motivo... mas ela não quis sair da casa dela.

Iain retorceu o rosto.

— Por Deus, rapaz! — Não era do feitio de Glenna, mas ela certamente merecia um momento de paz. Bastava ver o quanto Page estava cansada para saber que Glenna provavelmente estava do mesmo jeito. — Você já é homem feito — advertiu. — Não acha que ela...

— Ela está chorando — interrompeu Broc, antes que Iain continuasse a reprimenda.

— Chorando?

Broc assentiu.

— Bem alto. Dá para ouvir claramente da porta. Ela disse que não quer falar com ninguém, e não quis abrir a porta.

— Onde está Lagan?

Broc deu de ombros.

— Procuramos por toda a parte, mas isso nem importa porque ela também disse que não quer vê-lo.

Iain tinha certeza de que sua surpresa estava manifesta em seu rosto.

— Ela não quer ver o filho?

Broc sacudiu a cabeça.

— Não é do feitio dela, eu sei...

Iain franziu a testa.

— Não — concordou ele, deliberando os fatos. Não era nada normal. Glenna nunca foi dada a rompantes. Não em todos aqueles anos de sua vida. — Então vá. Estarei logo lá.

— Sim — disse Broc, virando-se para partir.

— Mas não diga que estou indo — avisou Iain.

A última coisa que queria era que sua robusta tia se preparasse para encará-lo, colocando de lado os lamentos e as preocupações. Se alguma coisa a atormentava, ele descobriria. Afinal, Glenna sempre esteve ao lado dele, era o mínimo que podia fazer por ela.

Só ficou se perguntando por que ela não queria ver o filho. Pensando nisso, lembrou que Lagan andava agindo de modo estranho também, mas Iain atribuiu o fato à discussão com o velho MacLean e também à morte de Ranald. Porém, o primo se portou de maneira muito ausente depois da descoberta do corpo – nem se ofereceu para carregar o amigo de longa data na viagem para casa.

Se Iain não estivesse tão preocupado em descobrir o traidor, talvez tivesse notado isso antes. Mas se algo estranho estava acontecendo, ele consertaria as coisas de imediato.

Antes tarde do que nunca.

O TEMPO agora era o seu inimigo.

Sua última chance de apresentou, e ele sabia que devia aproveitar.

A noite chegaria logo e, sabendo que Malcom nunca desobedeceria ao pai indo até o Penhasco dos Amantes sozinho no cair da noite, foi obrigado a mentir para o menino, dizendo que Iain aguardava por ele no topo do penhasco. O menino se foi sem fazer perguntas.

Mas Malcom não ficaria lá por muito tempo quando descobrisse que o pai não estava lá. Assim que a luz começasse a diminuir, ele voltaria correndo na maior velocidade que suas perninhas permitissem.

Sim, precisaria planejar com cuidado... para que tudo acontecesse como devia.

Não era sua intenção manchar as mãos de sangue naquela noite, mas ficou observando... e aguardando.

Era uma boa coisa Broc ter conseguido, finalmente, afastar Iain da vadia inglesa.

A história que ele contaria estava bem clara em sua mente. Como essa era a primeira vez que Iain a deixava completamente desacompanhada, a inglesa naturalmente achou que era um bom momento para escapar. E logicamente levou o menino consigo para agradar ao pai.

Foi uma pena ela não ter percebido que o penhasco terminava de maneira abrupta.

E claro que estava escuro demais para que ela percebesse, até que ela e Malcom já tivessem caído do penhasco nas rochas lá embaixo.

Uma pena mesmo...

Claro, ele sabia que a realidade dificilmente seria assim tão simples. Sabia muito bem que precisaria se valer de certa... persuasão... para levar a mulher até o penhasco.

Malcom seria uma questão completamente diferente. O pirralho lhe daria poucos problemas. Ele simplesmente o levantaria pelos bracinhos gorduchos e o atiraria lá de cima.

Tal pensamento o fez sorrir – não que se importasse particularmente com os gritos do menino, claro, ou em ouvi-lo sofrer e implorar. Já estava mais do que cansado de olhar para aquele rostinho endiabrado.

Ah! E que desgraça seria... quando Iain encontrasse os dois corpos quebrados juntos lá embaixo nas rochas... a mulher que ele amava – mais uma vez – e seu amado filho...

O mais provável seria que Iain se considerasse incapaz de lidar com a perda. Essa era a sua esperança. Afinal... que homem

suportaria perder duas mulheres – as duas fugindo dele – e também seu único filho?

No fim, não seria perfeitamente compreensível se ele encontrasse o mesmo trágico destino?

A justiça seria feita de maneira poética!

Mas se Iain não acabasse logo com a própria vida, Lagan certamente encontraria um jeito de abreviá-la.

E com isso em mente, ele apressou o passo, sentindo uma onda de empolgação pelo confronto que estava por vir. Não sabia quanto tempo Iain ficaria longe do quarto ou para onde tinha ido – também não pretendia se demorar para que ninguém o visse se esgueirando pela escadaria da torre. Lagan as subiu depressa, os passos ágeis e cheios de propósito. A luz dentro da torre havia diminuído com o crepúsculo e, mesmo notando a ausência das tochas acesas, ele não perdeu tempo imaginando por que Glenna havia se demorado para acendê-las naquela noite.

Qualquer que fosse a razão, estava funcionando a seu favor.

A espera finalmente acabara, e Lagan finalmente faria justiça – pelo pai que nunca conheceu, pela mãe que nunca reclamou e pelo irmão que nunca reconheceu a verdade que havia entre eles!

PAGE NÃO SABIA DIREITO o que a acordou – algum som –, mas abriu os olhos e deparou-se com um cômodo tomado pelas sombras cinzentas do crepúsculo. Saciada depois dos esforços da tarde, ela se esticou preguiçosamente e se virou, ficando com um grito preso na garganta. Assustada, ela se sentou na cama, puxando os lençóis para se cobrir.

A sombra avançou, revelando-se.

— Não sabia se devia acordá-la ou não.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Page.

— É o menino — disse Lagan. — Malcom. Eu não a incomodaria, moça, se ele não estivesse tão agoniado.

— Malcom? — Ela franziu a testa. Apesar do que pudesse sentir por Lagan, ela deixou de lado pelo bem de Malcom. — O que foi? O que aconteceu?

Lagan ficou em silêncio por um momento, a expressão séria, e o coração de Page começou a bater com medo. — O que foi? O olhar dela examinou o quarto. — Onde está Iain?

— Veja bem... — Lagan se ajoelhou ao lado da cama, espiando rapidamente a porta ao fazê-lo. E quando voltou a olhar para Page, parecia repleto de preocupação. — Não posso contar ao pai dele... É o que o pai dele mais temia.

Page franziu a testa.

— Não estou entendendo.

— Veja bem... — Ele olhou a janela de relance. Sob a luz minguante, o rosto parecia pálido de desespero. — Ele ouviu o pai gritando com você, moça... e ficou com medo de que tivesse acontecido de novo.

— O que teria acontecido de novo? — perguntou ela, acompanhando o olhar dele até a janela novamente. Page ergueu as sobrancelhas quando compreendeu e voltou a encarar Lagan. — Ele não pode acreditar que o pai...

— Ah, moça, mas ele acredita!

— Não! — exclamou Page consternada. — Como ele poderia pensar uma coisa dessas?

A boca de Lagan se contorceu numa careta. Ele baixou o olhar para o chão.

— Os segredos se revelam à sua própria maneira.

Algo no tom de voz dele provocou em Page um tremor na espinha.

— Sim — concordou ela, apertando as cobertas com força contra o peito.

— Se ele pudesse vê-la... então ele saberia que não precisa ter medo. Vem comigo?

— Claro — garantiu Page. — Onde ele está?

— Ele correu lá para o penhasco.

O olhar dela procurou a janela. O céu rosado estava rapidamente se transformando em sombras violeta e acinzentadas.

— Eu vou — aceitou Page. — Só me dê um momento para me vestir.

— É claro — disse ele, ficando de pé. Mas não saiu, nem virou de costas. Ficou olhando para o lençol que ela apertava no peito, e o rosto de Page ardeu diante daquele exame.

— Sozinha, por favor.

— Mas não se importa quando Iain olha, não é? — retrucou ele, parecendo liberar sua raiva. — Pois bem, estarei esperando na porta — venha rápido — insistiu. — Está escurecendo, e eu não quero que Malcom se machuque.

— Nem eu — garantiu Page, estremecendo com aquela aguda oscilação de humor. Esperou ele sair e fechar a porta, só então saiu da cama para se vestir.

Era evidente que Lagan não gostava dela — e pareceu gostar menos ainda de vê-la na cama de Iain. Mas era um desgosto mútuo, pois ela também não ligava para ele. Mas isso não interessava agora, pois Malcom era o que importava no momento. Ela faria qualquer coisa pelo filho de Iain, e suportar a companhia de Lagan parecia ser um preço pequeno para retribuir tudo o que Iain fizera por ela.

Era com certeza o mínimo que ela poderia fazer.

AO ENTRAR NA PEQUENA CASA, Iain encontrou o cômodo escuro por causa das sombras crescentes, sem nenhuma vela acesa.

Glenna estava curvada sobre a mesa, chorando desconsoladamente sobre as mãos. Iain ficou mexido ao ver a mulher que o criou tão aflita. Ela ainda era uma mulher bonita, mesmo que o tempo e o trabalho tivessem deixado marcas em seu rosto, e ele nunca olhou para ela sem se perguntar se o rosto de sua própria mãe tinha sido tão formoso.

— Glenna — chamou baixinho.

Espantada, ela ergueu o rosto molhado de lágrimas imediatamente e foi logo secando as bochechas molhadas.

— O que foi, Iain, querido? — perguntou. — O que aconteceu?

Era típico dela colocar de lado seus próprios cuidados por aqueles que amava. Para Glenna não importava se estivesse doente, ou cansada, ou simplesmente abatida, se alguém do clã precisasse dela, ela sempre estava lá. Iain não foi muito sincero quando disse a Page que ali cada um cuidava de si mesmo, porque Glenna cuidava diligentemente de todos. De Malcom em particular. Sempre prestativa, realizava seus deveres sem nunca reclamar.

Na noite em que Malcom nasceu, ela estava doente dos pulmões, mas ainda assim ficou a noite inteira com Mairi, afastando-lhe o cabelo do rosto, molhando-lhe os lábios quando sentia sede. Ah, ela sempre achou espaço no coração para um garotinho que quisesse as saias da mãe com o mesmo desespero que um leproso tem pelo toque humano – tão faminto por atenção e compaixão humana que apreciaria até o sorriso dos lábios de um estranho. Sua própria

necessidade de atenção foi grande. A de Malcom também. E ela amou os dois como se fossem seus filhos.

Cristo, como invejava Lagan.

Iain teria dado tudo só para conhecer a voz da mãe, mas Lagan tratava a dele com módico respeito – nem quando criança deixava que ela o socorresse. Evitava o toque da mãe, como se tivesse vergonha da mulher cujas mãos limpavam seu rosto e cujos seios o alimentaram quando bebê.

— Na verdade — disse ele à tia, entrando no cômodo e fechando a porta — vim ver você.

— Não é nada — respondeu ela depressa, sacudindo a cabeça, teimando em negar a verdade.

— Estou vendo — retrucou Iain.

Ela então explodiu novamente em lágrimas, escondendo o rosto com as mãos.

— Ah, Iain!

Iain aproximou-se dela imediatamente. Ajoelhando ao seu lado, pôs o braço ao redor dos ombros robustos.

— Glenna — sussurrou. — Não deve ser tão ruim assim! Conte-me o que aconteceu. Eu ajudo a endireitar as coisas.

— Não! — lamentou ela, infeliz. — Você não pode! — Ela virou e se atirou nos braços dele. — Está feito! Ah, nada trará o passado de volta!

A confusão atrapalhou os pensamentos de Iain, roubaram-lhe qualquer resposta. Ele não entendia o que ela estava dizendo, pois parecia estar falando através de enigmas.

— O que não pode ser desfeito? — insistiu ele. Pela primeira vez na vida, parecia que sua sábia tia estava fazendo tanto sentido quanto um prelado proferindo sua doutrina. Ele afagou-lhe as

costas, consolando-a. — Conte-me, Glenna — insistiu. — Deixe-me ajudá-la. O que foi?

— Lagan! — uivou ela, chorando ainda mais em seu ombro, encharcando seu tartã. — Ele esteve aqui e nós brigamos!

— Mas por quê? — Iain perguntou. — Seja o que for, não pode ser tão terrível assim para não consertarmos juntos. Não é o que você sempre me disse, Glenna?

Ele sentiu a tia assentir em seu ombro.

— O que ele fez?

— Nada — respondeu ela baixinho, colocando-se de pé e secando o rosto com a manga da roupa. — Nada ainda — esclareceu. — Mas não sei o que ele fará. Ele está muito zangado, Iain... e odeia você! — revelou.

Iain ergueu as sobrancelhas com espanto. Caiu sentado sobre os calcanhares.

— Ele me odeia?

A expressão dela estava cheia de lamento.

— Ah, Iain, como odeia!

— Não estou entendendo.

— Ah, Iain — sussurrou ela, com desalento. — Iain, meu querido... — Ela sacudiu a cabeça e pôs a mão no ombro dele. As palavras que disse em seguida o deixaram tonto. — Lagan não é seu primo, sabe... ele não é meu filho.

— Não? — perguntou, cambaleando com o peso das palavras dela. — Só pode estar brincando.

Ela sacudiu a cabeça. Grandes lágrimas escorreram por suas faces.

A mente de Iain assimilava aquelas palavras, e o coração acreditava nelas, pois sabia que Glenna nunca falaria mentiras.

— Mas então quem? Quem ele é?

Ela estendeu a mão para tocar seu rosto, segurar seu queixo.

— Seu irmão — murmurou.

O impacto das palavras dela em sua mente não foi de perto tão atordoante quanto em seu coração.

— Impossível — exclamou ele, o rosto de contorcendo em descrença.

— Não, é verdade — retrucou ela, erguendo as sobrancelhas. — Ah, Iain, será que não vê?

Naquele momento, ele não via nada. Nada estava claro.

Ele nem conseguia pensar para falar.

— Não foi o seu nascimento que tomou a vida da sua querida mãe, mas o de Lagan, meu querido. — Ela assentiu com tristeza, os olhos se enchendo de lágrimas novamente. — Lagan é o filho da minha irmã — afirmou ela, a mão tremendo no rosto dele. — Que Deus me perdoe, Iain, mas juro pela minha alma! Ele é seu irmão, na verdade.

A crescente escuridão obscurecia a visão, mas Lagan mal diminuiu o passo, nem mesmo quando a silhueta de uma criança pequena disparou na frente deles.

— Lagan! — gritou Malcom. — Não consegui achá-lo! Não consegui! Eu procurei, mas não consegui!

— Silêncio, Malcom! — ordenou Lagan, puxando as rédeas sem qualquer cuidado diante da criança desesperada.

Estava óbvio que o menino estava apavorado, e Page de repente sentiu-se tão aflita quando ele. Seu coração deu um pulo quando o cavalo bufou e empinou em protesto, quase acertando o ombro de Malcom. Ela conteve a respiração até o animal sossegar de vez, e segurou a língua também, pois não confiava inteiramente em Lagan. Ela teria arriscado qualquer coisa pelo bem de Malcom, mas estava começando a sentir que havia algo errado.

Lagan desmontou depressa, e a inquietação de Page só aumentou quando ela o viu tirando o arco do suporte. Mas ela nem teve tempo de analisar as ações de Lagan, pois ele as deixou bem claras no mesmo instante.

— Não quero perder tempo — disse ele, apontando a arma para Malcom. — Suba no cavalo, Malcom — ordenou à criança.

A expressão que surgiu no rosto de Malcom revirou o coração de Page. Sob a escuridão do crepúsculo, ela viu o rosto dele empalidecer bem diante de seus olhos. Os inocentes olhos verdes se arregalaram em compreensão, para depois se inclinarem de tristeza como os de um velho.

— Lagan — gemeu ele com aflição. Os olhos se encheram de lágrimas.

Page começou a descer do cavalo para ir até ele, mas Lagan virou para ela e ordenou:

— Fique!

Ela congelou quando ele apontou a arma para ela – um lapso, certamente, pois ela não era nenhum guerreiro destemido! Page levou um instante para se recuperar, mas ficou bastante agradecida porque a arma não estava mais apontada para Malcom.

Reunindo sua coragem, ela aprumou as costas e ergueu o queixo.

— O que espera ganhar com isso? — perguntou com desprezo. — De que vale machucar seu próprio primo? Jesus, ele não passa de uma criança!

— Primo? — disse ele, as palavras cheias de amargura. — Não, ele é meu sobrinho! Mas eu não tive escolha quanto ao modo como ele poderia se dirigir a mim. Pois bem, eu não quero sobrinho nenhum! Ele pode ir para o inferno, que é para onde vou mandar o pai dele também!

— Eu... não estou entendendo — disse Page.

— Não tenho tempo para explicar nada! — Ele virou a arma para Malcom novamente, ignorando-a. — Suba no cavalo, pirralho.

Com o manto da escuridão quase que inteiramente estendido, Malcom estava ainda mais envolto pelas sombras, imóvel. Embora não pudesse mais ver o rosto dele com tanta clareza, Page sentiu o coração apertar diante da aflição que ele devia estar sentindo. Sabia o quanto ele devia estar apavorado. Sabia que devia estar confuso.

Sabia também que devia desviar a atenção de Lagan, pois o menino era tão incapaz de reagir às ordens dele quanto ela em todas as vezes que seu pai destruía suas ilusões. Lembrava-se apenas do torpor – um torpor frio e cinza que se infiltrava em cada canto de sua alma, tirando as cores de sua vida, um torpor que ela carregou dentro do coração até Iain MacKinnon a ensinar a sentir novamente.

E ali estava o filho dele.

Preferia morrer a deixar que Lagan destruísse os sonhos e a confiança da criança, a inocência e o zelo pela vida.

Ela foi tomada pela raiva, uma raiva profunda e purificadora.

— E por acaso o que espera ganhar com isso? — perguntou novamente a Lagan, sabendo instintivamente que não deveria enfrentá-lo sem compreender a batalha que estava travando. Ela sabia o motivo, mas não sabia quais eram as intenções dele. — É óbvio que todos descobrirão o que você fez... caso algo de ruim aconteça a Malcom através de suas mãos.

— Não através das minhas mãos! — garantiu ele, bufando com desdém. — Das suas!

— Não! — contrapôs Page — Eu não levantarei um dedo contra ele! Você nunca me obrigará! Atire sua flecha onde quiser, mas não erguerei uma mão contra essa criança, nem contra qualquer pessoa! Suje suas próprias mãos!

— Acho que não! — Com uma gargalhada nojenta, ele se voltou para Malcom. — Suba no cavalo, Malcom.

Malcom se moveu com incerteza dessa vez, e o olhar de Page examinava o horizonte escuro em pânico, tentando discernir as intenções de Lagan. Ele queria que Malcom subisse no cavalo. Por quê? Não havia nada de discernível mais adiante. A colina tinha uma subida tão íngreme que não era possível ver o que havia por trás do pico...

Ela prendeu a respiração e sentiu o coração pular, pois de repente compreendeu.

O olhar de Lagan acompanhou o dela.

— Moça astuta — afirmou ele. — É uma pena que não tenha percebido antes... senão nunca teria escolhido essa rota de fuga.

A mente dela tentava achar um jeito de retardá-lo. Qualquer coisa que lhes desse tempo.

— E quanto a Malcom? Por que eu levaria ele?

— Para agradar seu pai, claro — disse ele com doçura, antes de se virar e gritar para Malcom. — Eu mandei subir no cavalo, ande logo!

— Não, Malcom! — exclamou Page. — Não se aproxime!

Pressentiu, mais do que viu, que Malcom a obedeceu.

Embora Lagan estivesse com o arco apontado para ela novamente, Page desceu do cavalo, ousando desafiá-lo. A verdade é que seu pai sempre disse que ela era uma desmiolada, mas estava contente por isso agora, pois sabia instintivamente que a submissão só serviria para encontrassem os corpos dos dois no fundo do penhasco na manhã seguinte.

Page mal podia ver as feições de Lagan, exceto pelos olhos, que eram abertamente maliciosos. A noite foi se tornando mais escura no longo momento em que ficaram encarando um ao outro. O coração dela batia com tanta força que ela temeu tamanha intensidade.

— Volte agora para o cavalo! — rosnou Lagan.

Mesmo sabendo que ele não conseguia vê-la, Page ficou parada no lugar e ergueu o queixo.

— Não! — recusou ela, engolindo em seco desesperadamente. — Não volto!

Ele virou a arma para Malcom e a encarou ao ordenar:

— Volte agora para o cavalo!

Page respirou fundo. O coração batia rápido, mas ela repetiu:

— Não! Se quer nos matar, faça isso você mesmo! Não ajudarei você nessa empreitada! — Ela se voltou para Malcom e lamentou a escuridão porque não podia mais ver o rosto dele, nem mesmo sua silhueta escura, pois o menino estava parado longe dela. E Lagan estava entre os dois.

— Malcom? — chamou.

A resposta dele foi um murmúrio quase indiscernível. Ela sabia que ele estava com medo. Mas sabia que ele era uma criança corajosa. Sabia disso porque ele havia suportado as arengas do pai dela sem uma única lágrima ou uma única lamúria. Apesar dos interrogatórios infinitos de seu pai – que sempre lhe arrancavam lágrimas quando criança –, o menino ficou de boca fechada. Ele provou ser filho de seu pai, sem tirar nem pôr. Não estava surrado e destruído, como ela pensou a princípio, pois seu silêncio não foi resultado da fraqueza, mas da força.

— Malcom — perguntou ela, o coração parecendo um trovão em seus ouvidos —, você confia em mim?

— S-Sim — foi a resposta baixa e hesitante.

— Deite-se no chão! — ordenou. — Deite-se no chão e não levante! Entendeu?

— Sim — respondeu ele, e Page tentou enxergá-lo na escuridão. Ela rezou para que ele a obedecesse.

Lagan se voltou para ela.

— Não sei o que espera conseguir com isso! — disse ele. — Ah! É só questão de o atirar lá embaixo depois que eu terminar com você!

— É? — provocou Page.

O atrevimento lhe garantiu muita coisa na vida. E ela sentia que aquele era um momento em que precisaria da vantagem que isso lhe garantiria. Mesmo sabendo onde aquilo a levaria, Page ficou de costas para a ribanceira. Sabia que ela estava ali, sabia que Lagan sabia que a ribanceira estava ali. Só esperava que isso não fosse óbvio para Lagan, esperava que ele tivesse a brilhante ideia de guiá-la para o penhasco. Rezando com todas as forças para estar fazendo a coisa certa – pelo menos pelo bem de Malcom –, Page deu um passo atrás, esperando que Lagan inconscientemente seguisse a deixa. Se ele a seguisse, isso colocaria uma abençoada distância entre ele e Malcom. E isso, no fim das contas, era o seu primeiro objetivo – ver Malcom a salvo.

Page ficou sem saber se gritava de medo ou suspirava de alívio quando Lagan reagiu dando um passo na direção dela. Ela fez o sinal da cruz, e começou a rezar alto.

— Santa Maria, Mãe de Deus — murmurou ela. — Rogai por nós pecadores... — Ela deu outro passo para trás, e gritou de verdade quando Lagan deu outro passo na direção dela. — Agora e na hora da nossa morte — entoou.

Seu coração batia violentamente.

Lagan apenas riu, e continuou a guiá-la na direção do penhasco.

— É bem típico dos ingleses — zombou. — Rezar para Deus quando não conseguem enfrentar suas batalhas feito um homem!

Apesar da situação, Page franziu a testa, ultrajada.

— Ah, pois eu sou uma mulher! — lembrou com azedume, imaginando se algum dia aprenderia a controlar a língua. A verdade é que não tinha importância se ela era homem ou mulher, pois em breve seria uma pessoa morta!

Bem, ela pelo menos morreria sabendo que Malcom estava seguro, porque se ela fosse cair daquele penhasco, pretendia levar Lagan consigo – aquele patife!

Ela continuou a recuar enquanto ele a acompanhava, até beirar a borda do penhasco e mal poder recuar sem tropeçar para trás. Page fingiu ficar surpresa por se ver ali, mas Deus sabia que a arfada de medo não foi de todo fingida!

Embora mal pudesse discernir as feições de Lagan naquele momento, o sorriso dele era evidente sob o reflexo da lua. Page ficou parada na beira do penhasco, o coração batendo dolorosamente quando Lagan continuou a avançar, encurralando-a... chegando perto o bastante para que suas feições se tornassem discerníveis novamente, praticamente dentro de seu alcance. E então ela gritou com toda a força dos pulmões:

— Corra, Malcom! Corra!

Lagan virou-se para detê-lo. Ergueu o arco, mas Page se atirou contra ele. Praguejando ferozmente, Lagan a empurrou para trás e tentou novamente apontar para a sombra que fugia ao longe. Page tentou detê-lo novamente, mas tropeçou e perdeu o equilíbrio. Tentou agarrar qualquer coisa palpável, mas só encontrou o cabelo de Lagan, que ela agarrou enquanto tombava para trás. Com um grito de dor e um berro de surpresa, Lagan largou o arco no chão e tombou com ela.

Ficaram por um instante e uma eternidade cambaleando juntos na ribanceira.

Page ofegava, apertando desesperadamente o cabelo dele. Lagan lutava para se soltar, sendo tudo o que havia de sólido e real antes que Page sentisse que não havia mais nada atrás de si e caísse de costas.

— ENTÃO O SONHO...

— Não era nenhum sonho, Iain — revelou Glenna. — O que você me descreveu é exatamente como foi a noite em que sua mãe morreu.

— Ahhh, Deus... — Foi a vez de Iain enterrar o rosto nas próprias mãos. O queixo enrijeceu novamente com a nova onda de emoções. A voz em seus sonhos. Os olhos. Eram memórias... não fragmentos fantasiosos da sua imaginação. O belo canto de sua mãe.

E o sonho... o menininho que acordava assustado em seu quarto escuro com os gritos de sofrimento da mãe. Enquanto ele estava deitado na cama apertando os lençóis, com medo de se mexer, ao mesmo tempo querendo correr até a mãe e esconder-se debaixo dos lençóis, era Lagan quem ela estava colocando no mundo... Lagan, não ele.

Como era possível? Como era possível que todos tivessem guardado um segredo desses de forma tão surpreendente que ele jamais percebeu?

E ainda assim ele sabia a verdade de alguma forma, pois, com a chocante revelação de Glenna, sua memória pareceu se clarear.

Ele trincou o queixo.

— Malditos sejam todos vocês!

— Iain...

— Por que ninguém nunca me contou? — perguntou, sem erguer o rosto para encará-la. Ele não sabia se podia – não sem trair sua

imensa fúria.

— Foi desejo do seu pai que ninguém contasse — revelou Glenna. — Ele não queria que você soubesse.

— É evidente. Quem mais sabia disso, Glenna?

— Foi para o seu próprio bem, Iain!

Ele ergueu os olhos para encará-la.

— Quem mais sabia disso, Glenna?

— Os MacLean, é claro.

Ele se sentou abruptamente, batendo o punho cerrado na mesa.

— Não! Quero dizer... entre os nossos... quem mais sabia disso?

— Angus, é claro. Ele era o amigo mais próximo de seu pai.

— Quem mais? — exigiu saber.

— Ah, Iain, muitos! Mas não contamos aos nossos filhos porque seu pai nos proibiu.

Iain sacudiu a cabeça.

— Então todos sabem?

— Não... só aqueles que têm mais idade. A maioria não sabe. Seu pai nunca quis magoá-lo, Iain, querido...

— Não? Então me diga... Como Lagan descobriu?

Glenna baixou os olhos.

— Eu contei para ele. — Ela sacudiu a cabeça, lamentosa. — Quando ele voltou tão aflito depois que tentou cortejar a filha caçula do MacLean, ele queria entender por que o velho MacLean não dava ouvidos à razão, por que parecia condená-lo mesmo antes de ouvir uma única palavra dele.

— E por que ele agiria assim? — perguntou Iain, o tom controlado, o corpo contido, para que não destruísse tudo o que via ao seu alcance em sua fúria. Naquele momento, ele sentia uma raiva quase tão violenta quanto a que sentiu no dia em que descobriu que Malcom havia sumido.

— Porque... Iain... era o irmão dele que sua mãe amava... o irmão que seu pai matou. Foi um acidente, claro. Os dois eram amigos de longa data... mas brigaram... e estavam enfurecidos um com o outro para conseguir impedir. — A voz dela suavizou. — Você não percebeu, Iain, mas Lagan é a própria imagem da sua mãe... enquanto você se assemelha ao seu pai.

Iain fechou os olhos e tentou ouvir os motivos do pai. Imaginou a raiva que seu irmão... Cristo... seu irmão... devia sentir.

— Lagan nunca teve chance com a filha do MacLean, Iain. Pensei que ele devia saber o porquê. Foi muito surpreendente o velho MacLean dispor-se a confiar a filha mais velha em suas mãos. Só Deus sabe... Queria não ter contado nada a ele.

— Por que será que ele fez isso por mim?

— MacLean? — Glenna sacudiu a cabeça. — Eu não sei, mas queria que não tivesse feito. Se fosse para escolher entre você e Lagan, queria que tivesse sido Lagan — disse ela com honestidade. — E você sabe que nunca lhe desejei o mal. É apenas porque nunca houve amor entre você e Mairi. Mas Lagan amava a irmã de Mairi, com certeza. E ele o invejou durante a vida inteira, na verdade. Ele nunca me quis, Iain — lamentou ela. — Ele sempre invejou você e seu pai.

Iain sacudiu a cabeça, pasmo.

— Não consigo acreditar que você não me contou, Glenna.

— Foi o desejo do seu pai... para protegê-lo, querido.

— Não, Glenna — retrucou Iain com convicção, o tom matizado pela dor e a fúria. Pela primeira vez na vida, ele compreendia muita coisa. — O desejo do meu pai foi fugir da verdade — afirmou ele. — Ele não queria encarar o fato de que a esposa estava apaixonada por outro homem. Assim como foi o desejo dele criar um filho perfeito – um filho sem fraquezas –, um legado para si mesmo.

Desgraçado. Não é surpresa Lagan ter tanto ressentimento de mim!
Quem poderia culpá-lo?

Houve um instante de silêncio entre os dois. Glenna baixou a cabeça, incapaz de responder.

— E por que escolheu... esse instante para me revelar tudo, Glenna?

Ela ergueu o queixo. Os olhos se encheram novamente de lágrimas.

— Ah! É Lagan — começou a dizer. — Ele não...

A porta foi aberta com estrondo.

— Iain! — chamou Broc. — Acho que é melhor você vir!

Os nervos de Iain estavam a ponto de estourar. Duvidava poder lidar com mais um incidente no mesmo dia.

— O que foi agora, Broc? — perguntou sem se virar, cerrando a mão que estava sobre a mesa.

— É David! — revelou Broc.

Iain ficou rígido.

— David?

— Sim... ele veio com o FitzSimon reclamar a filha dele.

Em seu benefício, David, rei da Escócia – como alegava –, estava sentado em sua montaria num silêncio pensativo, ouvindo. Iain estava ciente dele, de sua conduta tranquila, mas seus próprios pensamentos estavam avaliando desesperadamente quais as possíveis razões para o desaparecimento de Page. Ele mandou chamá-la assim que soube da chegada de seu pai, mas descobriu que ela havia sumido.

Page não poderia saber da aproximação do pai, e para Iain não fazia muito sentido que ela estivesse vagando por aí tão tarde. Não fazia tanto tempo que a deixara. Ela não poderia ter ido muito longe.

O pai dela, no entanto, já havia desmontado e andava de cá para lá diante dele feito um animal enlouquecido.

— Não posso acreditar que a perdeu! — gritou FitzSimon.

Iain se controlava para não matar aquele homem bem ali mesmo onde estava.

— Eu confiei minha filha em suas mãos! — disparou ele. — E é assim que você cuida dela?

Iain conteve a irritação, dizendo a si mesmo que teria muito tempo para matá-lo assim que resolvesse aquela situação. Mas não

pôde manter a língua calada, pois FitzSimon era um maldito mentiroso.

— Confiar? É assim que vocês ingleses chamam renegar um dos seus?

FitzSimon teve a decência de gaguejar diante da pergunta.

— E-eu estava zangado — defendeu-se. — Não percebi o que estava dizendo, o que estava fazendo!

— Seu desgraçado mentiroso! Você sabia muito bem — interveio Angus.

Iain deu uma olhada repreensiva no velho, depois voltou sua atenção ao FitzSimon.

— Pois você me pareceu um homem que sabia muito bem o que estava fazendo — alegou Iain. — Eu lhe dei várias oportunidades para mudar de ideia, e você não mudou. Você não quis.

— Eu estava zangado — alegou FitzSimon novamente.

— E você acha que não estou zangado? — retrucou Iain. — Só porque estou parado aqui ouvindo não significa que não ficaria satisfeito com a ideia de arrancar o coração desse seu corpo preguiçoso!

FitzSimon o fitou com cautela.

— Um homem não é um homem, mas um animal, se não sabe usar a razão — disse Iain.

FitzSimon não disse nada, e Iain achou que não tinha sido suficientemente claro.

— Você é pior do que qualquer animal que eu conheça, porque nem um animal sacrifica seus filhotes!

— Eu não sabia que ela era minha filha! — admitiu FitzSimon, chocando Iain com a revelação. De todas as coisas que ele poderia ter falado, essa foi a única coisa para a qual Iain não tinha resposta. As revelações ao seu próprio respeito ainda estavam muito frescas.

Abriu a boca para falar, mas antes que pudesse, Dougal veio correndo da torre, sem fôlego.

— Também não acho o Malcom — disse, ofegando. — Olhei por toda a parte e não achei! Também não achei o Lagan!

Murmúrios encheram o ar. O coração de Iain começou a bater ainda mais forte.

— Nem Malcom, nem Lagan, nem Page? — Os pelos de sua nuca se arrepiaram.

— Ninguém!

Iain tentou não entrar em pânico. Sabia que o pânico não ajudaria em nada.

— Ninguém os viu sair?

Era como se mil murmúrios respondessem, mas nenhum disse sim.

E então Iain ouviu os gritos do filho, distante, mas inconfundíveis, e seu coração pulou. Ele atravessou a multidão imediatamente, abrindo caminho aos empurrões para seguir o som.

— Malcom! — chamou.

— Pai! — gritou o filho, correndo pela noite na direção deles, a voz cheia de medo. — Pai!

Iain começou a correr.

— Pai! — gemeu Malcom.

Iain o alcançou e tomou nos braços, abraçando-o desesperadamente.

— O que foi, Malcom?

— Lagan! — soluçou Malcom. — Page! — Ele começou a chorar descontroladamente.

O coração de Iain se apertou. Ele sacudiu o filho num momento de desespero.

— Malcom, me conte!

— Lagan q-queria m-me m-matar, pai — chorou ele, sufocando os soluços. — P-Page empurrou ele. — Ele soluçou, agarrando o pescoço de Iain, que sentiu as pernas enfraquecerem. Sua mente disparou.

— Empurrou? Onde?

Ele segurou o filho por baixo dos braços, afastando-o, sentindo os próprios braços tremerem.

Malcom o apertou com mais força ainda.

— Eu não queria deixá-la, pai, mas ela me mandou correr!

— Onde ela está agora? — perguntou Iain, sufocado, o coração parado à espera da resposta.

— Lá na ribanceira do penhasco! — chorou Malcom. — Ela foi para o penhasco, pai!

Pedindo a Deus que não fosse tarde demais, ele largou Malcom nos braços estendidos de alguém.

Cristo do céu! Que não fosse tarde demais!

QUANDO PAGE CAIU, o corpo foi se esfregando por rochas e galhos até uma saliência no paredão do penhasco em que a rocha se projetava para fora. De alguma forma, apesar do impacto que arrancou o ar dos seus pulmões, ela conseguiu se segurar na pequena plataforma.

Tateando às cegas com o pé para conseguir um apoio melhor do aquele que tinha, encontrou um lugar no paredão escarpado onde conseguiu enfiar os dedos. E ficou agarrada ali com toda a sua força!

Era como se uma eternidade houvesse se passado até que ouvisse as primeiras vozes lá em cima.

Ela não esperou ser chamada; gritou com toda a força dos pulmões. E ainda assim foi outra eternidade até que seguissem sua

voz até o ponto em que estava pendurada com tanta precariedade junto ao paredão do penhasco.

— Está ferida, moça? — Page ouviu Iain perguntar.

Já não era sem tempo!

— Bom, se eu estiver — retrucou com certa aspereza —, não é agora que eu quero descobrir! Melhor me perguntar quando eu estiver segura aí em cima!

A risadinha dele, mesmo soando aflita, a tranquilizou de certa forma.

— Pois bem — disse ele, o tom evidentemente cheio de alívio. — Segure-se firme, vou descer para pegar você, moça!

— Ah! — zombou Page. — Acho que nem precisava me dizer isso. Eu estou segurando! Estou segurando!

A risada dele chegou mais uma vez lá embaixo, e Page tentou ignorar o fato de que seus dedos estavam ficando cansados e ralados de agarrar a rocha áspera. Ela não morreria! Não agora! Recusava-se!

— Depressa! — apressou ela, sabendo que soava apavorada.

— Continue falando comigo, querida! — orientou ele, a voz calma, mas Page não deixou de notar a aflição na ordem dele. — Vou descer logo!

Continuar falando? Por todos os santos! Sobre o que ele esperava que ela ficasse conversando?

Ela fez essa pergunta a Iain, que respondeu:

— Qualquer coisa, moça... para que eu saiba onde encontrar você.

— Deixe eu falar com ela. — Page ouviu uma voz familiar falar, e seu coração pulou. Não! Não podia ser!

— Não vai mesmo! — Ela ouviu Iain impedi-lo. — Você já causou mal o bastante. Saia do meu caminho, e deixe-a em paz!

Page ficou tão chocada por descobrir que ele realmente tinha vindo atrás dela que quase perdeu o ténue apoio na rocha.

Ela deu um gritinho quando escorregou um pouco.

— Pai? — chamou ela. O coração começou a bater mais rápido, sua visão ameaçou escurecer. — É você?

— Sim, Page — respondeu ele. — Sou eu!

Ela ouviu Iain praguejar, mas estava tonta demais para compreender a causa.

— Você veio! — exclamou, dando um grito quando os dedos escorregaram um pouco. Em desespero, Page soltou uma mão e a estendeu, agradecendo a Deus pelo arbusto que ele colocou ao seu alcance. Usou-o para sustentar seu peso enquanto a outra mão procurava um apoio mais tangível. Ela o encontrou bem a tempo, pois o arbusto começou a ceder.

— Santa Mãe de Deus! — exclamou ela.

— Sim, Page — gritou ele. — Tenho muito a lhe dizer, minha filha.

Que ótimo momento, pensou Page.

— Agora é que não! — Page ouviu Iain discutir com seu pai. — Isso não é hora de fazer confissões! Agora saia do meu caminho!

— Enquanto vocês estão aí discutindo — gritou Page, um tanto histérica —, minhas mãos estão doendo, e meus pés estão escorregando, e eu não quero terminar como o Lagan, se tiverem a gentileza!

Houve um longo intervalo de silêncio, longo demais, pensou Page, e então Iain disse:

— Não se preocupe, amor. Estou descendo agora. — E ela realmente o ouviu descendo pela parede do penhasco. — Page? — chamou ele novamente.

Page fechou os olhos e rezou para que ele chegasse logo. As pedrinhas em seus pés estavam começando a afrouxar e rolar.

— Tem certeza de que Lagan caiu, moça?

Page engoliu em seco ao lembrar dos gritos dele enquanto caía. Ele foi ficando longe, e caiu por tanto tempo que seu grito continuou pelo que pareceu uma eternidade.

— Sim — respondeu ela. — Ele se foi!

Page ouviu a fricção das botas conforme Iain se aproximava.

— Nós caímos juntos — disse ela, gemendo, abrindo os olhos à procura da sombra de Iain descendo pelo paredão do penhasco. — Só que de alguma maneira eu parei aqui, e ele lá embaixo! — E ela acrescentou silenciosamente: Graças a Deus!

— Graças a Deus! — disse Iain, a voz bem mais próxima agora. — Malcom contou o que você fez, valha-me Deus! Pensei que tivéssemos perdido você também, moça!

— Sim, bem... — Ela choramingou quando o pé perdeu o apoio. Ouviu as rochas soltas cascadeando, aranhando o paredão do penhasco, até despencaram em completo silêncio. Page engoliu em seco enquanto procurava outro apoio para o pé. — Eu... Eu não disse que era teimosa e astuta — respondeu ela, tentando soar engraçada.

— Foi o que disse, moça — confirmou ele, rindo baixinho, bem mais perto agora. — Foi o que disse.

E então Page conseguiu vê-lo, e seu coração pulou de alegria. Quando o rosto dele se tornou visível, o luar refletindo-se dentro daqueles maravilhosos olhos dourados, ela pensou que fosse chorar de felicidade.

E de repente Iain estava ao lado dela. Page poderia ter se atirado nos braços dele, mas estava com tanto medo de se mexer que ele teve que puxá-la da rocha.

— Não posso salvá-la se não se soltar — avisou ele.

— E eu não vou me soltar enquanto você não me salvar! — retrucou ela.

— Ah, mas que língua atrevida!

— Pois bem! Meu pai está aqui para me tirar das suas mãos finalmente! Parece que você não terá que suportá-la por muito tempo.

Iain fez algum som que parecia um rosnado, e a arrancou da rocha. Quando ela finalmente se viu nos braços dele, as lágrimas começaram a fluir. Page se agarrou, chorando, balbuciando coisas sem sentido, enquanto Iain lhe acariciava a cabeça e a apertava com força. E ela não sabia o que era mais aflitivo: o fato de ter chegado bem perto de rachar a cabeça nas pedras lá embaixo ou seu pai finalmente ter aparecido para buscá-la.

— Segure-se bem em mim, Page — murmurou ele. — E não solte.

Page fez o que ele mandou, enterrando o rosto em sua garganta, os lábios sentindo o calor de sua pele. Enlaçou as pernas na cintura de Iain e o agarrou com todas as forças.

— Ah — murmurou ele, apertando-a bem. Page pensou que ele a quebraria de tanto apertar, mas naquele momento não se importou muito com isso. Queria que ele a abraçasse assim, sem nunca mais soltar.

— Malcom me contou tudo. Você é uma moça valente — disse a ela com orgulho. — Acho que ainda vamos fazer de você uma ótima escocesa.

— Sinto muito quanto ao Lagan — sussurrou ela.

— Não é sua culpa — respondeu ele, beijando-lhe a cabeça.

— Malcom?

— O coração está machucado, mas ele vai sobreviver — garantiu Iain.

— E meu pai?

— Sim, Page — respondeu ele. — Ele veio buscá-la... como você sempre disse.

Page apertou os olhos de encontro ao tartã, alegrando-se com o perfume do homem que a segurava. Não sabia o que estava sentindo naquele momento, se era júbilo ou algo totalmente diferente – pesar? –, mas sabia sem dúvida quem é que estava segurando ela. Não era seu pai.

— Pela pedra sagrada, Iain MacKinnon... não nos deixe aqui esperando — veio uma voz lá de cima. — Está com a menina ou não?

— Está pronta para encará-lo? — murmurou Iain.

Page riu baixinho e o apertou mais forte.

— E eu tenho escolha? — perguntou ela com mau humor. Quando deixasse aquele abraço... seria o último deles? — Se eu disser que não, podemos ficar aqui para sempre?

Ele riu baixinho.

— Ah, moça, acho que Angus teria algo a dizer sobre isso.

— Iain! — gritou Angus para eles lá embaixo. — Suba logo, rapaz. Esses braços velhos não podem segurar seu traseiro grande aí embaixo para sempre!

— Viu? — perguntou Iain, erguendo a cabeça para poder gritar em resposta. — Sim, Angus! Pode puxar, por favor!

Page não conseguia evitar.

Parte dela de repente desejava ter caído nas rochas lá embaixo. Poucas horas antes, ela nunca se sentiu mais viva, mais apreciada, mais completa, mas agora só sentia um imenso vazio no peito.

O pai dela viera buscá-la afinal.

Iain não sabia direito o que sentir.

No decorrer de um único dia, ele descobriu um irmão e depois o perdeu. E no decorrer do mesmo dia, quase perdeu seu filho e a mulher que amava também.

Poderia sondar seus sentimentos quanto ao irmão que nunca reconheceu mais tarde, e também quanto ao seu pai, que separou os dois. Por enquanto, seu filho estava seguro com Glenna. Mas se Page estava a salvo do destino de Lagan, ele ainda corria o risco de perdê-la. E desta vez ele simplesmente não poderia protegê-la de nada.

Queria mais do que tudo que ela ficasse. Se ela decidisse que era seu desejo ficar, então nem o séquito do pai junto com David da Escócia seriam suficientes para submetê-lo.

E se Page escolhesse partir, seria simplesmente a coisa mais difícil que ele já tinha feito, mas Iain permitiria. Ah, ele sabia o quanto a aceitação do pai era importante para ela.

Pela maneira como estava agarrada, percebia o quanto ela estava com medo. Iain apertou as costelas dela quando chegaram ao topo do penhasco, e depois a estendeu para as mãos que a esperavam lá em cima. Kerwyn e Kermichil juntos a puxaram e a colocaram de pé. Depois, com a ajuda de Angus, Iain subiu a beirada do penhasco também.

Ela parecia tanto com uma criança parada ali sob o luar que o coração de Iain se condeu. Sabia que aquele momento era difícil para ela. Queria muito afastá-la do desgraçado do pai, mantê-la longe de mágoas.

Mas não podia fazer isso. Sabia disso tão bem quanto ela, e ficou orgulhoso quando Page se encaminhou até FitzSimon. Ela parou

diante do pai, mas não houve abraços entre eles, não que Iain esperasse por algum.

Ele mal podia suportar a ideia de Page partindo com o pai. Aquilo revirava suas entranhas, mas Iain sabia que não podia impedi-la. Ele queria que ela fosse feliz. E se isso significava deixá-la ir, que assim fosse.

Ainda que parecesse impossível se conter, ele assim o fez, ficando atrás dela numa distância segura – segura para ele, porque queria apertar a garganta do FitzSimon e matar o desgraçado ali mesmo.

— EU VIM levá-la para casa, filha.

Page mal conseguia falar de tão devastada por suas emoções conflitantes.

Quanto tempo não esperou que seu pai a chamasse de "filha"?

Uma verdadeira eternidade.

E agora ele estava ali, falando as palavras que ela tanto desejou ouvir, e tudo o que ela queria era lhe dar um tapa na cara! Sim, parte dela queria se atirar aos pés dele e agradecer em profusão, mas uma parte maligna queria rejeitá-lo assim como ele sempre havia feito com ela.

Page aprumou a postura e ergueu o queixo, exigindo saber:

— Por quê? — Era seu direito saber por que ele havia mudado de ideia. Page queria acreditar que ele havia mudado por dentro, mas era mais provável que finalmente tivesse encontrado uma serventia para ela.

Ele olhou para o chão por um bom tempo, depois voltou a encará-la.

— A verdade?

— Sim — respondeu Page. — A verdade.

— Eu achava que você não era minha filha. Pensei que fosse uma bastarda de Henrique, concebida com minha esposa.

Page franziu a testa. A verdade é que deveria estar chocada com aquela revelação, mas não estava.

— Entendo — disse ela, tentando encontrar certo conforto na explicação dele. Descobriu que aquilo só a enfurecia ainda mais. — E agora?

— Sua mãe morreu há muitos anos. Não posso compensá-la.

Page ficou em silêncio, ouvindo.

— Nunca acreditei nela, Page... mas finalmente confrontei Henrique... quando ele foi buscar o menino. Ele me jurou que sua mãe era pura, e que eles nunca tiveram relacionamento carnal. Eu nunca acreditei nela — repetiu ele. — E descontei tudo em você. Por isso, filha, saiba que lamento muito.

Lamentar? Por uma vida inteira de desprezo? Por mandar sua mãe embora por causa de um pecado que ela não cometeu?

Page continuou em silêncio.

— Eu simplesmente não via o que ela poderia querer comigo se o rei da Inglaterra estava apaixonado por ela. Eu a expulsei, Page. Mas compensarei você por tudo, eu juro! Encontrarei um marido adequado, e farei de você a dama que merece ser!

Os olhos de Page se encheram de lágrimas. Ele estava dizendo as coisas que ela sempre quis ouvir. Quando criança. O que não teria dado para ouvi-las naquela época...

Mas agora... elas apenas a confundiam. Não sabia o que dizer. Não sabia o que fazer... tampouco parecia ter uma escolha. Iain e sua gente foram muito generosos ao aceitá-la, acolheram-na naqueles dias como se fosse uma dos MacKinnon... mas só porque seu pai não a queria.

E ali estava ele, seu pai, pronto para levá-la para casa, ao que parecia.

— A esposa do MacKinnon é uma dama! — proclamou alguém de repente.

Page se virou e viu Broc saindo do grupo reunido ali, a postura pronta para uma batalha. A expressão dele, embora escurecida pelas sombras da noite, era de raiva inconfundível e desafio. Ela não sabia direito o que era mais chocante: o fato de Broc declarar que ela era esposa do MacKinnon, ou de tentar defendê-la.

Ela franziu o cenho de repente, quando percebeu o motivo da indignação de Broc. Jesus! Como não percebeu a calúnia nas palavras de seu pai? Claro que ela era uma dama!

— Esposa? — perguntou seu pai, alheio à sua própria ofensa. — Minha filha não é esposa deste homem! — Seu tom era de desdém. — Ela pode ter coisa melhor do que um escocês selvagem!

— Sim — argumentou Angus, dando um passo à frente também. — Eu digo que ela é esposa do MacKinnon!

— Sim — irrompeu uma cacofonia de vozes no grupo. — Ela é a esposa do MacKinnon! Ela é a esposa do MacKinnon, sim!

Page mal podia crer em seus olhos e ouvidos.

— Isso é verdade? — perguntou uma voz nas sombras.

Page procurou a pessoa e descobriu que era um homem que estava montado em um cavalo. Estava observando calado de certa distância, mas agora parecia estar olhando diretamente para ela, esperando uma resposta... Não, não era para ela... Page percebeu de repente que ele estava olhando além dela. Espiando por cima do ombro, encontrou Iain montando guarda às suas costas. Ele não disse nada, parecia estar examinando Page, pois só tinha olhos para ela, ignorava a multidão que o cercava.

— Minha filha não é esposa deste bárbaro! — afirmou seu pai. — Ele a roubou de mim, e eu quero que a devolva!

Roubada. Devolvida. As palavras a arrancaram de seu estupor.

Page voltou a encarar o pai, cujo olhar estava furioso.

FitzSimon se dirigiu ao homem que estava no cavalo.

— Exijo que mande esse homem devolvê-la imediatamente!

— Você exige? — perguntou o homem, da vantajosa cobertura das sombras.

— Não fiz essa viagem toda para sair de mãos vazias — esbravejou seu pai. — Devolva minha filha, senão...

— Senão o quê? — perguntou o homem no cavalo.

— Senão eu...

— Iain MacKinnon? — perguntou o homem, ignorando o pai dela de repente. — O que tem a dizer? Essa mulher é sua esposa ou não?

Page preparou-se para ouvir a resposta dele. Acabou fechando os olhos.

— Por que não pergunta à dama? — sugeriu ele.

Page se virou para encará-lo em choque. Iain apenas sorriu, não disse nada. Acenou com a cabeça, insistindo para que respondesse à pergunta. E naquele momento, Page compreendeu o amor em sua mais pura forma. Estava claro para ela como nunca esteve antes.

Suas opções eram óbvias: escolher o pai que nunca a reconheceu, que lhe dava tão pouca importância que nunca nem se deu ao trabalho de escolher um nome, ou escolher um homem com compaixão suficiente para correr o risco de irritá-la ao lhe oferecer um? Escolher aquele que a rejeitava, mesmo sendo sua carne e sangue, ou aquele que a acolheu em seu bando, mesmo sendo uma mulher de língua ferina que causava mais problemas do que ele sequer havia imaginado? Page sorriu com a lembrança. Ele não a

queria. Ela foi atirada nas mãos dele, mas mesmo assim ele não a rejeitou.

Page voltou a olhar nos olhos do pai.

— Diga a ele, Page! — rosnou ele.

Page também percebeu naquele momento que não foi seu pai quem se arriscou para salvá-la das garras da morte. Foram os braços de Iain que a colocaram em segurança.

E era Iain que a amava o suficiente para lhe dar uma escolha.

— O que tem a dizer, moça? — perguntou o homem.

Ela não fazia ideia de quem era o homem, mas percebia que era alguém importante. Até Iain, mesmo não exibindo servilidade, parecia guardar deferência. Rei David? Page achou que isso faria sentido, pois seu pai provavelmente lhe pediria ajuda para atravessar as Terras Altas em segurança. Recorreria a David ou Henrique. Mas só David poderia transitar com tão poucos homens por aquelas terras, e só os escoceses ousariam fazer isso.

Page se voltou novamente para Iain, precisando saber se ele estava sendo sincero. Ele pareceu compreender seu apelo silencioso, mesmo sem ter pronunciado uma palavra. Simplesmente assentiu, incitando-a a falar.

Page encarou o pai nos olhos novamente e ergueu o queixo. Os lábios se curvaram num sorriso ao declarar:

— Sou.

— Você é o quê? — indagou o pai.

— A esposa do MacKinnon — disse ela, quase baixo demais para ser ouvida.

— Não! Ela está sendo forçada! — declarou o pai dela, dirigindo-se ao homem no cavalo. — Não está vendo?

Page buscou o olhar de David da Escócia, erguendo o queixo com determinação.

— Ninguém está me obrigando a nada — garantiu ela, a voz mais forte.

— Fale mais alto, Page — murmurou Iain às suas costas, e seu coração floresceu de alegria como nunca antes.

Um sorriso explodiu em seus lábios.

— Eu sou a esposa do MacKinnon! — gritou.

Imediatamente, um grito ecoou. Em uníssono, os homens do clã festejaram. Page sentiu o coração inchar, como se fosse mesmo explodir.

O homem no cavalo voltou a olhar para Iain.

— É verdade?

O silêncio surgiu novamente. Iain deu um passo à frente então, passando os braços ao redor dela num abraço protetor.

— Sim.

— Pois bem, FitzSimon — declarou o homem. — Parece que sua filha é mesmo a esposa do MacKinnon.

Os gritos de alegria ecoaram novamente, e Page mal se deu conta da falação de seu pai, nem mesmo da discussão entre ele e o homem no cavalo ou dos gritos de raiva dos MacKinnon mandando que seu pai fosse embora. Ela só sabia do homem às suas costas. Nem deu muita atenção quando seu pai se afastou e montou o cavalo com raiva. Ele disparava pragas enquanto se apressava, acompanhado por um bando nada simpático de escoceses.

— Você não perde por esperar — declarou o pai dela. — Exigirei uma indenização!

Page riu baixinho.

— E ele vai mesmo — avisou ela a Iain. — Ele não gosta de ser enganado.

— Foi o que você me disse — lembrou ele. — Mas duvido que ele vá voltar — garantiu. — Veja só! Parece que essa sua língua

petulante conquistou o coração da minha gente! Se ele aparecer aqui, irão esfolá-lo vivo.

Page riu daquela escolha de palavras, lembrando de ter dito algo parecido para ele alguns dias atrás. Acompanhando com o olhar a horda de escoceses zangados expulsando seu pai da terra deles, gritando insultos e ameaças, Page riu da cena que apresentavam. Parte dela estava triste por ver o pai partir, pois, afinal, era seu pai, mas a maior parte dela só sentia alívio.

— Eu te amo, moça — murmurou Iain ao ouvindo dela, intensificando o abraço. — Ah, tenho uma coisa para você — revelou, soltando-a de repente. Ele vasculhou as dobras do tartã e tirou algo de lá. Abraçando-a por trás novamente, ofereceu-lhe o que restava do açafrão amarelo. Seu açafrão amarelo. Aquele que ela havia descartado com raiva. Iain, de alguma forma, o encontrou e guardou para ela. — No momento em que a deitei naquela cama de flores, eu a considerei minha. Mas queria ouvir dos seus próprios lábios que você me considerava seu.

Page estava abalada demais para falar.

— Eu sou sua. — Lágrimas assomaram nos seus olhos. — E você é meu — murmurou ela suavemente.

— Diga isso de novo — pediu ele, apertando-a de leve.

— Eu sou sua — disse ela com um sorriso satisfeito. — Sou a esposa do MacKinnon.

— Disso eu não tenho dúvida — garantiu ele. — E jamais deixarei que se arrependa disso. Farei você feliz pelo resto dos seus dias, Page. Entrego a você o meu amor e minha lealdade, e caso-me com você aqui em nome de Deus.

Ela podia acreditar em lealdade.

— Amor? — perguntou. — É verdade?

Page se virou para encará-lo.

— Não duvide disso, moça. — Agarrando-lhe os braços, Iain a sacudiu de mansinho. — Eu te amo com fervor, sinceridade e prazer. — E então a beijou na testa.

— Eu te amo — confessou Page. — Eu te amo com fervor, sinceridade e prazer também. — E assim era, sem medos ou reservas.

Iain a ergueu nos braços sem aviso e a atirou sobre os ombros.

Page deu um gritinho de surpresa.

— O que está fazendo? — perguntou, fingindo-se ultrajada.

— Estou levando você para casa, moça... antes que mude de ideia.

Ela riu.

— Afinal, eu sou um escocês selvagem — lembrou. — Não queremos desapontar o seu pai.

Page gargalhou com um deleite escandaloso.

— Primeiro — declarou ele — vamos ver meu filho, mostrar para ele que você está viva, e depois vou levá-la para minha cama... para que me cante uma doce canção de ninar.

E assim ele fez.

E assim ela fez.

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby fizeram parte de inúmeras listas de best-sellers, incluindo a dos jornais The New York Times e USA Today. Mais conhecida por escrever histórias carregadas com emoção e humor e preenchidas por personagens imperfeitos, seus romances têm conquistado elogios de leitores e de

críticos. Ela mora com o marido, dois cães e dois gatos temperamentais na parte norte de Michigan.

Para mais informações

 @tanyaannecrosby

 tanyaannecrosby

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com